

Sobre anarquismo, sexo e casamento

edição brasileira© Hedra 2021

tradução© Mariana Lins

organização© Mariana Lins

agradecimentos Acácio Augusto

edição Jorge Sallum

coedição Suzana Salama

assistência editorial Paulo Henrique Pompermaier

revisão Renier Silva

capa Lucas Kroëff

ISBN XXX-XX-XXXXX-XX-X

conselho editorial Adriano Scatolin,
Antonio Valverde,
Caio Gagliardi,
Jorge Sallum,
Ricardo Valle,
Tales Ab'Saber,
Tâmis Parron

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil

EDITORA HEDRA LTDA.
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011 São Paulo SP Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

Sobre anarquismo, sexo e casamento

Emma Goldman

Mariana Lins (*organização e tradução*)

1ª edição

hedra

São Paulo 2021

Sobre anarquismo, sexo e casamento Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit. Ut purus elit, vestibulum ut, placerat ac, adipiscing vitae, felis. Curabitur dictum gravida mauris. Nam arcu libero, nonummy eget, consectetur id, vulputate a, magna. Donec vehicula augue eu neque. Pellentesque habitant morbi tristique senectus et netus et malesuada fames ac turpis egestas. Mauris ut leo. Cras viverra metus rhoncus sem. Nulla et lectus vestibulum urna fringilla ultrices. Phasellus eu tellus sit amet tortor gravida placerat. Integer sapien est, iaculis in, pretium quis, viverra ac, nunc. Praesent eget sem vel leo ultrices bibendum. Aenean faucibus. Morbi dolor nulla, malesuada eu, pulvinar at, mollis ac, nulla. Curabitur auctor semper nulla. Donec varius orci eget risus. Duis nibh mi, congue eu, accumsan eleifend, sagittis quis, diam. Duis eget orci sit amet orci dignissim rutrum.

Emma Goldman Nam dui ligula, fringilla a, euismod sodales, sollicitudin vel, wisi. Morbi auctor lorem non justo. Nam lacus libero, pretium at, lobortis vitae, ultricies et, tellus. Donec aliquet, tortor sed accumsan bibendum, erat ligula aliquet magna, vitae ornare odio metus a mi. Morbi ac orci et nisl hendrerit mollis. Suspendisse ut massa. Cras nec ante. Pellentesque a nulla. Cum sociis natoque penatibus et magnis dis parturient montes, nascetur ridiculus mus. Aliquam tincidunt urna. Nulla ullamcorper vestibulum turpis. Pellentesque cursus luctus mauris.

Mariana Lins Nulla malesuada porttitor diam. Donec felis erat, congue non, volutpat at, tincidunt tristique, libero. Vivamus viverra fermentum felis. Donec nonummy pellentesque ante. Phasellus adipiscing semper elit. Proin fermentum massa ac quam. Sed diam turpis, molestie vitae, placerat a, molestie nec, leo. Maecenas lacinia. Nam ipsum ligula, eleifend at, accumsan nec, suscipit a, ipsum. Morbi blandit ligula feugiat magna. Nunc eleifend consequat lorem. Sed lacinia nulla vitae enim. Pellentesque tincidunt purus vel magna. Integer non enim. Praesent euismod nunc eu purus. Donec bibendum quam in tellus. Nullam cursus pulvinar lectus. Donec et mi. Nam vulputate metus eu enim. Vestibulum pellentesque felis eu massa.

Sumário

Introdução	7
Anarquia e a questão do sexo	59
Casamento	65
O que há na anarquia para as mulheres?	73
A nova mulher	79
A hipocrisia do puritanismo	81
Tráfico de mulheres	91
O sufrágio feminino	109
A tragédia da mulher emancipada	125
Casamento e amor	137
Mary Wollstonecraft: vida trágica e luta apaixonada pela liberdade	149
Causas e possível cura para o ciúme	161
Vítimas da moralidade	171
Os aspectos sociais do controle de natalidade	181
Novamente o movimento do controle de natalidade	191
O camaleônico sufrágio feminino	197
Louise Michel, uma refutação	207
Mulheres heroicas da Revolução Russa	225
As visões de Emma sobre o amor	237
A luta do feminismo não foi em vão	241
O elemento sexual da vida	245



Introdução

Sobre anarquismo, sexo e casamento consiste numa coletânea de textos — publicados e não publicados, uma entrevista e um rascunho inacabado. Nos quase quarenta anos que separam o primeiro texto desta coletânea, escrito, em 1896, aos vinte e sete anos, do último, de aproximadamente 1935, Goldman viajou incansáveis vezes pelos Estados Unidos, além da Europa, em incontáveis turnês de conferências — volta e meia, explicitamente, vigiadas por bandos de policiais, quando não canceladas pelas autoridades; organizou e participou de uma série de atividades como comícios, greves, levantamento de fundos para presos políticos, protestos e até mesmo bailes. É conhecida a anedota, relatada em sua autobiografia *Living my life*, em que ao ser repreendida por dançar, ou seja, por se permitir uma “frivolidade” que poderia manchar a reputação da causa anarquista, uma Goldman, furiosa, rebateu com a declaração de que o anarquismo, para ela, significava a concretização de um ideal, o ideal da liberdade, do direito à autoexpressão e às coisas belas e radiantes, apesar das prisões e perseguições políticas e de tudo o mais que há de cruel e terrível neste nosso mundo. Conforme declara em um dos textos aqui traduzidos, “Anarquia e a questão do sexo”, para Goldman não é correto dizer que a liberdade só poderá ser alcançada com a implementação do anarquismo, afinal, se os pais não forem eles mesmos livres não se poderá esperar que a “nova geração” ajude a atingir o objetivo “que é o estabelecimento de uma sociedade anarquista”.

Também nesses quase quarenta anos, Goldman foi presa um sem-número de vezes, perdendo a cidadania estadunidense em 1909; até que, em 1917, sob o clima de histeria patriótica, com a entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra, e de paranoia antivermelha, por conta da revolução bolchevique, foi acusada de violar a lei do alistamento seletivo [*Selective Service Act*], promulgada pouco mais de um mês após a declaração de guerra dos Estados Unidos à Alemanha, e que tornava obrigatório o alistamento dos homens com idade de vinte um a trinta anos. Por conta dos discursos proferidos contra o alistamento, em junho daquele ano, e da tentativa de organizar uma liga contra o recrutamento obrigatório, Goldman foi considerada culpada pelo crime de conspiração, o que lhe rendeu algo em torno de um ano de prisão e, em seguida, a deportação à Rússia, em dezembro de 1919. Nascida numa província da Lituânia então pertencente ao Império Russo, em 1869, Goldman imigrou, com sua irmã Helene, para os Estados Unidos, em 1885, com o objetivo de se reunir com sua outra irmã, Lena, então já residente em Rochester, Nova York. Posteriormente, as três irmãs foram seguidas por seus pais.

Quando deportada à Rússia, junto aos outros duzentos e trinta e sete militantes políticos imigrantes, Goldman ainda tinha fé na revolução russa, apesar das notícias chegadas na América da prisão de diversos anarquistas pelo governo dos bolcheviques. Ao testemunhar, porém, em primeira mão, a autocracia do governo, com a sua rotina de prisões e execuções não só de anarquistas, como de diversos revolucionários destacados e trabalhadores, em geral, que se opusessem ao partido, Goldman, após uma série de testemunhos e mesmo tentativas de apelar às autoridades bolcheviques, como Lênin e Trótski, logo, desilude-se amargamente, obtendo em dezembro de 1921 — juntamente a Alexander Berkman —, autorização para deixar a Rússia, sob o pretexto de representar o Museu Kropótkin numa conferência em Berlim. A partir daí, passa por diversos países, como Suécia, Alemanha, França, Espanha e Inglaterra, concentrando boa parte

INTRODUÇÃO

dos seus esforços na denúncia do governo bolchevique e arrecadação de dinheiro para os seus prisioneiros políticos. Mesmo antes de Stalin assumir a liderança do partido, Goldman já apelava às consciências dos intelectuais de todo o mundo para que encarassem a gravidade das atrocidades políticas que estavam ocorrendo na Rússia sob a escusa das necessidades impostas pela revolução. Note-se que, na época, tal acusação ao então Estado Soviético, cantado e celebrado por diversos dos mais renomados intelectuais e artistas, era tanto polêmica, quanto extremamente audaz. Conforme atesta, dentre os textos aqui dispostos, no seu “Mulheres heroicas da revolução russa” de 1925:

Não há opinião pública na Rússia que não seja a do partido governante, e os mártires — homens e mulheres — da Rússia revolucionária foram transformados em párias, no sentido mais amplo que pode haver. Eles não têm nada para os compensar, não podem sequer apelar à consciência do seu país, pois ela foi paralisada. Inclusive, não apenas a consciência da Rússia, mas a consciência do mundo como um todo parece silenciada. [...] diante das evidências esmagadoras da opressão e perseguição extremamente cruéis que ocorrem na Rússia, o mundo está silencioso e insensível.

E aqui, é inevitável destacar, da perspectiva da nossa atualidade, a qualidade dolorosamente profética de uma outra declaração sua, também contida nesse texto: “Os novos autocratas da Rússia desacreditaram os ideais do socialismo e macularam a honra dos seus grandes expoentes”.

No mesmo ano em que escreve o seu “Mulheres heroicas da revolução russa”, Goldman que então vivia na Inglaterra, casa-se com o escocês James Colton, um mineiro e anarquista, com o intuito de conseguir a cidadania britânica e, com isso, de livrar-se do perigo de ser extraditada para a União Soviética, além de poder atravessar as fronteiras com liberdade e segurança. Essa moeda de troca entre casamento e cidadania, ainda que sob condições outras, já havia sido vivenciada por Goldman no primeiro casamento, posto que até 1922, a cidadania estadunidense de uma mulher dependia da cidadania do seu pai ou marido. Em 1887,

havia se casado com o cidadão americano nascido na Ucrânia, Jacob Kersner, numa cerimônia judaica tradicional, divorciando-se no mesmo ano, para se casar novamente com ele pouco tempo depois (Kersner deprimido havia tentado suicídio), separando-se logo em seguida, algo em torno de três meses. Como não se divorciariam da segunda vez, Goldman garantiu a cidadania estadunidense até a cidadania do próprio Kersner ser revogada postumamente em 1909 — uma clara atitude de perseguição política à anarquista, que ao perder, por consequência, a sua cidadania, já não podia, dentre outras limitações, deixar o solo estadunidense, sob o preço de não lhe ser permitido retornar. Em um dos artigos aqui traduzidos, originalmente publicado no jornal *NEA Service* (Chicago) em 1926, sob o título irônico, dado pelo jornal, de “As visões de Emma sobre o amor”, Goldman foi, por assim dizer, convidada a explicar *como*, após críticas tão ferrenhas à instituição casamento, pôde vir a se casar com Colton. Ainda que de modo um tanto tergiversado a anarquista deixa claras as razões do seu casamento:

O maior infrator da sacralidade da privacidade é o Estado. Desde a reação desencadeada pela Guerra Mundial, o Estado abandonou a maioria das suas atividades para se dedicar exclusivamente ao exercício de controle e sufocamento dos indivíduos. [...] Ninguém que seja dotado de cérebro pode persistir na crença de que o casamento é uma obra dos céus, ou que, uma vez encarnado, deve ter os seus limites estabelecidos por alguém além dos imediatamente envolvidos; que atravessam o processo com o mesmo espírito de alguém que busca tirar um passaporte ou obter um visto — para conseguir um espaço para respirar e proteger a privacidade da personalidade humana.

No tempo do último texto que compõem a presente coletânea — o delicioso rascunho inacabado (talvez melhor designado de conjunto de notas), intitulado “O elemento sexual da vida” —, Goldman, então com algo em torno de sessenta e seis anos, vivia em Toronto, sem ter jamais obtido o direito de retornar aos Estados Unidos, salvo um visto de três meses e cheio de restrições condicionantes, em 1934. Ao levarmos em conta o contexto po-

INTRODUÇÃO

lítico mundial em foram escritos os textos aqui dispostos, como a Primeira Guerra, a revolução russa, a ascensão do fascismo italiano e do nacional-socialismo na Alemanha; eventos históricos mundiais que, dada a sua condição de russa, judia, anarquista e, por fim, crítica implacável do puritanismo estadunidense à autocracia soviética, tornavam-lhe ainda mais vulnerável, e isso dos Estados Unidos à Rússia e nos mais diferentes círculos; enfim, ao levar tudo isso em conta, faz-se ainda mais tocante a sensibilidade com que abordou a condição da mulher, a questão do seu sexo, conforme a sua terminologia, o que não separava, em absoluto, dos contextos culturais, econômicos e políticos, embora tampouco reduzisse a questão a essas esferas. Uma sensibilidade que, conforme os textos aqui atestam, era acompanhada de uma coragem tão surpreendente, quanto rara, verdadeiramente à altura da alcunha que lhe foi atribuída: a de “Suma Sacerdotisa do Anarquismo”.

De um lado, a coragem concretizada na vida e obra de Goldman — a coragem que, segundo Hannah Arendt, consiste numa das virtudes políticas cardeais na medida em que coloca a preocupação com a vida e com o senso de individualidade como secundários ante a liberdade e a igualdade que só podem ser conquistadas na esfera política — revela a herança indelével dos heróis do movimento populista russo, os mesmos que, segundo ela, os bolcheviques teriam traído. Uma herança que se apresenta de múltiplas maneiras: seja no seu destemor, por assim dizer, “kamikaze” de ser presa, deportada ou considerada inimiga e pária por aqueles que supostamente deveriam ser os seus pares (caso, por exemplo, das feministas sufragistas), seja na sua temerária admissão do emprego da violência como tática justificável contra a opressão. Não foram raras as ocasiões em que Goldman defendeu publicamente tentativas bem ou malsucedidas de assassinato de opressores por parte de rebeldes; caso, por exemplo, do assassinato do rei Umberto da Itália pelo anarquista Gaetano Bresci, em julho de 1900, ou da sua expressão de simpatia, eternizada no artigo “A tragédia de Búfalo”, pelo assassino do então presidente

dos Estados Unidos, William McKinley, em setembro de 1901 — o estadunidense de ascendência polonesa, Leon Czolgosz, que foi preso e executado no mesmo ano. Goldman, que na época foi acusada pelas autoridades de ter inspirado o ato com seus discursos — Czolgosz se autodesignava anarquista, o que levou a uma onda antianarquista no país —, não satisfeita com o artigo de 1901, dedicou ainda a edição de outubro de 1906 do jornal do qual era editora, o *Mother Earth*, à memória do quinto ano da sua execução. Em realidade, foi, mais de uma vez, considerada suspeita de participação na organização de atentados, embora em todas as ocasiões tenha sido liberada por falta de evidências conclusivas. A mais dramática, certamente, ocorreu em 1891, quando foi considerada suspeita de cumplicidade na tentativa fracassada de assassinato de Henry Clay Frick, gerente de uma companhia de aço (a *Carnegie Steel Company*). O assassinato seria uma forma de retaliação à chacina de nove trabalhadores em greve por um dos seguranças contratados pelo o então gerente. O malsucedido assassino, ninguém menos do que o destacado anarquista Alexander Berkman, foi não só o grande amigo e companheiro político de Goldman ao longo de toda a sua vida, como, na época do atentado, era também o seu amante. Apesar das incansáveis campanhas empreendidas por Goldman, ao longo de anos, para a libertação de Berkman, ele foi condenado a vinte e dois anos de prisão, permanecendo em cárcere por quatorze anos, para, posteriormente, vir a ser, junto a Goldman, um dos 247 imigrantes políticos deportados dos EUA, em 1919. Berkman também era lituano. Diante disso, a declaração contida em um dos textos aqui dispostos, “Os aspectos sociais do controle de natalidade”, é tudo menos retórica, sendo esta: “O medo de ir para cadeia pelas próprias ideias é tão forte entre os intelectuais americanos que é o que faz o movimento ser tão pálido e fraco. Eu não tenho esse medo. Minha tradição revolucionária diz que aqueles que não estão dispostos a ir para a cadeia em nome das

INTRODUÇÃO

suas ideias nunca deram muito valor a elas”.¹ Não por acaso, foi considerada pelo primeiro diretor do FBI, como “a mulher mais perigosa da América”.

De outro lado, porém, essa mesma coragem, talvez porque florescida em meio à chamada primeira revolução sexual e sob os ares do novo mundo, batia no peito de uma Suma Sacerdotisa que nada tinha de casta. O que disse de Mary Wollstonecraft, é possível dizer dela mesma, bastando para isso um simples relance na sua biografia amorosa: Goldman era “sexualmente faminta”. Leitora voraz de Stirner e Nietzsche e de “psicólogos do sexo”, como Freud e Havelock Ellis, para citar apenas algumas das suas inúmeras referências, amava dançar, viver, os amigos, a alegria, o cuidado, o prazer. A causa para ela não se dava em nome de um princípio frio e abstrato de liberdade. A sua coragem tinha como “ânima” o ideal, sempre necessário, de que homens e mulheres podem e devem ser livres para amarem-se uns aos outros da forma que desejarem, até porque, somente assim, estarão livres para amar e cuidar das suas crianças de modo que elas possam desenvolver a plenitude dos seus seres individuais em harmonia com a coletividade. Pois para Goldman, a liberdade é acima de tudo doar-se sem reservas, é amar e ser amado. Não há amor que não seja livre, da mesma forma que não pode haver emancipação sem amor. Que tenha sido chamada de superficial por militar, em última instância, em nome de algo tão simples, ao mesmo tempo em que utópico, porque supostamente impossível, é talvez prova de um entendimento superficial, ainda que possa ser sofisticado, do que é verdadeiramente capaz de nos satisfazer e alegrar no breve período em que somos incendiados pelo sopro da vida. Vide, nesse sentido, com que simplicidade descreve, em “O sufrágio feminino”, o problema cuja solução

1. Para uma cronologia da sua vida bastante completa, ver: FALK, Candance (ed.). *Emma Goldman: A Guide to Her Life and Documentary Sources*. Alexandria, VA: Chadwyck-Healey Inc., 1995.

consiste, se não para todos, certamente para muitos, no mais caro e profundo anseio:

A paz e harmonia entre os sexos e entre os indivíduos como um todo não dependem necessariamente de um nivelamento superficial dos seres humanos; como tampouco exigem a eliminação dos traços individuais e das peculiaridades. O problema que nos confronta atualmente, e que o futuro próximo precisa resolver, é o de como ser si mesmo e, ainda assim, estar em unidade com os outros, o de como se sentir profundamente ligado a todos os seres humanos e, ainda assim, reter as próprias características individuais.

Os textos aqui dispostos versam sobre os temas do casamento e do sexo sob a perspectiva dessa implacável anarquista, o que abrange uma série de subtemas como o controle de natalidade, o puritanismo norte-americano, a repressão sexual, o amor livre, o ciúme, a prostituição, a homossexualidade, a desigualdade entre os sexos, a maternidade, a emancipação feminina, o movimento sufragista na Inglaterra e Estados Unidos e a trajetória de uma série de mulheres extraordinárias como Mary Wollstonecraft, Louise Michel e algumas das heroínas e mártires do movimento revolucionário russo, dentre as quais se destaca Maria Spiridonova.

A MULHER SEGUNDO EMMA GOLDMAN

Não é por acaso, por gosto, inclinação ou por alguma espécie de “birra” que, na abordagem de Goldman sobre a questão do seu “sexo”, o tema do casamento ocupe lugar central. Pensar a mulher implica necessariamente pensar sobre o casamento — e, curiosamente, apenas, por consequência, sobre a maternidade. E isso, quando o mesmo não se aplica ao homem. Conforme a história do pensamento ocidental parece atestar, salvo talvez nas últimas décadas, pensar sobre o homem prescinde da reflexão sobre o casamento ou a paternidade. A “necessidade” da relação entre os temas do casamento e da condição feminina não se deve, porém, a alguma provável natureza intrínseca da mulher, a um suposto

INTRODUÇÃO

conjunto de “virtudes maritais” como se oriundas do útero; ou tampouco a alguma espécie de destinação espiritualmente preterdeterminada ao amor incondicional que render-lhe-ia, quando bem-sucedida, o posto máximo de “rainha do lar”. Para Goldman, o casamento nada tem de natural, na mesma medida em que nada tem de espiritual ou de comum ao amor. Se pensar a questão do sexo feminino implica necessariamente pensar sobre o casamento, isso se dá pelo fato de que o casamento foi, ao longo de eras, o meio principal, quando não o único, de a mulher alcançar alguma seguridade material e social, quando não, no melhor dos casos, a ascensão econômica.

A consequência de tal “empregabilidade” mercantil do amor e do próprio corpo é *trágica*, como atestam os textos a seguir, porque abrange a totalidade da mulher, não é particular ou acidental, como à primeira vista se poderia supor. Ao contrário: passa a dizer respeito ao seu “espírito”. Com a degradação à condição de “mercadoria sexual” (cujo fim seria o de proporcionar prazer sexual ao homem e/ou a procriação), tudo aquilo que é considerado belo e elevado numa personalidade, como a honra, a inteligência, a profundidade e mesmo a utilidade, torna-se, quando *na mulher*, mero acidente de uma condição preponderantemente “sexual”; e, portanto, um conjunto de atributos dispensáveis, quando não indesejáveis e, em casos extremos, *logo extirpáveis*; extirpação, para a qual, em não raros momentos da história, foram fabricados e utilizados diversos instrumentos de tortura, que, embora já não sejam vistos sendo usados por aí no seu sentido *stricto*, continuam, segundo a denúncia reiterada nos textos aqui presentes, a dominar as mentes e corações no sentido *lato* — no caso dos estadunidenses de então, pela via puritana do protestantismo, herdada dos ingleses. Vide, nesse sentido, o escrito “A hipocrisia do puritanismo”, que nos traz à memória os Estados Unidos da segunda metade do século dezessete, em que Boston e Salem rivalizavam em crueldade nas perseguições às “opiniões religiosas não autorizadas”, perseguições que vitimaram sobretudo mulheres — lembremos que o episódio mais afamado

de tais perseguições ficou conhecido como o “julgamento das bruxas de Salem”, hoje tema de filmes de Hollywood. Episódio extremo, mas do qual Goldman encontrava os ecos na política estadunidense de então, especialmente encarnados na figura do político Anthony Comstock (1844-1915), principal arquiteto dos mecanismos de censura estatais que iam das obras de arte à correspondência privada. Ora, não há novidade alguma em dizer que as mulheres foram, em geral, os objetos preferenciais dos instrumentos de tortura, ao menos quando utilizados em nome da moralidade, sob a escusa de colocá-la de volta no seu “eixo”.

Na análise da questão do seu “sexo”, Goldman, por diversas vezes, faz atentar para o fato de que, ao longo das eras, as principais qualidades negociáveis da mulher foram a juventude e os atributos físicos, uma negociação milenar (em geral, levada a cabo por homens) que teve por consequência a redução da mulher a essas qualidades, apesar do curto tempo em que uma vida, em geral, miserável e infeliz, é capaz de conservar esse tipo de qualidade — até porque tanto a juventude, quanto a beleza que lhe é característica são, essas sim, *por natureza*, passageiras. Vida miserável e infeliz, posto que com o aumento do número de filhos que, por sua vez, aumenta o trabalho pesado, as noites sem dormir, as preocupações e, por fim, as brigas com o marido (que também se vê cada vez mais pressionado do ponto de vista econômico), logo a esposa se encontra arruinada fisicamente: a sua beleza e a sua saúde a abandonam. Assim, as qualidades que, então, garantiam à mulher, na melhor das hipóteses o casamento, não tendiam a ser conservadas quando atingido o fim para o qual essas qualidades supostamente se destinariam. Quanto à alma e interioridade, isso seria completamente dispensável, tanto antes, quanto depois do casamento. Conforme escreve no seu “Casamento e amor”:

Não há necessidade de a mulher saber qualquer coisa sobre o marido, exceto a sua renda. E o que o homem precisa saber sobre a mulher que não seja se ela possui uma aparência atraente? Ainda não superamos o mito teológico de que a mulher não tem alma, que ela é um mero

INTRODUÇÃO

apêndice do homem, feita da costela apenas para a conveniência do cavaleiro em questão [...].

Talvez a má qualidade da matéria-prima com que a mulher foi feita seja a responsável pela sua inferioridade. De qualquer forma, a mulher não tem alma — o que haveria, então, de se saber sobre ela? Além disso, quanto menos alma uma mulher tiver, mais adequada estará à condição de esposa, mais prontamente irá se deixar absorver em seu marido.

Essa condição “naturalizada” e “espiritualizada” de mercadoria sexual foi garantida via a sua escamoteação e santificação sob o manto da Moralidade. Em “Vítimas da moralidade”, Goldman é extremamente direta ao expor a sua compreensão de que a moralidade e religião estão à serviço das instituições que garantem a opressão econômica e social. Segundo suas palavras: “as instituições não poderiam se manter, não fosse pela religião, que funciona como um escudo, e pela moralidade, que funciona como uma máscara. Isso explica o interesse que os exploradores ricos têm tanto na religião, quanto na moralidade.” Através da imposição da moralidade pelas instituições religiosas como o único parâmetro verdadeiro de conduta, os mecanismos de opressão são envoltos em superstição, o que tem por efeito oferecer àquilo que é violência, usurpação, sufocamento, perversidade a aparência de sagrado, de amor, de verdade, de tabu. Dito de modo cru, Goldman denuncia ser esse o papel desempenhado pela igreja e moralidade tanto no que diz respeito à instituição casamento, quanto também, de modo mais insidioso, no que diz respeito à instituição propriedade privada. “Mesmo que todos saibam que a Propriedade é um roubo;” escreve também em “Vítimas da moralidade”, “que representa o esforço acumulado de milhões de pessoas que são desprovidas de propriedades”, “a Moralidade da Propriedade estabelece que essa instituição é sagrada. Ai de quem se atrever a questionar a santidade da propriedade ou pecar contra ela!” Talvez não seja exagero dizer que, ainda hoje, talvez até mais do que nunca, a Moralidade da Propriedade continua a imperar majestosa; e como antes, a imperar mesmo entre as “pessoas progressistas” e os “trabalhadores com consci-

ência de classe”; sem que esqueçamos os casos dos socialistas e anarquistas, que, conforme faz atentar em “A tragédia da mulher emancipada”, embora defendam a ideia de que a “propriedade é um roubo, ficam indignados se alguém lhes deve algo no valor de meia dúzia de alfinetes.”

Na análise de Goldman, casamento e propriedade são indissociáveis, como se duas faces de uma mesma moeda. É interessante observar que se, *de um lado*, Goldman coloca a instituição casamento como fundamento da propriedade privada e com isso da opressão mesma — vide, nesse sentido a declaração contida em “Casamento”: “as relações conjugais [são] o fundamento da propriedade privada e, portanto, o fundamento do nosso sistema cruel e desumano” —; *de outro lado*, a própria estrutura interna do casamento é explicada via a estrutura da opressão econômica que possibilita. Se, para a mulher, segundo sua análise, o casamento seria o “emprego” *par excellence*, cujas funções, de escopo restrito, iriam da procriação indiscriminada de crianças às atividades de cozinha e faxineira doméstica (além do malabarismo para diminuir as despesas, apesar da contínua chegada das crianças); para o homem, o casamento possibilitaria, no seio da família, o exercício do domínio que o capitalismo, a outra “instituição paternalista”, exerce sobre ele, quando fora do lar: “O sistema que força a mulher a vender a sua feminilidade e independência ao melhor candidato”, escreve em “Anarquia e a questão do sexo”, “é um ramo do mesmo sistema malévolo que dá a poucos o direito de viver da riqueza produzida por seus companheiros”. O resultado dessa transposição de mão dupla entre opressão externa e relações privadas não poderia ser mais infeliz. O que é ilustrado no primeiro parágrafo de “Casamento”, quando entoa um lamento ao modo dos coros trágicos:

Quanta tristeza, miséria, humilhação; quantas lágrimas e maldições; que agonia e sofrimento essa palavra tem trazido à humanidade. Do seu nascimento até a nossa atualidade, homens e mulheres crescem sob o jugo ferrenho da instituição casamento, de modo que parece não haver nenhum alívio, nenhuma maneira de escapar dela.

INTRODUÇÃO

Goldman que foi operária e que, inclusive, conheceu o seu primeiro marido na fábrica, ou seja, no ambiente de trabalho, levou em conta, nas suas análises, as diferenças das condições em que o casamento se estabelece nas classes média e alta, de um lado, e nas classes trabalhadoras, de outro, sobretudo porque às mulheres das classes trabalhadoras nunca foi estranho o trabalho fora do lar, seja na condição de criada, empregada doméstica, camponesa, datilógrafa, operária, vendedora etc. Muito antes que as mulheres das classes médias atinassem para a relação entre emancipação e mercado de trabalho, as jovens da classe trabalhadora já se encontravam doentes e exaustas da sua “independência”. O problema é que nesses casos, a condição de trabalho, se inevitável, tendia a ser encarada pelas próprias mulheres como temporária, pronta para ser descartada ante o primeiro pretendente. Vide o seu diagnóstico em “A tragédia da mulher emancipada”: “A chamada independência que possibilita tão somente o ganho da mera subsistência não parece tão atraente, tão ideal, a ponto de ser possível esperar que a mulher venha a sacrificar tudo por ela”. Ora, o que não é uma novidade hoje, tampouco o era na época: a mulher faz o mesmo trabalho que o homem e o seu salário é menor — o que numa condição de exploração extrema traz consigo, necessariamente, a miséria. Por outro lado, esse tipo de formação econômico-cultural tornava, segundo essa tão experiente ativista, “infinitamente mais difícil” organizar politicamente as mulheres do que os homens. Afinal, pergunta em “Casamento e amor”, para quê lutar contra a exploração do trabalho e correr riscos desnecessários, se a função suprema da mulher seria a da maternidade no interior da sacralidade do lar?

Independentemente das variações da instituição casamento nas diferentes classes, o ponto nerval é que tal instituição ao transformar a mulher, no melhor dos casos, numa mercadoria sexual que só deveria ser violada após o casamento, acabou por transformar o seu ideal na mesma coisa que a sua desgraça. Nos textos aqui dispostos, Goldman repete, à exaustão, que a única diferença entre a prostituta e a mulher casada é que uma vende a si

mesma “como escrava privada durante toda a vida, por uma casa ou um título”, e a outra vende a si mesma “pelo período de tempo que deseja”. Vale lembrar que na época de Goldman, embora o divórcio estivesse crescendo de modo mais do que significativo nas estatísticas (vide os dados expostos em “Casamento e amor”), ainda implicava uma pesada condenação pública à mulher e seus filhos. Pois com ou sem paixão, com ou sem amor, o casamento era o único meio de subsistência sancionado social, moral e legalmente à mulher, para o qual, em contrapartida à sua respeitabilidade de esposa, deveria dar em troca muito mais do que a prostituta: a sua própria pessoa. “Quando o dinheiro, o status social, e a posição são os critérios do amor”, escreve em “Causas e possível cura para o ciúme”, “a prostituição se apresenta como inevitável, ainda que esteja coberta com o manto da legitimidade e da moralidade”. Para a anarquista, o casamento não era nada mais do que uma forma de prostituição sancionada pela Igreja e pelo Estado. Ou, conforme suas palavras em “Tráfico de mulheres”: “para os moralistas, a prostituição não consiste tanto no fato de que a mulher venda o seu corpo, mas, ao invés disso, que ela venda o seu corpo fora do casamento”.

Por ter vivido uma temporada, num hotel, entre prostitutas, além das experiências, longas e curtas, nas cadeias e presídios, Goldman sabia muito bem das condições de exploração em que elas viviam, cerceadas pelos “cadetes” (uma subcategoria de cafetão), pelos policiais, pela clientela, Igreja, opinião pública e o que mais houvesse. Não obstante, havia também o caso das jovens que, eventualmente, complementavam a renda recorrendo à prostituição, para o que foi cunhado nos Estados Unidos da época, o termo *grisette*. Segundo a breve e encantadora biografia escrita por Elizabeth Souza Lobo, a própria Goldman se valeu desse “recurso”. Inspirada por Sônia de *Crime e castigo*, que se prostitui para atenuar minimamente a miséria da família, Goldman, relata Lobo, teria recorrido à prostituição com o intuito de conseguir o dinheiro necessário para compra das armas da tentativa de assassinato, mencionada acima, de Henry Clay Frick por

INTRODUÇÃO

Alexander Berkman, então seu companheiro político e amante.² Talvez, fosse mais preciso dizer que aí, Goldman teria terminado por se inspirar não só em Sônia como também em Raskólnikov... Anedotas à parte, nos textos que se seguem, encontrar-se-á exposta a constatação nua e direta de que a causa da prostituição é a mesma que a do casamento: a exploração econômica via a questão sexual.

Valendo-se sobretudo de William W. Sanger, Goldman sentenciava a prostituição como *a consequência direta de uma remuneração desproporcional ao trabalho honesto*. A esmagadora maioria das prostitutas, segundo os estudos que relata, era formada por mulheres e garotas da classe trabalhadora. Pois a precariedade econômica retirava o, então, privilégio “moral” de esperar pelo casamento na segurança da interioridade de um lar minimamente estruturado, ao passo em que obrigava o lançamento no mundo do trabalho precarizado cujos dentes foram e são mais afiados no caso da mulher. Conforme escreve em “Tráfico de mulheres”: “o sistema industrial não possibilita à maioria das mulheres outra alternativa que não seja a da prostituição”. Igualmente fundamentada em estudos e estatísticas, Goldman também chamará a atenção para a relação diretamente proporcional entre o aumento da prostituição e o desenvolvimento do capitalismo com sua sociedade de massa. O que pretende é explicar, o mais didaticamente possível, que combater a prostituição pela via da moralidade ou através de leis punitivas, pior do que ser ineficaz e inútil, agrava o problema. Em vários textos aqui presentes, ela busca demonstrar que a repressão legislativa e moral dos chamados “vícios”, invariavelmente, tem como resultado o desvio do mal para “vias secretas”, que, escondido, multiplica, sob a proteção do silêncio, os perigos para a comunidade. Caso, conforme apresenta em “A hipocrisia do puritanismo”, das “cruzadas” contra o consumo e venda de bebidas alcoólicas, contra os jogos de

2. LOBO, Elizabeth S. Emma Goldman: A Vida como Revolução. São Paulo: Editora Brasiliense, s/d.

azar e a prostituição. Posto o resultado ser sempre o mesmo: “Os jogos de azar continuam aumentando, os bares estão realizando negócios às escondidas, a prostituição está no auge, e o sistema coordenado por cafetões e cadetes se intensificou”. Em outras palavras, a aprovação e execução de leis punitivas têm por efeito tornar ainda mais promissores os vícios que supostamente estariam sendo combatidos. Naturalmente, alguém lucra com isso. Em “Tráfico de mulheres”, Goldman relata que com a extinção dos bordeis, como estratégia legal para o combate à prostituição, o resultado foi o aumento da corrupção policial via o suborno, o lançamento das jovens à violência das ruas e das delegacias e, o consequente, aparecimento dos cadetes. Ela também destaca a ironia de ser a Igreja da Trindade, a, então, maior proprietária dos imóveis do mais famoso centro de prostituição de Nova York — o que atualiza a sua tese da correlação entre religião e prostituição, já que segundo os estudos que apresenta, a prostituição tem origem comprovadamente religiosa, o que não exclui a religião cristã, apesar da sua Virgem Maria. Outro caso mencionado por ela, desse tipo de ocultamento moral que empurra o diabo para mais fundo no sistema, diz respeito às doenças venéreas — ainda hoje um tabu. Como disse do seu tempo, poderia ter dito do nosso: a “cegueira deliberada” imposta pela moralidade implica recusar a platitude de que “o verdadeiro método de prevenção é aquele que deixa claro para todos que ‘doenças venéreas não são uma coisa misteriosa ou terrível, não são um castigo pelos pecados da carne, alguma espécie de mal do qual se deva ter vergonha [...] mas, sim, que são doenças comuns que podem ser tratadas e curadas’”. Certamente, teremos muito a ganhar, no caso de refletirmos seriamente sobre esse postulado, aparentemente, tão simples, acerca do “verdadeiro método de prevenção”, quando a despeito dos avanços na medicina, as doenças venéreas não param de se multiplicar.

O efeito mais pernicioso da Moralidade sobre as mulheres — mais pernicioso porque primeiro (no sentido de elementar, originário) —, diz respeito à repressão sexual. Seguindo as pistas de

INTRODUÇÃO

Freud e dos demais “psicólogos do sexo”, para Goldman dentre todas as forças que atuam sobre nós, seres humanos, o impulso sexual se não a única, é a mais importante. Conforme escreve em “O elemento sexual da vida”, o sexo é a “função biológica primária” de toda forma de “vida superior”, é a força que faz as suas marés baixarem e subirem, de modo que a ele, “devemos mais do que à poesia”: do canto dos pássaros à música, da plumagem das aves-do-paraíso à juba do leão; das formas superiores de vida do mundo vegetal e animal à própria cultura com seus costumes não raro tolos, insensatos e injustos; tudo isso, escreve Goldman, que torna “essa coisa que chamamos de cultura humana o mosaico incrível e variado que é” — devemos debitar na conta do sexo. Em outro momento dessas suas anotações, irá afirmar que a raiz mesma da beleza e do nosso sentido estético reside no elemento sexual, do que imediatamente conclui ser também o elemento sexual a raiz da nossa sociabilidade como um todo. Amparada pelo discurso psicanalítico da época, segundo o qual a pulsão de vida seria biologicamente determinada no sentido de buscar sempre, e cada vez mais, agregar a substância viva dispersa em partículas (o que tenderia a tornar a vida cada mais complexa, variada e, no nosso caso, multicultural); Goldman irá compreender a sexualidade para além da busca pelo gozo propriamente dito, também como socialização e criatividade. O “instinto sexual é o instinto criativo”, postula; e é por espalhar “signos de atração” por toda parte, por expressar, em todo lugar e em toda instante, “essa grande necessidade de união”, transformando tudo em “indício, símbolo, lembrança, mensagem, chamado”; que essa “faculdade”, conforme escreve, “é social” e “o começo do panorama da arte”. Numa sentença: “A natureza sabe sempre mais” — e é a ela que devemos nos voltar, de modo a nos livrarmos da “doutrina profana e antinatural, iniciada pelos primeiros monges cristãos, de que o impulso sexual é o sinal de degradação do homem e a fonte da sua energia mais diabólica”.

A sua crítica às instituições da moralidade e da religião extrapola, portanto, os limites da denúncia do papel que exercem

na escamoteação da opressão social e econômica; tais instituições atacam a vida na sua própria “raiz”: o elemento sexual. Nas trilhas de Nietzsche, Goldman irá compreender a moralidade e religião como antinaturais, como caluniadoras e sufocadoras da vida. Vide, nesse sentido, a oposição que estabelece, em “A hipocrisia do puritanismo”, entre vida e a concepção puritana de vida. Por ser sempre movida pela criação que tem por fim a união, a vida, escreve, “para além da arte, para além do esteticismo”, “é representação da beleza em milhares de variações; é, de fato, o panorama gigante da eterna mudança”. Já a “concepção de vida” do puritanismo, derivada da “ideia calvinista de que a vida é uma maldição imposta ao homem pela ira de Deus”, diz respeito, ao contrário, a uma vida, idealmente, “fixa e imóvel” — ideal que impõe à vida mesma, ao ser humano animado por ela, a necessidade de penitências constantes, o repúdio a “todo impulso natural e saudável”, o abandono de toda “alegria e beleza”. A “atividade sexual” não era, portanto, para essa ativista política, algo como “um ato isolado”; mas sim “uma experiência generalizada que motiva e afeta a personalidade” (“O elemento sexual da vida”). Daí a sua famosa refutação a Kropótkin, quando ele criticou o excesso de espaço que ela, em geral, dava à discussão sobre o sexo, uma vez que, para ele, a coisa seria resolvida, por assim dizer, por uma via mais racional: “quando ela [a mulher] for intelectualmente igual ao homem e compartilhar dos seus ideais sociais, ela será tão livre quanto ele” — ter-lhe-ia dito este que, na época, já era um reverenciado anarquista. Segundo o relato na sua autobiografia *Living my life*, a sua resposta não poderia ser mais surpreendente. Depois de ouvir em “crescente agitação”, a explanação vagarosa e arrastada de Kropótkin, Goldman respondeu-lhe: “Concordo, camarada, que quando eu atinja a sua idade, a questão do sexo já não tenha importância para mim. Mas *agora*, trata-se de um fator de crucial importância para milhares, milhões até, de jovens”. Ainda segundo ela, um Kropótkin que, em geral, não lhe era simpático, depois dessa, deu-se por vencido. Anos depois a esse encontro, Goldman parece ir ainda

INTRODUÇÃO

mais longe; por exemplo, quando afirma, em “Causas e cura possível para o ciúme”, ser autoevidente que o “radical completo” — já que, segundo, ela “há muitos radicais meia boca” — deve aplicar o conhecimento da centralidade e importância do sexo às suas “relações sexuais e amorosas”. Note-se que, aqui, ela traz para a pauta da necessidade de adequação entre teoria e prática — temática central à tradição revolucionária a que reivindicava o pertencimento — a questão da sexualidade, do amor: o radical *completo* deve aplicar esse conhecimento que, em primeiro lugar, diz respeito às suas relações mais íntimas. Vide também quando, em “A hipocrisia do puritanismo”, ela parece inverter a equação de Kropótkin acima colocada, ao sugerir que é mais provável que a mulher atinja a igualdade intelectual para com o homem, quando *antes* for livre para vivenciar as suas paixões e sexualidade. Para fundamentar esse ponto, faz uso de Freud, quem, segundo ela, acreditava “que a inferioridade intelectual de tantas mulheres está relacionada à inibição do pensamento imposta sobre elas com o fim da repressão sexual”. O que, por sua vez, ecoa às palavras de Mary Wollstonecraft, citadas pela própria Goldman no seu ensaio sobre a pensadora também disposto na presente coletânea. Segundo Wollstonecraft, na referida passagem:

Regular a paixão nem sempre é uma atitude sábia. Ao contrário, talvez seja justamente essa uma das razões pela qual os homens têm um julgamento superior e maior coragem do que as mulheres: eles dão livre curso à sua grande paixão e, por perderem a si mesmos com mais frequência, ampliam as suas ideias.

Sob as bênçãos da Igreja e do Estado, a instituição casamento foi imposta como a única válvula de escape legalizada e socialmente aceita contra o *pernicioso* despertar sexual da mulher. Na ausência de outras “opções”, ter-se-ia, de um lado, a abstinência sexual — caso das, popularmente, conhecidas como “solteironas” — e, de outro, a prostituição. Pois antes da opressão econômica como causa do casamento e da prostituição, Goldman parece

alocar a repressão sexual. Como se a redução da mulher à condição de mercadoria sexual exigisse, *antes*, para essa redução mesma, a repressão sexual. Segundo suas palavras, em “Tráfico de mulheres”: “Seria tanto parcial, quanto extremamente superficial considerar que o fator econômico é a única causa da prostituição”. É fato conhecido que embora o “sexo” tenha sido o principal atributo negociável da mulher, ao longo de eras, sob a exigência da Moralidade, (ao menos no que diz respeito ao universo judaico-cristão), a mulher foi privada de qualquer espécie de “treinamento” ou mesmo de qualquer conhecimento sobre o ofício que deveria necessariamente desempenhar. “Por mais estranho que pareça”, escreve em “Casamento e amor”, é permitido à mulher saber “muito menos sobre a sua função como esposa e mãe do que a um artesão comum sobre o seu ofício.” Note-se aqui a charada através da qual a mulher foi subjugada naquilo que, para Goldman é o mais fundamental: o elemento sexual. Pois, ao mesmo tempo em que era incutido na mulher, desde a infância, que o casamento seria o seu objetivo final — e isso de modo que “todo o seu treinamento e educação” eram “dirigidos com vistas a esse fim” —, o sexo, paradoxalmente, era-lhe um tema-tabu, impuro e imoral, a ponto de ser uma indecência a simples menção à temática. Sem saber nada da “função mais importante a ser exercida na sua vida”, conclui, mais uma vez, em “Tráfico de mulheres”, é natural que uma mulher não soubesse “cuidar de si mesma”, o que a tornava “uma presa fácil da prostituição ou” — o que é ainda uma realidade, conforme comprovam as nossas estatísticas em muito defasadas —, uma presa “*de qualquer outra forma de relacionamento que a degrade à posição de objeto para uma gratificação meramente sexual*”.

No caso das jovens, muitas vezes ainda crianças, cuja necessidade econômica privou do lar e de qualquer conforto, obrigando ao trabalho precoce nas fábricas e, portanto, a uma rotina diária ao lado de homens de todas as idades, nada mais natural que, em algum momento, terminassem por se entregar à primeira experiência sexual. Para Goldman, às jovens das classes trabalhadoras

INTRODUÇÃO

era possível uma expressão mais normal dos seus instintos físicos e, com isso, do amor. “Os rapazes e moças do povo não são moldados de modo tão inflexível pelos fatores externos”, diagnostica em “Vítimas da moralidade”, “e frequentemente se lançam ao chamado do amor e da paixão, independentemente dos costumes e tradição”. O problema é que a perda da virgindade “sem a sanção da Igreja”, em conjunto com a precariedade econômica e social, não raro se convertiam, para essas jovens, num “primeiro passo em direção à prostituição”. Curiosamente, porém, no que diz respeito às jovens mulheres oriundas das classes e famílias mais estruturadas, a situação é descrita por Goldman como ainda pior. Pois o “privilegio” de ter a sexualidade “protegida” na interioridade do lar paterno implicava que a jovem em questão só poderia exercer a sua sexualidade quando encontrasse um rapaz que não apenas estivesse disposto a casar-se com ela, como também que fosse dotado do montante de dinheiro considerado suficiente para sustentar a vindoura prole. Até que conseguisse tal montante, isso poderia custar ao jovem casal, a espera de muitos e cansativos anos para a sua primeira relação sexual; muito embora, os custos fossem aí consideravelmente desiguais — o que não é uma novidade para ninguém. Aos homens, mesmo se comprometidos, era socialmente permitido o exercício da sexualidade, o que tornava a prostituição, nesse contexto, uma instituição praticamente necessária à instituição casamento. No que diz respeito à jovem noiva, a ela só caberia subjugar a sua saúde, vida, paixão e desejo até que o “bom” partido em questão estivesse financeiramente apto a tomá-la como esposa. Daí o que convencionou-se chamar de “padrão duplo da moralidade” — que, então, se desdobrava em formas de educar tão completamente distintas, em hábitos e costumes condizentes a mundos tão profundamente separados, que homens e mulheres teriam sido transformados em seres, praticamente, alienígenas um ao outro, a ponto de a união amorosa entre ambos estar, como se por princípio, fadada ao fracasso.

Entre seres estranhos um ao outro, *moralmente* divergentes um do outro no que diz respeito à sexualidade e ao amor, o desencontro sexual e afetivo não poderia ser mais absoluto. Mesmo na interioridade legalizada do casamento e do lar, dificilmente, a mulher (especialmente as oriundas das classes médias) poderia encontrar o prazer sexual, em geral, por ter internalizado o tabu nela mesma, embora também houvesse o caso de que o medo de desagradar o parceiro com um comportamento julgado inadequado a uma esposa fosse a razão da sua, por assim dizer, inacessibilidade ao prazer sexual. De acordo com o seu diagnóstico em “Casamento e amor”, não era raro que uma esposa, dada a sua educação e criação, se sentisse verdadeiramente “choçada, rechaçada, indignada para além de qualquer medida com o mais natural e saudável dos seus instintos, o sexo”. É nessa linha que compreenderá como “efeito do sufocamento imposto pelo tabu sexual” tanto o mito de que a mulher possui um interesse sexual menor do que o do homem quanto o problema, ainda hoje alarmante, da frigidez sexual entre mulheres sexualmente ativas. De outro lado — como se, aparentemente, invertendo o vetor —, ela escreverá em “O elemento sexual da vida”, que a “incompatibilidade de temperamentos” que torna tão infelizes os casamentos, especialmente com o passar dos anos, é “resultado direto da ausência de harmonia sexual”; ou, em outras palavras: “a insatisfação e os atritos surgem, quando a natureza química do sexo entre marido e mulher falha em os unir harmoniosamente” — uma observação interessante, inclusive para analisarmos os nossos próprios relacionamentos amorosos e sexuais. Até porque, segundo postula em “Casamento”: “onde não há igualdade não pode haver harmonia”.

Através da sua análise implacável do casamento, Goldman coloca o seu leitor (ou, no seu tempo, ouvinte) diante da história da “diferença de posição e de privilégios” no que diz respeito a homens e mulheres — uma diferença que, como não é novidade para ninguém, continua a ser “existente ainda hoje”. Em face de tal “afresco” de infelicidade conjugal universal, não é de admirar

INTRODUÇÃO

que tenha repetidamente negado, indo contra muitos radicais do seu tempo, ser possível reformar, de modo satisfatório, essa instituição — fosse através da melhoria das leis matrimoniais, como, por exemplo, com a flexibilização do divórcio, fosse através da escolha de se casar livremente, isto é, sem o consentimento da igreja e da lei. Pois o problema, para ela, é que a instituição casamento é em si mesma degradante: “Não importa o quanto mude, sempre dá ao homem direito e poder sobre sua esposa, não apenas sobre o seu corpo, mas também sobre suas ações, seus desejos; na verdade, sobre a sua vida como um todo” — escreve no seu “Casamento”. Daí que acuse os radicais de fazerem “concessões aos padrões morais do nosso tempo”, posto, que apesar de toda a sua crítica à Igreja, ao Estado e à propriedade privada continuavam a vivenciar as relações sexuais e amorosas sob os parâmetros do monopólio sexual; o que seria prova tanto de “falta de coragem”, quanto de ausência de “energia para desafiar a opinião pública e viver a prática em sua própria vida”. Em “A nova mulher”, Goldman também critica os radicais ao constatar que, em geral, eles não desejavam que suas esposas se tornassem elas mesmas radicais, já que à mulher a posição mais confortável — mesmo para um homem supostamente emancipado de preconceitos — é a de alguém a ser protegido. E nesse ponto, vale mais uma vez retornar a “Casamento” e citar uma das passagens em que a semelhança com a atualidade, mais de cem anos depois, é por demais flagrante:

Vocês matraqueiam sobre a igualdade dos sexos na sociedade do futuro, mas pensam que é um mal necessário que a mulher deva sofrer no presente. Vocês dizem que a mulher é inferior e mais fraca, e ao invés de auxiliá-la a se tornar mais forte, ajudam a mantê-la numa posição degradante. Vocês exigem de nós exclusividade, mas amam a variedade de parceiras e aproveitam essa variedade sempre que têm a chance.

É fato que, anos depois, quando, em 1925, casou-se com Bolton, Goldman se viu em apuros ante este tipo de declaração implacavelmente contra o casamento; caso também, por exemplo, da entrevista de 1897 (“O que há na anarquia para as mulhe-

res?”), quando à pergunta do jornalista sobre se teria intenção de casar, responde de modo taxativo: “Não; eu não acredito em casamento no que diz respeito aos outros e, certamente, não sou de pregar uma coisa e fazer outra”. Se as razões oferecidas por ela, no mencionado artigo de 1926, “As visões de Emma sobre o amor”, em que foi convidada a explicar essa “auto-heresia”, foram ou não suficientes — dadas inclusive as suas condições de existência na época que, vale repetir, incluíam além da origem judaica, o estigma de exilada política dos Estados Unidos e de “foragida” da União Soviética (estigmas potencializados pela sua incessante militância política) —, é algo que aqui não será problematizado. Pois o ponto verdadeiramente digno de relevância é o de que, segundo sua análise, há, na instituição casamento, a convergência de uma série de mecanismos de opressão, que se confundem uns com os outros, na medida em que são indissociáveis. E mais do que isso: a própria base “sentimental” deste modo supostamente ideal de relacionamento amoroso-sexual seria, na verdade, o “maior dos males da nossa vida amorosa mutilada”.

Conforme desenvolve em “Causas e cura possível para o ciúme”, o monopólio sexual sobre o qual se fundamenta o casamento — uma clara derivação da “Moralidade da Propriedade” — terminou por envenenar a nossa forma mesma de amar, uma vez que o ciúme passou a se apresentar como algo “natural” ao amor. O monopólio sexual, “transmitido de geração a geração como um direito sagrado e a base da perfeição da família e do lar”, terminou por transformar o “objeto” do amor numa espécie de propriedade privada, em meio a outras propriedades privadas de outras naturezas. Nesse sentido, é que a anarquista irá conceber o ciúme como uma espécie de “arma” sentimental “para a proteção desse direito de propriedade”. “Arma”, porque o ciúme entra em cena justamente quando, com ou sem motivos, o indivíduo sente alguma ameaça ao seu monopólio sexual encarnado no seu parceiro ou parceira; “arma”, porque implica “revolver os órgãos vitais” daquele quem supostamente se ama (e de si mesmo) ante o menor indício de desejo por uma outra pessoa. Descrito por

INTRODUÇÃO

Goldman, como um misto de inveja, fanatismo, posse, vontade obstinada de punição e sobretudo vaidade ferida, o ciúme, em nada se relaciona com a “angústia” oriunda de “um amor perdido” ou do “fim de um caso de amor”; como tampouco é resultado do amor. Ao contrário, para ela, o ciúme é “o próprio reverso do entendimento, da simpatia e dos sentimentos generosos”. É verdadeiramente surpreende a sua compreensão de que, na maioria dos casos, a virulência do ciúme é tanto maior, quanto menor for o amor e a paixão. “O aspecto grotesco desse assunto todo”, escreve também em “Causas e cura possível para o ciúme”, “é que homens e mulheres normalmente se tornam violentamente ciumentos com pessoas que, na realidade, não lhes importam muito”. Que “a maioria das pessoas” continue a viver perto uma da outra, embora tenham, há muito, “cessado de viver uma com a outra” — esse, e não o amor, é, para Goldman, o solo “fértil” para a atividade do ciúme.

Certamente, um dos ensinamentos mais comoventes do presente livro é o truismo de que numa relação amorosa não pode haver algo como conquistadores e conquistados, dominadores e dominados, pois o amor é em si mesmo livre e “não pode viver em outra atmosfera”. “Amor livre?” — pergunta em “Casamento e amor” — “Como se o amor pudesse não ser livre!” Não há dinheiro que possa comprar o amor, não há força que seja capaz de subjugar-lo, não há lei ou punição que possa arrancá-lo, uma vez que tenha criado raízes. É interessante observar que Goldman traz para a relação amorosa mais íntima, um tipo de radicalidade que, em certo sentido, constituiu o cerne do espírito revolucionário populista, para o qual essa nossa noção moderna de liberdade — que, em alguma medida, opõe-se à igualdade — nada mais é do que egoísmo e mesquinhez. Ao invés da liberdade como autossoberania e direito à propriedade privada, os populistas a compreenderam como a necessidade de se estar disposto ao autossacrifício em nome da liberdade mesma, que uma vez que diga respeito ao todo, não pode estar limitada a algo tão cerceado quanto a propriedade privada. Vide, nesse sentido, a

sua definição do “amor”, ante o questionamento do jornalista na entrevista “O que há na anarquia para as mulheres?": amar é o “desejo irresistível de fazer bem à pessoa, até diante do sacrifício de desejos pessoais”; como se nessa doação mesma estivesse a possibilidade de finalmente nos transfigurarmos em nós mesmos. Ou ainda, o que anos depois, irá afirmar em “A tragédia da mulher emancipada”: “Uma concepção verdadeira da relação entre os sexos [...] conhecerá apenas uma grande coisa: doar-se sem limites, a fim de encontrar um eu mais rico, profundo, melhor”. Que isso só possa acontecer em relação a uma única pessoa, ao longo de toda uma vida, ou mesmo em relação a uma única pessoa por vez não faz sob a concepção tal qual exposta por Goldman, sentido algum. Pois o amor e a sexualidade, assim como a liberdade, a criatividade e a sociabilidade, encontram, pela sua própria natureza, expressões variadas, múltiplas e mutáveis. Cada “caso de amor”, escreve em “Causas e cura possível para o ciúme”, é “independente, diferente de qualquer outro”, está profundamente relacionado com “as características físicas e psíquicas” dos envolvidos. Daí a sua pergunta retórica ao jornalista, na entrevista supracitada: se uma pessoa encontrar as “mesmas características que lhe fascinam em diferentes pessoas”, “o que poderia lhe impedir de amar essas mesmas características em diferentes pessoas?” Aqui, porém, não há receita: a própria natureza da relação amorosa impõe que seja um assunto concernente, de modo exclusivo, aos envolvidos. Que tenhamos compreendido a mais alta realização do amor a partir do ideal do monopólio sexual encarnado na instituição casamento revela, para Goldman, o “nosso estado atual de pigmeus”.

Se de um lado a exigência da radicalidade revolucionária é trazida para o âmbito das relações amorosas privadas e mais íntimas, de outro a sua defesa do “amor livre” ultrapassa essa esfera mesma, a das relações amorosas privadas, da satisfação exclusivamente sexual — o que, talvez, vá de encontro ao que, à primeira vista, a expressão “amor livre” possa sugerir. Não podemos esquecer, em nenhum momento, que estamos aqui diante de uma

INTRODUÇÃO

radical. Para Goldman, o amor é a *ânlma* que move todo aquele que anseia pela liberdade, que o faz arder e se lançar, como disse sobre as mulheres heroicas da Revolução Russa, aos “feitos mais ousados” e seguir “para a morte ou para a Sibéria” “com um sorriso nos lábios”. E aqui, vale, mais uma vez, remetermo-nos ao texto “Casamento e amor”, no qual, *apesar do título*, o amor não é restrito ao âmbito das relações sexuais — antes o contrário. Pois o amor, segundo escreve, é o “arauto da esperança, da alegria, do êxtase”; é a força “que *desafia todas as leis*, todas as convenções”; é o “*mais poderoso modelador do destino humano*”; é “o único alicerce criativo capaz de fazer ascender [...] a um novo mundo” — e isso, seja digno de nota, quer “dure apenas um breve lapso de tempo ou por toda eternidade”. Em Goldman, sexualidade, gozo, compaixão, cuidado, delicadeza, rebeldia, amor, liberdade, coragem, ousadia, luta, criatividade, arte, revolução são potencialidades que se trespassam. No seu comovente ensaio sobre Mary Wollstonecraft, isso é ainda mais evidente. Pois ela define o “verdadeiro rebelde”, como o “verdadeiro pioneiro”, como aquele que *cria* “ao invés de se submeter a uma forma [...] estabelecida”, como aquele que é consumido “pelo fogo da compaixão e simpatia por todo sofrimento e por todos os seus camaradas”; e muitas vezes, caso de Mary Wollstonecraft, como aquele que, para o seu próprio desespero, é portador de um “coração ingovernável” e de uma sexualidade, não raro, “faminta” — dado ser a tragédia e a penalidade que acompanham todo grande espírito, a impossibilidade de receber o amor que a sua alma anseia e que, como se por transbordamento, está o tempo todo a doar.³

3. Alguns estudiosos observaram que no comovente ensaio não publicado sobre Mary Wollstonecraft, Goldman estava, na verdade, também a falar de si mesma. E nesse ponto, como forma de ilustração e irresistível anedota, vale dá uma olhada numa das cartas escritas por Goldman ao médico e anarquista Ben Reitman. Segundo os seus biógrafos e ela mesma, o relacionamento longo e tumultuado foi marcado por uma paixão intensa, de um lado, e, de outro, pelo seu ciúme implacável por Reitman que tinha, abertamente, vários casos amorosos — comportamento que se punha de acordo com as ideias mesmas

Ora, aqui, finalmente, parece surgir a pergunta: mas e a maternidade? Mesmo se não para todas as mulheres, certamente para muitas, a maternidade é sentida e concebida como a mais plena realização da doação de si, do amor. Segundo Goldman, mais do que isso, tratar-se-ia de “um desejo inato”, porque natural e fisiológico à mulher. Assim, cabe também a pergunta sobre se

pregadas por Goldman. Esse evento significativo da vida da escritora e ativista é um elemento interessante de se ter como pano de fundo não só durante a leitura do ensaio sobre Mary Wollstonecraft, mas também, por exemplo, do texto “Causas e possível cura para o ciúme”, disposto na presente coletânea e já mencionado nesta introdução e que foi escrito em meio a uma das inúmeras idas e vindas atribuladas com Reitman. Eis, então, uma passagem da referida carta, tanto sensual, quanto atormentada, retirada da biografia escrita por Lobo: “Vagabundo querido. Que pequenino você é, tão ingênuo, tão que nem uma criança. Realmente não deveria me zangar com você. Se ao menos não tivesse despertado a mulher em mim, a selvagem mulher primitiva, que anseia pelo amor e carinho do homem acima de tudo o mais no mundo. Tenho um grande e profundo instinto materno por você, meu bebê querido, esse instinto tem sido o lado redentor de nossa relação... Mas meu amor maternal é apenas uma parte de meu ser, as outras 99 partes são da mulher, a intensa, apaixonada e selvagem mulher, a quem você deu vida como nenhum outro antes de você. Acho que aí se encontra a chave de nosso sofrimento e também de nossa grande felicidade, por mais rara que seja. Amo você com uma loucura que não conhece limites, nem desculpas, nem rivais, nem paciência, nem lógica. Quero seu amor, sua paixão, sua devoção, seu carinho. Quero ser o centro de seus pensamentos, de sua vida, de cada um de seus segundos. Qualquer coisa que afasta você de mim, mesmo que por um momento, me deixa louca e toma a minha vida um perfeito inferno. É porque amo você tanto que anseio pelo seu carinho. Quero realmente que cuide de mim. Ninguém jamais cuidou, coma sabe. Sempre tomei conta dos outros e fiz tudo por eles. Nunca quis que ninguém tomasse conta de mim. Mas com você desejo isso, oh tão intensamente ... Estive pensando que há algo mais profundo no fato de uma mulher se agarrar ao homem que ama. É o sentimento confortador de segurança, de se ter alguma pessoa que encontra prazer em fazer você feliz e não julga nenhum esforço por você difícil demais. Nunca senti falta disso, nunca me importei com isso, nunca imaginei que pudesse vir a ter necessidade disso, até que você entrou na minha vida, até que despertou esse lado da minha natureza, esse lado da minha psicologia. Olhe, meu precioso, você deu vida a uma força que não sabe como manejar, como enfrentar, daí os conflitos, daí a falta de harmonia e paz.” (GOLDMAN *apud* LOBO. Op. cit., pp. 51-2).

INTRODUÇÃO

não estariam os filhos melhores protegidos na interioridade do lar sob os parâmetros da instituição casamento, no seio estruturado da família. Nesse ponto, a crítica de Goldman não poderia ser mais implacável, já que, para ela, o casamento não teria feito nada além de “desonrar, ultrajar e corromper essa realização”. É verdade que, diferentemente do seu tempo, os filhos nascidos fora do casamento já não são, em geral, coroados com o epíteto de “Bastardo”; como também é verdade que, diferentemente do seu tempo em que o controle de natalidade era uma espécie de tabu, hoje gozamos não só de informações, como do acesso a muitos dos métodos contraceptivos gratuitamente, além de uma liberdade sexual incomparavelmente maior. Não obstante, parece também ser verdade que apesar da extrema relevância dessas conquistas, a “maternidade livre”, pela qual advogou sob o pretexto da sua liberdade individual e a daqueles quem amava, não está por isso mais próxima seja dentro ou fora do casamento tradicional — ao menos não na maioria dos casos. Conforme sentença do modo cru e direto que lhe é característico, no seu “A nova mulher”: “A beleza da maternidade, sobre a qual os poetas cantaram e escreveram, é uma farsa, e não pode ocorrer enquanto não tivermos liberdade — econômica”.

É interessante observar nos textos que se seguem que, embora de modo não sistemático, Goldman analisa as diferentes condições econômicas e sociais em que uma mulher se torna mãe. Para o caso das mães casadas que, além do trabalho doméstico, exerciam o trabalho remunerado fora do lar ou das chamadas “mães solteiras” que tinham de prover sozinhas os seus rebentos, a situação de exploração, tal qual descreve, não poderia ser considerada mais amena. Em “Casamento e amor”, ela se remete a estatísticas que então demonstravam que 10% das trabalhadoras assalariadas de Nova York eram casadas, para, com isso, denunciar a dupla exploração à qual essas mulheres estavam submetidas, já que assomado ao trabalho do ambiente doméstico, teriam “de continuar trabalhando na condição de mão-de-obra pior paga do mundo”. Já ao tratar do caso das “mães solteiras” que, segundo

“Os aspectos sociais do controle de natalidade”, estariam a lotar as “lojas, fábricas e indústrias”, numa palavra, “todos os lugares, não por escolha, mas por necessidade econômica”, apesar de serem continuamente ignoradas pelos moralistas no seu louvor à maternidade; Goldman se concentra na denúncia do aborto clandestino. Num contexto em que meras informações sobre o controle de natalidade eram expressamente proibidas por lei, às mulheres que mantivessem uma vida sexual minimamente ativa fora da instituição casamento — o que tornava absolutamente impossível o sustento de uma prole numerosa —, o aborto clandestino, via de regra, se apresentava, em face de uma gravidez acidental, como a única alternativa minimamente viável. Em “A hipocrisia do puritanismo”, ela chama atenção para as estatísticas concernentes ao aborto nos Estados Unidos de então, que demonstrariam a proporção de 17 abortos a cada 100 gestações — uma proporção que apesar de gritante deixava transparecer apenas a ponta do iceberg do problema, dado que somente os casos mais drásticos vinham à tona, quando o aborto mal feito conduzia ao óbito ou a problemas de saúde demasiado graves para serem ignorados. Não é preciso dizer que esse tipo de consideração permanece extremamente atual, se não no que diz respeito especificamente aos Estados Unidos, onde o aborto é na atualidade legalizado, certamente ao mundo como um todo. Segundo dados da Organização Mundial de Saúde, por exemplo, dos 55 milhões de abortos induzidos ocorridos no mundo entre os anos de 2010 a 2014, pelo menos 45% foram realizados em condições precárias. O que remete, mais uma vez, à triste obviedade declarada em “Os aspectos sociais do controle de natalidade”: “Em segredo e com pressa, milhares de mulheres são sacrificadas por causa de abortos realizados por médicos charlatões e parteiras ignorantes. No entanto, os poetas e os políticos louvam a maternidade. Não houve crime maior contra a mulher do que esse”.

No que diz respeito às mães com melhores salários, isto é, à minoria das mulheres que havia tido acesso ao raro privilégio de escolher a profissão e o ofício, de modo a ter o sustento garan-

INTRODUÇÃO

tido via o exercício das suas faculdades superiores, Goldman traz à luz a dificuldade de conciliar uma carreira profissional bem-sucedida e a maternidade, drama mais atual do que nunca, não obstante na sua época os mecanismos de opressão para essa situação específica fossem ainda mais claros e brutais. Vide, nesse sentido, o caso mencionado também em “Os aspectos sociais do controle de natalidade”. Segundo coloca, o Conselho de Educação havia então recentemente aventado a proposta de proibir professoras que se tornassem mães de continuar com seu trabalho de magistério. Goldman chama atenção para o fato de que independentemente de tal “proposta” ter sido dissuadida pela repercussão negativa na opinião pública, uma trabalhadora intelectual ao se tornar mãe “perde, ano após ano”, fatalmente, “a sua posição” — fatalidade também hoje mais atual do que nunca e, paradoxalmente, sobretudo presente nos mais altos círculos intelectuais e científicos, nos quais a emancipação de tais mecanismos de opressão e de perpetuação da desigualdade entre os “sexos” deveria, por princípio, ter sido mais completa.

Por outro lado, segundo o seu diagnóstico cruel em “O sufrágio feminino” — este, sim, talvez ultrapassado —, para Goldman, em geral, faltaria às mulheres a “força necessária para competir com o homem”; certamente, não devido à sua natureza, mas ao próprio “treinamento” recebido pelo seu “sexo” ao longo das eras. Ao considerar a mulher intelectual e economicamente emancipada, a anarquista postula estarmos diante de uma pessoa “frequentemente forçada a exaurir toda a sua energia, a esgotar toda a sua vitalidade e sobrecarregar cada um de seus nervos de modo a atingir o valor de mercado”. Não obstante, e o que também é uma platitude hoje em dia, pouquíssimas mulheres são, conforme escreve, bem-sucedidas nessa “empreitada”, “pois é um fato que professoras, médicas, advogadas, arquitetas e engenheiras não são tratadas com a mesma confiança que os seus colegas homens, como tampouco recebem a mesma remuneração”. Daí que a tão aclamada emancipação feminina, conforme denuncia em “A tragédia da mulher emancipada”, tenha, na prática, visto

no “amor” e na “alegria da maternidade” empecilhos à sua realização, o que terminou por transformar a mulher emancipada ideal numa espécie de “profissional autômata”, que “sente profundamente a ausência da essência da vida”. Esta é a nova tragédia da mulher, atualizada pelos novos tempos. Assim, se fosse o caso de estabelecer uma competição de desgraça ante as “opções” então cabíveis a uma mulher respeitável, a coisa não se resolveria de modo tão fácil. Pois, de um lado, na maioria dos textos que se seguem, há a sugestão de que a mãe, quando exclusivamente posta sob o pedestal de “rainha do lar”, é a mais escravizada, já que tal posição implica, como se por necessidade, estar apartada dos assuntos do mundo, quando deveria ser uma igual ao homem perante os assuntos do mundo — *deveria* ser uma igual, porque é isso “o que ela de fato é na realidade”; em “A tragédia da mulher emancipada”, porém, Goldman irá rememorar uma observação sua acerca da maior compatibilidade “entre a mãe à moda antiga, a dona de casa, sempre atenta à felicidade dos seus filhos e ao conforto daqueles que ama, e a mulher verdadeiramente nova, do que entre esta última e a sua irmã emancipada com a qual nos deparamos comumente”. Tal declaração é inextrinsecamente polêmica, posto que contrapõe a “nova mulher” — tema que lhe foi caro em certo período da juventude (como o texto “A nova mulher” aqui presente atesta) — às feministas, mulheres emancipadas do seu tempo. Como não poderia ser diferente, essa comparação lhe valeu, como ela mesma relata, também em “A tragédia da mulher emancipada”, a condenação “à condição de pagã, apta ao empalhamento” pelas “discípulas dessa emancipação pura e simples”. Isso porque, segundo se defende:

O fervor cego delas não permitiu que elas vissem que a minha comparação entre o antigo e o novo foi meramente para provar que boa parte das nossas avós tinham mais sangue nas veias, muito mais humor e sagacidade, e certamente uma naturalidade, amabilidade e simplicidade muito maiores do que a mulher profissional em emancipação que preenche as universidades, salas de estudo e escritórios vários. Isso não significa que eu queira retornar ao passado, como tampouco condenar

INTRODUÇÃO

a mulher de volta aos seus domínios do passado, limitados à cozinha e ao berçário.

O aspecto central ressaltado através das suas múltiplas análises é que fosse qual fosse a condição da mãe em questão, o resultado era quase sempre o mesmo: logo se encontrava “incapacitada de cuidar dos filhos até mesmo no sentido mais elementar”. Segundo declara em algumas passagens dos textos a seguir, poucas mães sabem efetivamente como cuidar dos seus filhos. Via de regra, a educação dada pela mãe aos seus rebentos é moldada através da imitação da educação recebida da sua própria mãe; e “uma mãe assim educada”, escreve justamente em “A nova mulher”, “não pode ter qualquer ideia do verdadeiro conhecimento sobre como educar os filhos, isto é, sobre a profissão de educar os filhos e, desse modo, sob este sistema, ela nunca educa [...] como deveria”. Ora, é de se pressupor aqui certa contradição com a declaração que viria a fazer futuramente, mencionada no parágrafo acima, de que a mãe à moda antiga estaria mais próxima da nova mulher do que a mulher emancipada que então se encontrava no seu tempo. A questão talvez se resolva ao considerarmos que, para Goldman, as feministas, semelhante às religiosamente devotas mães à moda antiga, também eram adoradoras de fetiches, também eram escravas de deuses (ainda que secularizados), não obstante diferentemente das primeiras haviam relegado a capacidade de amar e se doar ao segundo ou terceiro plano de suas vidas e, com isso, perdido, paulatinamente, a força e a coragem que o amor, a entrega e a doação de si exigem para que possam ser e vir a ser continuamente. Independentemente, porém, de a amável mãe à moda antiga estar ou não estar mais próxima da nova mulher, a sua condição de escrava do marido e dos filhos tornava-lhe também irremediavelmente inapta à “profissão de educar filhos”, posto que, para a anarquista, e o que não é difícil concordar, a condição de escrava é “incompatível com ser uma boa mãe”. Uma vez que a repressão sexual, social e econômica não só moldou a instituição casamento, como também compõe

a sua própria substância —, nada mais lógico que ao invés de proteger as crianças, em geral, as vulnerabilizasse. Não é uma novidade para ninguém que, em parte considerável dos casos, as crianças originadas no interior dessa instituição vêm ao mundo “em meio ao ódio e brigas domésticas” (“O que há na anarquia para as mulheres?”).

Entre os anos de 1914 a 1916, a anarquista desempenhou papel de grande destaque no Movimento de controle de natalidade nos Estados Unidos, o que lhe possibilitou, por conta do apelo exercido pela temática — de audiência incomparavelmente maior do que a suscitada pela pauta anarquista —, exercitar técnicas de desobediência civil com o objetivo de derrubar a lei considerada injusta. Na presente coletânea, estão dispostos os dois textos sobre o Movimento de controle de natalidade publicados por Goldman, nos quais deixa clara a importância da ação direta nesse caso específico, que segundo ela teve como efeito não só educar as massas sobre a importância da pauta, como inclusive juízes. Em “Novamente o movimento do controle de natalidade” — publicado apenas seis meses depois de “Os aspectos sociais do controle de natalidade, em novembro de 1916 —, Goldman relata a história, então recente, de um juiz que havia se posicionado, em pleno julgamento, de modo favorável ao controle de natalidade, ao se deparar com o caso de uma mãe levada ao tribunal, pela segunda vez, sob a acusação de roubar comida para a sua prole miserável que não parava de crescer. “Com certeza, valeu a pena ir para a prisão já que, com isso, foi possível ensinar a um juiz a importância do controle de natalidade para as massas” — escreve no referido texto. A técnica de ação direta não-violenta aí utilizada não poderia ser mais simples: consistia tão somente em estar disposto a ir para a cadeia ao se posicionar publicamente contra uma lei já compreendida por boa parte da opinião pública como injusta e opressiva. Conforme mencionado anteriormente, na primeira metade do século xx, a mera circulação de informação sobre métodos contraceptivos era legalmente proibida nos Estados Unidos. O movimento de controle

INTRODUÇÃO

de natalidade ao concentrar as suas atividades na distribuição gratuita de informações à população através de panfletos e comícios, implicava de modo necessário, dada a força mesma da lei, num sem-número de prisões e detenções dos seus militantes e “simpatizantes”. Só no que diz respeito a Goldman é praticamente impossível fazer as contas do número das suas detenções e prisões nos quase três anos em que esteve à frente do movimento. E a ideia era justamente essa: demonstrar a obsolescência da lei através de uma série de prisões sem o menor sentido. Nos dois textos aqui presentes — que, podem inclusive ser considerados documentos históricos, Goldman denuncia o Departamento de polícia de Nova York por plantar provas e dar falsos testemunhos contra os ativistas do controle de natalidade, um tipo de “prática” que, de todo modo, não era, segundo ela, “uma novidade no nosso Departamento de Polícia”. De outro lado, há quem defenda que a dedicação obstinada de Goldman ao Movimento de Controle de Natalidade — que pelo menos ao longo do tempo em que ocupou o foco central da sua militância — foi sobretudo uma estratégia de ganhar audiência para as ideias anarquistas e para os métodos de ação direta, dado que passado o período em que desempenhou papel central, distanciou-se completamente do movimento, sem quaisquer explicações. Fosse um meio ou fim em si mesmo, é inegável que a pauta do movimento de controle de natalidade se coadunava, em muitos aspectos, com as suas concepções anarquistas, e também, talvez não seja um erro dizer, com a sua própria vida, uma vez que abriu mão, apesar do desejo reiterado de mais de um dos companheiros que teve ao longo da vida, de ser ela mesma mãe.

Ao condenar e reduzir a mulher à função de “incubadora” de crianças, a instituição casamento rendeu-lhe ainda, como um efeito colateral praticamente necessário, uma saúde arruinada, sobretudo no que diz respeito ao seu sistema reprodutivo: “Ademais”, escreve em “Os aspectos sociais do controle de natalidade”, “é consenso entre os médicos mais sérios que a reprodução constante da parte das mulheres resulta no que em termos leigos é

chamado ‘problemas femininos’’. Na sua defesa do controle de natalidade, Goldman inicia chamando a atenção para as constatações científicas e pesquisas sobre a temática e o direito das mulheres de terem acesso a essas informações e pesquisas que diziam respeito diretamente às suas próprias vidas, aos abusos sofridos contra os seus corpos. Ela reproduz, por exemplo, a informação simples — embora, na época, inacessível a boa parte das mulheres —, de que para uma reabilitação fisiológica completa seriam necessários intervalos de três a cinco anos entre as gestações; reabilitação, inclusive, que teria efeito na sua disposição física e psicológica para “cuidar melhor das crianças já existentes”. Também em “Os aspectos sociais do controle de natalidade”, ela toca na questão ainda hoje polêmica, ainda hoje tabu — sobretudo em países com problemas sérios de desigualdade social e, por consequência, de alimentação, saneamento básico etc. —, sobre até que ponto a gestação por parte de mulheres subnutridas e doentes daria origem a crianças com deficiências físicas e/ou mentais. Um “organismo sobrecarregado e subnutrido não pode reproduzir prole saudável” — postula, sem titubear, em “Os aspectos sociais do controle de natalidade”. Se tal questão é *ainda* polêmica, ela não o é por ter sido descreditada pela ciência, mas porque encará-la implica admitir a urgência de políticas públicas que garantam, ao menos, a segurança alimentar das gestantes pobres. No que diz respeito ao Brasil, por exemplo, recentemente, em 2004, a fortificação obrigatória das farinhas de trigo e milho com ácido fólico, garantiu uma redução significativa nas estatísticas de certos defeitos congênitos em recém-nascidos e anemia graves nas suas mães gestantes, muito embora diversas pesquisas também apontem que no que diz respeito às camadas mais pobres, a medida não foi suficiente para liquidar esse problema tão grave e tão visceralmente injusto.

“Mas por qual razão a mulher exaure o seu organismo numa gravidez perpétua?” — faz a pergunta que, por sua vez, remete ao cerne da sua concepção, dado que a sua resposta é: porque a instituição casamento está à serviço da opressão econômica e so-

INTRODUÇÃO

cial. Certamente, naquele tempo, o capitalismo e o militarismo — militarismo sem o qual, diz Goldman, o capitalismo não pode se realizar — necessitavam de uma “raça numerosa”, de uma massa excedente, o que os economistas chamavam de “margem de trabalho”: “sob nenhuma circunstância”, escreve ainda em “Os aspectos sociais do controle de natalidade”, “deve a margem de trabalho ser diminuída, caso contrário a sagrada instituição conhecida como civilização capitalista será prejudicada”. Por detrás da neblina lançada pela idealização, moralização e santificação da maternidade, o destino da mulher — dito mais uma vez de modo cru — teria sido o de ser coagida a participar “do crime de trazer ao mundo crianças infelizes apenas para serem moídas e transformadas em pó pelas rodas do capitalismo e dilaceradas em pedaços nas trincheiras e campos de batalha.”. E muito embora, escreve num parágrafo comovente do texto supracitado, a mulher tenha cumprido “o seu dever mil vezes maior do que o de qualquer soldado em campo de batalha” — que é o dever de dar a vida ao invés de tirá-la —; diferentemente dos chamados defensores da pátria, com suas hierarquias e patentes, ela nunca recebeu, para além dos louvores compostos de palavras ocas, qualquer retribuição financeira ou reconhecimento social pela tarefa em nome da qual teria sido sacrificada, individualmente, ao longo de toda sua vida, e coletivamente, ao longo das eras.

É mesmo surpreendente que os problemas levantados por Goldman na pauta do controle de natalidade pareçam ainda terrivelmente atuais. Pois a “prole”, conforme constatou, continua a dificultar que os pais adentrem organizações se não revolucionárias, pelo menos, civis ou trabalhistas, que tenham tempo, disposição física e coragem de, por exemplo, lutar ativamente por direitos, participar de greves, arriscar empregos e, em casos extremos, a vida. Um impedimento que parece ainda mais dramático no contexto atual, posto que o abandono da luta coletiva contra a opressão política e econômica no que diz respeito às pesadas responsabilidades e demandas que envolvem a criação dos filhos, já não precisa sequer contar com uma prole nume-

rosa. Por outro lado, e o que é ainda mais grave, o capitalismo especulativo, com sua economia cada vez mais automatizada, necessita, cada vez menos, das massas ou, segundo a terminologia da autora, da “raça numerosa” para fazer girar as suas rodas e as do militarismo. Em outras palavras, na nossa atualidade, em que o excesso populacional atingiu limites inauditos, em que a automatização *hi-tec* seja do capitalismo ou do militarismo parece já não ter limites, a massa como margem de trabalho se torna cada vez mais dispensável. Nesse sentido, é inevitável suspeitar, ao ler as considerações aqui dispostas sobre o movimento do controle de natalidade, que há na pauta que ela estabelece aspectos urgentes ainda hoje — sobretudo em países periféricos como o nosso. Não é por não querer assumir responsabilidades ou por não ter a capacidade de amar os vindouros filhos, como então acusavam os moralistas, que a mulher moderna deve buscar evitar a gravidez — o que não raro a leva a recorrer ao mais drástico dos métodos, o aborto. Antes, seria o caso de afirmar o contrário. “Com a guerra econômica a destruir todo o entorno, com os conflitos, a miséria, o crime, as doenças e a insanidade postas bem diante dos seus olhos, com inúmeras crianças pequenas trituradas e destruídas”, questiona dolorosamente em “Vítimas da moralidade”, “como poderia uma mulher autoconsciente e consciente da própria humanidade vir a se tornar mãe?” É por possuir um senso de responsabilidade e humanidade, completamente diferente do das suas avós que a mulher moderna se vê obrigada a impor sobre si mesma a renúncia à glória da maternidade. Somente assim não terá “de dar à luz numa atmosfera em que se respira apenas destruição e morte”. Vide nesse sentido, a comovente conclusão de “Vítimas da moralidade”:

Através da sua consciência renascida como unidade, como personalidade, como construtora da raça humana, ela [a mulher] se tornará mãe apenas se desejar o filho e se puder dar à criança, mesmo antes de seu nascimento, tudo o que sua natureza intelecto sejam capazes de alcançar: harmonia, saúde, conforto, beleza e, acima de tudo, com-

INTRODUÇÃO

preensão, reverência e amor, que é o único solo verdadeiramente fértil para uma nova vida, para um novo ser.

Antes de adentrar os escritos a seguir, é importante ter em mente que a análise da questão do “sexo” tal qual desenvolvida por Goldman, é volta e meia, dura e irônica para com as próprias mulheres e, o que é pior, especialmente, para com as feministas. Em “O sufrágio feminino”, título que indica a principal pauta do movimento feminista da época, a anarquista chega ao paroxismo de concordar com a misoginia de Nietzsche, ao escrever logo na primeira página: “A máxima memorável de Nietzsche, ‘Quando você encontrar uma mulher, leve o chicote’, é considerada muito brutal e, no entanto, Nietzsche expressou numa frase a atitude da mulher para com os seus deuses.” Antes de correremos o risco de, no susto, condená-la à condição de herege da causa da mulher, como, conforme mencionado acima, fizeram muitas feministas do seu tempo, tentemos compreender o motivo da sua irritação e, conseqüente, virulência. Goldman parece se valer de Nietzsche para fazer atentar que a mulher, independentemente do homem, já traz consigo o seu próprio chicote para chicotear-se em submissão voluntária ante os “deuses” que, podem se apresentar sob “diferentes formas e substâncias”, no caso do seu tempo, sob a nova roupagem do sufrágio feminino. Dito mais precisamente, Goldman compreende a subordinação à igreja, à guerra, à família, ao lar, ao Estado e, naquele momento, à causa do sufrágio, como prostração ante o mesmo deus da opressão nas suas diferentes facetas. Ela é extremamente dura com as mulheres, ao atribuir-lhes um fanatismo ainda maior do que o dos homens; e isso a ponto de afirmar que “a religião já teria deixado de ser um fator relevante na vida das pessoas, não fosse pelo apoio que recebe da mulher”. Dito resumidamente, a mulher, segundo Emma Goldman, terminou por se tornar, de um modo geral, uma “adoraadora de fetiches” e, portanto, sem necessitar da intervenção direta dos homens, oferece, de bom grado, a si mesma em sacrifício para o benefício das “divindades” que a condenam à “vida

de um ser inferior”. Mesmo que “os seus ídolos possam mudar”, escreve a nietzschianamente impiedosa, a mulher “está sempre de joelhos, sempre levantando as mãos, sempre cega para o fato de que seu deus tem pés de barro”.

A crítica de Goldman às sufragistas se confunde com luta de classe: de modo mais ou menos direto, ela denuncia o elitismo ralé que caracterizava o espírito dessas “revolucionárias”. Em especial no que diz respeito às sufragistas estadunidenses, Goldman nos oferece o retrato de uma típica mulher branca da classe média cuja autoproclamada emancipação, de tão medíocre, só tornava mais lamentável a sua condição de submissa. Nos dois textos aqui dispostos sobre a temática, tal retrato é expresso de diferentes maneiras. Primeiro, na condenação aberta à estreiteza intelectual revelada no otimismo das sufragistas, para quem o sufrágio feminino abria, ironiza, as portas de toda “vida, felicidade, alegria, liberdade, independência.” De acordo com o seu diagnóstico, o problema é que a “devoção cega” ao sufrágio impediu que as autodeclaradas “emancipadas” enxergassem a obviedade de que o direito ao voto “é apenas um meio de fortalecer a onipotência dos mesmos deuses” a quem servem “desde os tempos imemoriais”.

Através de relatos da experiência de diferentes países e Estados norte-americanos em que o sufrágio feminino (ou mesmo a atuação direta da mulher na política) já havia sido legalizado, Goldman traz à luz a sua irrelevância no que diz respeito à melhoria das condições de vida da classe trabalhadora; inclusive, em alguns casos, como o da Austrália — país então apontado, em conjunto com a Nova Zelândia, como a “Meca do sufrágio igualitário” —, o contrário é que teria acontecido. Pois na Austrália, informa-nos, *apesar* do sufrágio igualitário, foram aprovadas leis trabalhistas mais rigorosas em detrimento dos trabalhadores, a ponto de greves não aprovadas por algum “comitê arbitrário” passarem a ser enquadradas como um “crime do mesmo porte que o de traição”. O caso do sufrágio feminino então recém-instaurado no Colorado é também bastante significativo. Se-

INTRODUÇÃO

gundo relata, o governador Davis Waite, que teria justamente facilitado a promulgação do sufrágio feminino durante o seu governo, foi derrotado por um candidato reacionário na eleição seguinte — derrota que contou, portanto, com boa parte dos votos das mesmas mulheres que ele havia contribuído na “emancipação”. Ela também faz questão de frisar que alianças políticas entre as feministas sufragistas e as mulheres da classe trabalhadora, quando havia, eram exceção. Em realidade, o direito ao voto pelo qual militavam tanto as expoentes das sufragistas inglesas, quanto das norte-americanas não abrangia todas as classes. A luta das “emancipadas”, nesse caso, era pelo direito ao voto das mulheres proprietárias — e, portanto, em geral, brancas, casadas e/ou herdeiras. Na condição de “mulheres inteligentes e liberais”, contesta também em “O sufrágio feminino”, elas já deveriam ter percebido “que se o voto é uma arma, os deserdados precisam dele mais do que a classe econômica superior, e que esta classe já desfruta de bastante poder em virtude da sua superioridade econômica mesma.” Diferentemente das heroínas russas cuja linhagem Goldman reivindicava como sua, as sufragistas inglesas e norte-americanas, herdeiras das puritanas, não teriam o mínimo comprometimento com a verdadeira igualdade: “Quão pouco significa a igualdade para elas em comparação com as mulheres russas que passam pelo inferno em nome do seu ideal!” Pertencente ao que há de mais valioso na tradição revolucionária, Goldman sabia muito bem, o que não poucos de nós, habitantes dos tristes trópicos, estamos descobrindo só agora, cem anos depois, em face do supostamente disruptivo esfacelamento da democracia nessa nossa estranha entrada na década de vinte do século XXI: que “todo milímetro a mais de direitos só foi conquistado através de lutas constantes, uma luta interminável por autoafirmação e jamais pelo sufrágio.”

Em “O camaleônico sufrágio feminino”, escrito no contexto da Primeira Grande Guerra, a denúncia às sufragistas vai além. O mal-estar não poderia ser maior. Segundo denuncia, as sufragistas inglesas, imitadas, logo em seguida, pelas estadunidenses,

ses, teriam oferecido como moeda de troca do direito ao voto (e dos cargos), o apoio até então insuspeito à entrada dos seus respectivos países na guerra — apoio insuspeito porque a causa sufragista havia desde sempre caminhado lado a lado a movimentos pacifistas. A coisa fica ainda mais grave, quando, no que diz respeito às sufragistas estadunidenses, Goldman sugere, sem grandes preâmbulos, que elas estariam se valendo dos seus atributos sexuais, desta vez, deliberadamente, para o incremento do seu recentíssimo ativismo patriótico cujo fito então urgente era o de promover o alistamento; o que, no mínimo, implicava a contradição de reduzir-se à condição de mercadoria sexual para, com isso, garantir os seus direitos cívicos — contradição que numa versão mais grotesca seja talvez atualmente ilustrada pelas patriotas norte-americanas excessivamente malhadas e maquiadas a exibir os seus fuzis em nome da pátria e da família. Seja como for, provoca Goldman, pela via do argumento, a mulher reduzida, ao longo das eras, à condição de mercadoria sexual, já havia tido provas e mais provas de que não poderia convencer os homens — ao menos a maioria deles —, de absolutamente nada: “Não, não foi nenhum argumento, razão ou humanitarismo que o partido sufragista prometeu ao governo; e sim, o poder da atração sexual, o apelo vulgar, persuasivo e envolvente da mulher liberada a serviço da glória do seu país”.

Justa ou injustamente, a avaliação de Goldman do movimento sufragista coloca o seu leitor ante um quadro de oligofrênica confusão entre moralidade, reacionarismo, política e desejo de vanguarda; como se a mulher, nesse momento inicial, tivesse confundido as limitações a que foi submetida ao longo das eras com o ideal mesmo de poder político; ou nas palavras irônicas da anarquista: como se acreditasse que com a política fosse acontecer o mesmo que com ela: que bastaria “afagar a besta para que ela se tornasse tão gentil quanto um cordeiro doce e puro”. Obviamente, a sua oposição à causa do sufrágio feminino, como trata de deixar claro, não estava em nada relacionada à compreensão cretina de que a mulher não tem capacidade psicológica ou inte-

INTRODUÇÃO

lectual para a façanha do “voto consciente”. A oposição é, aqui, muito mais radical. O que a ela combate em ambos os textos, e de modo central, é a substância mesma que, então, animava a causa das feministas sufragistas: a “concepção absurda”, “de que a mulher será bem-sucedida naquilo em que o homem falhou”. Goldman desprezava absolutamente a, então, bandeira das sufragistas de que a mulher seria algo como que dotada do poder “purificar” a política; para ela uma tal bandeira não passava de uma confirmação flagrante de que a feminista emancipada sufragista de ocasião continuava a se colocar no mesmo pedestal de mártir das deidades — o pedestal contra o qual o seu feminismo supostamente estaria a se opor. Eis o truísmo: se a mulher é um ser humano, ela está “sujeita a todas as loucuras e erros humanos”. E, nesse ponto, a perspicácia de Goldman não poderia ser mais afiada: “Presumir que a mulher triunfará em purificar algo que não é passível de purificação, é creditar-lhe poderes sobrenaturais. Uma vez que a tragédia da mulher tem sido a de ser olhada como ou um anjo ou um demônio, a sua verdadeira salvação reside em ser colocada sobre a terra” (“O sufrágio feminino”).

Aí não há nada ultrapassado. Certamente, seria um exercício proveitoso imaginar o que a anarquista pensaria das nossas pautas político-eleitorais feministas de agora, que ante a escalada de um autoritarismo armado até os dentes, propõe como alternativa de luta mais louvável que se vote na candidatura de mulheres — candidaturas, é justo dizer, hoje não raro, de mulheres oriundas das classes trabalhadoras. Anos depois ao assumir uma postura menos bélica contra as feministas, a própria Goldman admitiu o inevitável: que a luta do feminismo não foi em vão — vide, nesse sentido, o artigo da presente coletânea que leva esse nome. De todo modo, é quase necessário que, após a leitura dos textos aqui dispostos, salte aos olhos que a pauta feminista eleitoral do momento consiste, em alguma medida, numa releitura da mesma “concepção absurda” que Goldman identificou nas sufragistas; que, misturando e atualizando vocabulários, poderia ser sintetizada algo assim: sob a pauta feminista brasileira

eleitoral do momento subjaz a compreensão de que um número maior de mulheres em cargos políticos será capaz de algo como “purificar” a política da “falocracia”. Ocupação de mulheres em cargos públicos que, é inevitável ponderar, encontra a sua legitimidade inquestionável no próprio valor da representatividade e pluralidade tão caras à democracia e, quiçá, ainda que num registro outro, também ao anarquismo. Em se optando, porém, por fazer o exercício de imaginar o que a “Suma Sacerdotisa do Anarquismo” pensaria da nossa *avant-garde* “antifalocrata”, talvez concluíssemos ser mesmo o caso de considerar o exemplo, por ela, repetidamente, trazido à memória, das heroínas revolucionárias do “mais sombrio de todos os países, dado o seu despotismo absoluto, a Rússia”. Ou ainda, o exemplo da lendária anarquista Louise Michel que lutou nas barricadas da Comuna de Paris, lutou ao longo de toda a sua vida, e a quem Goldman — que não só conhecia, como amava —, dedicou um dos mais comoventes escritos dispostos na presente coletânea. Louise Michel que possuía uma verve revolucionária tão completa, a ponto de ter sido reivindicada pelos ativistas pioneiros dos direitos dos homossexuais como membro póstumo da sua comunidade; sob o argumento de que as características que compunham a sua personalidade extraordinária seriam incompatíveis com as qualidades típicas a uma mulher e, portanto, prova suficiente da sua condição de “uraniana” — termo utilizado nos Estados Unidos da época para indicar uma mulher em corpo de homem e vice-versa. O texto “Louise Michel, uma refutação”, aqui traduzido, consiste numa carta aberta em resposta a essa tese defendida por Karl von Levetzow no seu ensaio sobre Louise Michel, publicado logo após sua morte, em 1905. Embora Goldman demonstre grande respeito por esse intelectual e escritor, ela se vê na obrigação de se opor à sua concepção antiquada e opressiva da mulher, do que seria supostamente compatível ou não com o conceito de “feminilidade” naturalizado na mulher, via mecanismos de tortura mais ou menos sofisticados.

INTRODUÇÃO

Que Louise Michel não fosse, segundo Goldman, uma urâniana, é nesse sentido um detalhe. O ponto é que tanto nessa carta aberta, quanto no ensaio sobre Mary Wollstonecraft, e no texto acusatório contra o tratamento dispensado pelo regime soviético às heroínas russas, deparamo-nos com a compreensão de que as mulheres se tornam politicamente iguais aos homens, não através do voto, mas sim do seu maravilhoso heroísmo, da sua coragem, capacidade, força de vontade e perseverança na luta pela liberdade. Conforme postula taxativamente no seu belicossíssimo “O camaleônico sufrágio feminino”: “Não há esperança que a mulher, com o seu direito de votar” — e, aqui, poderíamos, acrescentar, como tampouco com o seu direito de se candidatar e se eleger de modo proporcional aos homens —, “possa em algum momento purificar a política”. Afinal, continua do modo preciso, curto e brutal que lhe é característico:

A corrupção política não tem nada a ver com a moralidade ou com a frouxidão moral das várias personalidades da política. Sua causa é totalmente material. A política é o reflexo do mundo empresarial e industrial, cujos lemas são: “Tomar é melhor do que dar”; “compre barato e venda caro”; “uma mão suja lava a outra”.

Para que haja a Nova Mulher é preciso haver também o “Novo Homem”. E daí que “um dos grandes erros da nova mulher ideal” seja “o de imitar o homem” (“A nova mulher”). Imitação sob a qual subjaz a concepção de que o homem já é, inclusive, superior à nova mulher, posto que a ascensão da mulher à condição de “nova” dependeria de, via a imitação, tornar-se igual ao homem e, portanto, “tornar-se masculina”; isto é, tomar como seus os atributos da “masculinidade” então vigente — masculinidade cuja confusão entre liberdade e opressão no interior das relações mais íntimas é um dos elementos essenciais. Daí aquela polêmica declaração sua de que a mulher verdadeiramente nova está mais próxima da “mãe à moda antiga”, sempre atenta ao conforto e felicidade dos seus, do que da mulher emancipada do seu tempo — e quiçá também do nosso. Conforme identifica em “O sufrágio

feminino”, o “infortúnio da mulher não é o de que ela é incapaz de realizar o trabalho de um homem, mas o de que ela está desperdiçando a sua vitalidade na tentativa de superá-lo”. Numa palavra, é como se as mulheres emancipadas tivessem confundido a emancipação mesma com a condição do homem, de modo que para ser emancipada só lhe coubesse como alternativa ser igual ao homem ou até melhor do que ele. Para Goldman, porém, a ordem dos fatores, nesse caso, altera o produto, posto que o ponto que ela, através da sua crítica, busca o tempo todo fundamentar é o de que somente em liberdade, em todas as coisas, homens e mulheres podem ser iguais. É a liberdade que é o solo da igualdade, e não a imitação e, conseguinte, igualação àquele que, sob a perspectiva da mulher, oprime. Assim, escreve ela em “A tragédia da mulher emancipada”: “Independentemente de todas as linhas que demarcam artificialmente os respectivos direitos dos homens e das mulheres, defendo que há um ponto em que todas essas diferenças podem se encontrar, de modo a se transformar em um todo perfeito”. Para a anarquista é preciso ser universal o suficiente para não transformar os atributos culturalmente consagrados a apenas um dos sexos, no caso o masculino, nos únicos atributos adequados a um ser humano verdadeiramente livre ou em luta pela verdadeira liberdade, como também, por outro lado, é preciso ser universal o suficiente para não culpar um único sexo, no caso também o masculino, por toda a opressão.

Um outro grande erro, aparentemente contraditório ao de imitar o homem, é que a mulher supostamente emancipada ou supostamente em vias de emancipação tenha passado a ver no mesmo homem que imita o seu opositor, algo como o seu arqui-inimigo imemorial — o que teve como efeito tentativas deliberadas e reiteradas de bani-lo da sua vida afetiva. “Naturalmente”, o que ela disse ter sido reconhecido por Mary Wollstonecraft há mais de duzentos anos, já não pode ser, a nós mulheres do século XXI, digno de surpresa: “que o homem tem sido um tirano há tanto tempo que ele se ressentia de qualquer violação do seu domínio”. A questão é que se a luta efetivamente se der em nome da

INTRODUÇÃO

causa da emancipação mesma não é possível abrir mão da convergência entre a liberdade da mulher e a liberdade do homem. Como tampouco é possível, em nome do amor, abrir mão da “verdade” de “que um homem profundo e sensível” não difere “de modo considerável de uma mulher profunda e sensível”; dado que ele “também busca a beleza e o amor, a harmonia e o entendimento.” Na passagem possivelmente mais tocante a toda e qualquer mulher cuja vida consista, em maior ou menor medida, na busca e na luta pela sua liberdade e autorrealização, Goldman, com a naturalidade de uma árvore que produz fruto, oferece o conselho paradoxal da necessidade de a mulher “se emancipar da emancipação, se ela realmente deseja ser livre”. Posto que, conforme nos esclarece mais uma vez: a “emancipação, tal como entendida pela maioria dos seus seguidores e representantes, é muito estreita para deixar espaço para o amor e o êxtase sem limites” (“A tragédia da mulher emancipada”). E uma vez que, para ela, vale repetir, não pode haver emancipação sem amor — posto que o amor constitui a própria substância da liberdade e vice-versa —, não há emancipação no que até aqui foi aclamado como emancipação feminina. Nesse ponto, remetamo-nos novamente à entrevista supracitada, “O que há na anarquia para as mulheres?": “Uma aliança deve ser formada [...] não como a de agora, para dar à mulher um sustento e uma casa, mas, sim, porque o amor existe, e esse estado das coisas só pode ser suscitado com uma revolução interna, em suma, com a anarquia.”

A verdadeira emancipação implica necessariamente e, em primeiro lugar, libertar-se dos “tiranos internos”. Pois a “emancipação meramente externa”, postula em “A tragédia da mulher emancipada”, “fez da mulher moderna um ser artificial, que lembra [...] qualquer coisa, exceto as formas que seriam alcançadas através da expressão de suas qualidades internas”. Para que haja a adequação entre as qualidades internas e a forma exterior — de modo a não se cair num simulacro de liberdade —, a mulher deve, em primeiro lugar, libertar-se na sua própria fonte, o elemento sexual. Ao se concentrar na “independência das tiranias

externas”, sem dar a devida ênfase aos “tiranos internos”, a mulher então considerada emancipada, diz Goldman, deu provas de não ter compreendido “verdadeiramente o significado da emancipação”. “A maior deficiência da emancipação de hoje”, diagnostica, “é a sua rigidez artificial e a sua respeitabilidade estrita, que criam um vazio na alma da mulher que não lhe permite beber na fonte da vida”.

Conforme colocado no início da presente introdução, a consequência da redução da mulher à condição de mercadoria sexual que, por sua vez, tem como causa originária a repressão sexual, não é particular ou accidental, antes, o contrário: reatualizada (ainda que supostamente atenuada) ao longo das eras, passou a dizer respeito ao seu “espírito”. Em diversos dos textos que se seguem, de modo mais ou menos direto, há a sugestão de que essa “impotência” e mutilação na capacidade de satisfação erótica usual à condição feminina — seja na figura da esposa ou da solteirona (no caso da prostituta, devido à variabilidade sexual concernente à profissão, ao menos neste aspecto, estaria em relativa vantagem) —; terminou por dar origem a certa espécie de ressentimento, como se tipicamente feminino, como se uma espécie de efeito colateral necessário à essência da “respeitabilidade” da mulher. “A instituição casamento”, escreve em “Casamento e amor”, “transforma a mulher num parasita, num ser absolutamente dependente. Incapacita-a para a luta pela vida, aniquila a sua consciência social, paralisa a sua imaginação, e depois impõe a sua proteção benevolente, que na realidade é uma armadilha, uma paródia do real caráter humano”. Na medida em que a atividade sexual é algo que diz respeito à personalidade como um todo, em que se constitui como a fonte mesma da criação, alegria, sociabilidade e amor, nada mais natural que ante a “repressão sexual levada a cabo por um longo período de anos”, a consequência fosse como ela mesmo diz, a transformação do “real caráter humano” numa “paródia”. Ou ainda, segundo suas observações no esboço intitulado “O elemento sexual da vida”: “a contenção de um desejo tão instintivo não pode ser bem-sucedida numa

INTRODUÇÃO

pessoa normal sem consequências diretas na sua saúde”; quando não “uma desordem mental completa”, “todo tipo de distúrbio mental e físico” pode vir a resultar da repressão. Daí aos demais animais estarem completamente livres dos distúrbios nervosos que tanto nos dominam, quanto impelem as nossas mais desastrosas ações.

Segundo Emma Goldman, a mulher verdadeiramente emancipada, mais do que uma intelectual ou artista, é uma mulher ardente. A autorrealização jamais poderia dizer respeito exclusivamente à esfera profissional, posto que há a dimensão natural e afetiva que, acima de tudo, constitui a vida no seu sentido mais próprio. Sob a perspectiva oferecida pela anarquista, o conhecimento está subordinado à vida e não o contrário. Como mencionado anteriormente, em inúmeras passagens, encontramos a sugestão de que o desenvolvimento intelectual e artístico simplesmente não pode prescindir da vivência e entrega às paixões e à sensualidade. É verdade que em “O elemento sexual da vida”, uma Goldman já na casa dos sessenta anos irá admitir que o exercício da criatividade, em muitos casos, é suficiente para transfigurar, via a sublimação, o gozo propriamente dito, o ponto culminante da autorrealização passível de ser atingida pelo corpo. “A liberação não-sexual de energia, algumas vezes, é suficiente para compensar as necessidades fundamentais do desejo sexual e, ainda, para transmutá-las em autossatisfação e formas úteis de expressão” — escreve. De todo modo, isso não significa que o instinto criativo deva ser visto como uma espécie de “antídoto” contra o instinto sexual — até porque, segundo ela, trata-se essencialmente da mesma força. Seja como for, boa parte das mulheres exemplares invocadas, rememoradas e homenageadas nas páginas que se seguem, tiveram a sua biografia marcada, segundo o relato de Goldman, pelo desenvolvimento do seu talento criativo — quer nas artes, na militância política, ciências ou humanidades —; mas também pela ânsia eternamente frustrada de realização da sua sensualidade e afetividade nos braços do amor. Ainda hoje, no caso da mulher, a possibilidade de uma au-

torrealização sensível e intelectual, profissional e afetiva, é uma rara possibilidade, quando comparada com a de um homem — que também, de todo modo, é rara. “Quão maior seja o desenvolvimento mental de uma mulher”, postula mais uma vez em “A tragédia da mulher emancipada”, “menor a possibilidade de que ela venha a encontrar um companheiro”. Em outras palavras, a certas mulheres de “mentalidade extraordinária”, aquelas admiradas por Goldman, é tanto impossível ter como companheiro um homem que veja nela nada além de um mero “sexo”, desprovido de personalidade e profundidade; como igualmente é-lhe um companheiro impossível, aquele que para além da sua intelectualidade e do seu gênio, falha em despertar a sua natureza de mulher, o seu desejo sexual. Mary Wollstonecraft, dada a riqueza e idealidade mesma do seu ser, teria encontrado nessa contradição a sua fatalidade: “Vida sem amor para um caráter como o de Mary é inconcebível, e foi a sua busca e ânsia pelo amor que a lançou contra as rochas da inconsistência e do desespero” — escreve, num momento de grande lirismo. E nesse ponto vale lembrar ainda o que escreveu no seu ensaio sobre Louise Michel, ao explicar o porquê de ela escolher viver entre amigas mulheres, apesar de não ser homossexual. Embora a passagem seja longa, vale a pena citá-la na sua integralidade; é sempre uma esperança digna a de que um homem sensível possa finalmente brotar do eterno Adão.

A razão para isso, no caso das mulheres, é que elas encontram uma compreensão mais profunda entre os membros de seu próprio sexo do que com os homens do seu tempo. O problema é que o homem moderno ainda se assemelha demais ao seu antepassado Adão, não diferindo muito, na sua atitude em relação à mulher, de um homem mediano qualquer. Por outro lado, a mulher moderna já não se satisfaz com um homem que seja tão somente seu amante; ela quer compreensão, camaradagem, quer ser tratada como um ser humano, e não como um objeto de gratificação sexual. Uma vez que ela nem sempre pode encontrar isso no homem, ela se volta para suas irmãs. É precisamente porque não há o elemento sexual entre elas que elas podem compreender melhor uma a outra. Em outras palavras, ao invés de se sentir

INTRODUÇÃO

atraída por suas amigas mulheres por conta de tendências homossexuais, Louise se atraía por elas justamente porque era uma mulher e precisava da companhia de mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sob a luz dessa leitura *econômica* da “espiritualidade” supostamente ideal a uma mulher da primeira metade do século xx — a de ser jovem e dócil como um cordeiro pronta para ter abatida a sua personalidade —, é curioso pensar na atualidade com os seus infinitos recursos artificiais e intervenções cirúrgicas que trazem a promessa de uma eterna aparência de juventude assomada a um formato de corpo “sexualmente desejável”; promessas cuja realização é, mesmo hoje, mais urgente aos corpos femininos. A pergunta que se impõe, a partir dessa perspectiva trazida por Goldman, e da qual talvez não seja desejável escapar, é a sobre até que ponto, nós mulheres, superamos e até que ponto nos afoamos ainda mais nessa condição de mercadoria sexual. Mesmo que seja o caso de considerarmos que, atualmente, temos, por suposto, a opção de ser uma mercadoria sexual, por assim dizer, financeiramente emancipada e sexualmente “livre” — a liberdade talvez tenha de estar aí, nesse caso, sempre entre aspas, até porque, segundo um número considerável de pesquisas mais do que atuais, o orgasmo é, em geral, desconhecido para algo em torno de 50% das mulheres. Que haja liberdade sexual que não venha acompanhada de orgasmo é, convenhamos, algo, no mínimo incongruente e, por certo, incompleto e insatisfatório. Embora seja um tanto triste admitir, a pergunta que fica é a sobre até que ponto Mary Wollstonecraft estaria ainda hoje certa, ao enfatizar, segundo o relato de Goldman, que “a própria mulher é um obstáculo ao progresso humano, porque insiste em ser um objeto sexual ao invés de uma personalidade, uma força criativa na vida”.

Também parece ser uma herança dessa condição de mera mercadoria sexual que, ainda hoje cause certa estranheza que mulheres “de certa idade” se relacionem com homens mais jovens

ou que mulheres pertencentes a esferas sociais e econômicas mais altas relacionem-se com homens pertencentes a esferas sociais e econômicas mais baixas, o que, especialmente no caso de um país como o nosso, envolve a questão da raça. Talvez não seja exagero dizer que apesar das tantas e tão radicais mudanças ocorridas, nas últimas décadas, no campo da moral sexual e da compreensão da questão do “gênero”, é como se o amor ainda não se encaixasse muito bem nas relações entre homens mais jovens, menos ricos e escolarizados e mulheres mais velhas, mais ricas e escolarizadas; muito embora, o mesmo não possa ser dito, no caso oposto — a relação erótica entre professores universitários e suas alunas, por exemplo, praticamente uma instituição (silenciosa) erigida nos bastidores das instituições de ensino superior, parece ser prova disso. Por maiores e mais radicais que tenham sido as desconstruções e novas construções de gênero, a mulher continua a ser o sexo associado a alguma espécie de amor universal e incondicional que é, por sua vez, um desdobramento afetivo da sua condição de mercadoria sexual — e, portanto, não o amor universal e incondicional mesmo. Afinal, apesar desse amor do qual a mulher seria supostamente o reservatório, ela continua a possuir, ao menos sob o ponto de vista da heteronormatividade (para utilizar aqui um termo a nós contemporâneo), um leque por demais restrito de sujeitos dignos do seu amor presumidamente inato.

E, como disse Nietzsche, citando os Vedas: “Há muitas auroras que não brilharam ainda.”

Anarquia e a questão do sexo¹

O trabalhador, cuja força e músculos são tão admirados pela prole pálida e frágil dos ricos — muito embora o seu trabalho quase não lhe possibilite manter longe da porta de casa o lobo da fome —, casa-se tão somente para ter uma esposa e uma empregada doméstica, a quem deve escravizar da manhã até a noite, de modo que ela faça todos os esforços possíveis para diminuir as despesas. Os seus nervos ficam tão esgotados pelo esforço contínuo de fazer com que o miserável salário do marido possa sustentar a ambos que ela se torna cada mais irritável, a ponto de já não ter mais sucesso em esconder a sua indiferença para com o seu senhor e mestre, e, infelizmente, logo chega à conclusão de que as suas esperanças e planos foram por água abaixo. Assim, começa a pensar que o casamento é um fracasso.

AS CORRENTES FICAM CADA VEZ MAIS PESADAS

Como as despesas aumentam ao invés de diminuir, a esposa, ao perder completamente a pouca força que tinha com o casamento, sente-se também traída, e a preocupação constante e o pavor da fome consomem a sua beleza pouco tempo depois do casamento. Ela se sente cada vez mais desanimada, passa a negligenciar as suas tarefas domésticas, e como não há laços de amor e simpatia entre ela e seu marido, de modo a dar-lhes forças para encarar a miséria e a pobreza de suas vidas, ao invés de se apoiarem um no outro, tornam-se cada vez mais estranhos, cada vez mais impacientes com as falhas um do outro.

1. Texto originalmente publicado no jornal anarquista *The Alarm*, da cidade de Chicago (1896).

O homem não pode, como o milionário, ir ao clube, assim, vai para algum bar e tenta afogar a sua miséria em um copo qualquer de cerveja ou uísque. A desafortunada parceira de sua miséria, muito honesta para buscar o esquecimento nos braços de um amante e muito pobre para se permitir alguma recreação ou distração que sejam legítimas, permanece em meio ao cenário desmilinguido e mal-ajambrado que ela chama de lar, lamentando amargamente a loucura que fez dela a esposa de um homem pobre.

E, no entanto, não há caminho que lhes permita separarem-se um do outro.

MAS ELES DEVEM USÁ-LAS

Por maiores que sejam os tormentos causados pelas correntes enroladas nos pescoços dos esposos pela lei e pela Igreja, elas não podem ser quebradas a não ser que aquelas duas pessoas optem por que sejam serradas.

Caso a lei seja misericordiosa o suficiente para restituir-lhes a liberdade, todos os detalhes da vida privada de ambos devem ser trazidos à luz. A mulher é condenada pela opinião pública e toda a sua vida é arruinada. O medo dessa desgraça causa, com frequência, o seu colapso sob o peso esmagador da vida de casada, já que não se atreve a ensejar um único protesto contra o sistema ultrajante que tritura não só a ela, mas muitas das suas irmãs.

Os ricos suportam o casamento para evitar o escândalo — os pobres para o bem de seus filhos e pelo medo da opinião pública. Suas vidas são uma longa prorrogação da hipocrisia e do embuste.

As mulheres que vendem seus favores têm a liberdade de deixar o homem que as compra a qualquer momento, ao passo que “a respeitável esposa” não pode libertar-se de uma união que a degrada.

A QUESTÃO DO SEXO

Todas as uniões não naturais, não santificadas pelo amor, são prostituição, quer sejam ou não sancionadas pela Igreja e pelo Estado. Tais uniões não podem ter outra consequência que não seja a de degradar tanto a moral, quanto a saúde da sociedade.

O SISTEMA É CULPADO

O sistema que força a mulher a vender a sua feminilidade e independência ao melhor candidato é apenas um ramo do mesmo sistema malévolos que dá a poucos o direito de viver da riqueza produzida por seus companheiros. Noventa e nove por cento dos indivíduos têm de trabalhar e ser escravizados para conseguir manter a alma e o corpo minimamente unidos, já que os frutos do seu trabalho são absorvidos por uns poucos vampiros ociosos cercados de todo o luxo e riqueza que se pode comprar.

Imagine, por um momento, dois cenários do nosso sistema social do século XIX.

Olhe para a casa dos ricos, aqueles palácios magníficos cuja mobília cara colocaria milhares de homens e mulheres necessitados em circunstâncias confortáveis. Olhe para os jantares desses filhos e filhas da riqueza, um único prato alimentaria centenas de famintos para quem uma porção de pão com água é luxo. Olhe para esses adeptos da moda enquanto passam seus dias inventando novos meios de diversão egoísta — teatros, bailes, concertos, iatismo, correndo de uma parte do globo para outra na sua busca louca por alegria e prazer. Depois, então, vire-se, por um momento, e olhe para aqueles que produzem a riqueza que paga por essas diversões excessivas e não naturais.

A OUTRA IMAGEM

Olhe para aqueles reunidos em porões escuros e úmidos, onde nunca se respira ar fresco: vestidos com trapos, carregam os seus fardos de miséria do berço ao túmulo; suas crianças correm pelas

ruas nuas e famintas, sem ter ninguém para ofertar-lhes uma palavra amorosa ou cuidado ternuro, crescem na ignorância e superstição, amaldiçoam o dia do seu nascimento.

Olhe para esse contraste surpreendente, vocês moralistas e filantropos, e me digam quem deve ser culpado por isso! Aquelas que são levadas à prostituição, seja legal ou não, ou aqueles que conduzem suas vítimas a tamanha desmoralização?

A causa reside não na prostituição, mas na sociedade em si mesma; no sistema de desigualdade da propriedade privada, no Estado e na Igreja. No sistema de roubo legalizado, de assassinato e violação de mulheres inocentes e crianças indefesas.

A CURA PARA O MAL

Só depois de este monstro ser destruído, estaremos livres da doença que existe no Senado e em todos os departamentos públicos; nas casas dos ricos e nos barracões miseráveis dos pobres. A humanidade deve se tornar consciente da sua força e das suas capacidades, deve ser livre para iniciar uma nova vida, uma vida melhor e mais nobre.

A prostituição nunca será suprimida pelos meios empregados pelo Reverendo doutor Parkhurst² e outros reformistas. Existirá enquanto existir o sistema que lhe dá origem. Quando todos os reformistas unirem os seus esforços com os daqueles que estão lutando pela abolição desse sistema que gera o crime e pela construção de um novo que seja baseado na equidade perfeita — um sistema que garantirá a cada membro, homem, mulher ou criança, todos os frutos do seu trabalho e o direito perfeitamente igual de desfrutar os dons da natureza e de atingir o mais alto

2. Pastor da Igreja Presbiteriana da cidade de Nova York e presidente da Sociedade de Prevenção ao Crime, Charles Henry Parkhurst (1842–1933) deu um sermão, em 1892, cujos trechos publicados num jornal geraram grande repercussão na opinião pública. Nesse, Parkhurst atacou a Tammany Hall (tendência [*political machine*] do Partido Democrata do Estados Unidos) e o Departamento de Polícia da cidade de Nova York pela corrupção estrutural.

A QUESTÃO DO SEXO

conhecimento —, a mulher será autossuficiente e independente. Sua saúde já não será triturada pelo trabalho sem fim e pela escravidão, não mais será ela a vítima do homem, do mesmo modo que o homem não mais será possuído por paixões e vícios doentios e não naturais.

SONHO DE ANARQUISTA

Cada um entrará na vida de casado com força física e confiança moral mútua. Cada um amará e estimará o outro, e trabalhará não apenas para o seu próprio bem-estar: por serem felizes, desejarão também a felicidade universal da humanidade. Os filhos de tais uniões serão fortes e saudáveis, tanto no que diz respeito ao corpo, quanto à mente, e honrarão e respeitarão os seus pais, não porque é o seu dever fazê-lo, mas porque os seus pais merecem. Eles serão instruídos e cuidados por toda a comunidade e serão livres para seguir as suas inclinações, e não haverá necessidade de ensiná-los a bajulação e a arte chula de rapinar seus semelhantes. Seu objetivo na vida será não o de obter poder sobre os seus irmãos, mas o de ganhar o respeito e a estima de cada membro da comunidade.

DIVÓRCIO ANARQUISTA

Para o caso de a união entre um homem e uma mulher tornar-se insatisfatória e desagradável, eles irão de modo tranquilo e amigável separar-se, não rebaixarão as várias relações matrimoniais através da continuação de uma união incompatível.

Se ao invés de perseguirem as vítimas, os reformistas da vez unirem seus esforços para erradicar as causas, a prostituição já não mais desgraçará a humanidade.

Reprimir uma classe e proteger outra é pior do que loucura. É um crime. Não virem as costas, vocês, homens e mulheres morais.

Não permitam que o seu preconceito os influencie: olhem para a questão de um ponto de vista imparcial.

Ao invés de exercer a sua força inutilmente, deem-se as mãos e ajudem a abolir esse sistema corrupto e doente.

Se a vida de casado não lhe roubou a honra e o amor-próprio, se você tem amor por aqueles a quem chama de filhos, você deve, para o seu próprio bem como para o bem deles, buscar a emancipação e instituir a liberdade. Aí então, e não antes, irão os males do matrimônio, finalmente, cessar.

Casamento¹

Casamento. Quanta tristeza, miséria, humilhação; quantas lágrimas e maldições; que agonia e sofrimento essa palavra tem trazido à humanidade. Do seu nascimento até a nossa atualidade, homens e mulheres crescem sob o jugo ferrenho da instituição casamento, de modo que parece não haver nenhum alívio, nenhuma maneira de escapar dela.

Em todos os tempos, em todas as eras, os oprimidos lutaram para quebrar as correntes dessa escravidão mental e física. Após milhares de vidas nobres terem sido sacrificadas nas fogueiras e nas forcas, e outras terem perecido nas prisões ou nas mãos impiedosas das inquisições, as ideias desses destemidos heróis se realizaram. Ainda que os dogmas religiosos, o feudalismo e a escravidão negra tenham sido abolidos e novas ideias, mais avançadas, amplas e claras tenham vindo à tona, o que vemos sempre e mais uma vez é a humanidade pobre e pisoteada lutando por seus direitos e independência. O ponto é que a mais rude e tirânica de todas as instituições, o casamento, permanece tão firme quanto antes, e aí daqueles que ousam duvidar da sua sacralidade. Colocar o casamento sob discussão enfurece não apenas cristãos e conservadores, mas também liberais, livres pensadores e radicais. O que é isto que faz com que todas essas pessoas defendam o casamento? O que faz com que se agarrem a este preconceito (porque tal atitude não é nada mais do que preconceito)? Isto se

1. Originalmente publicado no então mais afamado jornal anarquista dos Estados Unidos (com sede em Portland, Oregon) *The Firebrand* (1897), que, no ano seguinte, viria a mudar o nome para *Free Society*. Primeiro texto sobre a temática do casamento publicado por Goldman.

dá porque são as relações conjugais o fundamento da propriedade privada e, portanto, o fundamento do nosso sistema cruel e desumano. Com a riqueza e a abundância, de um lado, e a inatividade, exploração, pobreza, fome e crime de outro, abolir o casamento significa abolir tudo o que foi acima mencionado. Alguns progressistas têm optado por reformas ou melhorias nas nossas leis matrimoniais, já não permitem que a Igreja interfira nas suas relações maritais. Outros vão além, casam-se livremente, isto é, sem o consentimento da lei. No entanto, mesmo esta forma de casamento é tão coercitiva, tão “sagrada” quanto a antiga, porque o problema não é a forma ou o tipo de casamento que podemos estabelecer, mas a coisa, a própria coisa em si mesma que é questionável, nociva e degradante. Não importa o quanto mude, sempre dá direito e poder ao homem sobre a sua esposa, não apenas sobre o seu corpo, mas também sobre as suas ações, seus desejos; na verdade, sobre a sua vida como um todo. E como poderia ser diferente?

Por detrás da relação entre um determinado homem e uma determinada mulher, há a história da evolução da relação entre os dois sexos em geral, a história que conduziu à diferença de posição e privilégios entre os sexos existente ainda hoje.

Dois jovens podem ficar juntos, mas a relação que estabelecem é em grande medida determinada por causas sobre as quais não têm controle. Eles sabem pouco um do outro, já que a sociedade mantém os dois sexos separados, o menino e a menina são criados a partir de diretrizes bem diferentes. Tal como Olive Schreiner escreve em sua *Story of an African Farm* [História de uma fazenda africana]: “Ao menino foi ensinado a ser, à menina a parecer”.² Dito mais precisamente: ao menino é ensinado a ser inteligente, brilhante, esperto, forte, atlético, independente

2. Com essa citação, Goldman faz referência às palavras da heroína do romance. Publicado em 1883, sob o pseudônimo masculino de Ralph Iron, esse livro da escritora sul-africana Olive Schreiner obteve, para o bem e para o mal, reconhecimento internacional imediato, sendo atualmente considerado como o primeiro romance propriamente feminista na língua inglesa.

CASAMENTO

e autossuficiente; a desenvolver as suas faculdades naturais, a seguir suas paixões e desejos. À menina é ensinado a se vestir, a ficar diante de um espelho e admirar a si mesma, a controlar as suas emoções, as suas paixões e os seus desejos; é ensinado a esconder as suas dificuldades intelectuais e a se valer da sua inteligência e habilidade pouco desenvolvidas com vistas a um único fim: sendo este o modo mais rápido e eficiente de arranjar um marido, de arranjar um casamento vantajoso. E o resultado é que os dois sexos dificilmente entendem a natureza um do outro, dificilmente entendem que seus interesses intelectuais e ocupações são diferentes. A opinião pública separa de maneira rígida os seus direitos e deveres, sua honra e desonra. O tema do sexo é um livro selado para as meninas, porque lhes foi dado a entender que é impuro, imoral e indecente até mesmo mencionar algo que esteja relacionado à questão do sexo. Ao garoto, é um livro cujas páginas lhe trouxeram doença e vícios secretos e, em alguns casos, ruína e morte.

Dentre as classes ricas, há tempos está fora de moda se apaixonar. Homens da sociedade se casam, depois de uma vida de devassidão e luxúria, para reestabelecer a sua saúde arruinada. Há também aqueles que, por terem perdido o seu capital em jogos de azar ou em negócios, chegam à decisão de que uma herdeira é justamente o que precisam, sabem muito bem que o laço matrimonial não os impedirá, de modo algum, de esbanjar o cabedal da sua noiva endinheirada. A garota rica, criada para ser pragmática e sensível, e acostumada a viver, respirar, andar e vestir-se apenas de acordo com a moda, oferece os seus milhões por algum título ou por um homem de boa posição social. Ela tem apenas um consolo, o de que a sociedade permite mais liberdade de ação a uma mulher casada e, no caso de ela vir a se desapontar no casamento, estará em posição de gratificar os seus desejos de uma outra maneira. Como sabemos, as paredes dos *boudoirs*³ e

3. Nome então dado ao aposento da casa exclusivo à mulher.

dos salões são surdas e mudas, de modo que um pouco de prazer na interioridade delas não é nenhum crime.

No que diz respeito aos homens e mulheres da classe trabalhadora, o casamento é algo bem diferente. O amor não é raro como na classe alta e, muito frequentemente, ajuda ambos a suportar os desapontamentos e tristezas da vida, mas mesmo nesse caso a maioria dos casamentos dura apenas um período curto até que seja engolido pela monotonia da vida cotidiana e da luta pela existência. Aqui também o homem trabalhador se casa, porque ele se cansa de uma vida em pensionatos e nutre o desejo de construir uma casa que seja sua, onde possa encontrar algum conforto. Seu objetivo principal, portanto, é encontrar uma garota que irá preparar uma boa comida e cuidar dos afazeres domésticos; alguém que se preocupará exclusivamente com a sua felicidade, com os seus prazeres; alguém que olhará para ele como o seu senhor, seu mestre, seu defensor, seu suporte, como o único ideal pelo qual vale a pena viver. Uma outra possibilidade é a expectativa de que a jovem com quem se case esteja disposta a trabalhar e, assim, o ajudar a poupar alguns centavos a mais para os dias de chuva. Não obstante, após alguns meses dessa chamada felicidade, ele acorde para a realidade amarga de que sua esposa em breve se tornará uma mãe, que ela não poderá trabalhar, que as despesas irão aumentar e que se antes ele conseguia administrar o pequeno salário autorizado pelo seu “gentil” senhor, agora este já não será suficiente para sustentar a sua família.

A jovem que passa a infância e parte da vida adulta na fábrica, ao sentir a sua força a abandonando, pinta para si mesma a condição terrível de ter de permanecer para sempre uma vendedora, nunca certa do seu trabalho, de modo que é compelida a buscar por um homem, um bom marido, o que significa buscar por aquele que possa sustentá-la e lhe dar uma boa casa. Ambos, o homem e a mulher, casam pelo mesmo propósito, com a única exceção de que, no que diz respeito ao homem, não é esperado que ele abra mão da sua individualidade, do seu nome, da sua independência, ao passo que a garota tem de vender a si mesma,

CASAMENTO

seu corpo e alma, pelo prazer de ser a esposa de alguém; portanto, eles não se encontram em pé de igualdade, e onde não há igualdade não pode haver harmonia. A consequência é que pouco depois dos primeiros meses, ou sendo mais flexível, após o primeiro ano, ambos chegam à conclusão de que o casamento é um fracasso.

Como as suas condições se tornam cada vez piores, o que se soma ao aumento do número de filhos, a mulher, cada vez mais, sente-se desanimada, infeliz, insatisfeita e fraca. Sua beleza logo a abandona; por conta do trabalho pesado, das noites sem dormir, da preocupação com os seus pequenos e das discordâncias e brigas com o marido, ela se arruína fisicamente e amaldiçoa o momento que a tornou esposa de um homem pobre. Uma vida tão sombria e miserável certamente não favorece a manutenção do amor e respeito mútuos. O homem pode ao menos esquecer suas desgraças na companhia dos amigos, pode se deixar absorver pela política, ou afogar sua desgraça num copo de cerveja. A mulher está acorrentada à casa por milhares de obrigações; ela não pode desfrutar, tal como o seu marido, de alguma diversão, afinal nem tem recursos para isso, como também lhe é recusado, pela opinião pública, os mesmos direitos do marido. Ela tem de carregar a cruz até a morte, porque as leis matrimoniais não conhecem a piedade, a não ser que ela deseje expor a sua vida de casada ante olhos de alguma senhora Grundy,⁴ e mesmo assim ela apenas pode quebrar as correntes que a amarram ao homem que odeia se tomar toda a culpa sobre os próprios ombros, e se tiver energia suficiente para se inserir no mundo dos desonrados pelo resto da vida. Quantas têm coragem para fazer isso? Pouquíssimas. Aqui e ali, acontece, tal como a luz de um relâmpago, que

4. Personagem da peça de Thomas Morton, *Speed the Plough* [Acelere o arado], de 1798. A expressão “Mrs. Grundy” tornou-se na língua inglesa indicativa de extrema rigidez para com a observância das convenções sociais e de forte censura moral para qualquer desvio mínimo dessas convenções.

uma mulher, como a Princesa De Chimay,⁵ tenha coragem suficiente para romper as barreiras convencionais e seguir os desejos do seu coração. Mas essa exceção é uma mulher rica, que não depende de ninguém. Uma mulher pobre tem de levar em conta os seus pequenos; ela é menos afortunada do que a sua irmã rica. Além disso, a mulher que permanece na servidão é chamada de respeitável: não importa que toda a sua vida seja uma longa cadeia de mentiras, engano e traição, ela olha de cima e com nojo para as suas irmãs que foram forçadas pela sociedade a vender os seus encantos e afetos nas ruas. Não importa quão pobre, quão miserável uma mulher casada possa ser, ela ainda se considerará acima da outra, a quem chama prostituta — que é marginalizada, odiada e desprezada por todos, inclusive por aqueles que não hesitam em comprar seus abraços, considerando a pobre coitada como um mal necessário, e mesmo algumas pessoas muitíssimo bondosas sugerem o confinamento desse mal num distrito específico de Nova York, de modo a “purificar” todos os outros distritos da cidade. Que farsa! Os reformistas poderiam muito bem exigir, a partir disso, que também todas as mulheres casadas residentes em Nova York fossem expulsas, já que certamente não são moralmente superiores a qualquer mulher da noite. A única diferença entre essa última e a mulher casada é que uma vendeu a si mesma como escrava privada durante toda a sua vida, por uma casa ou um título, e a outra vende a si mesma pelo período de tempo que deseja; a prostituta tem o direito de escolher o homem a quem presenteará com as suas afeições, ao passo que a mulher casada não tem esse direito em absoluto; ela deve se

5. Aqui Goldman está se referindo à estadunidense Clara Ward (1873–1916), muito famosa na época do presente texto. Ward, que se casou em 1890 com o príncipe de Chimay, da Bélgica, fez a alegria dos norte-americanos ao se tornar uma princesa. Não obstante, seis anos após o casamento real, e já mãe de dois filhos, ela abandonou tudo para fugir com o húngaro Rigó Jancsi, que ganhava a vida tocando música cigana. Ao lado de Jancsi, com quem se casou, Clara se tornou dançarina de teatro e cabarés, e musa de fotógrafos e artistas. Embora tenha se divorciado de Jancsi pouco tempo após o casamento, casou-se ainda mais duas vezes.

CASAMENTO

submeter ao seu senhor, não importa o quanto esse domínio seja abominável para ela, deve obedecer aos seus comandos; ela tem de dar à luz os filhos dele, mesmo que custe a sua força e saúde; em uma palavra, ela se prostitui a cada hora, a cada dia da sua vida. Eu não consigo encontrar outro nome para esta condição hedionda, humilhante e degradante das minhas irmãs casadas que não seja o de prostituição da pior espécie, com a única exceção de que esta é legal, ao passo que a outra, ilegal.

Não irei lidar aqui com os poucos casos excepcionais de casamentos que são baseados no amor, na estima e no respeito; essas exceções apenas confirmam a regra. Quer seja legal ou ilegal, a prostituição é de qualquer forma antinatural, dolorosa e desprezível, e eu sei muito bem que as condições não podem ser modificadas até que esse sistema infernal seja abolido, como sei que não é apenas a dependência econômica das mulheres que tem causado a sua escravidão, mas também a sua ignorância e preconceito. Sei ainda que muitas das minhas irmãs poderiam ser libertadas agora mesmo, não fosse pela nossa instituição casamento que as mantém na ignorância, estupidez e preconceito. Em sendo assim, considero como o meu maior dever denunciar o casamento, não apenas na sua forma antiga, mas também o chamado casamento moderno, a ideia de ter uma esposa e doméstica, a ideia da posse privada de um sexo pelo outro. Reivindico a independência da mulher; seu direito de sustentar a si mesma; de viver para si mesma; de amar quem quer que deseje ou quantos deseje. Reivindico a liberdade para ambos os sexos, liberdade de ação, liberdade no amor e liberdade na maternidade.

Não venham me dizer que um tal estado só pode ser alcançado com a implementação da anarquia; isto está completamente errado. Se nós quisermos concretizar a anarquia precisamos, em primeiro lugar, de mulheres livres, mulheres que sejam economicamente tão independentes quanto os seus irmãos, pois se não tivermos mulheres livres, não poderemos ter mães livres, e se as mães não forem livres, não podemos esperar que a nova geração

nos ajude a atingir o nosso objetivo, que é o estabelecimento de uma sociedade anarquista.

Para vocês livres pensadores e liberais, vocês que aboliram apenas um deus, ao tempo em que criaram muitos outros para adorar; para vocês, radicais e socialistas que ainda mandam seus filhos a escolas cristãs; e para todos aqueles que fazem concessões aos padrões morais do nosso tempo; para todos vocês, eu digo que é a falta de coragem o que faz com que vocês se apeguem e defendam a instituição casamento, pois ao mesmo tempo em que admitem o seu absurdo na teoria, não têm energia para desafiar a opinião pública e viver a prática em sua própria vida. Vocês matraqueiam sobre a igualdade dos sexos na sociedade do futuro, mas pensam que é um mal necessário que a mulher deva sofrer no presente. Vocês dizem que a mulher é inferior e mais fraca, e ao invés de auxiliá-la a se tornar mais forte, ajudam a mantê-la numa posição degradante. Vocês exigem de nós exclusividade, mas amam a variedade de parceiras e aproveitam essa variedade sempre que têm a chance.

O casamento — maldição de tantos séculos, causa do ciúme, suicídio e crime — tem de ser abolido se nós desejamos que as novas gerações floresçam com homens e mulheres saudáveis, fortes e livres.

O que há na anarquia para as mulheres?¹

O que a anarquia oferece a mim — uma mulher?

Oferece mais à mulher do que a qualquer outro — tudo o que ela não tem — liberdade e igualdade.

De modo rápido e sincero, Emma Goldman, a sacerdotisa da anarquia, exilada da Rússia, temida pela polícia² e agora convidada pelos anarquistas de St. Louis, dá esta resposta à minha questão.

Eu a encontrei na Avenida Oregon, nº 1722, numa casa de tijolos antiga, com dois andares, residência de um dos seus simpatizantes — não de um parente como havia sido divulgado.

1. Entrevista concedida ao jornal *St. Louis Post-Dispatch*, no dia 24 de outubro de 1895, por ocasião da sua breve estadia na cidade de St. Louis, acompanhada de perto não só pela imprensa, como também pela polícia. Apesar da perseguição política e ameaça de prisão, o objetivo de Goldman foi atingido com sucesso, dado que a sua palestra, no dia 17 de outubro de 1895, teve a audiência de centenas de pessoas.

2. Quatro dias antes da publicação desta entrevista, o mesmo jornal, *St. Louis Post-Dispatch*, havia noticiado, em tom jocoso, que rumores falsos acerca do dia e local da primeira conferência de Goldman em St. Louis transformaram “um encontro de vermelhos” em “um encontro de policiais”.

Fui recebido por uma alemã simpática e corpulenta e conduzido a uma sala de jantar tipicamente alemã, muito arrumada e limpa. Depois de espanar a cadeira em que eu devia me sentar com o seu avental, ela me anunciou à corajosa e pequena livre pensadora. Encontrei Emma Goldman tomando café e comendo pão com geleia no seu desjejum. Ela estava elegantemente vestida com uma camisa de percal acinturada de gola e punhos brancos e saia, os pés estavam calçados com um par de chinelos despojados, de pano. Ela não parecia em nada com uma nihilista russa que caso adentre as fronteiras da sua terra natal, será mandada para a Sibéria.

“Você acredita em casamento?”, perguntei.

“Não”, respondeu a miúda anarquista, tão prontamente quanto antes. “Eu acredito que quando duas pessoas se amam ninguém tem nada a ver com isso, seja juiz, ministro, um tribunal ou grupo de pessoas. Apenas os envolvidos podem determinar as relações que desejam estabelecer um com o outro. Quando essa relação se torna incômoda para ambas as partes ou apenas para uma delas, deve-se, então, terminar tão calmamente quanto se começou.”

A senhorita Goldman fez um leve aceno com a cabeça de modo a enfatizar as suas palavras, e que bela cabeça era aquela, coroada com um cabelo castanho macio, penteado de lado. Seus olhos são de um azul intenso, sua pele extremamente branca. Seu nariz, embora largo de tipo teutônico, é bem formado. Seu tipo, como um todo, é mais alemão do que russo. Ela é de estatura baixa e a sua figura como um todo é bastante harmoniosa. O único problema físico grave que ela tem está nos seus olhos. Ela é tão míope que, mesmo com óculos, mal consegue distinguir as letras impressas.

“Uma aliança deve ser formada”, ela continuou, “não como a de agora, para dar à mulher um sustento e uma casa, mas, sim, porque o amor existe, e esse estado das coisas só pode ser suscitado com uma revolução interna, em suma, com a anarquia.”

Ela disse isso tão calmamente como se tivesse acabado de expressar um fato cotidiano comum, mas o brilho nos seus olhos

ANARQUISMO PARA AS MULHERES

mostrava as “revoluções internas” que já estavam em curso no seu cérebro ocupado.

“O que a anarquia promete à mulher?”

“Oferece tudo à mulher — liberdade e igualdade — tudo o que ela não tem no momento.”

“A mulher não é livre?”

“Livre! Ela é uma escrava do marido e dos filhos. Ela deve tomar parte nos assuntos do mundo tanto quanto o homem; ela deve ser sua igual perante o mundo, o que ela de fato é na realidade. A mulher é tão capaz quanto o homem, mas quando ela trabalha, ela recebe um salário menor. Por quê? Porque ela usa saia, ao invés de calças.”

“Mas o que vai ser da vida doméstica ideal e de tudo aquilo que envolve a maternidade, de acordo com a perspectiva do homem?”

“Vida doméstica ideal! A mulher, ao contrário da rainha do lar cantada nos livros de histórias, é a criada, a amante e a escrava do marido e dos filhos. Ela perde a sua individualidade inteiramente, mesmo o seu nome não lhe é permitido manter. Ela é a esposa de John Brown ou a esposa de Tom Jones, ela é isto e nada mais. Isso é o peso da mulher.”

A senhorita Goldman tem um sotaque agradável. Ela enrola os seus erres transformando-os em vês, numa pronúncia verdadeiramente russa. Ela gesticula bastante. Quando ela se anima, suas mãos e pés e ombros todos ajudam a ilustrar os significados do que diz.

“O que você proporia para as crianças da era anarquista?”

“As crianças morariam em espaços comuns, como grandes colégios internos, onde seriam cuidadas e educadas de modo apropriado que, em todos os aspectos, seriam bons, e, na maioria dos casos, ainda melhores do que os cuidados e a educação que receberiam em suas próprias casas. Pouquíssimas mães sabem como cuidar adequadamente dos filhos. É uma ciência que pouquíssimos aprenderam.”

“Mas e as mulheres que desejassem uma vida doméstica e cuidar dos seus próprios filhos, o que seria delas?”

“Ah, sim, claro, as mulheres que desejassem poderiam criar seus filhos em casa e confinar a si mesmas com atividades domésticas, com tantas limitações quanto desejassem. Mas o ponto é que isto daria às mulheres que desejam algo maior, a chance de atingir a altura que almejam. Sem pobres ou capitalistas, e um propósito em comum, esta terra proporcionará o céu que os cristãos procuram no outro mundo.”

Ela mirou fixamente o fundo da xícara vazia como se visse na sua imaginação o Estado ideal, já presente na realidade.

“Quem irá cuidar das crianças?”, perguntei, interrompendo o seu devaneio.

“Todo mundo”, ela respondeu, “tem preferências e habilidades adequadas a uma determinada ocupação. Eu sou enfermeira de formação. Gosto de cuidar de doentes. A mesma coisa irá acontecer com algumas mulheres. Elas vão querer cuidar e ensinar às crianças.”

“As crianças não perderiam com isso o amor por seus pais e não sentiriam falta da sua presença?” Um pensamento sobre os pequeninos serem relegados a um tipo de orfanato cruzou a minha mente.

“Os pais terão as mesmas oportunidades de dar segurança e afeto que têm agora. Eles passarão com os filhos o tempo que desejarem, estarão ao seu lado tão frequentemente quanto desejarem. Essas serão crianças do amor — saudáveis e determinadas —, e não como as de agora que, na maioria dos casos, são nascidas em meio ao ódio e brigas domésticas.”

“O que você chama de amor?”

“Quando um homem ou uma mulher encontra no outro uma ou mais qualidades que admira e sente, com isso, um desejo irresistível de fazer bem à pessoa, até diante do sacrifício de desejos pessoais; quando há aquele algo sutil que une ambos, aquilo que aqueles que amam identificam ao senti-lo no mais

ANARQUISMO PARA AS MULHERES

íntimo do seu ser — a isto chamo amor.” Ela terminou de falar e a sua face foi banhada de rubor.

“É possível amar mais de uma pessoa de uma vez?”

“Eu não vejo por que não — se ela encontrar as mesmas características que lhe fascinam em diferentes pessoas. O que poderia impedir de amar as mesmas características em todas as diferentes pessoas?”

Se, como disse antes, nós deixamos de amar um homem ou uma mulher e encontramos outra pessoa, simplesmente discutimos o assunto e mudamos com tranquilidade nosso modo de vida. Os assuntos privados de uma família não precisam ser discutidos nos tribunais, não precisam se tornar domínio público. Ninguém pode controlar os sentimentos, por causa disso é que não deve haver ciúmes.”

“Mágoas? Oh, sim, com certeza”, ela disse com tristeza, “mas não ódio, porque ele ou ela se cansou da relação. A humanidade sempre terá mágoas enquanto o coração bater no peito.”

“Minha religião”, ela riu repetidamente. “Eu tinha fé no judaísmo quando criança — como você sabe, eu sou judia —, mas agora sou ateia. Ninguém foi capaz de provar a inspiração divina da *Bíblia* ou a existência de Deus de um modo que me satisfizesse. Eu não acredito numa vida futura que não seja a vida futura da matéria que compõe o corpo humano. Eu acredito que a matéria ganha vida novamente de alguma outra forma, não acho que algo uma vez criado seja para sempre perdido — continua primeiro numa forma, depois em outra. Não existe essa coisa de alma — tudo é matéria.”

A bela senhorita Goldman terminou de falar e um rubor se fixou nas suas bochechas quando lhe perguntei se tinha intenção de casar.

“Não; eu não acredito em casamento no que diz respeito aos outros e, certamente, não sou de pregar uma coisa e fazer outra.”

Ela estava sentada de modo natural com uma perna cruzada sobre a outra. Ela é, em todos os sentidos, uma mulher de apa-

rência bem feminina, ainda que dotada de uma mente masculina e de grande coragem.

Ela riu ao dizer que havia cinquenta policiais na sua palestra na quarta à noite e acrescentou: “Se tivessem jogado uma bomba, eu certamente seria responsabilizada por isso”.

A nova mulher¹

A história bíblica da desigualdade e inferioridade da mulher é baseada na declaração de que ela foi criada da costela do homem. A mulher não pode, sem as mesmas oportunidades, chegar a uma condição de igualdade para com o homem e a consequência disso é que as mulheres são escravas da sociedade, condição intensificada pelo código do casamento. O despotismo gera revolta no povo e sempre gerará revolta, é uma necessidade. A mulher é criada para ser vista e exposta e isso é uma vergonha para a sociedade. Sua única missão é casar e ser esposa e mãe e atender às demandas de um marido que por esse motivo irá sustentá-la. Assim, ela degrada a si mesma. As mães atuais não são culpadas por sua condição, isso ocorre porque elas imitam as suas próprias mães. Uma mãe assim educada não pode ter qualquer ideia do verdadeiro conhecimento sobre como educar os próprios filhos, isto é, sobre a profissão de educar os filhos e, desse modo, sob este sistema, ela nunca educa os filhos como deveria. As mães são dominadas pelos filhos, o que é incompatível com ser uma boa mãe.

O dever de uma esposa é considerado um assunto impuro para uma jovem mulher que ainda não se casou, assim a jovem ignorante é forçada a enfrentar despreparada a batalha cujas consequências dizem respeito a toda a sua vida. Outro grande erro na nova mulher ideal, um erro que deve ser condenado, é o de imitar o homem, o de tornar-se masculina por considerar o homem superior à mulher. Nenhuma mulher decente deve

1. Conferência transcrita e publicada no jornal anarquista *Free Society* (1898). A temática da “nova mulher” foi desenvolvida por Goldman em algumas conferências daquele ano.

emulá-los. Precisamos, primeiro, do Novo Homem. Em todas as coisas as mulheres são iguais aos homens, mesmo no campo da produção. Os mais radicais não diferem, neste ponto, dos cristãos; eles não desejam que suas esposas se tornem radicais; também eles se julgam imprescindíveis à sua proteção. Enquanto a mulher necessitar de proteção, ela não estará em pé de igualdade, pois precisamos proteger apenas aqueles que são fracos. Um dos aspectos do caráter do homem que lhe torna invasivo é que ele é muito autoritário ao forçar o progresso da mulher; embora ele próprio venha evoluindo lentamente, comete o erro fatal de buscar assegurar mais liberdade para a mulher por meio do mesmo mecanismo que conduziu à sua própria escravização, a saber, a autoridade. Somente a oposição a isso pode corrigir esse mal.

Leis matrimoniais desprezíveis e a adesão a elas tendem a aumentar ainda mais a degradação. A afirmação de que a liberdade nas relações sexuais é uma lei natural é interpretada como luxúria gratuita. A lei do amor é que governa as relações em todos os aspectos, somente o amor é capaz de realizar a lei. A beleza da maternidade, sobre a qual os poetas cantaram e escreveram, é uma farsa, e não pode ocorrer enquanto não tivermos liberdade — econômica.

Os homens são todos heróis em casa, mas covardes lá fora. As mulheres, se pudessem, seriam tão injustas ao votar quanto os homens. Elas são tiranas assim como são os homens. A mulher, para ser livre, deve ser amiga e companheira do homem e de modo recíproco. O indivíduo é o ideal de liberdade. Não temos deveres para com ninguém que não seja nós mesmos. Quando a mulher universal tiver finalmente compreendido esse ideal, então todas as leis protecionistas, todas as leis que tenham por desaparecer, assim como esse sistema adúltero e, com ele, a caridade e todos os demais males que o acompanham. Em suma, o movimento da nova mulher exige um avanço igual da parte do homem moderno. objetivo proteger — e que, por isso, expressam a sua fraqueza — irão

A hipocrisia do puritanismo¹

Ao relacionar puritanismo e arte americana, o sr. Gutzon Borglum² disse:

O puritanismo nos tornou autocentrados e hipócritas por tanto tempo, que a sinceridade e reverência pelo que é natural em nossos impulsos foram, como não poderia ser diferente, degeneradas em nós, com o resultado de que não pode haver nem verdade, nem individualidade em nossa arte.

O sr. Borglum acrescenta ainda que o puritanismo transformou a própria vida em algo impossível. Para além da arte, para além do esteticismo, a vida é representação da beleza em milhares de variações; é, de fato, o panorama gigante da eterna mudança. O puritanismo, por outro lado, repousa sobre uma concepção de vida fixa e imóvel; baseia-se na ideia calvinista de que a vida é uma maldição imposta ao homem pela ira de Deus. De modo a redimir-se, um homem deve fazer penitências constantemente, deve repudiar todo impulso natural e saudável, e virar as costas para a alegria e a beleza.

1. Sétimo capítulo da coletânea *Anarquismo e outros ensaios*, publicada por Goldman em 1910 (*Anarchism and Other Essays*. New York: Mother Earth Publishing Co., 1910).

2. Escultor norte-americano (1867–1941) que ficou conhecido sobretudo pela obra colossal, ainda hoje bastante afamada, no Monte Rushmore, no qual esculpiu os rostos de quatro dos presidentes dos Estados Unidos: George Washington, Thomas Jefferson, Theodore Roosevelt e Abraham Lincoln.

O puritanismo celebrou o seu reino de terror na Inglaterra, ao longo dos séculos XVI e XVII, destruindo e esmagando toda manifestação da arte e da cultura. Foi o espírito do puritanismo que roubou Shelley dos seus filhos, porque não se curvou ante os ditos da religião. Foi o mesmo espírito tacanho que transformou Byron num estranho na sua terra natal, porque o grande gênio se rebelou contra a monotonia, apatia e mesquinhez do seu país. Foi o puritanismo também que forçou algumas das mulheres mais livres da Inglaterra à mentira do casamento convencional: Mary Wollstonecraft e, mais tarde, George Eliot. E recentemente o puritanismo exigiu mais um tributo: a vida de Oscar Wilde. De fato, o puritanismo nunca deixou de ser o fator mais pernicioso nos domínios de John Bull,³ agindo como o censor da expressão artística das pessoas e estampando sua aprovação apenas na estupidéz que constitui a respeitabilidade da classe média.

Portanto, é puro chauvinismo britânico apontar para a América como o país do provincialismo puritano. É verdade que aqui nossas vidas são atrofiadas pelo puritanismo, que mata tudo o que é natural e saudável em nossos impulsos. Mas é igualmente verdade que é para com a Inglaterra que estamos em débito por ter transplantado esse espírito para o solo americano. Foi legado a nós pelos peregrinos. Fugindo da perseguição e da opressão, a fama dos peregrinos de Mayflower se estabeleceu no Novo Mundo através do seu reino de tirania, puritanismo e crime. A história da Nova Inglaterra e, especialmente, a de Massachusetts, é tão cheia de horrores que transformou a vida em angústia, alegria em desespero, a naturalidade em doença e a honestidade e a verdade em mentiras e hipocrisias hediondas. A cadeira do castigo [*ducking-stool*]⁴ e o pelourinho, dentre muitos outros

3. Semelhante ao Tio Sam dos Estados Unidos, John Bull é o símbolo que personifica a Inglaterra.

4. Literalmente “mergulho nas fezes”, consistia numa cadeira de madeira ou ferro, presa num dos polos de uma alavanca que era baixada repetidas vezes na água, com o culpado amarrado. Método muito utilizado para punir mulheres,

A HIPOCRISIA DO PURITANISMO

instrumentos de tortura, eram os métodos ingleses favoritos na tarefa de purificação da América.

Boston, a cidade da cultura, entrou para os anais do puritanismo como a “cidade sangrenta”. Até rivalizava com Salem, em sua perseguição cruel às opiniões religiosas não autorizadas. No agora famoso Common Park, em Boston, uma mulher seminua, com um bebê em seus braços, foi publicamente açoitada pelo crime de liberdade de expressão; e no mesmo local, Mary Dyer, outra mulher quaker, foi enforcada em 1659. De fato, Boston foi mais de uma vez palco de crimes arbitrários perpetrados pelo puritanismo. Salem, no verão de 1692, assassinou dezoito pessoas por bruxaria. A cidade de Massachusetts não foi a única a expulsar o diabo com fogo e enxofre. Como Canning disse tão precisamente: “Os peregrinos infestaram o Novo Mundo para equilibrar a balança com o Velho”.⁵ Os horrores daquele período encontraram a sua mais suprema expressão no clássico americano *A letra escarlata*.⁶

O puritanismo já não utiliza o parafuso de polegar⁷ e o chicote; não obstante ainda possua o mais pernicioso domínio sobre as mentes e sentimentos do povo americano. Nada mais é capaz de explicar o poder de Comstock.⁸ Como os Torquemadas

especialmente pelos “crimes” de bruxaria, prostituição ou de dar à luz a filhos bastardos.

5. Referência a uma passagem do livro *The Pilgrim of Scandinavia* [O peregrino da Escandinávia] de Charles John Spencer George Canning.

6. Nathaniel Hawthorne, *A letra escarlata* (1850). O livro, ambientado na rígida comunidade puritana de Boston em meados do século XVII, narra a história de Hester Prynne, que por ter cometido adultério é obrigada a usar um “A” de adúltera, em cor escarlata, bordado na sua roupa.

7. Instrumento de tortura utilizado, geralmente, em interrogatórios. Consistia em esmagar as falanges dos polegares gradativamente tendo de, para isso, apenas girar o parafuso.

8. Antony Comstock (1844–1915) foi um reformista americano, responsável pela lei de 1873 (*Comstock Law*) que tornava ilegal qualquer material considerado imoral e obsceno, o que incluía livros, panfletos e gravuras, além de textos científicos ou de divulgação de métodos contraceptivos e abortivos, quer fossem publicações ou meras informações trocadas em correspondência privada.

dos tempos de pré-guerra,⁹ Anthony Comstock é o autocrata da moral americana; ele dita os padrões do bem e do mal, da pureza e do vício. Como um ladrão à noite, ele se infiltra na vida privada das pessoas, nas suas relações mais íntimas. O sistema de espionagem montado por esse homem, Comstock, é de dar vergonha à infame Terceira Divisão da polícia secreta russa. Por que as pessoas toleram tal ultraje à sua liberdade? Simplesmente porque Comstock é a mais alta expressão do puritanismo gerado pelo sangue anglo-saxônico, de cuja escravização nem mesmo os mais liberais conseguem se emancipar completamente. Com Anthony Comstock como santo padroeiro, os quadros sem visão e liderança de organizações antigas como *Young Mens and Women's Christian Temperance Unions*, *Purity Leagues*,¹⁰ *American Sabbath Unions* e do Partido da Proibição tornam-se os coveiros da arte e da cultura americanas.

A Europa pode, ao menos, gabar-se de possuir uma arte e literatura audaciosas o suficiente para examinar a profundidade dos problemas sociais e sexuais do nosso tempo, exercitando a crítica severa sobre todas as nossas vergonhas. Como se se tratasse de um bisturi cirúrgico, toda carcaça puritana é dissecada, e o caminho é assim aberto para a libertação do homem do peso morto do passado. Mas com o puritanismo a inspecionar, a todo momento, a vida americana, nem a verdade, nem a sinceridade são possíveis. Nada que não seja tristeza e mediocridade para ditar a conduta humana, cercear a expressão natural e abafar os nossos melhores impulsos. Neste século xx, o puritanismo é tão inimigo da liberdade e da beleza quanto o era no tempo em que atracou em Plymouth Rock. Ele repudia, como algo vil e pecaminoso, nossos mais profundos sentimentos; e é por ser

9. No original *ante-bellum days*, o que literalmente significa “dias do pré-guerra”, não obstante, no contexto americano, a expressão *ante-bellum* costuma ser utilizada para indicar o período imediatamente anterior à Guerra Civil Americana.

10. A *Women's Christian Temperance Union* teve papel ativo na promulgação da Lei Seca [*Prohibition*] que tornava crime a produção e o comércio de bebidas alcoólicas nos Estados Unidos.

A HIPOCRISIA DO PURITANISMO

absolutamente ignorante em relação às funções reais das emoções humanas que o puritanismo termina por criar os mais indizíveis vícios.

A história inteira do ascetismo prova que essa é a mais pura verdade. A Igreja, assim como o puritanismo, combate a carne como algo terrível; a carne tem de ser subjugada e escondida a qualquer custo. O resultado dessa atitude viciosa, somente agora, foi identificado pelos pensadores modernos e educadores. Eles perceberam que “a nudez tem um valor higiênico assim como um significado espiritual, o que está muito além da sua influência em apaziguar a curiosidade natural dos jovens ou na prevenção de emoções mórbidas. Inspira adultos que já há muito tempo superaram sua curiosidade juvenil. A visão da forma humana essencial e eterna, a que está mais próxima a nós do que tudo no mundo, com o seu vigor, a sua beleza e a sua graça, é um dos tônicos principais da vida”.¹¹ O problema é que o espírito do puritanismo perverteu a mente humana a tal ponto que ela perdeu a capacidade de apreciar a beleza da nudez, forçando-nos a esconder a nossa forma natural sob a justificativa da castidade. No entanto, a castidade nada mais é do que uma imposição artificial sobre a natureza, a expressão de uma vergonha falsa da forma humana. A ideia moderna de castidade, especialmente no que se refere à mulher — a sua maior vítima —, é tão somente o exagero da sensualidade dos nossos impulsos naturais. “A castidade varia de acordo com a quantidade de roupa” e, conseqüentemente, os cristãos e os puritanos sempre se apressam em cobrir os “pagãos” com os seus farrapos, para que assim possam convertê-los à pureza e castidade.

O puritanismo com a sua perversão do significado do corpo humano, especialmente no que diz respeito à mulher, condenou-a ao celibato, ou à procriação indiscriminada de uma raça doente, ou ainda à prostituição. A escala desse crime contra a

11. Havelock Ellis, *Studies in the Psychology of Sex: Sex in Relation to Society*, vol. 6 (1910).

humanidade se torna clara quando observamos atentamente os resultados. Mulheres solteiras devem abster-se completamente do sexo, sob a pena de serem consideradas imorais ou decaídas, o que tem como resultado a neurastenia, impotência, depressão e grande variedade de doenças nervosas que envolvem perda de capacidade para o trabalho, limitação da capacidade de ter prazer com a vida, insônia e preocupação excessiva com desejos e fantasias sexuais. A máxima arbitrária e perniciosa da total abstinência sexual provavelmente também explica a desigualdade intelectual entre os sexos. Freud acredita que a inferioridade intelectual de tantas mulheres está relacionada com a inibição do pensamento imposta sobre elas com o fim da repressão sexual. Enquanto, de um lado, o puritanismo suprime os desejos sexuais naturais da mulher solteira, de outro, abençoa sua irmã casada com a fertilidade desenfreada do casamento. De fato, não apenas a abençoa, como força a mulher, obcecada por sexo por conta da repressão anterior, a ter filhos, independentemente de a sua constituição física estar fraca ou da viabilidade econômica para manter uma família numerosa. A contracepção é estritamente proibida, inclusive por métodos que tenham sido cientificamente comprovados seguros; até falar sobre o assunto é considerado criminoso.

Graças a essa tirania puritana, a maioria das mulheres logo veem a sua força física diminuir rapidamente. Doentes e cansadas, elas ficam incapacitadas de cuidar dos filhos até mesmo no sentido mais elementar. Isso e a pressão econômica obrigam muitas mulheres a se arriscarem no maior dos perigos, para que não continuem a parir. O hábito de fazer abortos atingiu uma proporção tão avassaladora na América que é quase inacreditável. Pesquisas recentes mostram que existem 17 abortos por 100 gestações. Esse percentual terrível representa apenas os casos que chegaram ao conhecimento dos médicos. Se pensarmos ainda no sigilo que esse tipo de prática necessariamente envolve, e que, por sua vez, implica em ineficiência profissional e negligência,

A HIPOCRISIA DO PURITANISMO

veremos que o puritanismo exige continuamente milhares de vítimas à sua estupidez e hipocrisia.

Embora a prostituição seja perseguida, aprisionada e acorrentada, é, não obstante, o maior triunfo do puritanismo. Ela é dos filhos a mais querida, apesar de toda santimônia hipócrita. A prostituição é a fúria do nosso século, varre os países “civilizados” como um furacão, deixando um rastro de doença e desastre. O único remédio que o puritanismo oferece para essa sua filha má concebida é a repressão cada vez maior e a perseguição cada vez mais implacável. A atrocidade mais recente é a *Page Law* [Lei de Page], que impõe ao estado de Nova York a falha terrível, o crime da Europa de registrar e identificar as infelizes vítimas do puritanismo.¹² De modo igualmente estúpido, o puritanismo visa controlar o flagelo terrível da sua criação — as doenças venéreas. O mais desanimador é que esse espírito de mentalidade estreita e obtusa tenha envenenado até os nossos chamados liberais, cegando-os a ponto de fazê-los aderir à cruzada contra aquilo que nasceu da própria hipocrisia do puritanismo: a prostituição e suas consequências. Nessa cegueira deliberada, o puritanismo se recusa a ver que o verdadeiro método de prevenção é aquele que deixa claro para todos que “doenças venéreas não são uma coisa misteriosa ou terrível, não são um castigo pelos pecados da carne, alguma espécie de mal do qual se deva ter vergonha, tal como são rotuladas pela maledicência puritana; mas, sim, que são doenças comuns que podem ser tratadas e curadas”. Dados os seus métodos de obscurecimento, disfarce e ocultação, o puritanismo criou as condições favoráveis para o crescimento e disseminação dessas doenças. Sua intolerância é, mais uma vez, claramente demonstrada, e do modo mais absurdo, pela atitude disparatada em relação à grande descoberta do Prof. Ehrlich, ao

12. Lei federal de 1875 com objetivo de impedir a imigração, especialmente de mulheres e homens orientais considerados suspeitos de trabalhar no ramo da prostituição. Os imigrantes orientais que não fossem considerados suspeitos recebiam um certificado que lhes permitia entrar nos Estados Unidos, os que fossem, eram deportados.

esconder hipocritamente um remédio importante para a sífilis com alusões vagas a um remédio para “certo veneno”.

A capacidade quase ilimitada do puritanismo para o mal se deve ao fato de que ele está consolidado nos bastidores do Estado e da lei. Fingindo proteger o povo contra a “imoralidade”, impregnou a maquinaria do governo e, além de usurpar o papel de tutor moral, atribui-se a função de censor legal dos nossos pontos de vista, sentimentos e até mesmo da nossa conduta.

A arte, a literatura, o teatro, as nossas correspondências privadas, em suma, tudo o que diz respeito aos nossos gostos mais íntimos estão à mercê desse tirano implacável. Anthony Comstock, ou qualquer outro policial da moral igualmente ignorante, recebeu o poder de profanar o gênio, de contaminar e mutilar a criação mais sublime da natureza — o corpo humano. Os livros que lidam com as questões mais importantes de nossas vidas e que buscam lançar luz sobre os problemas mais perigosamente obscurecidos são considerados crimes pela lei, e seus autores indefesos são jogados na prisão ou conduzidos à destruição e à morte.

Nem mesmo sob o domínio do czar a liberdade pessoal é atacada diariamente na mesma medida em que é nos Estados Unidos, o reduto dos eunucos puritanos. Aqui, o único dia de lazer permitido às massas, o domingo, foi desfigurado e tornado totalmente impossível. Todos os estudiosos dos costumes primitivos e das primeiras civilizações concordam que o sábado sempre foi um dia de festa, livre de trabalho e obrigações, um dia de alegria e diversão em geral. Em todos os países europeus essa tradição ainda traz algum alívio à monotonia e estupidez dessa nossa era cristã. Todos os lugares, salas de concerto, teatros, museus e jardins ficam cheios de homens, mulheres e crianças, especialmente, indivíduos da classe trabalhadora com suas famílias, que cheias de entusiasmo pela vida podem se esquecer das regras e convenções que restringem a sua existência cotidiana. É nesse dia que as massas mostram como seria a vida em uma

A HIPOCRISIA DO PURITANISMO

sociedade saudável, se do trabalho fosse extraído o propósito de lucrar e destruir almas.

O puritanismo roubou das pessoas até mesmo esse único dia. Obviamente, isso afeta apenas os trabalhadores: nossos milionários têm suas casas luxuosas e clubes selecionados. Os pobres, no entanto, estão condenados à monotonia e ao tédio do domingo americano. O convívio e a diversão da vida ao ar livre na Europa são aqui substituídos pela melancolia da igreja, pelo abafamento dos salões saturados de germes das cidades do interior ou pela atmosfera brutal dos bares. Nos estados em que o consumo de álcool é proibido [*Prohibition States*], as pessoas não têm nem mesmo isso, a menos que possam investir seus parcos ganhos em bebidas adulteradas.¹³ Quanto à Proibição, todo mundo sabe que farsa efetivamente representa. Como todas as outras realizações do puritanismo, também empurrou o “diabo” ainda mais para o fundo do sistema humano. Em nenhum outro lugar se encontra tantos bêbados quanto nas cidades em que vigora a Proibição. Mas desde que se possa usar fragrâncias doces para suavizar o hálito sujo da hipocrisia, o puritanismo triunfará. Diz-se que a proibição do álcool foi promulgada por razões econômicas e de saúde, mas como o próprio espírito da Proibição é anormal, ele só pode criar uma vida igualmente anormal.

Todo estímulo que desperta a imaginação e eleva o espírito é tão necessário à vida quanto o ar. Fortalece o corpo e aprimora nossa visão da comunidade humana. Sem estímulos, seja qual for a forma, o trabalho criativo é impossível, como é também impossível o espírito de bondade e generosidade. O fato de alguns gênios notáveis terem buscado inspiração no cálice com frequência excessiva não justifica que o puritanismo tente agrilhoar todo o leque das emoções humanas. Um Byron, um Poe comoveram a humanidade muito mais profundamente do que todos os puri-

13. Antes de valer para todo o território nacional em 1920, a Lei Seca dos Estados Unidos [*Prohibition*] já havia sido adotada por alguns estados.

tanos juntos sequer podem sonhar. Esses dois escritores deram à vida significado e cor; já os puritanos estão transformando sangue vermelho em água, beleza em feiura, diversidade em uniformidade e decadência. O puritanismo, em qualquer uma das suas expressões, é um germe venenoso. Na superfície, tudo pode parecer forte e vigoroso; no entanto, o veneno vai exercendo a sua função continuamente, até que todo o tecido esteja condenado. Com Hippolyte Taine, todo espírito verdadeiramente livre já começou a perceber que “o puritanismo é a morte da cultura, da filosofia, do humor e do companheirismo; suas características são o tédio, a monotonia e a melancolia”.

Tráfico de mulheres¹

De repente, os nossos reformistas fizeram uma grande descoberta — o tráfico de escravas brancas. Os seus artigos estão cheios dessas “condições sem precedentes”, e os legisladores já estão planejando um novo conjunto de leis para controlar esse horror.²

É significativo que toda vez que se pretende desviar a opinião pública de um problema social, uma cruzada seja inaugurada contra a indecência, jogos de azar, bares etc. E qual é o resultado de tais cruzadas? Os jogos de azar continuam aumentando, os bares estão realizando negócios às escondidas, a prostituição está no auge, e o sistema coordenado por cafetões e cadetes³ se intensificou.

1. Uma primeira versão deste texto foi publicada na revista anarquista *Mother Earth*, então editada pela própria Goldman, sob o título *O tráfico de escravas brancas*. A presente versão foi publicada no mesmo ano em que a primeira, na coletânea de ensaios de 1910 *Anarquismo e outros ensaios*.

2. Em 25 de junho de 1910 foi aprovada a Lei Mann, que na época ficou conhecida como Lei do Tráfico de Escravas Brancas, que proibia o deslocamento interestadual de mulheres que tivesse como fim a exploração sexual. Na prática, a lei foi utilizada não só para criminalizar a prostituição e o tráfico de pessoas, mas também quaisquer relações que fossem consideradas “imorais”, como, por exemplo, relações sexuais entre homens negros e mulheres brancas ou relações sexuais consensuais fora do casamento.

3. Termo cunhado pelos moralistas para se referir ao novo tipo de cafetão, em geral estrangeiro, que, segundo eles, seriam os principais responsáveis pela exploração sexual de jovens imigrantes que pouco conheceriam da cultura americana — constatação à qual Goldman justamente se opõe no presente texto. Os cadetes foram descritos pelos moralistas como rapazes jovens que, em geral, teriam tido certo treinamento como vigias.

Como pode acontecer de uma instituição conhecida por quase toda criança ter sido descoberta assim, de uma hora para outra? Como pode acontecer de este mal, conhecido por todos os sociólogos, ter se tornado somente agora um assunto tão importante?

Supor que a investigação recente sobre o tráfico de escravas brancas (que, a propósito, trata-se de uma investigação extremamente superficial)⁴ descobriu algo de novo é, no mínimo, uma tolice. A prostituição foi e é um mal generalizado, não obstante a humanidade siga com os seus negócios, perfeitamente indiferente aos sofrimentos e angústia das vítimas da prostituição. Tão indiferente, inclusive, quanto a humanidade tem sido ao nosso sistema industrial, à prostituição econômica.

Apenas quando o sofrimento humano se transformar num brinquedo de cores gritantes irá o povo infantilizado se tornar interessado nele — por um tempo, ao menos. As pessoas são como bebês caprichosos que necessitam de brinquedos novos todos os dias. O grito por “justiça” contra o tráfico de escravas brancas é um brinquedinho desses. Serve para entreter as pessoas por um tempo e irá ajudar a criar alguns cargos políticos generosos a mais — parasitas que se movimentam pelo mundo na condição de inspetores, investigadores, detetives etc.

O que realmente é a causa do comércio de mulheres? Não apenas de mulheres brancas, mas amarelas e negras também. A exploração, obviamente: o Moloch⁵ impiedoso do capitalismo

4. Na primeira versão do presente ensaio, Goldman nomeia expressamente o principal agitador dessa investigação: George Kibbe Turner, que teria sido o responsável por cunhar a expressão “escravidão branca” no referido texto publicado, em 1909, na revista reformista *McClure's*. Neste, acusou os judeus (seguidos pelos italianos) de comporem majoritariamente a então nova classe de cafetões, os cadetes, como também de serem os principais responsáveis pelo esquema de tráfico de mulheres europeias para fins de exploração sexual. Tais acusações inflamaram tanto o antissemitismo quanto a rejeição aos emigrantes, presentes na população estadunidense de então.

5. De acordo com o Antigo Testamento, Moloch era uma das divindades dos amonitas, cuja característica mais marcante seria a exigência do sacrifício de crianças pelos seus próprios pais.

TRÁFICO DE MULHERES

que engorda com o trabalho mal remunerado, levando milhares de mulheres e meninas à prostituição. Com a senhora Warren⁶ essas garotas passaram a se questionar: “Por que desperdiçar a vida trabalhando dezoito horas por dia, numa copa, para ganhar alguns xelins por semana?”

Naturalmente, os nossos reformistas não dizem nada sobre esta causa. Eles a conhecem bem o suficiente, mas não ganham nada em dizer uma coisa como essa. É muito mais lucrativo bancar o fariseu, fingir uma moralidade ofendida, do que descer ao fundo das coisas.

No entanto, há uma exceção digna de louvor entre os escritores jovens: Reginald Wright Kauffman, cujo trabalho *The house of bondage* [A casa da servidão] é a primeira tentativa séria de tratar desse mal social de um ponto de vista que não seja sentimental ou filisteu. Jornalista de longa data, o sr. Kauffman comprova que o sistema industrial não possibilita à maioria das mulheres outra alternativa que não seja a da prostituição. As mulheres retratadas em *The house of bondage* pertencem à classe trabalhadora. Tivesse o autor retratado a vida de mulheres de outras esferas, ele teria se confrontado com o mesmo estado das coisas.

Em nenhum lugar a mulher é tratada de acordo com o mérito do seu trabalho, mas, ao contrário, é tratada como um sexo. É, portanto, praticamente inevitável que ela deva pagar por seu direito de existir, de manter a sua posição em qualquer que seja o âmbito, com favores sexuais. Desse modo, é somente uma diferença de grau se ela vende a si mesma a um único homem, seja dentro ou fora do casamento, ou a muitos homens. Quer os nossos reformistas admitam ou não, a inferioridade econômica e social da mulher é responsável pela prostituição.

Neste exato momento, nossas boas pessoas estão chocadas com a divulgação de que na cidade de Nova York uma a cada

6. Referência à personagem Kitty Warren do livro *Mrs. Warren's Profession* [A profissão da senhora Warren] de Bernard Shaw (1902). Essa personagem é uma ex-prostituta que conseguiu criar uma rede de bordéis, passando da miséria a uma vida de luxo e riqueza.

dez mulheres trabalha na indústria, que o salário médio recebido por uma mulher é de 6 dólares por semana, ou seja, de 6 dólares por 48 a 60 horas de trabalho semanais, e que a maioria das mulheres trabalhadoras enfrenta muitos meses de falta de trabalho, o que deixa o salário médio anual em torno de 280 dólares. Ao considerar esses horrores econômicos, é realmente de se admirar que a prostituição e o comércio de escravas brancas tenham se tornado fatores tão dominantes?

Para que os números citados não sejam acusados de exagero, é bom examinarmos o que algumas autoridades no assunto da prostituição têm a dizer:

Uma causa prolífica da depravação feminina pode ser encontrada nas muitas tabelas que descrevem o emprego que as mulheres procuravam e o salário que recebiam no momento antes da queda. Será uma questão, para os economistas políticos, decidir se considerações que levem em conta exclusivamente os negócios podem ser uma desculpa da parte dos empregadores para a redução de salários; e se a economia de uma pequena porcentagem dos seus rendimentos não será contrabalanceada pela enorme quantidade de impostos aplicados sobre o povo para cobrir as despesas decorrentes de um sistema de vícios *que é, em muitos casos, a consequência direta de uma remuneração desproporcional ao trabalho honesto*.⁷

Nossos reformistas atuais fariam bem em dar uma olhada no livro do dr. Sanger. Lá, eles irão encontrar que dos 2000 casos que observou, pouquíssimos eram oriundos da classe média, de condições bem estruturadas e casas confortáveis. Incomparavelmente, a maioria era formada por mulheres e garotas da classe trabalhadora; algumas conduzidas à prostituição por pura necessidade, outras por uma vida familiar cruel e miserável e outras ainda devido a uma constituição física comprometida, deficiente (sobre a qual falarei adiante). Também será de grande valia aos mantenedores da pureza e da moralidade saber que dos 2000 casos, 490 eram mulheres casadas, mulheres que viviam com os

7. William W. Sanger, *The history of prostitution: its extent, causes, and effects throughout the world* (1859).

TRÁFICO DE MULHERES

seus maridos. O que evidencia que não havia toda essa garantia à “segurança e pureza” da mulher, quando no interior da santidade do casamento.⁸

O dr. Alfred Blaschko, na obra *Prostitution in the Nineteenth Century* [A prostituição no século XIX], é ainda mais enfático na compreensão da condição econômica como um dos fatores mais centrais da prostituição.

Embora a prostituição tenha existido em todas as eras, coube ao século XIX transformá-la numa instituição social gigantesca. O desenvolvimento da indústria com massas imensas de pessoas no mercado competitivo, o crescimento e congestionamento das cidades grandes, a insegurança e a incerteza do emprego deram à prostituição um ímpeto nunca sonhado em nenhum período da história humana.

E mesmo Havelock Ellis, embora não trate a causa econômica de modo tão absoluto, é obrigado a admitir que ela é direta ou indiretamente a causa principal. Ele constata que uma grande porcentagem de prostitutas é recrutada da classe das empregadas domésticas, embora este ofício exija menos cuidados e ofereça uma maior segurança. Por outro lado, o senhor Ellis não nega que a rotina diária, a estafa e a monotonia que cabem a uma empregada doméstica, e especialmente o fato de que ela nunca pode participar da companhia e alegria de um lar, sejam fatores importantes o suficiente para forçá-la a buscar alguma diversão e esquecimento na alegria e brilho da prostituição. Em outras palavras, a empregada doméstica, ao ser tratada como burro de carga, nunca exercendo os seus direitos e desgastada pelos caprichos da patroa, pode vislumbrar a prostituição, caso também da trabalhadora da indústria e da balconista, como a sua única escapatória.

O lado mais engraçado dessa questão posta agora diante do público é a indignação das nossas “pessoas boas e respeitáveis”,

8. É significativo que o livro do dr. Sanger tenha sido excluído do sistema de distribuição dos EUA. Evidentemente, as autoridades não estão ansiosas para que o público seja informado da verdadeira causa da prostituição. [N. A.]

especialmente, a indignação dos vários cavalheiros cristãos, que sempre são encontrados na linha de frente de cada uma dessas cruzadas. Será que isso ocorre porque são absolutamente ignorantes em história da religião e especialmente na história da religião cristã? Ou isto se dá porque eles esperam cegar a geração atual para o papel desempenhado no passado pela igreja em relação à prostituição? Qualquer que seja a razão, eles deveriam ser os últimos a bradar em nome das vítimas desafortunadas de hoje, dado ser conhecido a qualquer estudante inteligente que a prostituição tem origem religiosa, que foi mantida e promovida por muitos séculos não como uma vergonha, mas como uma virtude, aclamada pelos próprios deuses.

Ao que parece a origem da prostituição é encontrada primeiramente dentre os costumes religiosos — na religião, a grande conservadora da tradição social, com o intuito de preservar, numa forma transformada, a liberdade primitiva que estava se esvaindo da vida social em geral. O exemplo típico é registrado por Heródoto, no século v antes de Cristo, quando se refere ao Templo de Mylitta, a Vênus babilônica, para o qual toda mulher, uma vez na vida, teria de ir com o objetivo de entregar-se ao primeiro estranho que jogasse uma moeda no seu colo em adoração à deusa. Costumes muito similares existiram em outras partes da Ásia ocidental, no norte da África, em Chipre e outras ilhas do Mediterrâneo, como também na Grécia, onde no templo de Afrodite, localizado em Corinto, havia mais de mil hierodulos⁹ dedicados ao serviço da deusa.

A teoria de que a prostituição religiosa se desenvolveu, via de regra, a partir da crença de que o ato de gerar seres humanos possui uma influência misteriosa e sagrada na promoção da fertilidade da natureza é compartilhada por todas as autoridades do assunto. Não obstante, à medida em que a prostituição religiosa foi se tornando uma instituição organizada sob a influência sacerdotal, desenvolveu características utilitárias, ajudando a aumentar a receita pública.

A ascensão do cristianismo ao poder quase não alterou essa política. Os mais proeminentes pais da Igreja toleravam a prostituição. Bordéis sob proteção municipal são encontrados no século XIII. Eles consti-

9. Nome dado aos escravos que estavam a serviços dos deuses. Quando pertencentes ao sexo feminino, costumavam ter por função a prostituição.

TRÁFICO DE MULHERES

tuíam uma espécie de serviço público, de modo que os seus diretores eram praticamente considerados servidores públicos.¹⁰

A isto deve ser adicionado o seguinte trecho oriundo do trabalho do doutor Sanger:

O Papa Clemente II emitiu uma bula papal na qual estava decretado que as prostitutas seriam toleradas desde que pagassem certa quantia dos seus ganhos à Igreja.

O Papa Sisto IV foi mais prático; de um único bordel, que ele mesmo construiu, recebeu 20000 ducados.

Nos tempos modernos, a Igreja é um pouco mais cuidadosa nesse sentido. Ao menos, ela não exige abertamente os tributos das prostitutas. Considera muito mais lucrativo investir no mercado imobiliário, como, por exemplo, a Igreja da Trindade, que aluga verdadeiras armadilhas mortais a preços exorbitantes para os que vivem da prostituição.¹¹

Por mais que deseje, o tempo não me permite discorrer sobre a prostituição no Egito, Grécia, Roma e ao longo da Idade Média. As condições desse último período são especialmente interessantes, uma vez que a prostituição foi organizada em guildas, que eram presididas pela Rainha do Bordel. Essas guildas usavam a greve como meio de melhorar suas condições e manter o preço padronizado. Certamente, um método mais eficaz do que o utilizado pelo escravo assalariado da nossa sociedade moderna.¹²

10. Havelock Ellis, *Studies in the Psychology of Sex: Sex in Relation to Society*, vol. 6.

11. A Igreja da Trindade era proprietária dos imóveis de um famoso centro de prostituição, em Nova York, que, por conta dessa relação, ficou conhecido como *Holy Ground* [Solo Sagrado].

12. Na primeira versão, segue-se a este parágrafo uma passagem em que Goldman compara os moralistas anglo-saxônicos aos fariseus, o que inclui uma alusão a Mateus 23. Vide a passagem suprimida: “Nunca, porém, foi atribuída à prostituição a posição atual de depravação e criminalidade, porque em épocas passadas a prostituição não foi perseguida e reprimida como é hoje em dia, especialmente nos países anglo-saxônicos, onde o farisaísmo está no auge, onde cada um encontra-se ocupado escondendo os esqueletos em sua própria casa enquanto aponta para a chaga do companheiro”.

Seria tanto parcial, quanto extremamente superficial, considerar que o fator econômico é a única causa da prostituição. Há outras causas que são não menos importantes e vitais. Os nossos reformistas também as conhecem, mas o receio de discuti-las é ainda maior do que o de discutir a instituição que suga o âmago da vida dos homens e mulheres. Refiro-me agora às questões sexuais cuja simples menção é suficiente para causar, na maioria das pessoas, espasmos morais.

É um fato amplamente aceito que a mulher é criada como uma mercadoria sexual e, não obstante, ainda assim, ela é mantida em absoluta ignorância acerca do significado e da importância do sexo. Tudo o que seja relacionado a esse assunto é suprimido, e as pessoas que tentam trazer luz para essa escuridão terrível são perseguidas e jogadas nas prisões. Assim, torna-se natural que uma garota não saiba cuidar de si mesma, que não saiba nada da função mais importante a ser exercida na sua vida, de modo que não pode haver surpresa que ela se torne uma presa fácil da prostituição ou de qualquer outra forma de relacionamento que a degrade à posição de objeto para uma gratificação meramente sexual.

É devido a essa ignorância que a vida e a natureza de uma mulher são frustradas e aleijadas. Já há muito tempo aceitamos como uma obviedade que um rapaz deva seguir o chamado da natureza, o que é o mesmo que dizer que o garoto pode, tão logo a sua natureza sexual se afirme, satisfazer essa natureza, não obstante nossos moralistas fiquem escandalizados com a ideia de que a natureza de uma garota também deva ser afirmada. Para os moralistas, a prostituição não consiste tanto no fato de que a mulher venda o seu corpo, mas, ao invés disso, que ela venda o seu corpo fora do casamento. Que isto não se trata de palavras jogadas ao vento é comprovado pelo fato de que o casamento por razões monetárias é considerado como perfeitamente legítimo, santificado pela lei e pela opinião pública, enquanto qualquer outra união é condenada e repudiada. Não obstante, se for definida adequadamente, prostituta não significa nada além do que

TRÁFICO DE MULHERES

“qualquer pessoa para quem os relacionamentos sexuais estão subordinados ao lucro”.¹³

Essas mulheres são prostitutas, porque vendem seus corpos para o exercício do ato sexual e fazem disso uma profissão.¹⁴

De fato, Bongger¹⁵ vai além; ele sustenta que a ação de prostituir-se é “intrinsecamente igual à de um homem ou mulher que se casa por razões econômicas”.

É claro que o casamento é o objetivo de toda garota, mas como milhares não conseguem se casar, nossos estúpidos costumes sociais as condenam ou a uma vida de celibato ou à prostituição. A natureza humana afirma a si mesma independentemente de todas as leis e não há qualquer razão plausível para que a natureza se adapte a uma concepção perversa de moralidade.

A sociedade considera as experiências sexuais de um homem como atributos do seu desenvolvimento geral, enquanto experiências similares por parte da mulher são vistas como uma calamidade terrível, como perda da honra e de tudo o mais que seja bom e nobre num ser humano.¹⁶ Esse padrão duplo de moralidade tem desempenhado um papel que não é pequeno na criação e perpetuação da prostituição. Envolve manter as jovens numa ignorância absoluta em relação ao sexo, o que, assomado à “inocência” que lhes é atribuída e à sua natureza sexualmente abundante, ao mesmo tempo em que reprimida, traz à tona justamente o estado das coisas que os nossos puritanos buscam, tão ansiosamente, evitar e prevenir.¹⁷

13. Yves Guyot, *La Prostitution* (1882).

14. Willem Bongger, *Criminalité et conditions économiques* (1905).

15. No original, Goldman erra a grafia do nome do autor, colocando Banger ao invés de Bongger.

16. Na primeira versão, Goldman inicia esse parágrafo com uma consideração muito intrigante e potencialmente polêmica que, aqui, optou por suprimir: “Por ter sido encarada como simples mercadoria sexual, a honra, a decência, a moralidade e a utilidade da mulher tornaram-se apenas uma parte de sua vida sexual”.

17. Conforme sugere na versão anterior: “Esse estado das coisas encontra seu retrato magistral na obra de Zola, *Fecundidade*”.

Não que a satisfação sexual leve necessariamente à prostituição; é a perseguição cruel, impiedosa e criminosa àqueles que ousam se desviar da trilha batida a responsável por ela.

Meninas, meras crianças, trabalhando em salas lotadas e superaquecidas de dez a doze horas por dia, em máquinas, tendem, por conta das circunstâncias mesmas, a ficar num estado sexual de constante excitação. Muitas dessas garotas não têm um lar ou conforto de qualquer tipo, de modo que as ruas ou algum lugar de diversão barata são os únicos meios de esquecer a rotina diária — o que, naturalmente, as coloca em proximidade com o outro sexo. É difícil dizer qual dos dois fatores conduz o estado de hiperexcitação sexual dessas garotas ao clímax, mas é por certo natural que este clímax deva se seguir. Este é o primeiro passo em direção à prostituição. A garota não deve ser responsabilizada por isso. Pelo contrário, é completamente culpa da sociedade, culpa da nossa falta de entendimento, da nossa falta de apreço pela vida no que diz respeito à sua geração; especialmente, trata-se aí do erro criminoso dos nossos moralistas, que condenam essas jovens mulheres por toda eternidade, pelo motivo de elas terem saído do “caminho da virtude”; isto é, porque a sua primeira experiência sexual ocorreu sem a sanção da Igreja.

A jovem garota se sente completamente marginalizada, com as portas de casa e da sociedade fechadas na sua cara. Toda a sua formação e tradição são tais que ela sente a si mesma como depravada e decaída e, portanto, sem nada em que possa se apoiar, sem nada que seja capaz de elevá-la, ao invés de jogá-la ainda mais para baixo. A sociedade cria as vítimas que, depois, tenta em vão se livrar. Por mais terrível, depravado e decrépito que seja um homem, ele ainda assim se considera bom demais para tomar como esposa a mulher cuja graça ele estaria disposto a comprar, mesmo que, com esse casamento, pudesse salvá-la de uma vida de horror. Tampouco a prostituta pode recorrer à ajuda da sua irmã. Em sua estupidez, essa última se considera pura e casta, sem perceber que a sua posição é, em muitos aspectos, ainda mais deplorável do que a da sua irmã da rua.

TRÁFICO DE MULHERES

“A esposa que se casou por dinheiro, comparada à prostituta”, diz Havelock Ellis, “é a verdadeira fura-greve. Ela recebe menos, dá muito mais em troca em termos de trabalho e cuidados e está absolutamente atada ao seu mestre. A prostituta nunca abre mão do direito sobre sua própria pessoa, ela mantém sua liberdade e direitos pessoais, e nem é a todo momento obrigada a se submeter ao cerco de um homem.”

A mulher que se julga melhor do que as outras também não é capaz de compreender a declaração apologista de Lecky quando afirma que “embora ela [a prostituição] possa ser o tipo supremo de vício, também é a mais eficiente guardiã da virtude. Se não fosse por ela, lares felizes seriam poluídos, práticas antinaturais e prejudiciais abundariam”.¹⁸

Os moralistas estão sempre prontos para sacrificar metade da raça humana em nome de alguma instituição miserável que eles não conseguem superar. É verdade que a prostituição não é a salvaguarda da pureza do lar, do mesmo modo que leis rígidas não são salvaguardas contra a prostituição. Cinquenta por cento dos homens casados são clientes de bordéis. É através desse elemento virtuoso que mulheres casadas — e mesmo crianças — são infectadas por doenças venéreas. No entanto, a sociedade não tem uma palavra de condenação aos homens, ao mesmo tempo em que nenhuma lei é considerada monstruosa o suficiente ao ponto de não ser posta em ação contra a vítima desamparada. A prostituta é assediada não apenas por quem a utiliza, está absolutamente à mercê de todos: nas ruas, dos policiais e miseráveis detetives; nas delegacias, dos oficiais; em todas as prisões, encontra-se à mercê das autoridades.

Num livro recente de uma mulher que, por doze anos, foi dona de uma “casa”, são encontrados os seguintes números: “As autoridades me obrigavam a pagar todo mês multas que iam de 14,70 a 29,70 dólares, já as meninas tinham de pagar de 5,70 a

18. Neste trecho, Goldman está se referindo às palavras de William Edward Hartpole Lecky citadas no livro de Ellis.

9,70 dólares para a polícia”. Considerando que os negócios dessa escritora estavam localizados numa cidade pequena, e que os valores que ela fornece não incluem subornos e multas extras, pode-se ver prontamente a magnitude da receita que o departamento de polícia obtém com o dinheiro do sangue das suas vítimas, as quais não irá sequer proteger. Ai daquelas que se recusem a pagar seu pedágio; elas seriam ajuntadas tal qual gado, “fosse para causar uma boa impressão nos bons cidadãos da cidade, fosse porque os poderosos estivessem necessitando de um dinheiro extra. Para a mente deformada que acredita que uma mulher decaída é incapaz de emoção humana, é impossível perceber a tristeza, a desgraça, as lágrimas, o orgulho ferido que nos tomava todas as vezes que éramos apreendidas”.

Não é estranho que uma mulher que manteve uma “casa” possa se sentir assim? Mais estranho, porém, é que o mundo cristão, apesar de tão bom, deva fazer sangrar e extorquir essas mulheres, dando-lhes nada em troca que não seja condenação e perseguição. Oh, que caridade a do mundo cristão!

Muita ênfase tem sido colocada nessa questão das escravas brancas que estariam sendo importadas para a América. Como a América pode manter a virtude se não tiver a Europa para ajudá-la? Não vou negar que isso ocorra em alguns casos, como não negarei que há emissários da Alemanha e de outros países que estão atraindo escravos econômicos para a América; não obstante, nego absolutamente que a prostituição esteja sendo recrutada da Europa numa proporção que seja digna de consideração. Pode ser verdade que a maioria das prostitutas de Nova York são estrangeiras, mas isto se dá apenas porque a maioria da população é estrangeira. No momento em que vamos para qualquer outra cidade americana, como Chicago ou para a região centro-oeste, vemos que o número de prostitutas estrangeiras é de longe a minoria.

Igualmente exagerada é a crença de que a maioria das mulheres da rua nessa cidade estavam envolvidas neste ramo antes de virem para a América. A maioria das jovens fala um inglês ex-

TRÁFICO DE MULHERES

celente, elas são americanizadas em hábitos e aparência — algo absolutamente impossível, a não ser que você viva neste país já há muitos anos. Ou seja: elas foram conduzidas à prostituição pelas condições americanas, pelo costume estritamente americano de exibir-se, do modo mais excessivo possível, em roupas elegantes, para as quais naturalmente se necessita de dinheiro — dinheiro que não se pode ganhar com o trabalho nas fábricas ou nas lojas.¹⁹

Em outras palavras, não há razão para acreditar que algum grupo de homens assumiria o risco e as despesas para obter produtos estrangeiros, quando as condições americanas estão inundando o mercado com milhares de jovens garotas. Por outro lado, há evidência suficiente para provar que a exportação de meninas americanas para fins de prostituição não é, de modo algum, um fator irrelevante.

Clifford G. Roe, ex-procurador assistente do condado de Cook, em Illinois, fez a denúncia de que jovens da Nova Inglaterra estão sendo embarcadas para o Panamá com o objetivo expresso de serem utilizadas por homens empregados pelo Tio Sam. Roe acrescenta que “parece haver uma ferrovia subterrânea entre Boston e Washington, na qual muitas garotas viajam”. Não é significativo que a ferrovia conduza à sede da autoridade federal? Que o sr. Roe tenha falado mais do que o desejado por certos setores é comprovado pelo fato de que ele perdeu o seu cargo. Não é aconselhável que homens em seus ofícios contem histórias da carochinha.

19. Na primeira versão, Goldman continua esse parágrafo com a comparação, que lhe é usual, entre a prostituta e a mulher casada, cunhando para isso o interessante termo “roupafobia” (*clothesophobia*), que, pelo contexto, seria mais apropriado se fosse designado “roupamania”. Eis a passagem em questão: “A serenidade dos moralistas não é perturbada pelas mulheres respeitáveis que satisfazem a sua roupamania [*clothesophobia*] ao casar-se por dinheiro; por que, então, eles ficam tão indignados se a pobre garota se vende pela mesma razão? A única diferença diz respeito à quantidade recebida, e, é claro, ao rótulo que a sociedade lhe dá ou retira”.

A desculpa dada para o que vem ocorrendo no Panamá foi a de que não há bordéis na Zona do Canal. Esse é o tipo de desculpa usual em um mundo hipócrita que não ousa encarar a verdade. Não há prostitutas na Zona do Canal, nem nos limites da cidade — logo, a prostituição não existe.

Além do sr. Roe, há também James Bronson Reynolds, que fez um estudo minucioso do tráfico de escravas brancas para a Ásia. Como cidadão americano fiel e amigo do futuro Napoleão da América, Theodore Roosevelt, ele seria certamente o último a difamar a decência moral do seu país. No entanto, somos informados por ele que em Hong Kong, Xangai e Yokohama estão alocados os estábulos de Aúguas²⁰ do vício americano. Lá, as prostitutas americanas se fizeram tão visíveis que no Oriente “garota americana” é sinônimo de prostituta. O sr. Reynolds lembra aos seus compatriotas que, embora os americanos na China estejam sob a proteção de nossos representantes consulares, os chineses na América não têm nenhuma proteção. Qualquer um que esteja informado da perseguição brutal e bárbara que os chineses e japoneses enfrentam na costa do Pacífico, irão concordar com o sr. Reynolds.

Tendo em vista os fatos expostos acima, é excessivamente absurdo apontar para a Europa como o pântano de onde vêm as doenças sociais da América. Tão absurdo quanto é corroborar com o mito de que os judeus são os maiores responsáveis pelo contingente das presas voluntárias. Estou certa de que ninguém me acusará de tendências nacionalistas. Fico feliz em dizer que o meu desenvolvimento está além delas, como além de muitos outros preconceitos. Que, portanto, eu me ressinta da afirmação de que as prostitutas judias são importadas com este fim, não é por conta de nenhuma simpatia judaica, mas sim pelo modo de vida característico a essas pessoas. Ninguém, exceto os mais

20. Na mitologia grega, os estábulos do rei Aúguas eram habitados por um grande número de touros, dados de presente pelo deus Hélios, cujos estercos jamais haviam sido limpos. Um dos trabalhos de Hércules foi limpar os estábulos de Aúguas em um único dia.

TRÁFICO DE MULHERES

superficiais, poderá declarar que jovens judias imigram para terras estranhas sem que tenham algum laço ou relações que as levem até lá. As jovens judias não são aventureiras. Até poucos anos atrás, elas não podiam sequer sair de casa, nem mesmo até a vila ou cidade vizinha, se não fosse para visitar algum parente. Como, então, pode parecer crível que jovens judias deixem seus pais e famílias, viajando milhares de quilômetros, por conta de influências e promessas de algum estranho poder? Dirija-se a qualquer um desses grandes navios e veja por si mesmo se essas garotas não vêm acompanhadas de seus pais, irmãos, tias ou de outros parentes. Pode haver exceções, obviamente, mas afirmar que um grande número de jovens judias é importado para o fim da prostituição, ou de qualquer outro propósito, é simplesmente não conhecer a psicologia judaica.

Aqueles que se sentam numa casa com telhado de vidro fazem mal em atirar pedras sobre os judeus; até porque o telhado de vidro americano é bastante fino, quebra com facilidade e o interior da casa é tudo menos agradável.

O agenciador é, sem dúvida, um pobre espécime da família humana, mas quais são mesmos os motivos que fazem dele mais desprezível do que o policial que tira o último centavo da mulher de rua, para depois trancá-la na delegacia? Por que o cadete é mais criminoso, ou uma ameaça maior à sociedade, do que os donos de lojas de departamento e fábricas, que engordam com o suor de suas vítimas, apenas para conduzi-las às ruas? Não estou fazendo nenhum apelo em nome dos cadetes, mas não consigo ver por que eles devem ser perseguidos sem piedade, enquanto os reais responsáveis por toda iniquidade social gozam de imunidade e respeito. Também é bom lembrar que não é o cadete quem cria a prostituta. É a nossa farsa e hipocrisia que criam a prostituta e o cadete.

Até 1894, pouco se sabia na América sobre esse agenciador. Só que aí fomos atacados por uma epidemia de virtude. O vício deveria ser abolido, o país purificado a todo custo. O câncer social foi, então, desviado da vista e aprofundado no corpo. Os propri-

etários dos bordéis, assim como as suas desafortunadas vítimas, foram entregues à misericórdia da polícia. As consequências inevitáveis, os subornos exorbitantes e a penitenciária se seguiram. Quando estavam nos bordéis, essas jovens desafortunadas encontravam-se relativamente protegidas, lá tinham certo valor monetário, mas agora, nas ruas, estão absolutamente à mercê da corrupção e ganância policiais. Desesperadas, necessitando de proteção e ansiando por afeição, essas garotas tornam-se naturalmente presas fáceis para os cadetes, que nada mais são do que um dos resultados do espírito dessa nossa era comercial. Assim, o sistema de cadetes é a consequência direta da perseguição policial, da corrupção e da tentativa de repressão da prostituição. É pura tolice confundir uma fase tardia desse mal social com a sua causa.

Mera repressão e decretos bárbaros servem apenas para afligir e degradar ainda mais as desafortunadas vítimas da ignorância e da estupidez. Estupidez que alcançou a sua expressão mais elevada com a proposta de lei que visava tornar o tratamento humanitário às prostitutas um crime, cuja pena a qualquer um que abrigasse uma prostituta seria a de cinco anos de prisão e uma multa de dez mil dólares. Esse tipo de atitude revela a tenebrosa falta de entendimento das verdadeiras causas da prostituição, o fator social, a mesma que se manifestou no espírito puritano dos dias de *A letra escarlata*.

Não existe um único especialista moderno no tema que não concorde que métodos legislativos são absolutamente inúteis para dar conta do assunto. O dr. Alfred Blaschko compreende que a repressão governamental e as cruzadas morais não têm resultado algum que não o de desviar o mal para vias secretas, multiplicando os perigos para a comunidade. Havelock Ellis, o estudioso mais completo e humano da temática da prostituição, prova a partir de grande riqueza de dados que, quanto mais rigorosos os métodos de perseguição, piores as condições se tornam. Em meio a outros dados, somos informados que na França, “em 1560, Charles IX aboliu os bordéis por meio de um decreto, mas

TRÁFICO DE MULHERES

o número de prostitutas só aumentou, ao mesmo tempo em que muitos novos bordéis apareceram de formas inesperadas e muito mais perigosas. Apesar de toda essa legislação, ou por causa dela, não houve nenhum país em que a prostituição tenha desempenhado um papel mais ostensivo”²¹.

Uma opinião pública educada, livre da perseguição moral e legal às prostitutas, é a única coisa capaz de aliviar as condições atuais. Fechar deliberadamente os olhos e ignorar esse mal, que é um fator social da vida moderna, pode tão somente agravar o problema. Devemos nos colocar acima de concepções bobas como a de ser superior ao outro e aprender a ver a prostituta como um produto de condições sociais e não morais. Tal percepção varrerá para longe a hipocrisia e garantirá uma melhor compreensão e um tratamento mais humano. Quanto à erradicação da prostituição, nada é capaz de garantir isso, exceto uma completa transvaloração de todos os valores aceitos, especialmente os morais — transvaloração que deve ser acompanhada da abolição da escravidão industrial.

21. Havelock Ellis, *Studies in the Psychology of Sex: Sex in Relation to Society*, vol. 6



O sufrágio feminino¹

Vangloriamo-nos da nossa era de avanço, ciência e progresso. Não é estranho, então, que ainda acreditemos na adoração fetichista? É verdade que nossos fetiches têm agora diferentes formas e substâncias, mas no que diz respeito ao seu poder sobre a mente humana, eles são tão desastrosos quanto eram nos tempos arcaicos.

Nosso fetiche moderno é o sufrágio universal. Aqueles que ainda não alcançaram esse fim travam revoluções sangrentas para conquistá-lo, e aqueles que desfrutam do seu reinado trazem pesados sacrifícios ao altar dessa deidade onipotente. Ai dos hereges que se atrevam a questionar essa divindade!

A mulher, ainda mais do que o homem, é uma adoradora de fetiches e, embora os seus ídolos possam mudar, ela está sempre de joelhos, sempre levantando as mãos, sempre cega para o fato de que seu deus tem pés de barro. A mulher tem sido o suporte de todas as divindades desde os tempos imemoriais. E, assim, ela tem pagado o preço que somente os deuses podem cobrar — sua liberdade, o sangue de seu coração, sua própria vida.

A máxima memorável de Nietzsche, “Quando você encontrar uma mulher, leve o chicote”, é considerada muito brutal e, no entanto, Nietzsche expressou numa frase a atitude da mulher para com os seus deuses.

1. Nono capítulo da coletânea *Anarquismo e outros ensaios* (1910).

A religião, especialmente a religião cristã, condena a mulher à vida de um ser inferior, de um escravo. Isso frustra sua natureza e acorrenta sua alma, mas a religião cristã não tem maior partidário, ninguém que seja mais devoto do que a mulher. De fato, é seguro dizer que, há muito, a religião já teria deixado de ser um fator relevante na vida das pessoas, não fosse pelo apoio que recebe da mulher. Os mais fervorosos obreiros de igreja, os mais incansáveis missionários do mundo inteiro, são mulheres — sempre a oferecer sacrifícios no altar dos deuses que acorrentam o seu espírito e escravizam o seu corpo.

O monstro insaciável, a guerra, rouba da mulher tudo o que lhe é caro e precioso. Extorque-lhe seus irmãos, amantes e filhos, para dar-lhe em troca uma vida de solidão e desespero. No entanto, a maior defensora e adoradora da guerra é a mulher. É ela quem incute nos seus filhos o amor pela conquista e pelo poder; é ela quem sussurra nos ouvidos das crianças sobre as glórias da guerra; é ela quem embala o sono do bebê ao som das trombetas e do barulho das armas. Também é a mulher quem coroa o vencedor no seu retorno dos campos de batalha. Sim, é a mulher quem paga o mais alto preço a esse monstro insaciável, a guerra.

Em seguida, há o lar. Que fetiche terrível é esse! Como suga a energia vital da mulher — essa prisão moderna de barras de ouro. Seu aspecto brilhante cega a mulher para o preço que ela terá de pagar como esposa, mãe e empregada doméstica. Ainda assim, ela se agarra tenazmente ao lar, ao poder que a mantém em cativeiro.

Pode-se dizer que é porque a mulher reconhece o preço terrível que ela é obrigada a pagar à igreja, ao Estado e ao lar, que ela quer que o sufrágio a liberte. Esta pode ser a verdade de poucas; a maioria das sufragistas repudiam completamente tal blasfêmia. Ao contrário, elas insistem que o sufrágio feminino irá torná-las cristãs e domésticas ainda melhores, além de cidadãs leais ao Estado. Consequentemente, o sufrágio é apenas um meio de

O SUFRÁGIO FEMININO

fortalecer a onipotência dos mesmos deuses que a mulher serve desde os tempos imemoriais.

Que maravilha, então, que a mulher seja tão devota, tão zelosa, tão prostrada ante esse novo ídolo, o sufrágio feminino. Como nos tempos idos, ela suporta a perseguição, a prisão, a tortura e todas as formas de condenação com um sorriso em seus lábios. Como nos tempos idos, até a mais esclarecida espera um milagre dessa deidade do século xx — o sufrágio. Vida, felicidade, alegria, liberdade, independência — tudo isso, e muito mais, irá brotar com o sufrágio. Em sua devoção cega, a mulher não vê o que pessoas dotadas de intelecto perceberam cinquenta anos atrás: que o sufrágio é um mal, que apenas ajudou a escravizar pessoas, que não fez mais do que fechar os seus olhos para que não pudessem ver o quão astutamente elas foram moldadas para se submeter.

A demanda da mulher pelo sufrágio igualitário é baseada, em grande medida, na alegação de que a mulher deve ter direitos iguais em todos os aspectos referentes à sociedade. Possivelmente, ninguém poderia refutar tal alegação, se o sufrágio fosse, de fato, um direito. Infelizmente, a ignorância humana é capaz de ver um direito numa imposição. Ou não se trata da mais brutal imposição que um grupo de pessoas crie as leis pelas quais outro grupo será coagido e forçado a obedecer? Ainda assim, a mulher clama por essa “oportunidade de ouro” que tem trazido tanta miséria ao mundo e roubado ao homem sua integridade e autoconfiança; uma imposição que tem corrompido as pessoas de modo absoluto, transformando-as em presas indefesas nas mãos de políticos inescrupulosos.

O pobre, estúpido e livre cidadão americano! Livre para morrer de fome, livre para vagabundear pelas estradas desse grandioso país, ele desfruta do sufrágio universal e, em nome desse direito, forja grilhões para os seus próprios membros. A recompensa que recebe são leis trabalhistas rigorosas que proíbem o direito ao boicote, ao piquete, precisamente, que proíbem tudo que não seja o direito de roubar os frutos do seu trabalho. Todos

os resultados desastrosos desse fetiche do século xx não foram capazes de ensinar algo à mulher. Posto que, ainda assim, é-nos assegurado que a mulher purificará a política.

Desnecessário dizer que a minha oposição ao sufrágio feminino não se coaduna com o argumento convencional de que ela não é uma igual. Eu não vejo qualquer motivo físico, psicológico ou mental para que a mulher não deva ter o mesmo direito de votar que o homem. O que eu não posso é me cegar para a concepção absurda de que a mulher será bem-sucedida naquilo em que o homem falhou. Se ela não tornar as coisas piores, certamente não poderá torná-las melhores. Presumir que a mulher triunfará em purificar algo que não é passível de purificação é creditar-lhe poderes sobrenaturais. Uma vez que a tragédia da mulher tem sido a de ser olhada ou como um anjo ou como um demônio, a sua verdadeira salvação reside em ser colocada sobre a terra; ou seja, em ser considerada um ser humano e, desse modo, sujeita a todas as loucuras e erros humanos. Como poderemos, então, acreditar que dois equívocos farão o certo? Devemos presumir que o veneno já inerente à política diminuirá, se a mulher adentrar a arena política? Nem mesmo as mais ardentes sufragistas admitiriam uma loucura como essa.

Na verdade, os maiores estudiosos do sufrágio universal já perceberam que todos os sistemas de poder político existentes são absurdos, e completamente inadequados para ir ao encontro das questões mais prementes da vida. Essa visão é corroborada pela declaração de alguém que é uma fervorosa crente no sufrágio feminino, a doutora Helen L. Sumner. No seu competente estudo *Equal Suffrage* [Sufrágio igualitário], ela diz: “No Colorado, acreditamos que o sufrágio igualitário serve para mostrar, do modo mais claro possível, a podridão essencial e o caráter degradante de todo sistema existente”. Naturalmente, a dra. Sumner tem em mente um sistema particular de votação, mas o mesmo se aplica, e com força igual, a todo mecanismo do sistema representativo. Com uma base como essa, é difícil compreender como

O SUFRÁGIO FEMININO

a mulher, na condição de fator político, poderia beneficiar a si mesma ou ao resto da humanidade.

Mas, dizem as nossas sufragistas devotadas, olhem para os países e estados em que o sufrágio feminino existe. Vejam o que a mulher foi capaz de atingir — na Austrália, Nova Zelândia, Finlândia, nos países escandinavos, e nos nossos quatro estados, Idaho, Colorado, Wyoming e Utah. A distância empresta certo encantamento — ou, para citar um ditado polonês — “está tudo bem onde nós não estamos”. É de pressupor que esses países e estados sejam diferentes dos outros países e estados, que desfrutem de maior liberdade, maior igualdade social e econômica, de uma apreciação mais elevada da vida, de um entendimento mais profundo do significado da luta social, com todas as questões vitais que ela traz para a raça humana.

As mulheres da Austrália e da Nova Zelândia podem votar e colaborar na elaboração das leis. As condições de trabalho lá são melhores do que as da Inglaterra, onde as sufragistas estão empreendendo uma luta tão heroica? Existe nesses países uma maternidade mais plena, crianças mais felizes e livres do que na Inglaterra? É a mulher lá, de fato, considerada algo mais do que mera mercadoria sexual? Ela se emancipou do padrão duplo da moralidade puritana para homens e mulheres? Certamente ninguém, com exceção de uma mulher mediana dotada de objetivos políticos específicos, se atreveria a dizer que sim. E se assim é, parece ridículo apontar para a Austrália ou para a Nova Zelândia como a Meca das realizações do sufrágio igualitário.

De outro lado, é um fato, para aqueles que conhecem as condições políticas reais da Austrália, que a política censurou os trabalhadores com a aprovação de leis trabalhistas rigorosas, transformando greves desprovidas da aprovação de algum comitê arbitrário num crime do mesmo porte que o de traição.

Em nenhum momento tive a pretensão de sugerir que o sufrágio feminino é responsável por esse estado das coisas. O que quero dizer é que não há razão em apontar para a Austrália como o milagreiro das realizações das mulheres, uma vez que sua in-

fluência foi incapaz de libertar o trabalho da subjugação das grandes autoridades políticas.

A Finlândia deu à mulher o sufrágio igualitário; e ainda mais, deu-lhe o direito de se sentar no Parlamento. Será que isso ajudou a desenvolver nelas um heroísmo maior e um fervor mais intenso do que os das mulheres da Rússia? A Finlândia, como a Rússia, sofre sob o terrível chicote do czar sanguinário.² Onde encontramos as Perovskaia, Spiridonova, Figners, Breshkovskaia³ finlandesas? Onde estão as incontáveis jovens finlandesas que vão, com alegria, para a Sibéria em nome da sua causa? Infelizmente, a Finlândia precisa de libertadores heroicos. Por que o voto não foi capaz de criá-los? O único justiceiro do povo finlandês foi um homem, não uma mulher, e ele se valeu de uma arma muito mais efetiva do que o voto.⁴

No que diz respeito aos nossos estados, nos quais as mulheres já podem votar, e que constantemente são apontados como exemplos de grandes maravilhas, o que foi mesmo realizado por lá através do voto que as mulheres não podem desfrutar nos outros estados? Ou dito de outro modo, o que foi realizado por lá que não lhes seria alcançável caso, sem se valer do voto, empregassem grandes esforços?

É verdade que, nos estados em que o sufrágio foi instaurado, é garantido às mulheres direitos iguais à propriedade; mas de que serve esse direito à massa de mulheres que não possuem propriedade; aos milhares de trabalhadoras assalariadas que vivem em condições extremamente precárias? Que o sufrágio igualitário nunca afetou e nem pode afetar a condição dessas pessoas é

2. A Finlândia só se tornou independente da Rússia em 1917.

3. Referência às revolucionárias russas: Sophie Perovskaia (1853–1881), Maria Spiridonova (1884–1941), Vera Nikolayevna Figner (1852–1942) e Ekaterina Breshko-Breshkovskaia (1844–1934), respectivamente.

4. É provável que Goldman esteja se referindo a Eugen Waldemar Schauman, que assassinou, em 1904, o governador-geral da Finlândia Nikolay Ivanovich Bobrikov, responsável por introduzir, a mando do czar Nicolau II, o programa de russificação da Finlândia — o que marcou o início do período que ficou conhecido como “Anos de opressão”.

O SUFRÁGIO FEMININO

admitido pela própria dra. Sumner, que certamente está na posição de saber sobre o que está falando. Na condição de sufragista fervorosa — enviada ao Colorado pelo *Collegiate Equal Suffrage League of New York State* [Liga do Colegiado do Sufrágio Igualitário do Estado de Nova York] para coletar material em favor do sufrágio —, ela seria a última pessoa a dizer algo depreciativo; ainda assim, é através dela que somos informados de que “o sufrágio igualitário quase não afetou a condição econômica das mulheres. As mulheres não recebem salários iguais por trabalhos iguais e, muito embora no Colorado a mulher venha desfrutando do sufrágio no âmbito escolar desde 1876, lá professoras recebem salários mais baixos do que as da Califórnia”. Por outro lado, a srta. Sumner falhou em dar conta do fato de que, embora as mulheres [no Colorado] tenham direito ao sufrágio escolar há trinta e quatro anos e ao sufrágio igualitário desde 1894, só em Denver, segundo pesquisa recente, há pelo menos 15000 crianças em idade escolar negligenciadas. E isso com as mulheres ocupando a maioria dos postos no Departamento de Educação e, o que também é notável, após as mulheres no Colorado terem sancionado “as mais rigorosas leis de proteção às crianças e animais”. As mulheres no Colorado, escreve a srta. Sumner, “manifestam grande interesse nas instituições estatais para cuidado de crianças dependentes, deficientes e delinquentes”. Que testemunho terrível contra os cuidados e interesses típicos à mulher, para o caso de a cidade possuir quinze mil crianças negligenciadas. Que glória pode ainda haver para o sufrágio feminino, quando falhou completamente na questão de maior importância para a sociedade, a criança? Onde está o senso superior de justiça que a mulher deveria ter trazido para a política? Onde esse senso se encontrava quando, em 1903, os proprietários das minas travaram uma guerra contra a *Western Miners' Union* [União dos Mineiros do Oeste]; quando o general Bell instaurou um reino de terror, arrancando os homens à noite de suas camas, sequestrando-os ao longo de toda a fronteira, para prendê-los em celas, enquanto declarava “a constituição que vá para o inferno, o nosso clube é a

constituição”?⁵ Onde estavam, nesse caso, as mulheres da política e por que não exerceram seu poder de voto? Ora, mas elas exerceram e ajudaram a derrotar o homem mais justo e a mente mais liberal, o governador Waite.⁶ Isso abriu caminho para o rei das minas, o governador Peabody, o inimigo do trabalhador, o czar do Colorado. “Certamente, o sufrágio masculino não poderia ter feito pior.” Isso é fato. Em que, então, consiste a vantagem do sufrágio feminino para a mulher e para a sociedade? A afirmação constantemente repetida de que a mulher purificará a política não é nada além de um mito. Por isso, não é corroborada pelas pessoas que efetivamente conhecem as condições em que se faz política em Idaho, no Colorado, Wyoming e Utah.

A mulher, em essência tradicionalista, é uma entusiasta natural e incansável nos seus esforços de transformar os outros em pessoas tão boas quanto ela acredita que deveriam ser. Por conta disso é que, em Idaho, ela cassou o direito das suas irmãs da rua sob a alegação de que todas as mulheres de “caráter obsceno” são inaptas para votar. Certamente, “obsceno” não foi aí interpretado no sentido da prostituição *no* casamento. Não é preciso dizer, que a prostituição ilegal e os jogos de azar foram proibidos. Nesse sentido, a lei deve mesmo pertencer ao gênero feminino: ela sempre proíbe. Sob esse aspecto, todas as leis são maravilhosas. Mesmo que a proibição implementada pela lei não vá longe demais, ela abre todas as comportas do inferno. A prostituição e

5. A *Western Miners' Union* (mais conhecida como *Western Federation of Miners*) era, até 1903, a organização sindical de maior atuação militante nos Estados Unidos. Nesse ano, o general Sherman Bell foi designado, pelo então governador do Colorado, James Peabody, para a missão de não só acabar com a greve então em curso como dissolver a organização — missão na qual obteve sucesso absoluto. Os irrisórios 225 sindicalistas que se recusaram a renunciar ao sindicato foram deportados da área, sendo este o episódio mencionado aqui, alusivamente, por Goldman.

6. Quando governador (1893–1895), Davis H. Waite desempenhou papel fundamental na promulgação da lei que dava às mulheres o direito ao voto no estado do Colorado. Ironicamente, foi derrotado na eleição seguinte.

O SUFRÁGIO FEMININO

o jogo nunca experimentaram um crescimento mais promissor de que antes da aprovação de leis contra eles.

No Colorado, o puritanismo da mulher se expressa de forma ainda mais drástica. “Tanto os homens notórios pelo seu estilo de vida sujo quanto os que estão envolvidos com o ramo das tabernas foram removidos da política, desde que as mulheres receberam o direito de votar.”⁷ Poderia o irmão Comstock ter ido além? Poderiam todos os pais puritanos juntos ter feito ainda mais? Eu me pergunto se as mulheres compreendem a gravidade desse seu pretenso feito. Pergunto-me se elas compreendem que justamente esse tipo de ação, ao invés de elevar a condição da mulher, simplesmente a transforma numa espécie de espiã política, numa pessoa desprezível que se intromete nos assuntos privados das outras pessoas, não tanto pelo bem da causa, mas porque, como disse uma mulher do Colorado, “elas gostam de entrar em casas nas quais nunca estiveram, para descobrir tudo o que podem, seja relacionado à política ou não”.⁸ Sim, e uma vez na alma humana, adentram os seus mais ínfimos recantos e esquinas. Pois nada satisfaz mais o desejo da maioria das mulheres do que o escândalo. E quando ela pôde aproveitar essas oportunidades como estão aproveitando, agora, as mulheres da política?

“Homens notórios pelo seu estilo de vida sujo, e os que estão envolvidos com o ramo das tabernas.” Certamente, a dama coletora de votos não pode ser acusada de dispor de muito senso de proporção. Mesmo que admitamos que essas intrometidas possam decidir quais vidas são limpas o suficiente para a atmosfera extremamente limpa da política, por que deve se seguir que os proprietários de taberna pertençam à mesma categoria? A não ser que estejamos tratando aqui da hipocrisia e fanatismo americanos tão manifestos no princípio da Proibição — que sanciona a

7. Helen Sumner. *Equal Suffrage. The results of an investigation league in Colorado made for the Collegiate equal suffrage league of New York State* (1909).

8. Helen Sumner. *Equal Suffrage*. [N. A.]

propagação da embriaguez entre os homens e mulheres da classe alta, enquanto mantêm o olhar vigilante sobre o único lugar que resta ao homem pobre. A atitude limitada e purista da mulher perante a vida a transforma numa grande ameaça à liberdade onde quer que ela assuma o poder político. O homem há tempos já superou as superstições que ainda devoram a mulher. No campo competitivo da economia, o homem foi impelido a exercitar a eficiência, o julgamento, a habilidade, a competência. Ele, portanto, já não tem nem tempo, nem inclinação para medir a moralidade de alguém com um referencial puritano. Nas suas atividades políticas, tampouco ele se encontra de olhos vendados. Ele sabe que quantidade, não qualidade, é o material que movimenta os moinhos da política, e a menos que se trate de um reformista sentimental ou de algum fóssil antigo, ele sabe muito bem que a política nunca poderá ser outra coisa que não um pântano.

As mulheres que estão realmente familiarizadas com o processo da política conhecem a natureza da besta, mas na sua autosuficiência e egoísmo, elas se convencem de que têm apenas de afagar a besta para que ela se torne tão gentil quanto um cordeiro doce e puro. Como se as mulheres não vendessem os seus votos, como se as mulheres políticas não pudessem ser compradas! Se o seu corpo pode ser comprado em troca de uma remuneração material, por que não o seu voto? Que isso tem acontecido no Colorado e outros estados, não é negado nem mesmo por aquelas que são a favor do sufrágio feminino.

Como disse antes, a visão limitada da mulher sobre os assuntos humanos não é o único argumento contra a sua suposta superioridade política ante o homem. Há outros. Seu parasitismo econômico ao longo da vida obscureceu completamente seu conceito de igualdade. Ela clama por direitos iguais, não obstante nós saibamos que “poucas mulheres buscam apoio eleitoral em distritos indesejáveis”.⁹ Quão pouco significa a igualdade para

9. dra. Helen A. Sumner. [N. A.]

O SUFRÁGIO FEMININO

elas em comparação com as mulheres russas que passam pelo inferno em nome do seu ideal!

A mulher exige os mesmos direitos que os do homem, mas, ainda assim, fica indignada caso a sua presença não seja capaz de fulminá-lo: ele fuma, mantém seu chapéu na cabeça e não pula da sua cadeira como se fosse um lacaio. Isso pode parecer trivial, no entanto, é a chave para compreender a natureza das sufragistas americanas. Certamente, suas irmãs inglesas já superaram essas concepções tolas. Elas já mostraram que estão à altura das maiores demandas de caráter e poder de resistência. Toda honra ao heroísmo e força das sufragistas inglesas.¹⁰ Graças aos seus métodos enérgicos e agressivos, elas são uma inspiração para as nossas mulheres sem vida e sem espírito. Mas, no final das contas, as sufragistas não valorizam a verdadeira igualdade. Ou então como podemos explicar o esforço enorme, verdadeiramente gigantesco empreendido por essas bravas lutadoras em nome de um projeto de lei tão mesquinho que beneficiará exclusivamente um punhado de damas proprietárias, sem absolutamente nenhum ganho para a vasta massa de mulheres trabalhadoras?¹¹ É claro que na condição de políticas elas devem ser oportunistas, devem tomar meias medidas, se não lhes é possível tomar medidas completas. O ponto é que, como mulheres inteligentes e liberais, elas deveriam perceber que se o voto é uma arma, os deserdados precisam dele mais do que a classe econômica superior,

10. Liderado por Emmeline Pankhurst, a quem Goldman se referirá logo em seguida, o *Women's Social and Political Union* [União Social e Política das Mulheres] se valeu da ação direta e da desobediência civil, dado que suas táticas consistiram não apenas da realização de grandes marchas e manifestações ao ar livre e interrupção de reuniões políticas, como também em lutas contra a polícia, greves de fome, despejamento de ácido em caixas de correio, quebra de janelas, incêndios de igrejas, desfiguração de obras de arte na Galeria Nacional etc. O objetivo era o de publicizar a luta pelo sufrágio universal na Inglaterra.

11. Embora se valessem de estratégias de ação consideradas extremistas (e até terroristas), o movimento liderado por Emmeline Pankhurst era contra o sufrágio para as mulheres da classe trabalhadora.

e que esta classe já desfruta de bastante poder em virtude da sua superioridade econômica mesma.

A líder brilhante das sufragistas inglesas, a senhora Emmeline Pankhurst, admitiu, quando em turnê de conferências pela América, que não pode haver igualdade entre pessoas politicamente superiores e inferiores. Se assim o é, como as mulheres da classe trabalhadora da Inglaterra, inferiores economicamente às damas beneficiárias do projeto de lei de Shackleton,¹² poderão trabalhar com as suas superiores na política, no caso de o projeto passar? O mais provável não é que a classe de Annie Keeney,¹³ tão cheia de ardor, devoção e martírio será obrigada a carregar nas costas os seus novos chefes políticos do sexo feminino, embora já estejam carregando os seus senhores financeiros? Elas teriam também de fazer isso, fosse o sufrágio universal sancionado aos homens e mulheres da Inglaterra. Não importa o que os trabalhadores façam, eles são obrigados a pagar sempre. Continuamente, aqueles que acreditam no poder do voto demonstram um senso de justiça tacanho ao desconsiderarem aqueles, para quem, como eles mesmos bradam, o voto pode servir mais.

Até recentemente, o movimento sufragista americano era um assunto discutido nos salões e cafés, absolutamente distante das necessidades econômicas do povo. Por conseguinte, Susan B. Anthony,¹⁴ uma mulher sem sombra de dúvida excepcional, não era apenas indiferente, como antagonista à classe trabalhadora; e não hesitou em manifestar a sua hostilidade quando, em 1869, aconselhou as mulheres a tomar o lugar dos tipógrafos gre-

12. [Edward Arthur Alexander] Schackleton era um líder trabalhista. Portanto, é autoevidente que ele só pudesse apresentar um projeto de lei que excluísse os seus próprios eleitores. O parlamento inglês está cheio desse tipo de Judas. [N. A.]

13. Goldman comete aqui um erro de grafia, dado tratar-se de Annie Kenney (não Keeney), uma das figuras mais proeminentes no campo da ação militante do *Women's Social and Political Union*, embora fosse pertencente à classe trabalhadora.

14. Susan B. Anthony (1820–1906) é considerada uma das pioneiras do movimento sufragista norte-americano.

O SUFRÁGIO FEMININO

vistas em Nova York.¹⁵ Não sei se a atitude dela mudou antes da sua morte.

É claro que também há sufragistas coligadas às mulheres trabalhadoras — como a *Women's Trade Union League* [Liga Sindical das Mulheres], por exemplo; mas elas são minoria, e suas atividades são essencialmente econômicas. As demais consideram o trabalho como algo estabelecido pela Providência. O que seria dos ricos, se não fossem os pobres? O que seria dessas nossas damas preguiçosas e parasitas, que gastam numa semana mais do que suas vítimas ganham em um ano, se não fossem os oitenta milhões de trabalhadores assalariados? Igualdade — quem já ouviu falar numa coisa como essa?

Poucos países produzem tanta arrogância e esnobismo quanto os Estados Unidos. Isso se aplica, particularmente, à mulher americana da classe média. Ela não só se considera igual ao homem, como se sente superior a ele, especialmente no que diz respeito à sua pureza, bondade e moralidade. Não é de admirar que a sufragista americana reivindique para seu voto poderes miraculosos. Em sua exaltação e presunção, ela não pode ver o quão verdadeiramente escravizada é, e não tanto pelo o homem, quanto por suas concepções tolas e pela tradição. O sufrágio não é capaz de mudar esse triste fato; só pode acentuá-lo, como realmente faz.

Uma das maiores líderes americanas reivindica não só que a mulher tenha o direito de igualdade salarial, como também que a lei lhe dê direito ao salário do marido. Para o caso de ele falhar em sustentá-la, deve ser condenado à prisão, de modo que seus ganhos no presídio sejam recebidos pela esposa que lhe é uma igual. Não é esse outro exemplo brilhante da causa aclamada pela mulher de que o seu voto abolirá todo o mal e que tem sido combatida em vão pelos esforços coletivos das mentes mais ilustres ao longo do mundo? É, inclusive, lamentável que o suposto criador do universo já tenha nos presenteado com o

15. Helen Sumner. *Equal Suffrage*. [N. A.]

seu maravilhoso esquema de todas as coisas, pois não fosse isso, o sufrágio feminino por certo capacitaria a mulher a superá-lo completamente.

Nada é tão perigoso quanto a dissecação de um fetiche. Se superamos o tempo em que tal heresia era punida com o empalamento, não superamos a estreiteza de espírito que condena aqueles que ousam divergir das ideias aceitas. Desse modo, provavelmente serei considerada como uma oponente da mulher. Mas isso não pode me impedir de encarar diretamente a questão. Repito o que disse no começo: não acredito que a mulher irá transformar a política em algo pior; como tampouco acredito que irá torná-la em algo melhor. Se ela não pode corrigir os erros dos homens, por que perpetuá-los?

A história pode ser uma compilação de mentiras; mas também contém algumas verdades e essas são o único guia que temos para o futuro. A história dos esforços do homem na política prova que não lhe trouxeram absolutamente nada que não pudesse ter sido alcançado mais diretamente, de modo menos custoso e de forma mais duradoura. De fato, todo milímetro a mais de direitos só foi conquistado através de lutas constantes, uma luta interminável por autoafirmação e jamais pelo sufrágio. Não há razão para supor que a mulher, na sua escalada para a emancipação, foi ou será auxiliada pelo voto.

No mais sombrio de todos os países, dado o seu despotismo absoluto, a Rússia, a mulher se tornou uma igual ao homem, não através do voto, mas através da sua vontade de ser e de fazer. Não apenas conquistou para si os caminhos do aprendizado e do desenvolvimento da sua vocação, como também ganhou a estima do homem, o seu respeito e camaradagem; sim, e mais do que isso: ela ganhou a admiração e o respeito do mundo inteiro. E isso, novamente, não através do sufrágio, mas através do seu maravilhoso heroísmo, da sua coragem, capacidade, força de vontade e perseverança na luta pela liberdade. Onde estão as mulheres dos países ou estados sufragistas que possam reivindicar tal vitória? Quando consideramos as realizações da mulher na

O SUFRÁGIO FEMININO

América, percebemos também que algo mais profundo e poderoso do que o sufrágio foi o que efetivamente a ajudou na marcha para a emancipação.

Faz apenas sessenta e dois anos que um punhado de mulheres na Convenção de Seneca Falls¹⁶ apresentou algumas demandas, como o direito à educação igualitária e o acesso às diversas profissões, ofícios etc. Que maravilhosas realizações, que maravilhosos triunfos! Quem, exceto os mais ignorantes, ousa falar da mulher como um simples burro de carga doméstico? Quem ousa sugerir que essa ou aquela profissão não deve lhe ser acessível? Por mais de sessenta anos, a mulher tem criado uma nova atmosfera e uma nova vida para si. Ela vem se tornando uma potência mundial em cada área do pensamento e atividade humana. E tudo isso sem sufrágio, sem o direito de fazer leis, sem o “privilégio” de se tornar juiz, carcereiro ou carrasco.

Sim, posso ser considerada uma inimiga das mulheres; mas se eu puder ajudá-las a ver a luz, não me cabe reclamar.

O infortúnio da mulher não é o de que ela é incapaz de realizar o trabalho de um homem, mas o de que ela está desperdiçando a sua vitalidade na tentativa de superá-lo, ante uma tradição secular que a deixou fisicamente incapaz de acompanhar o ritmo dele. Ah, sim, eu bem sei que muitas conseguiram, mas a que custo, a que custo terrível! O importante não é o tipo de trabalho que uma mulher faz, mas a qualidade do trabalho que ela realiza. A mulher não pode dar ao sufrágio ou ao voto nenhuma qualidade nova, como tampouco pode receber do sufrágio qualquer melhora à sua própria qualidade. O seu desenvolvimento, a sua liberdade, a sua independência devem vir dela mesma e através de si mesma. Primeiro, ao afirmar-se como uma personalidade, e não como uma mercadoria sexual. Segundo, ao recusar o direito de outra pessoa sobre o seu corpo; ao se recusar a ter filhos, a menos que

16. Ocorrida em julho de 1848 na cidade de Seneca Falls, no estado de Nova York, a Convenção de Seneca Falls, como ficou conhecida, é considerada a primeira convenção mundial sobre os direitos da mulher. Foi a primeira a acontecer nos Estados Unidos.

ela mesma os deseje; ao se recusar ser uma serva de Deus, do Estado, da sociedade, do marido, da família etc.; ao tornar a sua vida mais simples, não obstante mais profunda e rica. Isto é, ao tentar compreender o significado e a substância da vida em toda a sua complexidade; ao se libertar do medo da opinião pública e da condenação pública. Somente isso, jamais o direito ao voto, libertará a mulher, fará dela uma força até então desconhecida ao público, uma força para o amor verdadeiro, para a paz, para a harmonia; uma força dotada de fogo divino, de vida; uma criadora de homens e mulheres livres.

A tragédia da mulher emancipada¹

Começo com uma confissão: independentemente de todas as teorias políticas e econômicas, das diferenças fundamentais entre os vários grupos da humanidade, independentemente das distinções de classe e raça, independentemente de todas as linhas que demarcam artificialmente os respectivos direitos dos homens e das mulheres, defendo que há um ponto em que todas essas diferenças podem se encontrar, de modo a se transformar em um todo perfeito.

Não estou propondo, com isso, um tratado de paz. O antagonismo social generalizado que tomou conta da totalidade da nossa vida pública atual, provocado pelo embate de forças opostas e interesses contraditórios, esmigalhar-se-á em mil pedaços quando a reorganização da nossa vida social, baseada sobre os princípios da justiça econômica, se tornar uma realidade.

A paz e harmonia entre os sexos e entre os indivíduos como um todo não dependem necessariamente de um nivelamento superficial dos seres humanos; como tampouco exigem a eliminação dos traços individuais e das peculiaridades. O problema que nos confronta atualmente, e que o futuro próximo precisa resolver, é o de como ser si mesmo e, ainda assim, estar em unidade com os outros, o de como se sentir profundamente ligado a todos os seres humanos e, ainda assim, reter as próprias características individuais.

1. Décimo capítulo da coletânea *Anarquismo e outros ensaios* (1910).

Parece ser essa a base sobre a qual a massa e o indivíduo, o verdadeiro democrata e a verdadeira individualidade, homem e mulher, podem se encontrar sem antagonismo e oposição. O lema não deve ser: perdoem-se uns aos outros, entendam um ao outro. A sentença frequentemente citada de Madame Staël, “Entender tudo significa perdoar tudo”, nunca exerceu um apelo especial sobre mim; tem o odor do confessional; perdoar o semelhante transmite a ideia de superioridade farisaica. Entender o semelhante é suficiente. Admitir isso representa, parcialmente, o aspecto fundamental da minha visão sobre a emancipação feminina e seu efeito sobre o sexo como um todo.

A emancipação deve tornar possível à mulher ser humana no sentido mais verdadeiro. Tudo o que nela anseia por afirmação e atividade deve alcançar a mais plena expressão; todas as barreiras artificiais devem ser quebradas, e a estrada em direção a uma liberdade maior deve ser purificada de todo e qualquer traço dos séculos de submissão e escravidão.

Esse era o objetivo original do movimento da mulher pela emancipação. Mas os resultados alcançados até agora tanto isolaram a mulher quanto lhe subtraíram a fonte de onde nasce a felicidade que lhe é tão essencial. Uma emancipação meramente externa fez da mulher moderna um ser artificial, que lembra os produtos da arboricultura francesa com suas árvores e galhos em formato de arabesco, pirâmides, círculos e coroas de flores; de qualquer coisa, exceto das formas que seriam alcançadas através da expressão de suas qualidades internas. Essas plantas artificialmente cultivadas do sexo feminino podem ser encontradas em grande número, especialmente, nos chamados círculos intelectuais.

Liberdade e igualdade para a mulher! Que esperanças e aspirações essas palavras despertaram quando foram proferidas pela primeira vez por algumas das almas mais nobres e corajosas daqueles tempos idos. O sol em toda sua luz e glória parecia nascer sobre um novo mundo; um mundo no qual a mulher seria livre para dirigir o seu próprio destino — uma aspiração certamente

MULHER EMANCIPADA

digna de grande entusiasmo, coragem, perseverança e do esforço incansável da parte de muitos homens e mulheres pioneiros, que apostaram tudo o que tinham para lutar contra um mundo de preconceito e ignorância.

Minhas esperanças também estão direcionadas para esse objetivo, mas acredito que a emancipação da mulher, tal como interpretada e vivida hoje, falhou em alcançar esse fim inaudito. Agora, a mulher é confrontada com a necessidade de se emancipar da emancipação, se ela realmente deseja ser livre. Isso pode soar paradoxal, não obstante seja também uma verdade.

O que ela conseguiu através da emancipação? Sufrágio igualitário em alguns poucos estados. Será que isso purificou a nossa vida política, como muitos dos seus defensores bem-intencionados previram? Certamente não. Inclusive, já é hora de que pessoas com julgamento claro e consistente parem de falar da corrupção política em tom escolar. A corrupção política não tem nada a ver com a moralidade ou com a frouxidão moral das várias personalidades políticas. Sua causa é totalmente material. A política é o reflexo do mundo empresarial e industrial, cujos lemas são: “Tomar é melhor do que dar”; “compre barato e venda caro”; “uma mão suja lava a outra”. Não há esperança que a mulher, com o seu direito de votar, possa em algum momento purificar a política.

A emancipação trouxe à mulher igualdade econômica para com o homem; isto é, ela pode escolher a sua profissão e ofício; mas como o treinamento físico no passado e presente não a equipou com a força necessária para competir com o homem, ela é frequentemente forçada a exaurir toda a sua energia, a esgotar toda a sua vitalidade e sobrecarregar cada um de seus nervos de modo a atingir o valor de mercado. Pouquíssimas são bem-sucedidas nessa empreitada, pois é um fato que professoras, médicas, advogadas, arquitetas e engenheiras não são tratadas com a mesma confiança que os seus colegas homens, como tampouco recebem a mesma remuneração. E aquelas que alcançam essa igualdade sedutora, geralmente, a atingem à custa do seu bem-estar físico

e mental. No que diz respeito à massa de garotas e mulheres da classe trabalhadora, quanta independência pode ser conquistada, quando a limitação e falta de liberdade do ambiente doméstico são simplesmente trocadas pela limitação e falta de liberdade nas fábricas, em locais precarizados de trabalho [*sweatshop*], nas lojas de departamento ou nos escritórios? Some-se a isso o fardo que pesa sobre muitas mulheres de ter de cuidar do “lar, doce lar” — frio, sombrio, desordenado, desagradável — depois de um dia de trabalho pesado. Que gloriosa independência. Não é de admirar que centenas de garotas estejam dispostas a aceitar a primeira oferta de casamento, doentes e cansadas que estão da sua “independência” atrás do balcão, atrás da máquina de costura ou de escrever. Elas querem se casar tanto quanto as garotas da classe média anseiam se livrar do jugo da supremacia parental. A chamada independência, que possibilita tão somente o ganho da mera subsistência, não parece tão atraente, tão ideal, a ponto de ser possível esperar que a mulher venha a sacrificar tudo por ela. No final das contas, a nossa independência, excessivamente elogiada, nada mais é do que o processo lento de embotar e sufocar a natureza da mulher, seu instinto de amor e seu instinto materno.

Apesar disso, a situação de uma jovem da classe trabalhadora é muito mais natural e humana do que a da sua irmã, aparentemente mais afortunada, das esferas profissionais mais cultas — como professoras, médicas, advogadas, engenheiras etc. —, que precisa se dotar de uma aparência digna e apropriada, enquanto a vida interior se torna vazia e morta.

A limitada concepção existente de independência e emancipação feminina; o medo de amar um homem que não lhe seja igual socialmente; o medo de que o amor irá roubar a sua liberdade e independência; o horror de que o amor e a alegria da maternidade a impedirão de exercer plenamente a profissão — tudo isso junto torna a mulher moderna emancipada uma casta compulsória, diante de quem a vida, com suas tristezas grandiosas e clarificadoras e com suas alegrias profundas e fascinantes, passa sem tocar e arrebatando a sua alma.

MULHER EMANCIPADA

A emancipação, tal como entendida pela maioria dos seus seguidores e representantes, é muito estreita para deixar espaço para o amor e o êxtase sem limites que estão enraizados nas emoções mais profundas de uma mulher verdadeira, amante e mãe, quando na sua liberdade.

A tragédia da mulher autossuficiente ou economicamente independente não diz respeito a muitas mulheres, antes a pouquíssimas experiências. É verdade que ela supera a sua irmã das gerações passadas em termos de conhecimento sobre o mundo e sobre a natureza humana; mas é justamente por causa disso que ela sente profundamente a ausência da essência da vida, que por si só é capaz de enriquecer a alma humana, e sem a qual a maioria das mulheres se transformou em nada mais do que profissionais autômatas.

Que tal estado das coisas estava prestes a se estabelecer foi antevisto por aqueles que puderam perceber que, no domínio da ética, ainda restavam muitas ruínas dos tempos da superioridade indisputável do homem; ruínas que ainda hoje são consideradas úteis. E, o que é mais importante, um grande número de mulheres emancipadas não podem viver sem elas. Em todo movimento que visa a destruição das instituições existentes e a sua substituição por algo mais avançado e perfeito, há seguidores que, em teoria, apoiam as ideias mais radicais, mas que, apesar disso, na sua prática diária são como qualquer filisteu mediano; fingem respeitabilidade e clamam pela boa opinião dos seus oponentes. Há, por exemplo, socialistas e mesmo anarquistas, que defendem a ideia de que a propriedade é um roubo, muito embora fiquem indignados se alguém lhes deve algo no valor de meia dúzia de alfinetes.

O mesmo filisteu pode ser encontrado no movimento da emancipação feminina. Jornalistas sensacionalistas e literatos água com açúcar retratam a mulher emancipada de tal modo que faz os cabelos dos bons cidadãos e das suas companheiras embotadas ficarem em pé. Toda ativista do movimento dos direitos da mulher é retratada como uma Georg Sand em seu absoluto des-

respeito pela moralidade. Nada era sagrado para ela. Não tinha nenhum respeito pela relação ideal entre homem e mulher. Em suma, a emancipação virou sinônimo de uma vida imprudente de luxúria e pecado; independentemente da sociedade, religião e moralidade. Grandes figuras dos direitos da mulher ficaram profundamente indignadas com essa distorção e, sem qualquer senso de humor, usaram toda a sua energia para provar que elas não eram tão ruins quanto foram pintadas, mas, antes, o contrário. É claro que enquanto foi escrava do homem, a mulher não podia ser boa e pura, mas agora que era livre e independente, provaria quão boa ela poderia ser e que a sua influência teria um efeito purificador em todas as instituições sociais. Verdade que o movimento pelos direitos da mulher quebrou muitos grilhões antigos, mas também forjou novos. O grande movimento pela *verdadeira* emancipação ainda não encontrou uma raça de mulheres grandiosa o suficiente para olhar a liberdade de frente. Sua visão estreita e puritana baniu o homem da sua vida emocional, como um personagem perturbador e duvidoso. O homem não devia ser tolerado a preço algum, exceto, talvez, como pai de um filho, uma vez que um filho dificilmente chegaria à vida sem um pai. Felizmente, mesmo as mais rígidas puritanas nunca serão fortes o suficiente para matar o desejo inato de maternidade. A questão é que a liberdade da mulher está intimamente relacionada à liberdade do homem, e muitas das nossas irmãs ditas emancipadas parece fazer vista grossa para o fato de que uma criança nascida na liberdade precisa do amor e devoção de todos ao seu redor, seja homem ou mulher. Infelizmente, é essa concepção estreita das relações humanas que provoca essa grande tragédia nas vidas do homem e da mulher modernos.

Cerca de quinze anos atrás, apareceu o trabalho da brilhante norueguesa Laura Marholm, intitulado *Woman, a character study* [Mulher, um estudo psicológico]. Ela foi uma das primeiras a chamar a atenção para o vazio e a estreiteza da concepção da emancipação feminina então existente e para o seu efeito trágico sobre a vida interior da mulher. Em seu trabalho, Laura Marholm

MULHER EMANCIPADA

relata o destino de várias mulheres talentosas de fama internacional: a genial Eleonora Duse; a grande matemática e escritora Sonia Kovalevskaja; a artista e poetiza inata Marie Bashkirtseff, que morreu tão jovem. Em todas as biografias dessas mulheres de mentalidade extraordinária, vê-se um caminho marcado pelo anseio insatisfeito por uma vida plena, harmoniosa, completa e bela, e a inquietação e solidão resultantes dessa ausência. Através desses esboços psicológicos magistrais não se pode deixar de ver que quão maior seja o desenvolvimento mental de uma mulher, menor a possibilidade de que ela venha a encontrar um companheiro com quem tenha afinidades e que veja nela não apenas um sexo, mas também um ser humano, uma amiga, uma companheira dotada de individualidade forte que não pode e nem deve perder um único traço do seu caráter.

O homem, com sua autossuficiência e seu ridículo ar superior de patrono do sexo feminino, é um parceiro impossível para a mulher retratada no *Character Study* de Laura Marholm. Igualmente impossível, para ela, quanto é o homem que vê apenas a sua intelectualidade e o seu gênio, mas que falha em despertar a sua natureza de mulher.

Um intelecto rico e uma alma desenvolvida são comumente considerados atributos necessários a uma personalidade bela e profunda. No caso da mulher moderna, esses atributos são como um obstáculo à afirmação completa do seu ser. Há mais de cem anos, a velha forma de casamento, baseada na *Bíblia*, “até que a morte vos separe”, é denunciada como a instituição que representa a soberania do homem sobre a mulher, a sua completa submissão aos humores e ordens do homem e a dependência absoluta de seu nome e respaldo. Já foi demonstrado repetida e conclusivamente que o casamento tradicional reduz a mulher à função de mera serva e incubadora de filhos. E, no entanto, encontramos muitas mulheres emancipadas que preferem o casamento, com todas as suas desvantagens, às limitações de uma vida de solteira: limitada e insuportável por conta das amarras

do preconceito moral e social que enfaixam e sufocam a sua natureza.

A explicação para essa inconsistência da parte de muitas mulheres progressistas é que elas nunca compreenderam verdadeiramente o significado da emancipação. Elas pensaram que a única coisa necessária seria a independência das tiranias externas; os tiranos internos, muito mais prejudiciais à vida e ao crescimento — as convenções éticas e sociais —, foram deixados aos seus próprios cuidados; e eles, de fato, fizeram a sua parte. Ao que parece eles estão tão profundamente arraigados nas mentes e nos corações das mais ativas representantes da emancipação, quanto estavam nas mentes e nos corações das nossas avós.

Esses tiranos internos podem assumir a forma da opinião pública ou da pergunta sobre o que a mãe irá dizer, ou o irmão, o pai, a tia ou algum outro parente; o que a sra. Grundy, o que o sr. Comstock, o patrão, o Conselho de Educação irão dizer? Todos esses enxeridos, todos esses detetives morais, carcereiros do espírito humano, o que eles irão dizer? Até que a mulher aprenda a desafiar todos eles, a permanecer firme em seu próprio terreno, a insistir na sua liberdade irrestrita, a ouvir a voz da sua natureza, seja esta voz um chamado para o maior tesouro da vida, o amor por um homem, ou o seu mais glorioso privilégio, o direito de dar à luz a uma criança, ela não poderá chamar-se de emancipada. Quantas mulheres emancipadas foram corajosas o suficiente para admitir que a voz do amor a está convocando, que está batendo selvagememente contra o seu peito, demandando ser ouvida, ser satisfeita?

O escritor francês Jean Reibrach, num de seus romances, *A nova beleza* [*La Nouvelle Beauté*], tenta retratar uma mulher emancipada ideal e bela. Esse ideal é encarnado numa jovem mulher, uma médica. Ela fala com muita inteligência e sabedoria sobre como alimentar crianças; ela é gentil e distribui medicamentos gratuitos para mães pobres. Ela conversa com um jovem conhecido sobre as futuras condições sanitárias e como vários tipos de bacilos e germes serão exterminados com a introdução

MULHER EMANCIPADA

de paredes e piso de pedra que substituirão os tapetes e cortinas. Ela, obviamente, veste-se de forma muito simples e prática, na maioria das vezes de preto. O jovem rapaz que, após o primeiro encontro, ficou intimidado pela sabedoria da sua amiga emancipada, gradualmente começa a entendê-la e, em um belo dia, percebe que a ama. Os dois são jovens e ela é gentil e bela, e embora esteja sempre em trajes rígidos, sua aparência é suavizada por uma gola e punhos brancos sempre impecavelmente limpos. Seria de se esperar que ele declarasse o seu amor por ela, mas ele não é do tipo que comente absurdidades românticas. A poesia e o entusiasmo do amor cobrem a sua face corada quando diante da beleza pura da dama. Ele silencia a voz da natureza e permanece correto. Ela também está sempre conscienciosa, sempre racional, sempre muito bem-comportada. Temo que se eles tivessem formado uma união, o jovem rapaz teria corrido o risco de morrer de frio. Devo confessar que não consigo ver beleza nessa nova beleza, que é tão fria quanto as paredes e chão de pedra com as quais ela tanto sonha. Preferivelmente, eu ficaria com as músicas de amor das eras românticas, preferivelmente com Don Juan ou Madame Vênus, preferivelmente com uma fuga, numa noite de luar, fosse pelas escadas ou por uma corda, e mesmo se seguida pela maldição do pai, pelos lamentos da mãe e comentários morais dos vizinhos do que com uma correção e propriedade milimetricamente mensuradas de acordo com um parâmetro específico. Se o amor não sabe como dar e receber sem restrições, então não é amor, mas uma transação comercial na qual mais e menos são constantemente pesados entre si.

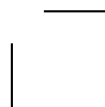
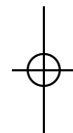
A maior deficiência da emancipação de hoje é a sua rigidez artificial e a sua respeitabilidade estrita, que criam um vazio na alma da mulher que não lhe permite beber na fonte da vida. Certa vez, observei que parecia haver uma relação mais profunda entre a mãe à moda antiga, dona de casa — sempre atenta à felicidade dos seus filhos e ao conforto dos que amava — e a mulher verdadeiramente nova; do que entre essa última e a sua irmã emancipada com a qual nos deparamos comumente. As

discípulas dessa emancipação pura e simples me sentenciaram à condição de pagã, apta ao empalhamento. O fervor cego delas não permitiu que elas vissem que a minha comparação entre o antigo e o novo foi meramente para provar que boa parte das nossas avós tinham mais sangue nas veias, muito mais humor e sagacidade, e certamente uma naturalidade, amabilidade e simplicidade muito maiores do que a mulher profissional em emancipação que preenche as universidades, salas de estudo e escritórios vários. Isso não significa que eu queira retornar ao passado, como tampouco estou condenando a mulher de volta à sua antiga órbita, como a cozinha e o berçário.

A salvação reside na marcha energética em direção a um futuro mais brilhante e mais claro. Precisamos de um caminho que esteja livre das velhas tradições e hábitos. Até agora, o movimento da emancipação feminina não deu mais do que o primeiro passo nessa direção. Só podemos esperar que ganhe força para dar outro. O direito ao voto, ou direitos civis igualitários podem ser até exigências razoáveis, mas a verdadeira emancipação não começa nem nas urnas, nem nos tribunais. Começa na alma da mulher. A história nos ensina que qualquer classe oprimida só alcançou a verdadeira libertação dos seus senhores através dos seus próprios esforços. É necessário que a mulher aprenda essa lição, que ela reconheça que a sua liberdade será alcançada na medida em que o seu poder de alcançar a liberdade se amplie. É, portanto, muito mais importante que ela comece pela sua regeneração interna, que se liberte do peso dos preconceitos, tradições e costumes. A demanda por direitos iguais em qualquer área da vida é justa e correta; mas, ainda assim, o direito mais vital é o direito de amar e ser amado. Se for para a emancipação parcial se tornar, realmente, a emancipação verdadeira e completa da mulher, ela terá de se livrar da concepção ridícula de que ser amada, ser amável e ser mãe é sinônimo de ser escrava ou subordinada. Terá de abolir a ideia absurda do dualismo dos sexos ou a de que o homem e a mulher são representantes de dois mundos antagônicos.

MULHER EMANCIPADA

A mesquinhez separa; a generosidade une. Sejam grandes e generosos. Não vamos perder de vista aquilo que é vital por conta das trivialidades que, a todo momento, nos confrontam. Uma concepção verdadeira da relação entre os sexos não admitirá conquistadores e conquistados; posto que conhecerá apenas uma grande coisa: doar-se sem limites, a fim de encontrar um eu mais rico, profundo, melhor. Somente isso pode preencher o vazio e transformar a tragédia da emancipação feminina em alegria, em alegria ilimitada.



Casamento e amor¹

A concepção popular sobre o casamento e o amor é a de que estes dois termos são sinônimos, que surgem pelas mesmas razões e abarcam as mesmas necessidades humanas. Tal como ocorre com a maioria das concepções populares, isso não se baseia em fatos reais, mas tão somente em superstições.

Casamento e amor não têm nada em comum; eles estão tão longe um do outro quanto dois polos; são, na verdade, antagônicos entre si. Não há dúvidas de que alguns casamentos resultam do amor. No entanto, não porque o amor só pudesse se fazer valer sob o casamento, e sim, muito mais, porque apenas poucas pessoas podem superar as convenções. Há, hoje em dia, um grande número de homens e mulheres para quem o casamento nada mais é do que uma farsa, não obstante se submetam a ele em prol da opinião pública. Ainda que, para todos os efeitos, seja verdade que alguns casamentos se baseiam no amor, tal como é igualmente verdadeiro que, em certos casos, o amor continua na vida de casado, mantenho a posição de que isso se dá independentemente do casamento, e não por causa dele.

Por outro lado, é absolutamente falso que o amor resulte do casamento. Em raras ocasiões, pode-se ouvir casos miraculosos acerca de casais que se apaixonam completamente um pelo outro após o casamento, mas com um exame mais minucioso se descobrirá que se trata apenas de mero ajuste ao que é inevitável. Certamente, acostumar-se um ao outro é bem diferente da espontaneidade, da intensidade e da beleza do amor, elementos sem os quais a intimidade do casamento demonstrou-se degradante tanto para a mulher quanto para o homem.

1. Décimo primeiro capítulo da coletânea *Anarquismo e outros ensaios* (1910).

O casamento é, antes de tudo, um acordo econômico, uma apólice de seguro. Difere de um seguro de vida propriamente dito apenas porque é mais compulsório, mais exigente. Seu retorno é insignificante quando comparado aos investimentos. Ao fazer uma apólice de seguro, paga-se por ela em dólares e centavos, sempre tendo a liberdade de suspender os pagamentos. Se, no entanto, o abono de uma mulher for um marido, ela paga por ele com o seu nome, sua privacidade, seu amor-próprio, sua vida como um “até que a morte vos separe”. Além disso a apólice casamento a condena a uma dependência por toda a vida, ao parasitismo, a uma completa inutilidade seja individual ou social. Os homens também pagam a sua taxa, mas como a sua esfera é mais ampla, o casamento não limita tanto quanto no caso da mulher. Ele sente as suas correntes mais no sentido econômico.

Assim, o lema de Dante sobre a porta do Inferno se aplica com igual força ao casamento: “Deixai toda esperança, vós que entraís!”

Que o casamento é um fracasso ninguém, exceto os mais estúpidos, poderá negar. Um breve relance nas estatísticas do divórcio é suficiente para que se constate quão amargo um casamento fracassado é. Argumentos estereotipados e típicos de filisteus de que tal aumento se deve à frouxidão das leis do divórcio e à crescente liberdade das mulheres não dão conta do fato de que: em primeiro lugar, um em cada doze casamentos termina em divórcio; em segundo, que desde 1870, os divórcios aumentaram de 28 para 73 por 100000 habitantes; em terceiro, que, desde 1867, o adultério, como motivo para o divórcio, aumentou 270,8%; e em quarto, que a deserção do cônjuge aumentou 369,8%.

Assomado a esses dados alarmantes, há uma vasta quantidade de material dramático e literário que promove a elucidação do assunto. Robert Herrick, no seu *Together*; Pinero, em *Mid-Channel*; Eugene Walter, em *Paid in full*, e muitos outros escritores discutem a esterilidade, a monotonia, a sordidez, numa palavra, a inadequação do casamento para a harmonia e a compreensão.

CASAMENTO E AMOR

Qualquer estudioso das questões sociais que seja capaz de pensar não irá se contentar com a desculpa popular e superficial, em geral, dada a este fenômeno. Ele terá de se aprofundar na vida real dos sexos para descobrir por que o casamento é tão desastroso.

Edward Carpenter diz que por trás de todo casamento encontra-se o contexto de vida dos dois sexos; um contexto tão diferente um do outro que homens e mulheres têm de permanecer estranhos um ao outro. Separados por um muro intransponível de superstição, costumes e hábitos, o casamento não tem o potencial de desenvolver a intimidade e o respeito mútuos, sem os quais toda união está fadada ao fracasso.

Henrik Ibsen, que odiava todas as hipocrisias sociais, provavelmente, foi o primeiro a entender essa grande verdade. Nora deixa o marido, não — como defendem os críticos estúpidos — porque ela estivesse cansada das suas responsabilidades ou porque ansiasse pelos direitos da mulher, mas, sim, porque chegou à compreensão de que viveu com um estranho por oito anos, com quem teve filhos. Pode haver algo mais humilhante, mais degradante do que uma proximidade, ao longo de uma vida, entre dois estranhos?² Não há necessidade de a mulher saber qualquer coisa sobre o marido, exceto a sua renda. E o que o homem precisa saber sobre a mulher que não seja se ela possui uma aparência atraente? Ainda não superamos o mito teológico de que a mulher não tem alma, que ela é um mero apêndice do homem, feita da costela apenas para a conveniência do cavalheiro em questão, que de tão forte teme a sua própria sombra.

Talvez a má qualidade da matéria-prima com que a mulher foi feita seja a responsável pela sua inferioridade. De qualquer forma, a mulher não tem alma — o que haveria, então, de se saber sobre ela? Além disso, quanto menos alma uma mulher tiver, mais adequada estará à condição de esposa, mais prontamente

2. Referência à peça *Casa de bonecas*, cuja publicação e estreia, em 1879, garantiu o primeiro sucesso internacional de Ibsen.

irá se deixar absorver em seu marido. É a aceitação servil da superioridade do homem que tem mantido a instituição casamento aparentemente intacta por tanto tempo. Agora que a mulher está se tornando ela mesma, agora que ela está realmente se tornando consciente de si como um ser independente das graças do seu mestre, a instituição sagrada do casamento gradualmente está sendo solapada, e nenhum montante de lamentação sentimental pode modificar isso.

Desde a infância, é dito, praticamente, a todas as garotas que o casamento é o seu objetivo final; portanto seu treinamento e educação devem ser dirigidos com vistas a esse fim. Tal como um animal mudo que é posto na engorda para o seu conseqüente abate, ela é preparada para o casamento. No entanto, por mais estranho que pareça, é-lhe permitido saber muito menos sobre a sua função como esposa e mãe do que a um artesão comum sobre o seu ofício. Para uma garota respeitável, é indecente e sujo saber qualquer coisa sobre a relação matrimonial. Ora, ante a inconsistência de tal respeitabilidade, necessita-se do voto de casamento para tornar algo que é sujo em um arranjo tão puro e tão sagrado, que ninguém ousará questionar ou criticar. Essa é precisamente a atitude de qualquer defensor mediano do casamento. A futura mãe e esposa é mantida em completa ignorância acerca do seu único recurso na arena competitiva: o sexo. Assim, ela adentra relações de longo prazo com um homem apenas para, posteriormente, vir a se sentir chocada, rechaçada, indignada para além de qualquer medida com o mais natural e saudável dos instintos, o sexo. Pode-se dizer com certeza que uma grande porcentagem da infelicidade, miséria, angústia e sofrimento físico do casamento se deve à ignorância criminosa em questões sexuais — ignorância que é exaltada como uma grande virtude. Não é exagero dizer que mais do que um lar foi destruído, devido a esse fato deplorável.

Se, no entanto, a mulher se tornar livre e grande o suficiente para aprender os mistérios do sexo sem a sanção do Estado e da Igreja, ela será condenada como absolutamente inadequada para

CASAMENTO E AMOR

se tornar a esposa de um “bom” homem — bondade que consiste numa cabeça vazia e muito dinheiro. Pode haver algo mais ultrajante do que a ideia de que uma mulher saudável e adulta, cheia de vida e paixão, deve negar as demandas da natureza, deve subjugar o seu mais intenso desejo, minar sua saúde, quebrar seu espírito, atrofiar sua visão, abster-se da profundidade e da glória da experiência sexual até que um “bom” homem apareça para tomá-la como esposa? É exatamente isso o que o casamento significa. Como tal arranjo poderia terminar de outra forma que não em fracasso? Este é um dos fatores, certamente não o menos importante, que diferencia o casamento do amor.

Vivemos numa era prática. Os dias em que Romeu e Julieta arriscaram a ira de seus pais por amor, em que Gretchen se expôs à maledicência dos vizinhos por causa do amor, já não existe mais. Nos raros casos em que os jovens se permitem a luxúria de um romance, eles são postos aos cuidados dos mais velhos, para que de tão perfurados e esmagados tornem-se finalmente “sensatos”.

A lição moral inculcada na garota não é se o homem despertou o seu amor, mas sim: “Quanto?” O único Deus que importa na vida prática americana: esse homem tem condições de ganhar a vida? Ele pode sustentar uma esposa? Essa é a única coisa que justifica o casamento. Gradualmente isso satura cada pensamento da garota; seus sonhos não são sobre a luz do luar e beijos, sobre risadas e lágrimas; ela sonha em fazer compras e caçar pechinchas. Essa pobreza de alma e sordidez são elementos inerentes à instituição casamento. O Estado e a Igreja não aprovam nenhum outro ideal, simplesmente porque é este o ideal que requer o controle do Estado e da Igreja sobre os homens e as mulheres.

Sem dúvida, ainda existem pessoas para quem o amor é superior a dólares e centavos. Isto é particularmente verdade para a classe, cuja necessidade econômica forçou à autossuficiência financeira. A enorme mudança na situação da mulher provocada por esse fator poderoso e influente é realmente incrível quando consideramos o pouco tempo que passou desde que ela adentrou

a arena do trabalho industrial. Seis milhões de mulheres assalariadas; seis milhões de mulheres que têm o mesmo direito dos homens de serem exploradas, roubadas, de entrar em greve; e até morrer de fome. Necessita de algo mais, meu caro senhor? Sim, seis milhões de trabalhadoras em todos os setores da vida, do mais exigente trabalho cerebral ao mais pesado trabalho braçal nas minas e nos trilhos das ferrovias; sim, inclusive como detetives e policiais. Certamente a emancipação está completa.

Apesar de tudo isso, apenas um pequeno número no vasto exército de mulheres assalariadas considera o trabalho como algo permanente, de modo semelhante aos homens. Por pior que seja o trabalho, a ele foi ensinado ser independente e se autossustentar. Ah, eu bem sei que ninguém é realmente independente em nossa esteira econômica; mas, ainda assim, até o mais pobre espécime de homem odeia ser um parasita; odeia ser considerado desta forma, qualquer que seja o preço.

A mulher considera a sua condição de trabalho como temporária, que deve ser jogada fora pelo primeiro licitador. É por isso que é infinitamente mais difícil organizar mulheres do que homens. “Por que devo ingressar num sindicato? Eu vou me casar, ter uma casa”. Ela não foi ensinada, desde a infância, a olhar para o casamento como a sua vocação definitiva? Logo, porém, ela entenderá que o lar, embora não seja uma prisão tão grande quanto a fábrica, possui portas e grades mais sólidas. Que possui um guarda tão fiel que nada pode escapar dele. A parte mais trágica, no entanto, é que o lar não a liberta da escravidão assalariada; ao contrário, apenas aumenta as suas incumbências.

De acordo com as estatísticas mais recentes apresentadas num comitê sobre “trabalho, salário e superpopulação”, 10% das trabalhadoras assalariadas da cidade de Nova York são casadas e, ainda assim, têm de continuar trabalhando na condição de mão de obra mais mal paga do mundo. Adicione-se a este aspecto horrendo, o trabalho árduo do ambiente doméstico: e então o que pode restar da proteção e glória atribuídas ao lar? O fato é que nem mesmo uma jovem da classe média ao casar pode falar

CASAMENTO E AMOR

que possui uma casa, uma vez que é o homem quem cria essa sua esfera. Não importa aqui se o homem é um bruto ou um queridinho. O que pretendo provar é que o casamento garante à mulher um lar apenas pelas graças do seu marido. Lá, ela se movimenta na casa *dele*, ano após ano, até que cada aspecto da sua vida e dos assuntos humanos em geral se tornam tão achatados, estreitos e sombrios quanto o seu entorno. Não é de admirar que ela se torne resmungona, mesquinha, briguenta, fofoqueira e insuportável, expulsando, com isso, o homem de casa. Ela não poderia ir, caso quisesse; não há lugar para onde ir. Ademais, mesmo um curto período de vida marital, de completa rendição de todas as faculdades, faz da mulher comum um ser absolutamente incapaz de sobreviver no mundo exterior. Ela se torna desleixada com a aparência, destrambelhada em seus movimentos, dependente na tomada de decisões, covarde em seus julgamentos, opressiva e maçante, passando a ser odiada e desprezada pela maioria dos homens. Uma atmosfera maravilhosamente inspiradora para criar uma nova vida, não?

Mas, e a criança, como pode ser protegida, se não for pelo casamento? Afinal, não é esta a consideração mais importante? Que farsa, que hipocrisia tudo isso! Casamento para proteger a criança, enquanto há milhares de crianças miseráveis e desabrigadas. Casamento para proteger a criança, não obstante, orfanatos e reformatórios estejam superlotados e a *Society for the Prevention of Cruelty to Children* [Sociedade de Prevenção à Crueldade contra a Crianças] esteja, a todo instante, ocupada em resgatar as pequenas vítimas de seus pais “amorosos”, para colocá-las sob um cuidado mais amoroso na *Gerry Society*.³ Oh, que escárnio tudo isso!

O casamento pode ter o poder de levar Maomé à montanha, mas pode levar a montanha a Maomé? A lei irá colocar o pai

3. Nome pelo qual ficou conhecida a *The New York Society for Prevention of Cruelty to Children* [Sociedade de Nova York para Prevenção da Crueldade contra Crianças], primeira organização de proteção infantil do mundo, fundada em 1874.

atrás das grades e vesti-lo com os trajes da prisão; mas em algum momento fez calar a fome da criança? Se o pai não tem trabalho ou esconde a sua identidade, o que o casamento pode fazer então? Ele invoca a lei para colocar o homem perante a “justiça”, para colocá-lo em segurança atrás de portas fechadas; mas então seu trabalho, de todo modo, não se servirá à criança, mas ao Estado. A criança recebe apenas uma memória arruinada da roupa de detento do seu pai.

No que diz respeito à proteção da mulher — neste ponto jaz a maldição do casamento. Não que o casamento verdadeiramente a proteja, mas a ideia em si é tão revoltante, um ultraje e um insulto à vida tão degradantes à dignidade humana, que condena para sempre essa instituição parasitária.

É como aquela outra instituição paternalista — o capitalismo. Ele rouba das pessoas o seu direito nato, inibe seu crescimento, envenena os seus corpos, condena-as à ignorância, pobreza e dependência, para depois criar instituições de caridade que prosperam sobre os últimos escombros de amor-próprio dos seres humanos.

A instituição casamento transforma a mulher num parasita, num ser absolutamente dependente. Incapacita-a para a luta pela vida, aniquila a sua consciência social, paralisa a sua imaginação, e depois impõe a sua proteção benevolente, que na realidade é uma armadilha, uma paródia do real caráter humano.

Se a maternidade é a mais alta realização da natureza da mulher, que outra proteção ela precisa além do amor e da liberdade? O casamento não faz mais do que desonrar, ultrajar e corromper essa realização. O casamento não diz à mulher: “Apenas quando você me seguir, você poderá dar à luz”? Não a condena à escravidão, não a degrada e humilha caso ela recuse comprar o seu direito à maternidade com a venda de si mesma? O casamento não é o único meio que sanciona a maternidade, ainda que seja concebida no ódio, sob imposição? No caso de a maternidade ser fruto de uma escolha livre, do amor, do êxtase, da paixão desafiadora, não irá colocar uma coroa de espinhos sobre uma

CASAMENTO E AMOR

cabeça inocente e talhar com letras de sangue o hediondo epíteto “Bastardo”? Ainda que o casamento contivesse todas as virtudes alegadas, seus crimes contra a maternidade o baniriam para sempre do reino do amor.

Amor, o mais forte e profundo elemento da vida na sua totalidade, o arauto da esperança, da alegria, do êxtase; amor, que desafia todas as leis, todas as convenções; amor, o mais livre, mais poderoso modelador do destino humano; como poderia essa força tão absolutamente irresistível ser sinônimo da pobre erva daninha gerada pela Igreja e pelo Estado, o casamento?

Amor livre? Como se o amor pudesse não ser livre! O homem pode comprar cérebros, mas todos os milhões de dólares do mundo não podem comprar o amor. O homem subjugou corpos, mas todo o poder na terra foi incapaz de subjugar o amor. O homem conquistou nações inteiras, mas todos os seus exércitos juntos não puderam conquistar o amor. O homem acorrenta e agrilhoa o espírito, mas diante do amor ele está completamente desamparado. Mesmo que se encontre nas alturas de um trono, com todo o esplendor e glória que o ouro pode comprar, ainda assim, o homem será pobre e desolado se o amor passar ao largo. Mas, caso não passe e resolva ficar, até o casebre mais pobre torna-se radiante de aconchego, de vida e de cor. Portanto, o amor tem o poder mágico de fazer de um mendigo, um rei. Sim, o amor é livre; ele não pode viver em outra atmosfera. Em liberdade, ele se entrega sem reservas, abundante, completamente. Todas as leis dos estatutos, todos os tribunais do universo não podem arrancá-lo do solo, caso o amor tenha criado raízes. Mas se o solo é estéril, como o casamento pode dar frutos? É como a luta desesperada e última entre a vida passageira e a morte.

O amor não precisa de proteção; ele é a sua própria proteção. Contanto que seja o amor a criar a vida, nenhuma criança será abandonada, ou ficará com fome, ou faminta de desejo de afeto. Eu sei que isso é verdade. Conheço mulheres que se tornaram mães em liberdade ao lado dos homens que amavam. Poucas

crianças no casamento desfrutavam do cuidado, da proteção, da devoção que uma maternidade livre é capaz de dar.

Os defensores da autoridade temem o advento de uma maternidade livre, com receio de que esta lhes roube a presa. Quem lutaria nas guerras? Quem acumularia a riqueza? Quem seria o policial, o carcereiro, se a mulher recusasse a geração arbitrária de crianças? A descendência, a descendência! — brada o rei, o presidente, o capitalista, o padre. A descendência deve ser preservada, ainda que a mulher seja degradada a mera máquina — e a instituição casamento é nossa única válvula de segurança contra o pernicioso despertar sexual da mulher. Mas esses esforços frenéticos para manter o atual estado de servidão são completamente vãos. Como também são vãos os decretos da Igreja, os ataques loucos dos governantes, e até mesmo o longo braço da lei. A mulher já não está mais disposta a fazer parte da produção de seres humanos doentes, fracos, decrepitos e desprezíveis, que não têm força, nem coragem moral para se livrar do jugo da pobreza e da escravidão. Ao invés disso, ela deseja ter menos e melhores filhos, gerados e educados no amor e por livre escolha; não por obrigação, como o casamento impõe. Nossos pseudomoralistas ainda não aprenderam o profundo senso de responsabilidade para com a criança, que o amor em liberdade despertou no peito da mulher. Certamente, ela renunciaria para todo o sempre a glória da maternidade, de modo a não ter de dar à luz numa atmosfera em que se respira apenas destruição e morte. Pois se vier a se tornar uma mãe será para dar à criança o que de mais profundo e melhor o seu ser pode produzir. Crescer com a criança é o seu lema; ela sabe que apenas dessa maneira poderá ajudar a construir uma masculinidade e feminilidade verdadeiras.

Ibsen deve ter tido em mente a imagem de uma mãe livre, quando, numa jogada de mestre, retratou a sra. Alving. Ela era a mãe ideal porque havia superado o casamento e todos os seus horrores, porque havia quebrado as suas correntes e libertado o seu espírito para voar até que retornasse sob a forma de uma personalidade regenerada e forte. Infelizmente, era tarde demais

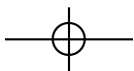
CASAMENTO E AMOR

para resgatar a alegria da sua vida, o seu Osvaldo; mas não tarde demais para perceber que o amor em liberdade é a única condição para uma vida bela. Aqueles que, como a sra. Alving, pagaram por seu despertar espiritual com sangue e lágrimas, repudiam o casamento como uma imposição, como uma zombaria superficial e vazia. Eles sabem que quer o amor dure apenas um breve lapso de tempo ou por toda eternidade, é o único alicerce criativo, inspirador, capaz de fazer ascender a uma nova raça, a um novo mundo.⁴

No nosso estado atual de pigmeus, o amor é realmente estranho à maioria das pessoas. Mal-entendido e deliberadamente evitado, raramente cria raiz; ou se cria, logo definha e morre. Sua fibra delicada não pode suportar o estresse e a pressão do nosso esfacelamento diário. Sua alma é complexa demais para se adaptar à trama viscosa do nosso tecido social. Chora e geme e sofre junto com aqueles que dele têm necessidade, mas que carecem da capacidade de ascender aos cumes do amor.

Algum dia, homens e mulheres irão elevar-se, irão atingir o topo da montanha, irão se encontrar uns com os outros grandes, livres e fortes, prontos para receber, compartilhar e aquecer-se nos raios dourados do amor. Que fantasia, que imaginação, que gênio poético podem ser antevistos, ainda que aproximadamente, como as potencialidades dessa força na vida dos homens e mulheres. Se o mundo, algum dia, vir a dar à luz ao verdadeiro companheirismo e união, não o casamento, mas o amor será o pai.

4. Aqui, Goldman se remete à então polêmica peça de Ibsen, *Espectros*, de 1881.



Mary Wollstonecraft: vida trágica e luta apaixonada pela liberdade¹

Os pioneiros do progresso humano são como gaivotas: eles contemplam novas costas, novas esferas de pensamento desafiador, enquanto os seus companheiros de viagem veem apenas a extensão interminável das águas. Eles enviam alegres saudações às terras distantes. A fé intensa, ansiosa e ardente trespassa as nuvens de dúvidas, porque os ouvidos aguçados desses arautos da vida são capazes de distinguir, em meio aos estrondos enlouquecedores das ondas, a nova mensagem e o novo símbolo para a humanidade.

A humanidade mesma não compreende o novo, enfadonha e inerte, coloca-se ante o pioneiro da verdade com desconfiança e ressentimento, como se estivesse diante daquele que veio perturbar sua paz, aniquilar a estabilidade de todos os seus hábitos e tradição.

Assim, os desbravadores são ouvidos apenas por poucos, porque eles não seguirão as trilhas já trilhadas, e à massa falta força para seguir em direção ao desconhecido.

Em conflito com todas as instituições de seu tempo, uma vez que não se comprometerá com elas, é inevitável que essa guarda avançada se torne alienígena para aqueles mesmos que desejam servir; que eles sejam isolados, evitados e repudiados pelos parentes mais próximos e queridos. Assim, a tragédia que todo pioneiro deve experimentar não é a da falta de entendimento —

1. Texto não publicado em vida, a datação de 1911 é aproximada. Há quem defenda que aqui se teria não apenas um retrato de Mary Wollstonecraft, mas também um autorretrato da própria Goldman.

mas sim a que surge do fato de que, tendo visto novas possibilidades para o progresso humano, não podem criar raízes no que é antigo, e dado que o novo ainda está distante, eles se tornam andarilhos e párias pela terra, buscando sem descanso coisas que nunca encontrarão.

Eles são consumidos pelo fogo da compaixão e simpatia por todo sofrimento e por todos os seus camaradas, não obstante sejam obrigados a se afastar do seu entorno. Não é recomendado que esperem em algum momento receber o amor que suas grandes almas anseiam, pois é esta a penalidade de um grande espírito: que o que ele receba seja nada comparado com o que dá.

Foi esse o destino e a tragédia de Mary Wollstonecraft. O que ela deu ao mundo, àqueles a quem amou, elevou-se muito acima da possibilidade média de receber, e não poderia a sua alma desejosa e ardente se contentar com as migalhas mesquinhas que caem da mesa estéril da vida mediana.

Mary Wollstonecraft veio ao mundo no tempo em que seu sexo estava sob o regime da escravidão: pertencente ao pai, quando estava em casa, era passado como mercadoria ao marido na ocasião do casamento. De fato, foi num mundo estranho que Mary ingressou no dia 27 de abril de 1759, ainda que não muito mais estranho do que o nosso. Desse momento memorável para cá, a raça humana sem dúvida progrediu, mas, ainda assim, Mary Wollstonecraft é ainda muito inovadora, está muito à frente do nosso próprio tempo.

Ela era uma das muitas crianças de uma família de classe média, cujo chefe exerceu os seus direitos de mestre ao tyranizar sua esposa e filhos e desperdiçar seu capital numa vida ociosa e festiva. Quem poderia detê-lo, o criador do universo? Como em muitas outras coisas, tais direitos mudaram pouco, da época do pai de Mary para cá. A família logo se viu em extrema necessidade, mas como poderiam meninas da classe média ganhar a própria vida com todas as portas fechadas para elas? Elas tinham apenas uma vocação e esta era o casamento. A irmã de Mary provavelmente se apercebeu disso. Ela casou com um homem que

MARY WOLLSTONECRAFT

não amava para escapar da miséria da casa paterna. No entanto, Mary foi feita de material diferente, um material tão bem tecido que não poderia caber em ambientes grosseiros. O seu intelecto viu a degradação do seu sexo, e a sua alma — sempre em ardor contra todo o mal — rebelou-se contra a escravidão da metade da raça humana. Ela decidiu se firmar sobre os próprios pés. Esta decisão foi fortalecida pela sua amizade com Fannie Blood, uma mulher que já havia dado o primeiro passo em direção à própria emancipação, ao decidir trabalhar para garantir o próprio sustento. Mas mesmo sem Fannie Blood que exerceu grande força espiritual na vida de Mary, e mesmo que não houvesse o fator econômico, ela estava destinada pela própria natureza a se tornar a iconoclasta dos falsos deuses cujas normas o mundo lhe exigia que obedecesse. Mary era uma rebelde nata, alguém que iria criar ao invés de se submeter a uma forma que lhe fosse estabelecida.

Já foi dito que a natureza utiliza de vasta quantidade de material humano para criar um único gênio. O mesmo vale para um bom e verdadeiro rebelde, o verdadeiro pioneiro. Mary nasceu assim, não foi criada através desse ou daquele incidente específico da sua vida. O tesouro da sua alma, a sabedoria da sua filosofia de vida, a profundidade do seu mundo de pensamento, a intensidade da sua batalha pela emancipação humana e, especialmente, a sua luta incansável pela libertação do seu próprio sexo estão, ainda hoje, tão à frente do entendimento médio, que podemos de fato reivindicar para ela a condição de rara exceção que a natureza criou não mais do que uma vez em um século. Como o falcão que subiu aos céus para contemplar o sol e depois pagou por isso com sua vida, Mary trágica o cálice da tragédia, posto que este é o preço da sabedoria.

Muito se tem escrito e dito sobre esta formidável campeã do século XVIII, mas o assunto é excessivamente vasto e ainda está longe de ser esgotado. O movimento atual das mulheres e, em especial, o movimento sufragista pode encontrar na vida e luta de Mary Wollstonecraft muitos elementos capazes de mostrar a inadequação de ganhos meramente externos para a libertação

do sexo feminino. Sem dúvida, muita coisa foi alcançada desde que Mary esbravejou contra a escravidão econômica e política da mulher, mas teria isto tornado a mulher livre? Acrescentou algo à profundidade do seu ser? Trouxe alegria e satisfação à sua vida? A vida trágica de Mary prova que os direitos econômicos e sociais das mulheres não podem sozinhos preencher de modo suficiente a sua vida, como tampouco são suficientes para preencher qualquer vida profunda, seja de um homem ou de uma mulher. Não é verdade que um homem profundo e sensível — não me refiro aqui a meros machos — difira de modo considerável de uma mulher profunda e sensível. Ele também busca a beleza e o amor, a harmonia e o entendimento. Mary percebeu isto, porque ela não se limitou ao seu próprio sexo, ela exigiu liberdade para toda raça humana.

Para se tornar economicamente independente, Mary lecionou, em um primeiro momento, em escolas e depois aceitou a posição de governanta dos filhos mimados de uma dama mimada. No entanto, logo percebeu a sua inaptidão para a condição de serva e decidiu se voltar a algo que lhe permitisse viver, sem que, ao mesmo tempo, fosse arrastada para baixo por isso. Ela aprendeu sobre a amargura e a humilhação que acompanham a luta econômica. Não foi tanto a falta de conforto externo o que revoltou sua alma, mas, sim, a ausência de liberdade interior que resulta da pobreza e da dependência — que a fez gritar: “Como pode alguém professar ser amigo da liberdade sem que veja que a pobreza é o maior mal?”

Afortunadamente para Mary e para posteridade existia então, naquele tempo, um espécime raro da humanidade, ainda em falta no século xx, sendo este o editor Johnson, um liberal ousado. Ele foi o primeiro a publicar o trabalho de Blake, de Thomas Paine, de Godwin e de todos os rebeldes do seu tempo sem nenhuma preocupação com o ganho material. Ele também viu em Mary grandes possibilidades e a contratou como revisora, tradutora e colaboradora da sua revista *Analytical Review*. E fez mais. Ele se tornou o seu mais dedicado amigo e conselheiro.

MARY WOLLSTONECRAFT

De fato, nenhum outro homem na vida de Mary foi tão leal e compreendeu tanto a sua natureza difícil, como esse homem raro. Tampouco ela abriu a sua alma tão sem reservas para outra pessoa como a abriu para ele. Conforme escreveu num dos seus momentos de análise:

A vida é apenas uma piada. Eu sou um composto estranho de fraqueza e resolução. Há certamente algum defeito grave em minha mente, meu coração ingovernável cria a sua própria miséria. Porque fui feita assim, eu não sei e até que possa formar alguma ideia do todo da minha existência, devo me contentar em chorar e dançar como uma criança que anseia por um brinquedo para se cansar dele assim que o pega. Devemos cada um de nós usar um chapéu de bobo da corte, mas o meu, infelizmente, perdeu os seus gongos e se tornou tão pesado que não posso deixar de achá-lo intoleravelmente problemático.

Que Mary pudesse escrever assim sobre si mesma para Johnson indica que deve ter havido uma bela camaradagem entre eles. De todo modo, foi graças ao seu amigo que ela encontrou algum alívio para a sua luta terrível. E encontrou também alimento intelectual. Os aposentos de Johnson eram o ponto de encontro da elite intelectual de Londres. Thomas Paine, Godwin, dr. Fordyce, o pintor Fuseli, e muitos outros reuniam-se lá para discutir todos os grandes assuntos do seu tempo.

Mary entrou na esfera deles e se tornou o centro dessa agitação intelectual. Godwin relata uma noite que havia sido organizada para ouvir Tom Paine, mas ao invés disso ouviu Mary Wollstonecraft, seus poderes de conversação, como tudo o mais nela, inevitavelmente ficavam no centro do palco.

Assim, Mary pôde elevar-se no espaço com seu espírito a alcançar grandes alturas. A oportunidade logo veio. O antigo campeão do liberalismo inglês, o grande Edmund Burke, entregou-se a um sermão sentimental contra a Revolução Francesa. Ele havia conhecido a honesta Marie Antoinette e lamentou muitíssimo quando ela caiu nas garras do furioso povo parisiense. Seu sentimentalismo de classe média viu na maior de todas as revoltas apenas a superfície e não os erros terríveis que o povo

francês suportou antes que fosse arrastado aos seus atos. Mas Mary Wollstonecraft viu esses erros e a sua resposta ao poderoso Burke, *Uma reivindicação dos direitos dos homens*, é uma das mais poderosas defesas dos oprimidos e deserdados já feita.

Foi escrito com grande fervor, posto que Mary acompanhou a revolução atentamente. Sua força, seu entusiasmo e acima de tudo, a lógica e a clareza da sua visão provaram que essa outrora professora primária possuía um cérebro privilegiado e um coração que palpitava apaixonadamente. Que isso pudesse emanar de uma mulher era como a explosão de uma bomba, algo que nunca havia acontecido antes. Chocou o mundo e trouxe para Mary o respeito e a afeição dos seus contemporâneos do sexo masculino. Eles não tiveram dúvidas de que ela era não apenas uma igual, mas em muitos aspectos superior à maioria deles.

Apesar de você se considerar um amigo da liberdade, pergunte ao seu coração se não seria mais consistente intitular-se campeão da Propriedade, adorador do ídolo do ouro que o poder configurou.

“Segurança da propriedade!” captura em poucas palavras a definição da liberdade inglesa. Mas isto é suavizar, pois é apenas a propriedade dos ricos que é assegurada, o homem que vive do suor da sua frente não tem amparo da opressão.

Pense em que maravilhoso discernimento para uma mulher há mais de cem anos atrás. Mesmo hoje há ainda poucos dentre os nossos chamados reformistas, e certamente ainda menos dentre as mulheres reformistas, que podem ver de modo tão claro quanto essa gigante do século XVIII. Ela compreendeu muito bem que mudanças meramente políticas não são suficientes e não atacam em profundidade os males da sociedade.

Mary Wollstonecraft sobre a paixão:

Regular a paixão nem sempre é uma atitude sábia. Ao contrário, talvez seja justamente essa uma das razões pela qual os homens têm um julgamento superior e maior coragem do que as mulheres: eles dão livre curso à sua grande paixão e, por perderem a si mesmos com mais frequência, ampliam as suas ideias.

MARY WOLLSTONECRAFT

A embriaguez se deve mais à ausência de uma diversão melhor do que a alguma tendência inata ao vício, o crime é comumente resultado de uma vida superabundante.

A mesma energia que torna um homem num vilão ousado poderia tê-lo transformado em alguém útil à sociedade fosse a sociedade mesma bem organizada.

Mary não foi apenas uma intelectual, posto que, conforme suas próprias palavras, ela possuía um coração ingovernável. Isto é: ela ansiava por amor e afeição. Foi, portanto, natural que se deixasse levar pela beleza e paixão do pintor Fuseli, mas seja porque ele não correspondeu ao seu amor, ou porque lhe faltou coragem no momento crítico, Mary foi forçada a passar pela sua primeira experiência de amor e dor. Ela certamente não era o tipo de mulher que se joga em cima de um homem. Fuseli era uma pessoa tranquila e facilmente seria levado pela beleza de Mary. Mas ele tinha uma esposa e a pressão da opinião pública era demais para ele. Seja como for, Mary sofreu intensamente e fugiu para a França de modo a escapar dos encantos do artista.

Os biógrafos foram os últimos a entender o seu caso, de outro modo não teriam feito tanto barulho por esse episódio com Fuseli, já que não houve nada além disso. Tivesse sido o falastrão Fuseli tão livre quanto Mary, provavelmente teria vivido tranquila e normalmente ao lado dela. Mas lhe faltou coragem, e Mary, que era sexualmente faminta, não pôde facilmente apagar os seus sentidos então despertos. Foi necessário um interesse intelectual muito forte para trazê-la de volta a si mesma. E esse interesse ela encontrou nos agitados eventos da Revolução Francesa.

No entanto, foi antes do incidente com Fuseli que Mary acrescentou ao seu *Uma reivindicação dos direitos dos homens*, a *Reivindicação dos direitos da mulher*, um apelo à emancipação do seu sexo. Não é que ela considerasse o homem responsável pela escravidão da mulher. Mary era muito grande e muito universal para colocar a culpa em um único sexo. Ela enfatizou o fato de que a própria mulher é um obstáculo ao progresso humano, porque insiste em ser um objeto sexual ao invés de uma persona-

lidade, uma força criativa na vida. Naturalmente, ela reconheceu que o homem tem sido um tirano há tanto tempo que ele se resente de qualquer violação do seu domínio, contudo advogou que era tanto pelo bem do homem quanto pelo da mulher que exigia a liberdade econômica, política e sexual da mulher como a única solução ao problema da emancipação humana. “As leis referentes às mulheres transformaram a união entre marido e mulher num completo absurdo; ao considerar o homem o único responsável, a mulher é reduzida a uma nulidade.”

A natureza foi certamente muito generosa quando criou Mary Wollstonecraft. Não apenas a dotou de um cérebro prodigioso, mas lhe deu grande beleza e charme. Também lhe deu uma alma profunda — e profunda tanto em alegria, quanto em tristeza. Mary estava, portanto, destinada a se tornar presa de mais de uma paixão. Seu amor por Fuseli logo abriu caminho para um amor mais terrível e intenso, o que teve maior força em sua vida, que a atirou como um brinquedo desamparado e desprovido de vontade nas mãos do destino.

Vida sem amor para um caráter como o de Mary é inconcebível, e foi a sua busca e ânsia pelo amor que a lançou contra as rochas da inconsistência e do desespero.

Enquanto estava em Paris, Mary conheceu, na casa de Thomas Pine, onde era recebida como sua amiga, o vivaz, belo e americano típico [Gilbert] Imlay. Se não fosse o amor de Mary por ele o mundo talvez nunca tivesse conhecido esse cavalheiro. Não que ele fosse um homem comum, caso o fosse Mary nunca poderia tê-lo amado com a louca paixão que quase destruiu a sua vida. Ele se distinguira na Guerra da Independência dos Estados Unidos e escreveu uma coisa ou duas, mas no geral ele nunca teria virado o mundo de cabeça para baixo. No entanto, ele virou Mary de cabeça para baixo e a manteve em transe por um tempo considerável.

A própria força da paixão dela por ele excluía a harmonia, mas haveria alguma culpa no que diz respeito a Imlay? Ele [ofereceu a] ela tudo o que lhe era possível, mas dada a sua fome

MARY WOLLSTONECRAFT

insaciada de amor, ela jamais poderia se contentar com pouco, daí a tragédia. Além disso, ele era um viajante, um aventureiro, um desbravador dos corações femininos. Estava possuído pelo desejo de desbravar, não podia descansar em paz em qualquer que fosse o lugar, já Mary precisava de paz, ela precisava do que nunca havia tido em família, um lar tranquilo e aconchegante. Mas acima de tudo, ela precisava de amor, de um amor sem reservas, passional. Imlay não podia dar-lhe nada disso e a luta começou logo após o sonho louco ter passado.

Imlay sempre estava muito distante de Mary, primeiramente, sob o pretexto dos seus negócios. Ele não seria um americano se não negligenciasse o amor pelos negócios. Suas viagens o levaram, como os alemães costumam dizer, a outras cidades e a outros amores. Como um homem dotado de direitos, era seu direito enganar Mary. O que ela suportou apenas aqueles que conhecem por si mesmos a tempestade podem saber.

Ao longo de toda a gravidez do filho de Imlay, Mary ansiou com tristeza pelo retorno do seu homem, implorou e suplicou, mas ele estava sempre muito ocupado. O pobre sujeito não sabia que toda riqueza do mundo não poderia equiparar-se à riqueza do amor de Mary. O único consolo que ela encontrou foi no trabalho. Ela escreveu *A revolução francesa* sob a influência desse drama aterrador. Perspicaz em suas observações, viu mais profundamente do que Burke: por baixo do terrível número de mortos, viu o que era ainda mais terrível, a contradição entre pobres e ricos, todo o derramamento de sangue seria vão enquanto essa contradição continuasse. Assim, escreveu: “Se a aristocracia de nascimento é destruída apenas para dar lugar aos ricos, temo que o estado de ânimo de um povo não poderá ser elevado através desse tipo de mudança. Tudo me diz que são nomes, e não princípios, o que está sendo transformado”. Ela percebeu, enquanto estava em Paris, o que havia previsto no seu ataque a Burke, que o demônio da propriedade já havia invadido os direitos sagrados do homem.

Mesmo com todo o seu trabalho, Mary não pôde esquecer o seu amor. Depois de uma luta inútil e amarga para trazer Imlay de volta, ela tentou o suicídio. Falhou e, de modo a recuperar a sua força, viajou para Noruega numa missão dada por Imlay. Ela se recuperou fisicamente, mas sua alma estava machucada e cheia de cicatrizes. Mary e Imlay se encontraram várias vezes, mas estavam apenas procrastinando o inevitável. Então veio o golpe final. Mary soube que Imlay tinha vários casos e que a estava enganando não tanto por malícia quanto por covardia.

Ela, então, deu o passo mais terrível e desesperado, jogou-se no Tâmis depois de andar por horas, pois, com as roupas molhadas, ela supôs que certamente se afogaria. Oh, que inconsistência, bradam os críticos superficiais. Mas teria sido mesmo?

Na luta entre intelecto e paixão, Mary sofreu uma derrota. Ela era muito orgulhosa e muito forte para sobreviver a um golpe tão terrível. O que havia mais para ela, além de morrer?

O destino que já pregara tantas peças a Mary Wollstonecraft desejava que isto acontecesse de uma outra forma. Trouxe-a de volta para a vida e para a esperança, mas apenas para matá-la justo quando estivesse na sua porta.

Ela encontrou em Godwin, o primeiro representante do comunismo anarquista, uma camaradagem doce e terna, não do tipo selvagem e primitivo, mas do tipo tranquilo, maduro e acolhedor que acalma a pessoa tal como uma mão fria sobre uma testa fervendo. Ao seu lado, ela viveu de modo consistente com as suas ideias, em liberdade, cada um em separado, compartilhando um com o outro o que podiam.

Novamente Mary se tornou mãe, não em estresse e em dor, mas em paz e cercada de bondade. No entanto, o destino é tão estranho que Mary teve de pagar com a sua vida pela vida da sua pequena menina, Mary Godwin. Ela morreu em 10 de setembro de 1797, com apenas 38 anos. O resguardo da primeira filha, ainda que sob as mais difíceis circunstâncias, foi mera atuação ou, conforme escreveu à sua irmã, “uma desculpa para ficar na cama”. No entanto, aquele tempo trágico também exigiu a sua

MARY WOLLSTONECRAFT

vítima. Fannie Imlay morreu da morte que sua mãe falhou em encontrar. Ela cometeu suicídio por afogamento, enquanto Mary Wollstonecraft Godwin tornou-se a esposa da mais doce cotovia da liberdade, Shelley.

Mary Wollstonecraft, intelectual, gênio, lutadora audaz dos séculos XVIII, XIX e XX; Mary Wollstonecraft, mulher e amante, fadada à dor por conta da riqueza mesma do seu ser. Apesar de todos os seus romances, ela foi bastante solitária, como toda grande alma, teve de permanecer só — sem dúvida, é esta a penalidade da grandeza.

Sua coragem indomável em nome dos deserdados da terra a tornou estranha ao seu próprio tempo e criou discórdia em seu ser, o que, por si só, é responsável por sua tragédia terrível com Imlay. Mary Wollstonecraft visava o mais alto cume das possibilidades humanas. Ela era muito sábia e muito mundana para não ver a discrepância que causou o rompimento do fio da sua alma delicada, complicada — a discrepância entre o mundo dos seus ideais e o seu universo amoroso.

Talvez tivesse sido melhor para ela morrer na sua primeira tentativa de suicídio. Aquele que já provou a loucura da vida não poderá nunca mais ajustar a si mesmo à uniformidade. Mas teríamos perdido muito com isso e podemos ao menos nos reconciliar com o que ela deixou, e isso já é muito. Não tivesse Mary Wollstonecraft escrito uma única linha, a sua vida teria fornecido alimento para o pensamento. Mas ela deu as duas coisas, portanto está entre os maiores do mundo, uma vida tão profunda, tão requintada e bela como a dela complementa a humanidade.



Causas e possível cura para o ciúme¹

Ninguém que seja realmente capaz de uma vida interior intensa e consciente pode esperar escapar da angústia mental e do sofrimento. Tristeza e, frequentemente, desespero por conta da, por assim dizer, eterna adequação de todas as coisas são as mais persistentes companhias das nossas vidas. Mas elas não caem sobre nós como se vindas de fora, através de maus feitos desempenhados por pessoas particularmente más. Elas são condicionadas pelo âmago do nosso próprio ser. Na verdade, elas estão entrelaçadas em mil fios, ásperos e macios, com a nossa existência.

É absolutamente necessário que atentemos para este fato, posto que as pessoas que não conseguem se livrar da concepção de que seus infortúnios se devem à perversidade dos seus companheiros nunca poderão superar o ódio mesquinho e a malícia com os quais constantemente culpa, condena e persegue os outros por algo que é inevitavelmente parte delas. Tais pessoas não alcançarão as elevadas alturas do humanitarismo verdadeiro, segundo o qual bem e mal, moral e imoral são apenas termos limitados à encenação interior das emoções humanas sobre o mar humano da vida.

O filósofo “além do bem e do mal”, Nietzsche, é no presente denunciado como incitador do ódio nacionalista e das armas de destruição em massa; mas apenas maus leitores e maus pupilos podem interpretá-lo dessa maneira. “Além do bem e do mal” significa além da acusação, além do julgamento, além do assassinato etc. *Além do bem e do mal* coloca, diante dos nossos olhos, uma

1. Texto não publicado em vida, a datação de 1912 é aproximada.

visão cujo pano de fundo é o da afirmação individual combinada com a compreensão de que todos os outros são dessemelhantes a nós, que são diferentes.

Sob esta perspectiva, não estou fazendo coro com as tentativas desajeitadas da democracia de regular as complexidades do caráter humano por meio do princípio da igualdade externa. A visão “além do bem e do mal” aponta para o direito a si mesmo, para o direito à própria personalidade. Tais possibilidades não excluem a dor pelo caos da vida, mas excluem a justiça puritana que se senta para julgar todos os outros desde que não seja o “juiz” em questão.

É autoevidente que o radical completo — há muitos radicais meia boca, como vocês devem saber — deve aplicar este reconhecimento profundo do humano às relações sexuais e amorosas. As emoções sexuais e o amor estão entre as expressões mais íntimas, mais intensas e sensíveis do nosso ser. Elas estão tão profundamente relacionadas com as características físicas e psíquicas de cada indivíduo em particular que marcam cada caso de amor de modo independente, diferente de qualquer outro. Em outras palavras, cada amor é resultado das impressões e características das duas pessoas envolvidas. Cada relação amorosa deve, dada a sua natureza mesma, permanecer como um assunto absolutamente privado. Nem o Estado, nem a Igreja, nem a moralidade ou outras pessoas devem se intrometer nela.

Infelizmente, não é isso o que acontece. A mais íntima relação está sujeita a proscritões, regulamentações e coerção, ainda que esses fatores externos sejam completamente alienígenas ao amor — o que conduz a contradições e conflitos infindáveis entre o amor e a lei.

O resultado disso é que nossa vida amorosa está imersa em corrupção e em degradação. O “amor puro”, tão aclamado pelos poetas, em face do matrimônio, divórcio e disputas alienantes da atualidade, é de fato um espécime raro. Quando o dinheiro, o status social e a posição são os critérios do amor, a prostituição se

CURA POSSÍVEL PARA O CIÚME

apresenta como inevitável, ainda que esteja coberta com o manto da legitimidade e da moralidade.

O maior dos males da nossa vida amorosa mutilada é o ciúme, comumente descrito como o “monstro de olhos verdes”² que mente, engana, trai e mata. A concepção popular é a de que o ciúme é inato e, portanto, nunca pode ser erradicado do coração humano. Esta ideia é uma desculpa conveniente para aqueles a quem falta habilidade e disposição de se aprofundar nas relações de causa e efeito.

A angústia por um amor perdido, pelo fim de um caso de amor — é de fato inerente ao mais próprio do nosso ser. A dor emocional tem inspirado, ao longo dos séculos, muitos poetas líricos sublimes, muitas visões profundas e exultações poéticas, como as de um Byron, um Shelley, um Heine e outros do tipo. Mas irá alguém comparar este tipo de sofrimento com o que comumente é considerado ciúme? Esses sentimentos são tão dessemelhantes quanto a sabedoria e a estupidez. Quanto o refinamento e a vulgaridade. Quanto a dignidade e a coerção brutal. O ciúme é o próprio reverso do entendimento, da simpatia e dos sentimentos generosos. Nunca o ciúme acrescentou algo ao caráter, nunca tornou o indivíduo grande e bom. O que realmente faz é torná-lo cego com a fúria, mesquinho com a suspeita e cruel com a inveja.

O ciúme, cujas contorções nós assistimos nas tragédias e comédias matrimoniais, é invariavelmente um acusador unilateral e fanático, convencido da sua própria justiça e da maldade, crueldade e culpa da sua vítima. O ciúme nem mesmo tenta compreender. O seu único desejo é punir e punir o mais severamente possível. Essa concepção está encarnada numa espécie de código de honra, tal como era o caso do duelo ou da lei não escrita. Um código sob o qual a sedução de uma mulher deve ser expiada com a morte do sedutor. Mesmo quando a sedução não ocorreu, mesmo quando ambos se renderam voluntariamente à urgência

2. Expressão idiomática da língua inglesa para se referir ao ciúme.

mais profunda, a honra é restaurada apenas quando o sangue é derramado, seja do homem ou da mulher.

O ciúme é obcecado pelo sentimento de posse e de vingança. Está de acordo com o espírito daquelas leis punitivas fundamentadas na noção bárbara de que uma ofensa — que, em geral, é resultado de alguma injustiça social — deve ser adequadamente punida ou vingada.

Um argumento muito forte contra o ciúme pode ser encontrado em dados levantados por historiados como Morgan, Reclus e outros no que diz respeito às relações sexuais dos povos primitivos. Qualquer um que esteja familiarizado com o trabalho desses autores sabe que a monogamia é um modo muito posterior de se relacionar sexualmente, que veio à tona como resultado da domesticação e apropriação das mulheres e que, por sua vez, criou o monopólio sexual e o inevitável sentimento de ciúme.

No passado, quando homens e mulheres misturavam-se livremente sem interferência da lei e da moralidade, não podia haver ciúme, uma vez que este se baseia no pressuposto de que certo homem tem o monopólio sexual exclusivo sobre certa mulher e *vice-versa*. No momento em que um relacionamento amoroso ultrapassa este preceito sagrado, o ciúme declara guerra. Sob tais circunstâncias é ridículo dizer que o ciúme é algo perfeitamente natural. Na verdade, é apenas o resultado artificial de uma causa artificial, nada mais.

Infelizmente, não são apenas os casamentos conservadores que estão saturados com a noção de monopólio sexual; as chamadas relações livres também são suas vítimas. O que poderia ser tomado como prova para o argumento de que o ciúme é uma característica inata. Mas é preciso ter em mente que o monopólio sexual tem sido transmitido de geração a geração como um direito sagrado e a base da perfeição da família e do lar. E uma vez que tanto a Igreja quanto o Estado aceitaram o monopólio sexual como a única segurança dos laços matrimoniais, ambos justificaram o ciúme como a arma de legítima defesa para a proteção desse direito de propriedade.

CURA POSSÍVEL PARA O CIÚME

Ainda que hoje seja verdade que muitas pessoas superaram a legalidade do monopólio sexual, é também verdade que elas não superaram suas tradições e seus hábitos. Assim, o “monstro de olhos verdes” lhes torna tão cegas quanto aos seus vizinhos conservadores no momento em que seus bens materiais estão em jogo.

Um homem ou mulher livre e grande o suficiente para não interferir ou fuçar naquilo de exterior que exerce atração sobre o seu amado, certamente será desprezado pelos seus amigos conservadores e ridicularizado pelos radicais. Será ainda depreciado como um degenerado ou covarde; e, com frequência, condições materiais mesquinhas lhe serão impostas. Em qualquer caso, estes homens e mulheres serão alvo de fofocas brutais e piadas indecentes por nenhuma outra razão que a de concederem à sua esposa, marido ou amantes o direito sobre os seus próprios corpos e sobre suas expressões emocionais, sem que, em nome disso, tenham de protagonizar cenas de ciúme ou ameaças violentas de matar o intruso.

Há outros fatores que envolvem o ciúme: a presunção dos machos e a inveja das mulheres. O macho em assuntos sexuais é um impostor, um falastrão que sempre se gaba das suas façanhas e sucesso com as mulheres. Ele insiste em encenar o papel do conquistador, uma vez que lhe foi ensinado que as mulheres querem ser conquistadas, que elas amam ser seduzidas. Sentindo-se como o único galo do galinheiro, ou como um touro que deve lutar com os chifres para ganhar a vaca, fica mortalmente ferido em sua presunção e arrogância no momento em que um rival aparece em cena — uma cena que, mesmo entre os chamados homens refinados, continua a ser a do amor sexual da mulher, que deve pertencer a um único mestre.

Em outras palavras, a ameaça ao monopólio sexual em conjunto com a vaidade ofendida dos homens são em noventa e nove por cento dos casos os antecedentes do ciúme.

No que diz respeito à mulher, as causas do ciúme são, invariavelmente, a sua insegurança econômica e a das crianças, e a inveja

mesquinha de toda outra mulher que ganhe em graça ante os olhos do seu mantenedor. De modo a ser justa com as mulheres, é preciso dizer que, ao longo de séculos, os seus atrativos físicos eram o único atributo que poderia negociar, portanto era forçoso que ela sentisse inveja do charme e do valor de outras mulheres, como se se tratasse de uma ameaça à sua preciosa propriedade.

O aspecto grotesco desse assunto todo é que homens e mulheres normalmente se tornam violentamente ciumentos com pessoas que, na realidade, não lhes importam muito. Não é, portanto, o seu amor ultrajado, mas a sua vaidade ultrajada e inveja que gritam contra esse “erro terrível”. Muito provavelmente a mulher nunca amou o homem que ela agora suspeita e espia. Muito provavelmente ela nunca fez nenhum esforço para manter o seu amor. Mas no momento em que uma concorrente se aproxima, ela começa a valorizar a sua propriedade sexual e, para a sua defesa, nenhum meio é desprezível ou cruel em demasia.

Obviamente, portanto, o ciúme não é resultado do amor. Na verdade, se fosse possível investigar a maioria dos casos de ciúme, provavelmente seria descoberto que quanto menos as pessoas estão imbuídas de um grande amor, mais violento e desprezível será o seu ciúme. Duas pessoas que estão ligadas por uma harmonia interior e um sentimento de unicidade não têm medo de prejudicar a sua confiança e segurança mútuas se um ou o outro se sentirem atraídos por algo exterior ao relacionamento, como não irão terminar a sua relação numa inimizade vil, como ocorre frequentemente com diversas pessoas. Muitos não são capazes, nem se deve esperar isso deles, de acolher a escolha do amado no interior da intimidade de suas vidas, mas isto não dá a nenhum dos dois o direito de negar a necessidade da atração.

Como discutirei sobre variedade sexual e monogamia daqui a duas semanas, não vou me debruçar neste momento sobre o assunto, exceto para dizer que considerar as pessoas que podem amar mais de uma pessoa como perversas ou anormais é ser, na verdade, muito ignorante. Já discuti algumas causas do ciúme e devo acrescentar a essas a instituição casamento que a Igreja e

CURA POSSÍVEL PARA O CIÚME

o Estado proclamam como “o laço até que a morte vos separe”. Isto é aceito como o modo ético de viver corretamente e agir corretamente.

Com o amor, em toda a sua variedade e mutabilidade, assim agrilhado e limitado, não é de admirar que o ciúme surja. O que mais, se não mesquinha, maldade, suspeita e rancor poderia surgir quando um homem e sua esposa são oficialmente unidos sob a fórmula “de agora em diante vocês são um só corpo e espírito”? Observe-se, apenas, qualquer casal que esteja amarrado dessa maneira, dependente um do outro para qualquer pensamento e sentimento, sem qualquer interesse ou desejo exterior, e pergunte a si mesmo se uma tal relação poderia não se tornar odiosa e insustentável com o tempo.

De um modo ou de outro os grilhões são quebrados e, como as circunstâncias que conduziram a eles são geralmente baixas e degradantes, não é de surpreender que incitem as motivações e características humanas mais miseráveis e vis.

Em outras palavras, as interferências legais, religiosas e morais são os pais da desnaturalização da nossa vida sexual e amorosa atual e foi por conta disto que o ciúme cresceu. É o chicote que açoita e tortura os pobres mortais por causa de sua estupidez, ignorância e preconceito.

Mas ninguém precisa justificar a si mesmo sob o argumento de ser uma vítima dessas condições. É uma grande verdade que nós todos sofremos sob o fardo de arranjos sociais iníquos, sob a coerção e a cegueira moral. Mas não somos justamente nós, indivíduos conscientes, aqueles que anseiam trazer a verdade e a justiça aos assuntos humanos? A teoria de que o homem é um produto das suas condições apenas o levou à indiferença e a uma aquiescência preguiçosa no que diz respeito a essas condições mesmas. Ainda que todos saibam que adaptar-se a um modo de vida injusto e doentio apenas fortalece a injustiça e a doença, o ser humano, considerado a coroa de toda criação, dotado da capacidade de pensar, ver e, acima de tudo, de aplicar seu poder

de iniciativa, torna-se cada vez mais fraco, mais passivo e mais fatalista.

Não há nada mais terrível e fatal do que alguém revolver os órgãos vitais daquele que ama e de si mesmo. Esse tipo de atitude pode tão somente ajudar a partir algum dos delicados fios do afeto ainda inerentes à relação para finalmente chegar até o último fosso, justo o que o ciúme tenta impedir, a saber, a aniquilação do amor, da amizade e do respeito.

O ciúme é um meio realmente precário para assegurar o amor, embora seja um meio muito eficaz para destruir a autoestima. Pois pessoas ciumentas, tal como os viciados em drogas, descem até o nível mais baixo de modo que, no final, só podem inspirar nojo e aversão.

A angústia oriunda da perda ou da não reciprocidade no amor entre pessoas que são capazes de pensamentos elevados e delicados nunca as transformará em grosseirões. Aqueles que são sensíveis e bons têm apenas de perguntar a si mesmos se eles podem tolerar alguma relação que seja obrigatória, e um enfático não será a resposta. Mas a maioria das pessoas continua a viver uma perto da outra, embora tenham, há muito, cessado de viver uma com a outra — uma vida fértil o suficiente para a atividade do ciúme, cujos métodos vão desde violar a correspondência privada até o assassinato. Comparado a esses horrores, abrir-se para o adultério parece um ato de coragem e libertação.

Um forte escudo contra a vulgaridade do ciúme é considerar que marido e esposa não são um só corpo e um só espírito. São dois seres humanos, com temperamentos, sentimentos e emoções diferentes. Cada um é um pequeno cosmos em si mesmo, absorvido em seus próprios pensamentos e ideias. É glorioso e poético que esses dois mundos possam se encontrar com liberdade e igualdade. Mesmo que dure pouco tempo, terá valido a pena. Mas, a partir do momento que dois mundos são forçados a ficar juntos, toda a beleza e fragrância cessa, e nada, a não ser ervas daninhas, prospera. Qualquer um que compreenda esse truísmo considerará o ciúme como abaixo de si e não permitirá

CURA POSSÍVEL PARA O CIÚME

que este, tal como a espada de Dâmocles,³ seja pendurado sobre a sua cabeça.

Todos os amantes fazem muito bem ao deixar as portas do seu amor completamente abertas. Quando o amor pode ir e vir sem medo de se encontrar com um cão de guarda, o ciúme dificilmente cria raiz, porque logo aprenderá que onde não há fechaduras e chaves, tampouco há lugar para suspeita e desconfiança, os dois elementos sobre os quais o ciúme cresce e prospera.

3. A expressão “espada de Dâmocles”, oriunda de uma antiga parábola moral da Antiguidade, popularmente passou a ser utilizada para indicar a ansiedade e medo dos poderosos de terem o seu poder usurpado.



Vítimas da moralidade¹

Não faz muito tempo que participei de um encontro organizado por Anthony Comstock, que há quarenta anos tem sido o guardião da moral americana. Nunca ouvi antes, de qualquer palanque, uma divagação mais incoerente e ignorante.

A questão que se apresentou para mim, ao ouvir a conversa lugar-comum e fanática desse homem, foi: “Como é possível que alguém tão limitado e sem inteligência exerça o poder de censor e ditador sobre uma nação supostamente democrática?” É verdade que Comstock tem a lei para respaldá-lo. Quarenta anos atrás, quando o puritanismo era inclusive mais desenfreado do que hoje, capaz de apagar completamente qualquer luz de razão e progresso, Comstock conseguiu, através de maquinações obscuras e conspiração política, fazer passar uma lei que lhe deu controle absoluto do Departamento responsável pelas agências dos correios [*Post Office Departament*] — um controle que se mostrou desastroso à liberdade de imprensa, assim como ao direito de privacidade do cidadão americano.²

1. Texto originalmente publicado na revista anarquista *Mother Earth* (1913).

2. Mesmo antes da promulgação da lei de 1873 que ficou conhecida pelo seu nome, Anthony Comstock, já atuava na condição de agente da *YMCA's Society for the Suppression of Vice* da cidade de Nova York — cuja tarefa era censurar o material “obsceno” enviado pelos correios e, eventualmente, prender os seus remetentes e destinatários. Numa determinada ocasião, ainda no seu primeiro ano de trabalho em 1872, Comstock chegou a prender, de um lance, quarenta homens. Em realidade, a lei de 1873 é uma correção às “brechas” supostamente deixadas pela lei de 1872 (por sua vez uma revisão de uma lei federal de 1865) que justamente tinha por objetivo de interditar o comércio e postagem, mesmo se de caráter privado, de material considerado “obsceno”. Para Comstock, a lei de 1872 era insuficiente porque não incluía sob a insígnia de “obsceno”,

Desde então, Comstock invadiu os aposentos privados das pessoas, confiscou a sua correspondência pessoal, assim como trabalhos artísticos, e estabeleceu um sistema de espionagem e suborno que deixaria a Rússia envergonhada. Seja como for, as leis não dão conta de explicar o poder de Anthony Comstock. Há algo além, ainda mais terrível do que a lei. É a própria estreiteza do espírito puritano, tal como representado nas mentes estéreis das *Young-Men-and-Old-Maid's Christian Union*,³ *Temperance Union*, *Sabbath Union*, *Purity League* etc. Um espírito que é absolutamente cego às mais simples manifestações da vida; representante, portanto, de toda estagnação e decadência. Tal como nos dias que precederam a Guerra Civil Americana [*ante-bellum days*], esses fósseis velhos lamentam a terrível imoralidade do nosso tempo. Ciência, arte, literatura, drama estão à mercê de uma censura intolerante munida de recursos legais, o que tem como resultado que a América, apesar de todos as suas declarações presunçosas em nome do progresso e da liberdade, ainda está imersa no provincialismo mais denso.

As menores nações da Europa podem se gabar de possuir uma arte livre dos grilhões da moralidade, uma arte que tem a coragem de retratar os grandes problemas sociais de nosso tempo. Com a faca afiada da análise crítica, corta cada úlcera social, cada erro, exigindo mudanças fundamentais e a transvaloração dos valores aceitos.

Sátira, sagacidade, humor, assim como os modos de expressão mais sérios e intensos são empregados para pôr a nu as mentiras das nossas convenções sociais e morais. Na América, pro-

pagandas de livros de conteúdo subversivo, além de não determinar de modo claro os meios através dos quais deveriam ser executadas as penalidades. Com a promulgação da lei, Comstock se tornou agente especial do *Post Office Department*, dotado de todo poder e instrumentos para determinar o que era ou não material obsceno e, por conseguinte, para punir os envolvidos.

3. Aqui Goldman faz uma brincadeira maldosa, pois ao invés de se referir à *Young Women's Christian Union* (em tradução livre “União das Jovens Mulheres Cristãs”), ela substitui a expressão “Women” pela expressão entre hífens “Young-Men-and-Old-Maid”, isto é: Jovens-Homens-e-Solteironas.

VÍTIMAS DA MORALIDADE

curar-se-ia em vão por tal meio de expressão, mesmo porque qualquer tentativa nesse sentido está interdita pelo rígido regime levado a cabo pelo ditador moral e sua panelinha.

O que de mais próximo disso temos por aqui, são os nossos *muckrakers*,⁴ que, sem sombra de dúvida, prestaram um ótimo serviço em termos econômicos e sociais. Quer os *muckrakers* tenham ou não ajudado a mudar efetivamente as condições, ao menos eles arrancaram a máscara do rosto mentiroso dessa nossa sociedade arrogante e convencida.

Infelizmente, a Mentira da Moralidade ainda persiste na perseguição, dotada de toda a pompa, já que ninguém se atreve a mexer com o santo dos santos. É certo, porém, que nenhuma outra superstição é tão prejudicial ao crescimento e tão dotada do poder de debilitar e paralisar as mentes e corações do povo, quanto a superstição da Moralidade.

O aspecto mais patético, e de certo modo desencorajador, dessa situação toda é certo elemento presente nos liberais e mesmo nos radicais, enfim, presente nos homens e mulheres aparentemente livres dos fantasmas religiosos e sociais. Pois, ante o monstro da Moralidade, eles estão tão prostrados quanto os mais devotos — o que é uma prova adicional da profundidade em que o verme da moralidade se introduziu no sistema de suas vítimas e quão amplas e rigorosas devem ser as medidas para expulsá-lo mais uma vez.

Não é preciso dizer que a sociedade é obcecada por mais de um tipo de moral. É um fato que toda instituição da atualidade tem seu próprio padrão moral. Seja como for, as instituições não

4. *Muckraker* era a expressão utilizada para designar membros de um grupo de jornalistas e escritores que se concentraram em elaborar matérias jornalísticas (e obras literárias) para denunciar a corrupção nas relações entre governo e grandes indústrias, além de outras instituições de prestígio. Boa parte das suas denúncias exerceu papel relevante (no sentido de pressionar) na elaboração e promulgação de projetos de lei, como, por exemplo, os que fortaleciam a proteção de trabalhadores e consumidores. Em geral, os *muckrakers* são historicamente alocados na chamada era progressiva dos Estados Unidos que vai dos 1890 até a entrada do país na Primeira Guerra Mundial, em 1917.

poderiam se manter não fosse pela religião, que funciona como um escudo, e pela moralidade, que funciona como uma máscara. Isso explica o interesse que os exploradores ricos têm tanto na religião quanto na moralidade. Os ricos pregam, promovem e financiam ambas, como um investimento que gera excelentes retornos. Por meio da religião, eles paralisaram o entendimento do povo, assim como a moralidade escraviza o espírito. Em outras palavras, a religião e a moralidade são um chicote muito mais eficiente, do que o porrete e o revolver, para manter o povo submisso.

Para ilustrar: a Moralidade da Propriedade estabelece que essa instituição é sagrada. Ai de quem se atrever a questionar a santidade da propriedade ou pecar contra ela! Mesmo que todos saibam que a Propriedade é um roubo, que representa o esforço acumulado de milhões de pessoas que são desprovidas de propriedades. E, o que é mais terrível, quanto mais assolada pela pobreza estiver a vítima da Moralidade da Propriedade, maior respeito e temor ela terá por esse senhor. É, por isso, que ouvimos de pessoas progressistas, até mesmo dos chamados trabalhadores com consciência de classe, a condenação moral de métodos como a sabotagem e a ação direta, justamente porque eles atingem a Propriedade.

Na verdade, se as próprias vítimas estão tão cegas pela Moralidade da Propriedade, o que se pode esperar dos seus senhores? Ao que parece, já passou da hora de encarar o fato de que enquanto os trabalhadores não tiverem perdido o respeito pelo instrumento que lhes escraviza materialmente, a eles estão vedadas quaisquer esperanças.

O que, porém, me preocupa mais seriamente é o efeito da Moralidade sobre as mulheres. Esse efeito é tão desastroso e tão paralisante que muitas das mais progressistas dentre as minhas irmãs nunca o superaram completamente.

É a Moralidade que condena a mulher à posição de celibatária, prostituta ou ainda de chocadeira irresponsável e imprudente de um sem-número de crianças infelizes.

VÍTIMAS DA MORALIDADE

Primeiramente, no que diz respeito ao celibato, ele torna o humano semelhante a uma planta sedenta e murcha. Quando ainda uma flor jovem e bela, ela se apaixona por um rapaz respeitável. Mas a Moralidade decreta que, salvo o caso em que ele possa se casar com a jovem, ela nunca deve conhecer o arrebatamento do amor, o êxtase da paixão, que atinge o seu cume na relação sexual. O jovem respeitável pode até estar disposto a se casar, mas a Moralidade da Propriedade, da Família e todas as demais Moralidades Sociais decretam que ele primeiro deve fazer fortuna, economizar o suficiente para providenciar um lar e ser capaz de sustentar a sua família. Os jovens são, assim, obrigados a esperar, não raro, por muitos e longos cansativos anos.

Enquanto isso, o jovem respeitável, excitado com o relacionamento e contato diário com sua namorada, procura uma saída para a sua natureza em troca de dinheiro. Em noventa e nove por cento dos casos, ele será infectado, de modo que quando estiver materialmente apto a se casar, infectará a esposa e os possíveis filhos. E o que dizer da jovem flor, com todas as suas fibras ardendo com o fogo da vida, com todo o seu ser demandando amor e paixão? Ela não tem saída — o que se manifesta em dores de cabeça, insônia, histeria; torna-se amargurada, encenqueira, e logo se transforma num ser desbotado, murcho e sem alegria, um estorvo para ela mesma e para todos os outros. Não é de admirar que Stirner preferisse a *grisette*⁵ à donzela, cuja virtude a torna amarga e ressequida.

Não há nada mais patético, mais terrível, do que essa vítima embolorada pela Moralidade igualmente embolorada. Isso se aplica com força ainda maior às jovens da classe média alta do que às do povo. Por conta da necessidade econômica, as últimas são arremessadas na selva da vida desde a mais tenra idade; elas crescem, lado a lado, com seus companheiros homens seja na fábrica, na oficina, ou nas brincadeiras e festas. O resultado

5. Expressão utilizada para designar jovens que complementavam a renda com a prostituição.

é uma expressão mais normal dos seus instintos físicos. Além disso, os rapazes e moças do povo não são moldados de modo tão inflexível pelos fatores externos, e frequentemente se lançam ao chamado do amor e da paixão, independentemente dos costumes e tradição.

Não obstante, a garota de classe média, nervosa e hipersexualizada, protegida na estreiteza do confinamento das tradições familiares e sociais, guardada por milhares de olhos, temerosa de sua própria sombra — tem de voltar o desejo ardente do seu ser mais profundo, o desejo pelo homem ou por filhos, para gatos, cães, canários ou estudos bíblicos. Tal é a cruel máxima da Moralidade, que diariamente exclui o amor, a luz e a alegria da vida de inúmeras vítimas.

Agora, passemos à prostituta. Apesar das leis, decretos, perseguições e prisões; apesar da segregação, dos registros, das cruzadas viciosas e outros dispositivos semelhantes, a prostituta é o verdadeiro fantasma da nossa época. Ela varre as planícies como se fosse um incêndio, atingindo cada canto da vida, devastando, destruindo.

No final das contas, ela está retribuindo, numa escala infinitamente pequena, a maldição e os horrores que a sociedade disseminou no seu caminho. Exaurida pela perambulação ao longo de eras, perseguida e obrigada a peregrinar de um lado para o outro à mercê de todos, ela é, não obstante, a Nêmesis dos tempos modernos, o anjo vingador a empunhar impiedosamente a espada de fogo. Não tem ela o homem em seu poder? E, através dele, o lar, a criança, a humanidade. É dessa maneira, portanto, que ela mata, embora seja ela quem é assassinada do modo mais brutal. O que foi que a criou? De onde ela vem? Da Moralidade, da moralidade que é impiedosa nas suas atitudes para com as mulheres. Uma vez que a mulher se atreva a ser ela mesma, a ser honesta para com a sua natureza, para com a vida, não há retorno: ela é ejetada da jurisdição e proteção da sociedade. A prostituta se torna vítima da Moralidade, assim como a solteirona ressequida e murcha também é sua vítima. Mas a prostituta

VÍTIMAS DA MORALIDADE

é ainda vitimada por outras forças, principalmente pela Moralidade da Propriedade, que obriga a mulher a se vender como mercadoria sexual por um dólar a cada vez fora do casamento, ou por quinze dólares por semana, quando no solo sagrado do matrimônio. Essa última condição é sem dúvida mais segura, mais respeitada, mais reconhecida, mas, entre as duas formas de prostituição, a garota da rua é a menos hipócrita, a menos degradada, já que o seu comércio não se vale da máscara piedosa da hipocrisia; e, ainda assim, não obstante, é ela quem é perseguida, extorquida, ultrajada e banida pelos mesmos poderes que a criaram: pelo financista, pelo padre, pelo moralista, pelo juiz, pelo carcereiro e pelo policial e, não podemos esquecer, por sua irmã bem salvaguardada, respeitosa e virtuosa — que é a mais implacável e brutal na sua perseguição à prostituta.

A moralidade e sua vítima, a mãe — que imagem terrível! Existe de fato algo mais terrível, mais criminoso do que a glorificada e sagrada função da maternidade? A mulher, física e mentalmente inapta para ser mãe, mas condenada a procriar; a mulher, taxada economicamente em cada centelha da sua energia, mas forçada a procriar; a mulher, amarrada a um homem que detesta, cuja visão a enche de horror, mas moldada para procriar; a mulher, cansada e exaurida pelo processo de gestação, mas coagida a procriar, cada vez mais e mais. Que coisa hedionda, essa tão elogiada maternidade! Não é de admirar que milhares de mulheres se arrisquem pela via da mutilação, e prefiram até a morte a essa maldição cruelmente imposta pelo fantasma da Moralidade. Cinco mil mulheres são anualmente sacrificadas no altar desse monstro, que não tolera prevenção, mas que supostamente seria uma cura para o aborto. Cinco mil guerreiras na batalha pela sua liberdade física e espiritual, assim como o são muitos milhares mais que preferiram se tornar aleijadas e mutiladas, ao invés de dar à luz numa sociedade erguida sobre a decadência e destruição.

Será que é por não querer assumir responsabilidades, ou por não ter amor aos seus filhos, que a mulher moderna é levada aos

meios mais drásticos e perigosos para evitar a gravidez? Apenas as pessoas dotadas de uma mentalidade extremamente superficial e intolerante podem fazer tal acusação. Não fosse isso, saberiam que a mulher moderna simplesmente se tornou consciente da raça humana, sensível às necessidades e direitos da criança, assim como à unidade da raça, e que, portanto, a mulher moderna tem um senso de responsabilidade e humanidade, que são completamente diferentes dos da sua avó.

Com a guerra econômica a destruir todo o seu entorno, com os conflitos, a miséria, o crime, as doenças e a insanidade postas bem diante dos seus olhos, com inúmeras crianças pequenas trituradas e destruídas, como poderia uma mulher autoconsciente e consciente da própria humanidade vir a se tornar mãe? A Moralidade não pode responder a essa pergunta. Só pode doutrinar, coagir ou condenar — e quantas mulheres são fortes o suficiente para enfrentar essa condenação, para desafiar os dogmas morais? Poucas, de fato. E, assim, terminam por preencher as fábricas, os reformatórios, as casas de repouso, as prisões, os manicômios, ou simplesmente morrem na tentativa de impedir uma gravidez indesejada. Oh, a Maternidade, que crimes são cometidos em vosso nome! Que multidão é colocada aos seus pés, Moralidade, destruidora da vida!

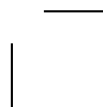
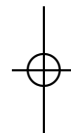
Felizmente, a Aurora está emergindo do caos e da escuridão. A mulher está despertando, ela está se livrando do pesadelo da Moralidade; ela já não ficará acorrentada. No seu amor pelo homem, ela não está mais preocupada com o conteúdo de sua carteira, mas com a riqueza da sua natureza, que por si só é a fonte da vida e da alegria. Tampouco ela precisa da sanção do Estado. Seu amor é sanção suficiente para ela. Assim, ela pode se entregar ao homem de sua escolha, como as flores estão entregues ao orvalho e à luz, em liberdade, beleza e êxtase.

Através da sua consciência renascida como unidade, como personalidade, como construtora da raça humana, ela se tornará mãe apenas se desejar o filho e se puder dar à criança, mesmo antes de seu nascimento, tudo o que sua natureza e intelecto

VÍTIMAS DA MORALIDADE

sejam capazes de alcançar: harmonia, saúde, conforto, beleza e, acima de tudo, compreensão, reverência e amor, que é o único solo verdadeiramente fértil para uma nova vida, para um novo ser.

A Moralidade não pode aterrorizar quem se elevou além do bem e do mal. E embora possa continuar devorando suas vítimas, essa mesma Moralidade é completamente impotente diante do espírito moderno, que brilha em toda a sua glória na testa do homem e da mulher libertos e sem medo.



Os aspectos sociais do controle de natalidade¹

Como já foi sugerido, para que um gênio seja criado, a natureza tem de usar todos os seus recursos e demora uma centena de anos para levar a cabo esta sua difícil tarefa. Se isto é verdade, a natureza leva ainda mais tempo para criar uma grande ideia. Afinal, ao criar um gênio a natureza se concentra em uma personalidade, enquanto uma ideia deve eventualmente se tornar a herança de uma raça, devendo, por isso, ser necessariamente mais difícil de moldar.

Faz apenas cento e cinquenta anos que um grande homem concebeu uma grande ideia, Robert Thomas Malthus, o pai do controle de natalidade. Que a raça humana tenha demorado tanto tempo para perceber a grandiosidade desta ideia é apenas mais uma prova da morosidade da mente humana. Não é possível entrar numa discussão detalhada acerca do mérito da controvérsia colocada por Malthus, a saber, que a terra não é fértil ou rica o suficiente para suprir as necessidades de uma raça excessivamente abundante. Certamente, se olharmos por sobre as trincheiras e campos de batalha da Europa, descobriremos que, em certa medida, a sua premissa estava correta. No entanto, tenho certeza de que se Malthus vivesse hoje, ele concordaria com todos os estudiosos da sociedade e revolucionários no sentido de que se as massas continuam a ser pobres e os ricos tornam-se cada vez mais ricos, não é porque esteja faltando fertilidade à terra e riqueza para suprir as necessidades de uma raça abundante, mas porque a terra é monopolizada nas mãos de poucos para a exclusão de muitos.

1. Texto originalmente publicado no jornal *Mother Earth* (1916).

O capitalismo, que ainda estava de fraldas no tempo de Malthus, cresceu desde então, tornando-se um enorme e insaciável monstro. Ele ruge através do apito e da máquina — “Mandem suas crianças para mim, vou torcer os seus ossos; vou extrair o seu sangue; vou roubá-las do seu florescimento” —, pois o capitalismo tem um apetite insaciável.

É através da sua maquinaria destrutiva que o militarismo e o capitalismo proclamam: “Mandem os seus filhos para mim, irei treiná-los e discipliná-los até que toda a humanidade tenha sido programada neles; até que eles se tornem autômatos prontos para atirar e matar sob o comando dos seus mestres”. O capitalismo não pode se realizar sem o militarismo e uma vez que as massas fornecem o material para ser destruído nas trincheiras e campos de batalha, o capitalismo necessita de uma raça numerosa.

Os chamados bons tempos são aqueles em que o capitalismo engole massas de pessoas para depois, novamente, lançá-las no tempo da “depressão industrial”. Essa massa humana supérflua que incha as fileiras de desempregados e que representa a maior ameaça nos tempos modernos, é designada pelos nossos políticos e economistas burgueses de margem de trabalho.² Para eles, sob nenhuma circunstância deve a margem de trabalho ser diminuída, caso contrário a sagrada instituição conhecida como civilização capitalista será prejudicada. E assim, os economistas políticos, em conjunto com todos financiadores do regime capitalista são a favor de uma raça numerosa e excessiva e, portanto, opõem-se ao controle de natalidade.

No entanto, a teoria de Malthus contém muito mais verdade do que ficção. Dado o seu caráter “moderno”, já não se baseia em especulação, mas em outros fatores relacionados e entrelaçados às profundas mudanças sociais que estão acontecendo em todos os lugares.

2. Em *O capital*, Marx irá criticar essa concepção da relação entre margem de trabalho e capitalismo, isto é, entre o desemprego estrutural e o capitalismo através da elaboração do conceito de “exército industrial de reserva”.

CONTROLE DE NATALIDADE

Primeiro, há o aspecto científico, a contenda entre os mais eminentes cientistas que nos dizem que um organismo sobrecarregado e subnutrido não pode reproduzir prole saudável. Além dessa contenda dos cientistas, estamos sendo confrontados com um fato terrível, agora inclusive reconhecido pelas pessoas mais ignorantes, a saber: que uma procriação indiscriminada e incessante da parte das massas sobrecarregadas e subnutridas resultou no aumento de crianças deficientes, aleijadas e infelizes. Este fato é tão alarmante que despertou os reformistas sociais para a necessidade da criação de uma espécie de comissão de inquérito da mente [*mental clearing house*] que pudesse apurar as causas e efeitos do aumento no número de crianças aleijadas, surdas, idiotas e cegas. Por sabermos que os reformistas só aceitam a verdade quando ela se tornou óbvia até para o indivíduo mais tapado da sociedade, já não há necessidade de discutir os resultados de uma procriação indiscriminada.

Em segundo lugar, há o despertar intelectual da mulher que desempenha um papel não pouco significativo em benefício do controle de natalidade. Ao longo das eras, a mulher vem carregando o seu fardo. Cumpre o seu dever mil vezes maior do que o de qualquer soldado em campo de batalha. Afinal, o trabalho do soldado é tirar vidas. Para isso, ele é pago pelo Estado, elogiado por charlatões políticos e apoiado pela histeria pública. Já a função da mulher é dar à luz e, em relação a isso, nem os políticos, nem a opinião pública demonstraram, em qualquer momento, a mínima disposição de retribuir a vida que a mulher tem dado. Ao longo das eras, ela se encontra de joelhos ante o altar do dever imposto por Deus, pelo capitalismo, pelo Estado e pela moralidade. Na atualidade, porém, ela está acordando desse seu sonho de longa data. Ela está se libertando do pesadelo do passado; ela se virou em direção à luz que anuncia, com voz clara, que ela não mais fará parte do crime de trazer ao mundo crianças infelizes apenas para serem moídas e transformadas em pó pelas rodas do capitalismo e para serem dilaceradas em pedaços nas trincheiras e campos de batalha. E quem haverá de dizer a ela

que não seja assim? Afinal de contas, é a mulher quem arrisca a sua saúde e sacrifica a sua juventude para a reprodução da raça. Certamente, ela deveria estar em posição de decidir quantas crianças deve trazer ao mundo, se elas devem ser trazidas ao mundo junto ao homem que ama e porque ela deseja a criança, ou se devem nascer do ódio e da aversão.

Ademais, é consenso entre os médicos mais sérios que a reprodução constante da parte das mulheres resulta no que em termos leigos é chamado “problemas femininos”: uma condição lucrativa para médicos inescrupulosos. Mas por qual razão a mulher exaure o seu organismo numa gravidez perpétua?

É precisamente por conta dessa razão que as mulheres devem ter o conhecimento que as possibilite se recuperar por um período de três a cinco anos entre cada gestação, o que por si só lhes daria bem-estar físico e mental e a oportunidade de cuidar melhor das crianças já existentes.

Mas não são apenas as mulheres que estão começando a perceber a importância do controle de natalidade. Homens, especialmente da classe trabalhadora, estão aprendendo a reconhecer que uma família numerosa é como uma pedra amarrada em seu pescoço, deliberadamente impostas pelas forças reacionárias da sociedade; porque uma família numerosa paralisa o cérebro e embota os músculos das massas de trabalhadores. Nada amarra mais os trabalhadores à servidão do que uma ninhada de crianças e é exatamente isso que os oponentes do controle de natalidade querem.

Como os vencimentos de um homem com uma família numerosa são miseráveis, ele não pode arriscar nem mesmo um pouco. Permanece preso à rotina, cedendo e se encolhendo diante de seu mestre, exclusivamente para ganhar o que sequer dá para alimentar as suas muitas boquinhas. Ele não se atreve a participar de organizações revolucionárias; ele não se atreve a fazer greve; ele não se atreve a expressar uma opinião. As massas de trabalhadores, finalmente, acordaram para a necessidade do controle de natalidade como meio de libertar a si mesmas do jugo

CONTROLE DE NATALIDADE

terrível e ainda mais como um dos meios, efetivamente, capaz de fazer algo por aqueles que já existem, ao evitar que mais crianças venham ao mundo.

Por último, embora não menos importante, uma mudança na relação entre os sexos, ainda que não abranja um número muito grande de pessoas, está se fazendo sentir numa minoria considerável. Como no passado, para um grande número de homens da atualidade, a mulher continua a ser mero objeto, um meio para um fim; basicamente, um meio físico para um fim. Mas há homens que querem mais do que isso de uma mulher; perceberam que mesmo que todo homem se emancipe das superstições do passado, isso não poderia mudar em nada a estrutura social caso a mulher não tome parte com ele na grandiosa luta social. Lentamente, mas de modo firme, esses homens têm aprendido que se a mulher desperdiça sua substância em gestações eternas, resguardos e lavagens de fraldas, ela tem pouco tempo para o que quer que seja. Muito menos, inclusive, para as questões que absorvem e agitam o pai de seus filhos. Por exaustão física e estresse nervoso, a mulher se torna um obstáculo no caminho do homem e frequentemente seu inimigo mais amargo. É, portanto, para a sua própria proteção e também em nome da companhia e amizade da mulher amada, que muitos homens a querem livre da terrível imposição de reprodução constante da vida, sendo, portanto, favoráveis ao controle de natalidade.

Seja qual for o ângulo sob o qual a questão do controle de natalidade seja considerada, trata-se do assunto mais imperioso dos tempos modernos e, em sendo assim, não pode ser censurado por meio de perseguições, prisões ou de uma conspiração do silêncio. Aqueles que se opõem ao movimento do controle de natalidade afirmam que o fazem em nome da maternidade. Todos os charlatões políticos matraqueiam sobre essa tal maternidade maravilhosa, que quando examinamos mais de perto, vemos que essa mesma maternidade tem, ao longo dos séculos, dedicado os seus rebentos a Moloch. Além disso, uma vez que as mães são obrigadas a trabalhar pesado, ao longo de horas, para

ajudar no sustento das criaturas que trouxeram ao mundo sem assim o desejar, essa conversa sobre maternidade nada mais é do que hipocrisia. Dez por cento das mulheres casadas da cidade de Nova York têm de ajudar a ganhar o pão. A maioria delas ganha o salário bastante profícuo de \$280 por ano. Quem ousa falar das belezas da maternidade diante de tal crime?

Mas e se considerarmos mães com melhores salários, o que pensaremos delas? Não faz muito tempo que o nosso Conselho de Educação declarou que não seria permitido a professoras que fossem mães continuar com o magistério. Ainda que os antiquados cavalheiros em questão tenham sido compelidos pela opinião pública a reconsiderar a sua decisão, é absolutamente certo que quando uma professora se torna mãe, ano após ano, ela perde a sua posição. Essa é a sina da mãe casada; e o que acontece com a mãe solteira? Ou alguém tem dúvidas de que há milhares de mães solteiras? Elas lotam as nossas lojas, fábricas e indústrias, estão em todos os lugares, não por escolha, mas por necessidade econômica. Em sua existência tediosa e monótona, a única alegria que resta é provavelmente a da atração sexual que sem os métodos de prevenção invariavelmente conduz a abortos. Em segredo e com pressa, milhares de mulheres são sacrificadas por causa de abortos realizados por médicos charlatões e parteiras ignorantes. No entanto, os poetas e os políticos louvam a maternidade. Não houve crime maior contra a mulher do que esse.

Nossos moralistas sabem disso, ainda que persistam na defesa da reprodução indiscriminada de crianças. Eles nos dizem que limitar a procriação é uma inclinação completamente moderna, porque a mulher moderna está perdida moralmente e deseja fugir da responsabilidade. Em resposta a isso, é necessário pontuar que a inclinação de controlar a prole é tão velha quanto a raça humana. Temos como autoridade para essa contenda o eminente médico alemão dr. Theilhaber, que compilou dados históricos para provar que esta inclinação era comum aos hebreus, egípcios, persas e muitas tribos dos índios americanos. O medo da criança era tão grande que muitas mulheres se valiam do mais

CONTROLE DE NATALIDADE

hediondo dos métodos para não trazer uma criança indesejada ao mundo. Dr. Theilhaber enumera cinquenta e sete métodos.³ Esses dados são de grande importância na medida em que dissipam a superstição de que a mulher deseja necessariamente se tornar mãe de uma família numerosa.

Não, não é que responsabilidade esteja faltando à mulher, mas é porque ela tem muita responsabilidade que exige saber como prevenir a concepção. Nunca na história do mundo, a mulher teve tanta consciência da humanidade como ela tem hoje. Nunca antes ela esteve tão aberta a ver na criança, não apenas na sua, mas em toda a criança, a unidade da sociedade, o canal através do qual cada homem e cada mulher tem de passar; o mais forte fator na construção de um novo mundo. É por esta razão que o controle de natalidade se fundamenta em terreno sólido.

Foi-nos dito que se a lei, contida nos estatutos, tiver resultado de discussões sobre como prevenir um determinado crime, os fatores de prevenção já não precisam ser discutidos. Em resposta a isso, quero dizer que não é o movimento do controle de natalidade que deve ser descartado, mas a própria lei. Afinal, é para isso que as leis servem, para serem feitas e desfeitas. Como eles ousam exigir que a vida se submeta às leis? Devemos ficar atados às leis pelo resto das nossas vidas, apenas porque algum fanático ignorante, na sua própria limitação de mente e coração, foi bem-sucedido em aprovar uma lei na época em que homens e mulheres eram prisioneiros de superstições morais e religiosas? Eu compreendo perfeitamente por que juízes e carcereiros estão amarrados às leis. Precisam dela para o seu sustento; em nome da sua função na sociedade. Mas, às vezes, até juízes progridem. Chamo a atenção de vocês, aqui, para a decisão a favor do controle de natalidade, do juiz Gatens de Portland, Oregon.

3. Felix A. Theilhaber (1884-1956) foi um médico e sexólogo judeu, militante da reforma sexual e da legalização do controle de natalidade e fundador de uma das primeiras clínicas em Berlim para o controle de natalidade. Nessa passagem, Goldman está se referindo à obra *Das Sterile Berlin*, publicada em 1913.

“Parece-me que o problema com o nosso pessoal atualmente é que há muito puritanismo. Ignorância e puritanismo sempre foram a corda amarrada no pescoço do progresso. Todos nós sabemos que muitas coisas estão erradas na nossa sociedade; que estamos sofrendo de muitos males, mas nós não temos coragem para levantar e admitir, e quando uma pessoa chama nossa atenção para algo que já sabemos, fingimos decência e nos sentimos indignados.” Este certamente é o problema com a maioria dos nossos legisladores e com aqueles que se opõem ao controle de natalidade.

Eu serei julgada nas *Special Sessions* no dia 5 de abril.⁴ Não sei qual será o resultado, e não me importo.⁵ O medo de ir para cadeia pelas próprias ideias é tão forte entre os intelectuais americanos que é o que faz o movimento ser tão pálido e fraco. Eu não tenho esse medo. Minha tradição revolucionária diz que aqueles que não estão dispostos a ir para a cadeia em nome de suas ideias nunca deram muito valor a elas. Além disso, há lugares piores do que a cadeia. Se eu tiver de pagar pelas minhas atividades em defesa do controle de natalidade, uma coisa é certa, o movimento de controle de natalidade não será interrompido, como tampouco serei impedida de levar adiante a agitação do controle de natalidade. Se eu me abstive de discutir aqui os métodos,⁶ não é porque tenha medo de uma segunda ordem de prisão, mas

4. Como a legislatura e o processo penal dos Estados Unidos são específicos ao país, optou-se por manter aqui o termo original.

5. Sob as leis de Comstock, fornecer informações sobre métodos contraceptivos era considerado crime, mesmo no caso de profissionais de saúde. A alegação era a de que esse tipo de informação promoveria a depravação sexual. Goldman foi presa em 11 de fevereiro daquele ano, poucos dias após falar para cerca de 3000 pessoas sobre métodos contraceptivos. No julgamento em questão, foi condenada e optou por passar quinze dias na prisão, ao invés de pagar a fiança de US\$100.

6. Entre os anos de 1915 e 1916, Goldman deu uma série de palestras, por todo os Estados Unidos, para ensinar, sobretudo às mulheres da classe trabalhadora, técnicas contraceptivas. Vale lembrar aqui da sua formação técnica em enfermagem.

CONTROLE DE NATALIDADE

porque pela primeira vez na história da América, o tema do controle de natalidade está circulando, de modo claro, por meio da informação oral e como eu quero que seja combatido pelos seus próprios méritos, não desejo dar aqui às autoridades a oportunidade de confundir as minhas palavras com alguma outra coisa. E justamente no que diz respeito a esse aspecto, destaco a completa estupidez da lei. Tenho em mãos o testemunho dado por policiais que, segundo a declaração deles, é uma transcrição exata do que falei da plataforma. Esses homens são tão ignorantes que não transcreveram nenhum método contraceptivo corretamente.⁷ Está perfeitamente dentro da lei que policiais deem testemunho, mas não está dentro da lei que eu leia o testemunho que resultou na minha acusação. Vocês podem me culpar por eu ser anarquista e não respeitar as leis? Também quero pontuar a estupidez da corte americana. Supostamente, a justiça é para ser encontrada lá. Supostamente não há procedimentos do tipo da Câmara Estrelada no interior de uma democracia,⁸ não obstante no dia em que os policiais deram o seu testemunho, isso foi feito entre sussurros ao juiz como se se tratasse de um confessorário da Igreja Católica e sob nenhuma circunstância foi permitido às damas então presentes ouvir algo do que estava ocorrendo.⁹ Que farsa tudo isso! E ainda esperavam que nós respeitássemos, que obedecêssemos a isso, que nos submetêssemos.

7. Goldman está se referindo à audiência preliminar ao julgamento mencionado nessa passagem. Num artigo publicado em março no *Mother Earth*, intitulado “Minha prisão e audiência preliminar”, ela relata que, no testemunho dos policiais que presenciaram a fala que lhe conduziu à prisão, todos os métodos contraceptivos foram descritos erroneamente, embora alegassem fidelidade ao seu discurso.

8. Câmara Estrelada, no original “Star Chambre”, é uma expressão idiomática utilizada para indicar julgamentos injustos resultantes de conspirações e perseguições.

9. Aqui, Goldman está ironizando o fato de que quando os policiais testemunharam sobre os métodos contraceptivos ensinados na sua palestra, fizeram isso aos sussurros para o juiz, de modo que as mulheres presentes na audiência pública não pudessem escutá-los.

Não sei quantos de vocês estão dispostos a respeitar e obedecer, eu sei que eu não estou. Permaneço como uma das responsáveis por um movimento mundial. Um movimento que almeja tornar as mulheres livres do jugo terrível que é a servidão pela gravidez forçada; um movimento que exige o direito de que toda criança seja bem-nascida; um movimento que pretende libertar a mão de obra da sua eterna dependência; um movimento que almeja dar lugar a um novo tipo de maternidade. Eu considero este movimento importante e vital o suficiente para que desafie todas as leis contidas nos livros de estatutos. Eu acredito que este movimento abrirá caminho não apenas para a discussão livre sobre os métodos contraceptivos, mas para a liberdade de expressão na Vida, Arte e Trabalho, e para o direito das ciências médicas manipularem os contraceptivos como o fazem para o tratamento da tuberculose ou de qualquer outra doença.

Posso ser presa, posso ser julgada e trancada na cadeia, mas nunca ficarei em silêncio; eu nunca vou concordar em me submeter à autoridade, nem farei as pazes com um sistema que degrada a mulher à condição de mera incubadora, engordando-a com vítimas inocentes. Eu aqui e agora declaro guerra contra este sistema e não irei descansar até que o caminho esteja aberto para uma maternidade livre e saudável e uma infância alegre e feliz.

Novamente o movimento do controle de natalidade¹

Se alguém tiver dúvida sobre a magnitude do crescimento do movimento do Controle de Natalidade, dois acontecimentos recentes na cidade de Nova York devem dissipar essa dúvida.

Um deles é a declaração proferida pelo juiz Wadhams da *General Sessions*, e o outro é o método desesperado que o Departamento de Polícia de Nova York tem utilizado para lidar com os ativistas do Controle de Natalidade. A polícia não apenas prende todos que discutem sobre o assunto abertamente ou distribuem informações sobre o Controle de Natalidade, mas também planta acusações contra vítimas inocentes. Obviamente, o perjúrio não é uma novidade no nosso Departamento de Polícia; não é de causar surpresa que esse método antiquado esteja sendo utilizado novamente da maneira mais flagrante possível.

Considere-se, primeiramente, o juiz Wadhams. Uma mulher foi posta diante dele pelo crime de roubo. A senhora Schnur declarou que foi obrigada a roubar para conseguir algum pão para os seus seis filhos, dos quais o mais novo tinha dez meses de idade.

Até cinco anos atrás, Samuel Schnur sustentava a família com seu salário de operário num ateliê de casacos para crianças do lado leste da cidade. O confinamento constante acabou afetando o homem: ele pegou tuberculose. Apesar da doença, continuou trabalhando, até que ela foi descoberta por um inspetor do De-

1. Texto publicado no *Mother Earth*, sete meses após “Os aspectos sociais do controle de natalidade”, em novembro de 1916.

partamento de Saúde, que o impediu de trabalhar no ateliê enquanto estiver com a doença. Desde então, ele não conseguiu arranjar mais nenhum emprego.

O ônus de sustentar a casa recaiu sobre a sra. Schnur, que passou a garantir a sobrevivência da família fazendo todo tipo de trabalho. Recentemente, ela não foi bem-sucedida em conseguir um emprego e gastou rapidamente o pouco dinheiro que tinha. No mês passado, entrou na casa de Morris Moskowitz, na rua East Seventh, número 203, e roubou uma pequena quantia em dinheiro e um relógio, o que resultou na sua prisão.

Segundo as palavras do juiz Wadhams, a sra. Schnur já havia sido condenada, numa ocasião anterior por conta da mesma situação, mas a sentença foi suspensa. Embora a mulher pudesse ser sentenciada a uma prisão de longo prazo, o tribunal determinou que as circunstâncias incomuns eram tais que justificavam mais um pedido de clemência.

Depois de discutir a condição do marido e a sua impossibilidade de cuidar da família, o juiz Wadhams fez a seguinte declaração:

Apesar de tudo, ele continua se tornando pai de filhos que, por conta das condições, têm pouquíssimas chances de serem outra coisa que não tuberculosos, repetindo, ao crescer, o mesmo processo na sociedade. Não há lei contra isso.

O problema não é apenas o de não termos uma regulação da natalidade para esses casos, mas também o de que pessoas estão sendo levadas aos tribunais unicamente por fornecer informações sobre o controle dos nascimentos. Nesse caso, existe uma lei que elas violam.

O juiz Wadhams destacou que muitas nações da Europa adotaram a regulação da natalidade com resultados aparentemente excelentes. Ele perguntou se os americanos estavam sendo razoáveis em relação ao assunto, como seria o desejado.

“Creio”, continuou a Opinião, “que estamos vivendo numa era de ignorância que, em algum tempo futuro, será vista com o mesmo horror com que agora lembrarmos do que antes era perseguido e agora nos orgulhamos que exista. Eis que então,

NOVAMENTE O CONTROLE DE NATALIDADE

diante de nós, uma família que não para de crescer em número, embora o marido seja tuberculoso, a mulher traga um filho no peito e outros filhos pequenos debaixo da saia e não tenham dinheiro nenhum.”

Com certeza, valeu a pena ir para a prisão já que, com isso, foi possível ensinar a um juiz a importância do controle de natalidade para as massas. No entanto, ir para a cadeia nunca ensina nada à polícia.

Sexta-feira, 20 de outubro, fui intimada a comparecer como testemunha do sr. Bolton Hall, no seu julgamento perante as *Special Sessions*, Departamento Seis, por ter distribuído circulares do Controle de Natalidade num encontro do movimento na *Union Square*, no dia 20 de maio. Hall foi absolvido. Em conjunto com vários amigos, saí do tribunal por volta das 17 horas e mal cheguei na calçada fui presa pelo policial Price. Quando lhe foi pedido para mostrar o mandado, ele disse que era desnecessário, que eu estava sob sua incumbência e que teria de o acompanhar. Por experiências passadas, já sabia que um policial, caso dos Centenas Negras da Rússia, é uma espécie de poder absoluto e, assim, segui com ele até a delegacia da rua Elizabeth. Lá, me foi arbitrada a fiança de US\$ 1000 por ter distribuído folhetos de Controle de Natalidade na mesma reunião na *Union Square* no dia 20 de maio. Evidentemente, os policiais não levaram em consideração o testemunho esmagador prestado em nome do sr. Bolton Hall, um testemunho que, é claro, também será prestado em meu favor, de que nem o sr. Hall e nem eu distribuímos folhetos de Controle de Natalidade. Os policiais decidiram se envolver numa trama e começaram, imediatamente, a colocá-la em ação.

Vocês devem se recordar que em abril passado, fui presa por *ter dado informações sobre controle de natalidade*; que eu fui julgada e considerada culpada e que preferi ir para a cadeia do condado de Queen ao invés de pagar a fiança de US\$ 100. Com isso em vista, não é necessário enfatizar o quanto acredito na questão do controle da natalidade e na necessidade de dar às pessoas esse

tipo de informação. Em outras palavras, estou disposta a assumir as consequências caso seja culpada perante o que apetece à lei chamar de ofensa. No entanto, o fato é que eu não distribuí as circulares em questão, e é óbvio que não pretendo ser presa e ficar trancafiada na cadeia simplesmente porque os policiais de Nova York decidiram autocoroar-se com os louros do estancamento da agitação do Controle de Natalidade.

No dia 27 de outubro, uma sexta-feira, compareci perante o juiz Barlow, um tipo que lembra os personagens de Dickens ou Victor Hugo. Severo, pomposo e estúpido. Renunciei a audiência preliminar e serei levada a julgamento.

No momento, não posso dizer quando o julgamento ocorrerá, mas espero conseguir um adiamento e possivelmente um julgamento por júri. Enquanto isso, foi-me arbitrada essa fiança de US\$ 1000.²

Em 30 de outubro, três casos foram julgados no Tribunal Especial [*Court of Special Sessions*]: Jesse Ashley e dois jovens da I.W.W.³, Kerr e Marman. Claro que todos foram considerados culpados. Jesse Ashley foi condenada a pagar a multa de US\$ 50,00 ou cumprir 10 dias de prisão. Ela teria preferido a cadeia, mas foi encorajada a abrir um precedente. Por conta disso, ela pagou a quantia sob protesto e irá recorrer.

Kerr e Marman provavelmente se sairão pior, já que o policial testemunhou que, enquanto conversavam na Madison Square, os meninos ofereceram um panfleto de Controle de Natalidade por 10 centavos de dólar e lhe deram — que horror — “A preparação militar nos conduz ao massacre universal”, de E. G. Sequer em sonhos poderíamos imaginar, quando publicamos o panfleto, que papel importante ele iria desempenhar num tribunal de Nova York.

2. Em janeiro de 1917, Goldman é absolvida da acusação de ter distribuído panfletos de controle de natalidade em 20 de maio de 1916.

3. Sigla da organização *Industrial Workers of the World* [Sindicato dos Trabalhadores Industriais do Mundo].

NOVAMENTE O CONTROLE DE NATALIDADE

Os dois meninos insistiram que o que eles fizeram foi vender o panfleto “A preparação” e dar os folhetos sobre o Controle de Natalidade de graça. Muito embora os juízes todos saibam que os policiais nunca hesitam em cometer perjúrio, Kerr e Marman foram considerados culpados.

É evidente que estamos conseguindo educar os juízes. Não por acaso, um deles foi muito enfático ao afirmar que pretende distinguir entre aqueles que dão informações gratuitas sobre Controle de Natalidade, por convicção, e aqueles que as vendem. Nenhuma consideração dessa natureza foi feita no caso de Bill Sanger, de Ben Reitman ou mesmo no meu, embora nenhum de nós tenha vendido informações.

Essa novidade na opinião de um juiz prova, portanto, que a ação direta é a única ação que conta. Mas para todos nós que desafiamos a lei, o Controle de Natalidade ainda é uma proposta de salão, apesar de todas as ligas de Controle de Natalidade neste país.⁴

4. Goldman organizou as ligas também com a intenção de derrubar as leis que proibiam a prática e informação sobre o controle de natalidade. A estratégia era a de que assim que um dos membros fosse preso, pela distribuição dos panfletos com as informações, outro se encarregaria da distribuição, de modo a também ser preso e, assim, sucessivamente. A ideia era a de que uma série de prisões sem sentido demonstrariam a obsolescência da lei.



O camaleônico sufrágio feminino¹

Há quase meio século, as líderes do sufrágio feminino têm apregoado os resultados milagrosos que se seguiriam à alforria da mulher. Todos os males sociais e econômicos dos séculos passados seriam abolidos tão logo a mulher obtivesse o direito ao voto. Todos os erros e injustiças, todos os crimes e horrores cometidos ao longo das eras seriam eliminados da vida através do decreto mágico contido num pedaço de papel.

Quando as líderes do movimento eram alertadas para o fato de que tais alegações extravagantes não convenciam ninguém, elas diziam: “Esperem até que tenhamos a oportunidade; esperem até que estejamos frente a frente com a grande provação e, então, vocês verão o quão superior é a mulher em sua atitude para com o progresso social”.

Os oponentes realmente inteligentes do sufrágio feminino — fundamentados na compreensão de que o sistema representativo serviu apenas para roubar a independência do homem, e que faria o mesmo com a mulher — sabiam muito bem que, em lugar nenhum, o sufrágio feminino exerceu a mínima influência sobre a vida social e econômica das pessoas. Ainda assim, eles se dispuseram a dar aos expoentes do sufrágio o benefício da dúvida. Eles estavam dispostos a acreditar que as sufragistas eram sinceras na sua afirmação de que a mulher nunca seria culpada das estupidezes e crueldades cometidas pelo homem. Eles vislumbraram, especialmente nas sufragistas militantes da Inglaterra, um tipo superior de feminilidade. Não foi a senhora Emmeline

1. Texto originalmente publicado na revista anarquista *Mother Earth* (1917).

Pankhurst² quem fez a afirmação ousada, do alto de uma plataforma nos Estados Unidos, de que a mulher é mais humana do que o homem e que nunca seria culpada pelos seus crimes; até porque, para começar, a mulher não acredita na guerra e nunca apoiará as guerras?

Mas políticos permanecem políticos. Tão logo a Inglaterra entrou na guerra, por razões humanitárias, é claro, as damas sufragistas esqueceram imediatamente toda a bazófia da superioridade e bondade da mulher e imolaram o seu próprio partido no altar do mesmo governo que rasgou suas roupas, puxou seus cabelos e as alimentou à força³ por conta das suas atividades militantes. A senhora Pankhurst e o seu bando tornaram-se mais apaixonadas na sua mania de guerra e na sua sede pelo sangue do inimigo do que os militaristas mais insensíveis.⁴ Elas consagraram tudo, até a própria sensualidade, como meio de atrair os

2. Entre 1909 e 1913, a fundadora do *Women's Social and Political Union*, ou simplesmente WSPU, Emmeline Pankhurst fez uma série de conferências muito bem-sucedidas nos Estados Unidos, daí a alusão de Goldman.

3. A greve de fome era uma das formas de protesto mais utilizadas pelas sufragistas da WSPU — especialmente, quando presas por atos de vandalismo em nome da causa. Muitas sufragistas de renome escreveram relatos sobre a experiência de serem alimentadas à força nas prisões, denunciando os abusos físicos e emocionais que acompanhavam a prática. O uso repetido da sonda nasogástrica para a alimentação forçada causava, por si só, danos permanentes à saúde. Em alguns relatos, a analogia entre a alimentação forçada e o estupro, embora não exposta diretamente, é suficientemente clara. Em 1913, foi promulgada a lei que ficou conhecida como Lei do Gato e Rato [*Cat and Mouse Act*], em que já não mais se imporia a alimentação forçada às grevistas, mas ao invés disso, deixá-las-ia chegar ao limite das suas forças no presídio, até que sob o risco de morte fossem temporariamente liberadas para a sua recuperação — o que, diga-se de passagem, isentava o governo de qualquer responsabilidade para com eventuais mortes decorrentes das greves prolongadas. A imagem da sufragista, voluntariamente em greve de fome, em sua cela isolada, teve forte ressonância na imaginação pública.

4. Com a entrada da Inglaterra na Primeira Guerra Mundial, Pankhurst e a sua filha mais velha Christabel, na época a líder formal da WSPU, comunicaram, em agosto de 1914, a decisão de interromper todas as atividades de militância do grupo até o final da guerra — o que, como não poderia ser diferente, conduziu ao desligamento e formação de novas células por parte de uma minoria que

O CAMALEÔNICO SUFRÁGIO FEMININO

homens ainda relutantes para o campo militar, para as trincheiras e a morte.⁵ Por tudo isso, agora elas serão recompensadas com o sufrágio. Até Asquith, o antigo inimigo da organização de Pankhurst, está agora convencido de que a mulher deve ter direito ao voto, já que se provou tão feroz no seu ódio e tão empenhada na conquista.⁶ Todos saúdam as inglesas que compraram

não estava de acordo. Como resposta a este apoio inesperado, inicialmente visto com desconfiança, o governo britânico libertou todas as sufragistas presas e retirou todas as queixas, o que possibilitou a ambas as Pankhursts, mãe e filha, retornarem à Inglaterra sem correr o risco de serem, mais uma vez, presas. Emmeline e Christabel transformaram a WSPU em veículo de apoio à guerra e passaram a se apresentar como patriotas feministas, defendendo a importância da participação das mulheres na guerra em defesa da esclarecida democracia britânica, então ameaçada pela autocracia militarista da Alemanha. Naquele momento, segundo elas, o dever das feministas havia se convertido em inspirar o patriotismo.

5. Dado que, na época, o recrutamento militar na Inglaterra era voluntário e não obrigatório, Emmeline passou a incentivar nos seus comícios, após agosto de 1914, o alistamento dos homens na guerra, tornando-se uma espécie de agente não oficial de recrutamento. Apesar da defesa da participação das mulheres na guerra, reforçou estereótipos ao ecoar a visão comum acerca da inadequação das mulheres ao trabalho de soldado, posto ser o mais alto dever destas a manutenção da sociedade e sobretudo a maternidade, o que seria incompatível com sua presença efetiva nas trincheiras. Às mulheres caberia impedir o colapso da nação, ao assumir os empregos tradicionalmente ocupados por homens que, assim, estariam livres para lutar em defesa do seu país e das democracias da Europa e, portanto, em defesa das suas mulheres — conforme sugeria marotamente nas suas conferências, um dos pontos que parece estar sendo aqui denunciado por Goldman. Ainda que a defesa da assunção das mulheres de trabalhos até então exclusivamente destinados aos homens fosse de encontro do lugar tradicionalmente reservado à mulher na sociedade britânica, já não se tratava mais de subversão. Em realidade, no final da guerra, as Pankhursts, mãe e filha mais velha, passaram da condição de “terroristas” a ultrapatriotas defensoras do *status quo*. Para a surpresa de muitos, em 1926, Emmeline se filiou ao Partido Conservador do Reino Unido, concorrendo como candidata do partido, em 1928, cuja campanha teve de ser abortada por conta de um escândalo envolvendo outra das suas filhas, dissidente do WSPU — que, então recente mãe solteira, passou a dar declarações públicas em favor da sua condição de mulher e mãe “livre”.

6. Herbert Henry Asquith ficou conhecido pela oposição atuante e agressiva contra o sufrágio feminino — iniciada em 1892 e persistindo ao longo de boa

seu direito ao voto com o sangue de milhões de homens sacrificados ao monstro Guerra. O preço é de fato alto, mas também altos serão os cargos reservados para as damas da política.

O partido sufragista americano, desprovido de qualquer ideia original desde os dias de Elizabeth Cady Stanton, Lucy Stone e Susan Anthony,⁷ irá necessariamente macaquear, repetir, de

parte do seu mandato como primeiro-ministro do Reino Unido (1908–1916). Embora o seu posicionamento contra o sufrágio feminino tenha dado indícios de mudança já em 1912, em 1915 declarou publicamente que dado o engajamento demonstrado, já não poderia negar a reivindicação das mulheres uma vez finda a Guerra — declaração que, ao que parece, é a que Goldman está se referindo aqui. Seja como for, a desconfiança e repúdio das duas Pankhursts contra Asquith, tornadas públicas sempre que tinham oportunidade, não cessou até a sua renúncia em 1916. O sufrágio feminino no Reino Unido foi garantido por lei apenas em 1918, não obstante apenas para uma pequena parcela de mulheres cujo projeto já havia sido denunciado por Goldman no texto “O sufrágio feminino” de 1910.

7. Elizabeth Cady Stanton (1815–1902), Lucy Stone (1818–1893) e Susan Anthony (1820–1906) têm em comum não apenas o fato de terem sido pioneiras do movimento sufragista estadunidense, ficando conhecidas como o “Triunvirato” do movimento sufragista, quanto também de serem militantes aguerridas do abolicionismo. As três não só se conheceram como trabalharam juntas, influenciando-se mutuamente. Há quem defenda que as primeiras sufragistas possivelmente teriam ligações diretas com alguns dos povos nativos norte-americanos, que as suas ideias feministas refletiam, em muitos aspectos, os papéis de liderança e poder desempenhados pela mulher nesses povos. Em 1866, o “Triunvirato” fundou a *American Equal Rights Association*, que militava a favor da igualdade de direitos e sufrágio para todos os estadunidenses independentemente da raça, cor ou sexo. A associação, porém, não teve vida longa: em 1869, Anthony e Stanton fundaram a *National Woman Suffrage Association* (NWSA) e, poucos meses depois, Stone veio a fundar a *American Woman Suffrage Association* (AWSA). A gota d’água que culminou na cisão foi a discussão em torno do apoio ou não das sufragistas à Décima Quinta Emenda que garantia a todos os cidadãos estadunidenses *homens*, independentemente da cor e raça, o direito ao voto. O motivo do desacordo estava relacionado às táticas de ação e não tanto aos fins propriamente ditos. Em 1890, os dois grupos, então rivais em muitas pautas, fundiram-se, após longa negociação, na organização *National American Woman Suffrage Association* (NAWSA). Antes da fusão, em 1889, líderes de ambas as associações, o que incluía o “Triunvirato”, publicaram juntas uma “Carta aberta para as mulheres da América”.

O CAMALEÔNICO SUFRÁGIO FEMININO

modo estúpido, o exemplo dado por suas irmãs inglesas. Nos dias heroicos da sua militância, a sra. Pankhurst e suas seguidoras foram completamente repudiadas pelo partido sufragista americano. Uma dama elegante e respeitável como a senhora Catt⁸ não poderia mesmo ter algo a ver com facínoras como são todos os militantes. No entanto, quando as sufragistas da Inglaterra, de olho nos privilégios luxuriosos do Parlamento, deram suas cambalhotas e saltos mortais, o partido sufragista americano seguiu o exemplo. A verdade é que a sra. Catt sequer esperou que a guerra fosse declarada pelo seu país. Ela se saiu ainda melhor do que a sra. Pankhurst: ofereceu o seu partido ao militarismo, prometeu apoio a todas as medidas autocráticas do governo muito antes que houvesse necessidade de tudo aquilo.⁹ Por que não?

8. Carrie Chapman Catt sucedeu Susan Anthony na presidência da *National American Woman Suffrage Association*, em 1900. Ela exerceu dois mandatos como presidente da NAWSA, o primeiro de 1900 a 1904 e o segundo de 1915 a 1920, sendo, portanto, presidente no ano em que o presente artigo foi redigido e publicado. Sob a liderança de Catt, a NAWSA pautava a sua defesa do sufrágio feminino na concepção ampla e repetidamente combatida por Goldman: a de que as mulheres, essencialmente diferentes dos homens, trariam as suas virtudes domésticas de modo a purificar a política. Muitas décadas após a sua morte, nos 1990, Carrie Chapman Catt teve o seu nome associado ao racismo; foram-lhe atribuídas uma série de declarações racistas e xenófobas, dentre elas a de que o sufrágio feminino fortaleceria a causa dos supremacistas brancos. A discussão em torno do racismo de Catt culminou num movimento liderado por estudantes da *Iowa State University*, ainda na década de 1990, com o objetivo de remover o seu nome de um dos edifícios da instituição — o que não ocorreu. A factualidade de boa parte das declarações foi contestada por pesquisadores que alegaram ausência de registros históricos que confirmassem as fontes secundárias. No que diz respeito à infame associação entre o sufrágio feminino e a supremacia branca, deveras contida num ensaio de Catt, também datado de 1917 e intitulado: “O sufrágio feminino na emenda federal” [*Woman Suffrage by Federal Amendment*], seus estudiosos chamam a atenção para a necessidade de interpretação do contexto em que tal associação é estabelecida — dentro e fora do texto. Até hoje, a discussão perdura.

9. Ainda antes da entrada formal dos Estados Unidos na guerra, Catt, apesar de pacifista já que membro de organizações pacifistas, rapidamente, seguindo o exemplo dado pelas Pankhursts (segundo a tese de Goldman aqui exposta), resolveu colocar a força da NAWSA à serviço da guerra, fosse para a mobiliza-

Por que desperdiçar mais cinquenta anos fazendo lobby pelo direito ao voto se é possível obtê-lo por meio da simples traição a um ideal? Que ideais podem subsistir entre políticos, afinal?

O argumento dos opositores, de que a mulher não precisa do voto porque ela tem uma arma mais forte — o seu sexo —, havia sido respondido com a declaração de que o voto justamente libertaria a mulher da necessidade degradante do apelo sexual. Como é possível que esse orgulho outrora tão ostensivo tenha dado origem à campanha, agora iniciada pelo partido sufragista, de atrair a masculinidade da América para o mar de sangue europeu? As justíssimas integrantes do partido sufragista, além de abordar descaradamente cada rapaz e cada homem, persuadindo-os a se alistar, estão induzindo as esposas e namoradas a jogar com as emoções e sentimentos dos seus companheiros, a fim de incitar o seu sacrifício ao Moloch do Patriotismo e da Guerra.¹⁰

Como essa tarefa poderá ser bem-sucedida? Certamente, não pela via do argumento. Se durante os últimos cinquenta anos as mulheres militantes falharam em convencer a maioria dos homens de que a mulher tem direito à igualdade política, elas certamente não os convencerão, repentinamente, de que devem ir para a morte certa, enquanto elas, mulheres, permanecerão em segurança, enfiadas nas suas casas, a costurar ataduras. Não, não

ção de apoio popular, para a arrecadação de fundos e alimentos, preparação e suporte às mulheres que viessem a ocupar os empregos deixados pelos homens etc. Muito embora o presidente Wilson se opusesse ao sufrágio feminino desde o início do seu mandato, em 1913, a editora da NWSA reimprimiu as mensagens de guerra do presidente, valendo-se delas nos seus esforços de mobilização da população. O mote legitimador era a de que aqueles que já estão treinados em lutar pela democracia no seu país, estão prontos para lutar pela democracia mundial. Como as Pankhursts, Catt, e muitas outras sufragistas norte-americanas, passaram a vincular a causa sufragista ao patriotismo e às virtudes cívicas.

10. Através de uma ampla campanha encabeçada pela NAWSA, o governo de Wilson inaugurou, em 1917, o *Woman's Committee of Council Nacional Defense*, que subordinado ao *Council Nacional Defense*, por sua vez subordinado Departamento de Guerra, teria a responsabilidade de organizar a mobilização civil durante a guerra.

O CAMALEÔNICO SUFRÁGIO FEMININO

foi nenhum argumento, razão ou humanitarismo que o partido sufragista prometeu ao governo; e sim, o poder da atração sexual, o apelo vulgar, persuasivo e envolvente da mulher liberada a serviço da glória do seu país. Que homem pode resistir a isso? Se muitos dos grandes homens perderam a sanidade e capacidade de julgamento, quando entorpecidos pelo apelo sexual, como a juventude da América poderia resistir?

O rei está nu. As damas sufragistas já deram provas de que a sua prerrogativa não é nem a inteligência, nem a sinceridade, e que a sua ostentação da igualdade está completamente podre; que, inclusive, na luta pelo direito ao voto, o apelo sexual é o seu único recurso, e a recompensa da politicagem mais chula, seu único objetivo. Elas agora estão utilizando ambos, recurso e objetivo, para alimentar o cruel monstro da guerra, embora devam saber que, por mais terrível que seja o preço pago pelo homem, não é nada quando comparado à crueldade, brutalidade e ultraje aos quais a mulher está sujeita durante a guerra.

O crime que as líderes do partido do sufrágio feminino americano estão cometendo contra o seu eleitorado é análogo à relação do alcoviteiro com sua vítima. A maioria dessas lideranças já está muito velha para exercer qualquer efeito sobre o alistamento via o apelo sexual ou mesmo para prestar qualquer serviço pessoal ao seu país. Ao prometerem ao governo o apoio do partido, estão vitimando os membros mais jovens. Isso pode soar excessivamente cruel, mas, no entanto, é verdade. De outro modo, como poderíamos explicar o compromisso de bater de porta em porta para trabalhar a histeria patriótica nas mulheres, que, em troca, devem utilizar a sua sensualidade para fazer seus homens se alistarem? Em outras palavras, o mesmo atributo que a mulher foi forçada a usar para garantir o seu *status* econômico e social na sociedade, e que as damas sufragistas sempre repudia-

ram, está agora começando a ser explorado a serviço do Senhor da Guerra.¹¹

Para fazer justiça ao *Woman's Political Congressional Union* e a alguns poucos membros do Partido Sufragista, é preciso dizer que há resistência à persuasão das líderes sufragistas. Infelizmente, porém, para dizer a verdade, o *Woman's Political Congressional Union* está em cima do muro: não se posiciona nem a favor da guerra, nem da paz.¹² Não haveria problema nisso, desde que o monstro se deslocasse exclusivamente sobre a Europa. Agora que está se alastrando em casa, o *Congressional Union* finalmente entenderá que silêncio é sinal de consentimento. A recusa em se posicionar de modo taxativo contra a guerra praticamente torna os seus membros parte dela.

Em meio a essa confusão entre as facções do movimento sufragista, é realmente refrescante encontrar uma mulher decidida e firme. A recusa de Jannette Rankin em apoiar a guerra faz mais, no sentido de aproximar a mulher da emancipação, do que todas as medidas políticas juntas. No momento presente, ela é sem dúvida considerada um anátema, uma traidora do seu país.¹³

11. Não foram poucas as líderes sufragistas que, nos seus esforços no tempo da guerra, foram tomadas de grande fervor patriótico.

12. Aqui Goldman está se referindo ao *National Women's Party*, conforme foi reorganizado, em 1916, o *Woman's Political Congressional Union*. Diferente da NAWSA, de onde muitas das suas lideranças haviam sido expulsas, as mulheres do *National Women's Party* continuaram a protestar contra a oposição do governo de Wilson ao sufrágio feminino, independentemente da guerra. Em realidade, tomaram como argumento central a contradição de um governo que estaria a lutar para assegurar a democracia no exterior, enquanto negava às mulheres cidadãs do seu país o direito ao voto. Algumas foram presas nesses protestos. Ao se concentrarem, de modo praticamente exclusivo, na causa do sufrágio feminino, recusaram qualquer posicionamento acerca da atuação dos Estados Unidos na guerra.

13. Primeira mulher eleita para a Câmara dos Deputados nos Estados Unidos, em 1916, Jannette Rankin, até então um dos expoentes da NAWSA, pagou um preço alto ao escolher manter a coerência entre o pacifismo pelo qual havia militado ao longo de toda a vida, e a sua atitude política: votou contra a declaração de guerra à Alemanha em 1917.

O CAMALEÔNICO SUFRÁGIO FEMININO

Mas isso não deveria entristecer a senhorita Rankin. Todos os homens e mulheres valiosos foram denunciados como tal. No entanto, eles, e não os patriotas gritalhões e covardes, são efetivamente valorosos para a posteridade.



Louise Michel, uma refutação¹

Prezado dr. Hirschfeld:

Eu tenho conhecimento do seu excelente trabalho sobre psicologia sexual já há alguns anos. Sou admiradora da sua luta corajosa pelos direitos das pessoas que, pela sua própria natureza, não se expressam sexualmente do modo comumente considerado “normal”.² E agora que tive a sorte de conhecê-lo e acompanhar os seus esforços de perto, estou mais do que nunca impressionada com a sua personalidade e com o espírito que tem lhe sustentado nessa tarefa tão difícil. Sua prontidão em publicar a minha refutação à avaliação de Frhr. von Levetzow de que Louise Michel seria uraniana³ prova, se provas são necessárias,

1. Carta aberta dirigida ao médico e se Magnus Hirschfeld, escrita em inglês e publicada em alemão na *Jahrbuch für sexuelle Zwischenstufen*, como resposta ao ensaio de Karl von Levetzow (1825–1895), no qual ele defende que a anarquista francesa Louise Michel seria lésbica. O artigo de von Levetzow foi publicado na mesma revista, no ano da morte de Michel, em 1905. Uma tradução para o inglês da carta foi publicada, em 1976, na coletânea de textos e documentos organizada por Jonathan Katz, intitulada *Gay American History*. Aqui, estamos traduzindo do rascunho da carta original em inglês (1923).

2. A *Jahrbuch für sexuelle Zwischenstufen* era a revista oficial do *Scientific Humanitarian Committee*, a primeira organização dedicada a promover os direitos dos homossexuais e transgêneros. Dr. Hirschfeld, era não só editor da revista, como fundador do *Scientific Humanitarian Committee*.

3. Aqui, Goldman utiliza uma expressão então corrente na época, no original “urning”. Em 1889, no volume de lançamento do *Jahrbuch für sexuelle Zwischenstufen*, Hirschfeld publicou uma série de cartas do alemão Karl Heinrich Ulrichs, escritor de romances homossexuais, e considerado o primeiro ativista a lutar politicamente pelos direitos dos homossexuais. Embora fosse advogado, por conta das leis discriminatórias contra os homossexuais, Ulrich morreu em miséria, na Itália. Ele foi responsável por cunhar diversos termos para designar diferentes formas de sexualidade, dentre eles, o termo “uraniano” que indica

que você tem um senso de justiça elevado cuja meta exclusiva é a averiguação da verdade. Agradeço por isso e pela postura habilidosa e heroica que você tem adotado contra a ignorância e a hipocrisia, a favor do esclarecimento e do humanismo.

Antes de tratar do artigo propriamente dito, permita-me dizer o seguinte: não foi qualquer preconceito contra a homossexualidade ou aversão aos homossexuais o que me impeliu a destacar os erros contidos na argumentação do autor. Se Louise Michel tivesse demonstrado, em algum momento, traços homossexuais para aqueles que a conheciam e amavam, eu seria a última pessoa a negar esse “estigma”. Na verdade, considero tal estigma uma tragédia para aqueles que são sexualmente diferenciados num mundo tão desprovido de compreensão para com os homossexuais e tão ignorante no que diz respeito ao significado e à importância de toda a variedade que envolve o sexo. É certo que não penso que essas pessoas sejam inferiores, menos morais ou menos capazes de sentimentos e ações. E acima de tudo: não penso que seja necessário algo como “limpar” a reputação da minha ilustre professora e camarada Louise Michel da acusação de homossexualidade. Seu valor para a humanidade, sua contribuição para a emancipação dos escravos são tão grandes que, qualquer que fosse o seu modo de gratificação sexual, em nada poderia lhe acrescentar ou depreciar.⁴

Anos atrás, quando eu não sabia nada sobre psicologia sexual, e o meu único contato com homossexuais havia sido algumas mulheres que conheci na prisão, onde estava encarcerada por minhas opiniões políticas, saí em defesa de Oscar Wilde. Como

uma “alma feminina no corpo de um homem”. Conforme se verá, Goldman intercambia livremente as palavras “uraniano” e “homossexual”.

4. A anarquista francesa Louise Michel (1830–1905), ou a “Virgem Vermelha”, como ficou conhecida, foi a mulher de maior destaque na Comuna de Paris. Desempenhou diversos papéis na Comuna, inclusive o de soldado, participando ativamente da legendaria luta nas barricadas. Fosse na prisão, exílio ou quando em liberdade, Louise Michel se manteve absolutamente dedicada às atividades revolucionárias até a sua morte, em 1905.

LOUISE MICHEL, UMA REFUTAÇÃO

anarquista, meu lugar sempre foi ao lado dos perseguidos. E vi na perseguição a Oscar Wilde, e na acusação contra ele, o reflexo da injustiça cruel e da hipocrisia da mesma sociedade que o enviou ao seu martírio. Foi por isso que o defendi.⁵

Posteriormente, quando fui à Europa, e lá me deparei com as obras de Havelock Ellis, Krafft-Ebbing, Carpenter e muitos outros, o crime contra Oscar Wilde e demais homossexuais se apresentou sob uma luz ainda mais gritante. Desse momento em diante, passei a usar a minha caneta e a minha voz na defesa daqueles a quem a natureza mesma destinou ser diferente em sua psicologia e necessidades sexuais. Os seus trabalhos, prezado doutor, ajudaram-me muitíssimo a iluminar essa questão extremamente complexa, que é a da psicologia sexual, e a humanizar a atitude das pessoas que passaram a vir me escutar.

Dito isso, os seus leitores poderão ver que não tenho quaisquer preconceitos, ou a menor antipatia, pelos homossexuais. Muito pelo contrário. Tenho entre os meus amigos, homens e mulheres, tanto uranianos completos, quanto bissexuais. E o que encontro neles é uma inteligência, habilidade, sensibilidade e charme, em geral, muito acima da média. Sinto-me profundamente ligada a eles, porque sei que o seu sofrimento é maior e mais complexo do que o da maioria das pessoas. No entanto, há uma tendência predominante entre os homossexuais e à qual eu me oponho. É a tentativa de reivindicar toda personalidade excepcional para o seu credo, de atribuir a essas personalidades traços e características que são inerentes exclusivamente a eles.

Pode ser uma espécie de condicionamento psicológico que as pessoas perseguidas busquem apoio nos tipos excepcionais das mais diferentes épocas. A miséria sempre busca companhia. Por exemplo, os judeus consideram que a maioria dos grandes homens e mulheres do mundo são de origem judaica ou possuem características judaicas. Os irlandeses fazem o mesmo. Os hindus proclamarão que a sua civilização é a melhor do mundo e

5. Oscar Wilde foi condenado a dois anos de prisão, por sodomia, em 1895.

assim por diante. O mesmo ocorre com os párias políticos. Os socialistas reivindicam Walt Whitman e Oscar Wilde para as teorias de Marx, ao passo que muitos anarquistas situam Nietzsche, Wagner, Ibsen e outros em meio aos seus. Certamente, a grandiosidade sempre acompanha a versatilidade, mas considero uma imposição reivindicar alguma pessoa criativa de destaque para minhas ideias, a menos que ele ou ela as tenha declarado isso por si.

Caso se tome esse tipo de alegação característica a muitos homossexuais como certa, chegar-se-á à conclusão de que não há e nem pode haver talento e grandiosidade em pessoas que não sejam sexualmente invertidas. A perseguição gera o sectarismo; o que, em contrapartida, torna as pessoas limitadas ao entorno imediato e, muitas vezes, injustas na avaliação de outras pessoas. Prefiro pensar que Frhr. Karl von Levetzow sofreu uma overdose de sectarismo homossexual. Acrescente-se a isso a sua visão bastante antiquada da mulher. Ele vê a mulher apenas como uma sedutora de homens, incubadora de crianças e, num sentido mais vulgar, cozinheira e faxineira doméstica. Qualquer mulher que não apresente esses atributos antiquados de feminilidade, será imediatamente classificada pelo autor como uraniana. À luz das realizações da mulher moderna nos mais diversos domínios do pensamento humano e da ação social, esse tipo de visão típica ao homem convencional, malmente merece ser considerada. Se me propus tratar aqui dessa compreensão ultrapassada do autor de “Louise Michel”, foi unicamente para demonstrar a que conclusões absurdas se pode chegar, quando se parte de uma premissa absurda.

Minhas críticas a von Levetzow não me impedem de lhe prestar homenagem como grande artista literário, capaz de compreender, empaticamente, uma grande alma. Na verdade, sinto-me inclusive culpada por ter de dissecar o seu artigo. É como se eu tentasse fatiar um grandioso e radiante retrato pintado à mão por um mestre, pois a imagem de Louise Michel traçada pela pena de von Levetzow é uma obra-prima. Por isso, todos nós

LOUISE MICHEL, UMA REFUTAÇÃO

que conhecemos e amamos essa mulher maravilhosa estamos em dívida para com ele. Seja como for, a verdade exige que eu coloque os meus sentimentos de lado e lide com os fatos.

De modo a que eu pudesse tratar adequadamente dos pontos levantados no artigo, seria necessário republicar o texto na íntegra, juntamente com a minha réplica, ou, no mínimo, fazer uma série de citações extensas, para, então, abordar cada ponto detalhadamente. O problema é que um tal feito ocuparia muito espaço do valioso *Jahrbuch*. Desse modo, contentar-me-ei com uma simples síntese dos pontos mais relevantes que foram levantados como prova da homossexualidade de Louise Michel.

Quais são esses pontos?

Primeiro, Louise Michel foi uma criança excepcional: ávida por conhecimento e problemas científicos, era uma leitora voraz. Segundo, os seus brinquedos, diferentemente dos das outras meninas, não eram bonecas, mas sapos, besouros, camundongos e outros seres vivos. Terceiro, Louise Michel brincava muito com o seu primo (o que, a propósito, deveria provar que Louise era uma garota perfeitamente normal, caso contrário escolheria sobretudo garotas para a sua companhia), escalava árvores, organizava expedições de caça, corria livremente, enfim, estava completamente imersa nas brincadeiras e travessuras dos meninos. Quarto, ela se tornou totalmente indiferente à sua aparência, odiava e se opunha aos babados das vestimentas femininas, espartilhos, sapatos de salto alto e todo o resto; era terrivelmente displicente consigo mesma e desorganizada em seus hábitos e para com tudo aquilo que a cercava. Quinto, Louise Michel era extraordinariamente corajosa, desprovida do sentimento de medo, ousava ao ponto da imprudência. Seu poder de resistência ao sofrimento físico dificilmente poderia ser alcançado até mesmo por um homem. Sexto, com a exceção dos seus camaradas, nenhum homem fez parte da sua vida. Por outro lado, ela estava sempre cercada “de amigas apaixonadas”. Por último, embora não menos importante, Louise Michel era matemática e compositora, amava esculturas, era uma entusiasta da música de Wagner e fez

muitas coisas que as mulheres, em geral, nunca fazem. O autor enfatiza bastante o corpo retangular de Louise Michel, os seus seios pequenos e outras supostas características masculinas. Em suma, ele utiliza todos os argumentos imagináveis para provar a masculinidade de Louise Michel, argumentos que, desde os tempos imemoriais, são usados contra a mulher sempre que ela busca se elevar da condição de prisioneira do harém e alcançar a posição de igualdade na vida para com o homem.

Vejamos quão verdadeiros são esses chamados “fatos”.

Primeiro: a inclinação precoce de Louise Michel para os problemas verdadeiramente profundos da vida, a leitura ávida de livros sérios e o seu senso matemático são característicos a um número significativo de mulheres excepcionais; para mencionar apenas algumas, esse é o caso de Sofia Kovalevskaya, Marie Bashkirtseff e, na atualidade, Madame Curie. Kovalevskaya resolveu complexos problemas matemáticos aos oito anos de idade e, quando tinha apenas vinte e cinco anos, já estava entre os maiores matemáticos da época. Bashkirtseff possuía uma compreensão psicológica do que se passava em seu entorno muito mais profunda do que a de boa parte dos homens mais célebres; ocupou-se do estudo da ciência, sociologia, literatura, arte, música, aos dez anos de idade, e se tornou uma das figuras mais marcantes do seu tempo. Madame Curie, por sua vez, é bastante conhecida, e não como mera auxiliar do marido, mas como uma autoridade científica independente... No entanto, essas mulheres, e muitas outras além delas, não só não eram homossexuais, como eram extremamente femininas; uma feminilidade que foi, em grande medida, o motivo da maior tragédia de suas vidas, posto que os homens que conheceram não conseguiram compreender o espírito dessas mulheres, sequioso do amor e do companheirismo de um homem. Foi assim que Sofia Kovalevskaya desperdiçou a sua substância com o seu marido e, num segundo momento, com uma paixão violenta por um compatriota que nunca pôde suspeitar da chama que estava a consumir essa grande mulher do século XIX. No que diz respeito a Madame Curie, não desejo

LOUISE MICHEL, UMA REFUTAÇÃO

entrar na sua vida privada — provavelmente, ela consideraria uma invasão. Seja como for, pelo tanto quanto se sabe sobre a sua vida privada, ela parece extremamente feminina, sem nenhuma tendência homossexual.

Tenho certeza de que Frhr. von Levetzow nunca presenciou as brincadeiras de meninas americanas, saudáveis e normais. Ele iria perceber que é possível brincar, escalar árvores, divertir-se com sapos, besouros e cobras e fazer todo tipo de coisas relacionadas a “meninos”, e, ainda assim, se tornar uma mulher extremamente frívola, tipicamente feminina e, não raro, absolutamente inútil. Por outro lado, existem inúmeras mulheres americanas de valor imensurável, em quase todas as esferas da vida, que apesar de muito traquinas na infância, são amantes apaixonadas dos seus homens, mães dos seus filhos e ao mesmo tempo em que uma grande força moral nos mais diferentes movimentos que lutam por valores sociais mais profundos e elevados para o seu país.

Quanto à coragem de Louise Michel, à sua ousadia que beirava a imprudência, ausência de medo e resistência física impressionante — é impossível que eu não concorde que, de fato, ela possuía tais qualidades. Não obstante, seria injusto para com um sem-número de revolucionárias russas, se eu enfatizasse todos esses traços maravilhosos de Louise sem lhes dar o devido crédito. É evidente que o autor do artigo nunca teve notícias dessas mulheres; para mencionar apenas algumas: Perovskaya, Gelfman, Figner, Breskovskaya, Kovalskaya, Volkenstein e, atualmente, Spiridonova.⁶ Todas essas mulheres foram heroicas na grande luta revolucionária da Rússia. Elas realizaram os feitos mais ousados e seguiram para a morte ou para a Sibéria e a katorga,⁷ um calvário ainda maior, com um sorriso nos lábios.

6. Sophia Perovskaya (1853–1881), Gesya Gelfman (1855–1882), Vera Figner (1852–1942), Catherine Breshkovskaya (1844–1934), Yelizaveta Kovalskaya (1851–1943), Aleksandrova Volkenstein (1857–1906), and Maria Spiridonova (1844–1941).

7. Campos de trabalhos forçados na Sibéria.

Perovskaya preferiu morrer na forca com o seu marido amado do que fugir e garantir a sua vida, o que ela, facilmente, poderia ter feito. Gelfman e Figner eram tão profundamente femininas que sofreram mais com a falta de beleza e delicadeza indispensáveis à vida de uma mulher sensível do que com todos os horrores físicos da prisão. Kovalevskaya continuou com sua luta e rebeldia ao longo de todos os anos que passou na prisão — algo em torno de vinte e dois anos. Volkenstein e Figner eram extremamente belas e femininas na sua vida amorosa e nas relações que estabeleciam. No que diz respeito a Spiridonova, ela foi submetida às torturas mais terríveis, o que inclui ser estuprada por oficiais russos embriagados e ter o seu corpo nu queimado com charutos acesos — muito embora, nem assim, qualquer som de lamento tenha saído da sua boca. Apesar disso, Spiridonova é uma pessoa delicada e frágil, profundamente apaixonada pelos seus camaradas e tão sensível quanto uma flor. Esses poucos exemplos devem ser suficientes para convencer qualquer pessoa que não esteja submersa no sectarismo ou nas velhas noções ultrapassadas acerca da natureza da mulher, de que é possível ser uma mulher absolutamente feminina e, ao mesmo tempo, uma grande rebelde e combatente. Nesse sentido, eu poderia seguir enumerando mulheres de todos os países, de todas as idades e de todos os climas, que se puseram lado a lado com os homens nas grandes lutas pelos direitos humanos e por sua própria emancipação; mulheres que, certamente, eram tão corajosas e ousadas quanto os seus companheiros e, ainda assim, não tinham nenhum traço de masculinidade ou homossexualidade em si.

E isso me leva à conclusão absurda que von Levetzow tirou da grandiosidade trágica do último encontro entre Dombrowski e Louise Michel nas barricadas.⁸ O autor é tão limitado pela sua

8. Jaroslaw Dombrowski (1836–1871) era polonês, e militar do Exército Imperial Russo. Após participar, em 1863, de um levante mal sucedido pela independência da Polônia, fugiu para Paris e lá estabeleceu conexões com os radicais. Participou ativamente da Revolução de 18 de março de 1871, vindo a se tornar o comandante militar da Comuna de Paris, pouco antes da invasão

LOUISE MICHEL, UMA REFUTAÇÃO

concepção masculina da mulher que simplesmente não é capaz de entender como duas pessoas, ante a iminência do colapso da causa que amavam mais do que a própria vida, poderiam se tratar como camaradas. Ele observa: “se Dombrowski tivesse visto uma mulher em Louise, ele teria lhe dado uma tapinha na bochecha; mas, ao invés disto, ele estendeu ambas as mãos e apertou as dela no seu último adeus”. Fico realmente surpresa que um homem com a sensibilidade de von Levetzow seja capaz de tamanha vulgaridade. Prefiro pensar que isso seja fruto da sua profunda ignorância sobre o tipo de relação maravilhosa que existia e ainda existe entre homens e mulheres envolvidos na luta por um ideal ou que compartilham uma causa comum. Pois a verdade é que, muitas vezes, a consciência da diferença de sexo é simplesmente obliterada entre eles; eles são camaradas, capazes do mais alto sacrifício um pelo outro e de grande devoção um ao outro. Aqui, mais uma vez, eu teria que listar todos os países e climas que deram ao mundo uma camaradagem tão bonita entre homens e mulheres, mas o espaço não permite. Só estou levantando este ponto para enfatizar o absurdo dos argumentos do autor de “Louise Michel”.

Louise Michel odiava os babados das roupas femininas e todos os demais requisitos que compõem a fragilidade da mulher numa sociedade pervertida, além disso era também descuidada e desorganizada. No que diz respeito ao suposto primeiro argumento, devo fazer um esclarecimento a von Levetzow. É verdade que muitas mulheres que se emanciparam da vergonha do passado desenvolveram uma nova concepção de beleza e elegância ao se vestir. Mas, na maioria dos casos, tudo isso foi apenas um protesto contra os trapos, o desperdício e a estupidez de toda a parafernália que compunha as vestimentas das mulheres comuns. De um ponto de vista científico, sociológico e moral, essas

do exército francês que pôs fim à Comuna. O massacre ficou conhecido como “Semana sangrenta”. Dombrowski morreu de complicações decorrentes dos ferimentos sofridos nas barricadas.

mulheres insistiram que a marca da escravidão do seu sexo eram suas roupas e que elas não poderiam ser realmente livres a menos que transvalorizassem o valor das coisas que promoviam a sua escravidão. Todas essas mulheres são homossexuais? Não mais do que Louise o foi. Louise, que dedicou sua vida à causa da humanidade, que não apenas se engajou na luta pela existência de sua mãe e de si mesma, mas, acima de tudo, no movimento que absorveu a maior parte dos seus pensamentos e toda a sua energia.⁹ Deveria ela, então, ter passado horas na frente do espelho, explorando costureiras e torturando vendedoras em nome da busca vã pelos modelos mais recentes? Deve ela, portanto, ser considerada uma uraniana, somente porque se vestiu com sensatez e prestou pouca atenção no que comumente é considerado belo numa mulher? Na verdade, se o autor não possui provas melhores do que essa sua alegação, ele deveria ter se absterido de decifrar o seu caso.

Louise Michel possuía um corpo retangular e tinha traços masculinos. Não é verdade, como diz o autor, que ela tinha uma voz masculina. Eu a ouvi falar, quando ela tinha 66 anos de idade; sua voz era de contralto, bela, profunda e melódica, e atingia diretamente o coração dos seus ouvintes. Havia uma notável simplicidade que explica o grande poder que ela tinha sobre o seu público. Quanto ao seu rosto, é bem óbvio para mim que von Levetzow nunca teve a oportunidade de ver Louise sorrir. Caso tivesse tido não teria visto nela um homem. O efeito iluminador que o sorriso e os belos olhos de Louise Michel criavam era uma unanimidade entre todos aqueles próximos a ela. Este argumento, também, parece muito fraco.

Aqui, chegamos à afirmação mais importante de von Levetzow. Segundo o relato do autor, Louise recusou dois pretendentes por não se sentir atraída por homens. É bastante significativo,

9. Filha ilegítima e de família humilde, Michel era muito próxima da mãe que tinha uma saúde frágil. Mesmo na prisão continuou a lhe dar suporte, obtendo, em 1884, autorização para ficar ao lado da mãe nos seus últimos dias de vida.

LOUISE MICHEL, UMA REFUTAÇÃO

porém, que isso tenha acontecido aos 12 e 13 anos de idade e que ambos os homens, seus pretendentes, tinham idade suficiente para serem seu pai; acrescente-se a isso o fato de que na verdade eles foram comprá-la. Ela mesma expressa sua indignação e repulsa contra esses homens, na página 330. Também a sua atitude em relação à instituição casamento é muito significativa (página 332).¹⁰ Louise se ressentia do casamento sem amor, assim como deveria toda mulher que se preze. Não obstante, em nenhuma passagem dos seus escritos, ela expressou oposição ao amor sem casamento. Tampouco ela escreveu sobre a necessidade de tornar pública uma experiência tão profundamente íntima e privada quanto a vida amorosa de duas pessoas. Abaixo segue a prova disso:

Louise Michel teve uma experiência amorosa com um professor quando era muito jovem e trabalhava, também ela, como professora. Mais tarde, após retornar da Nova Caledônia, ela viveu por um tempo com um camarada belga. E se não teve mais experiências desse tipo foi, provavelmente, porque, conforme ela mesma declarou: “eu dei o meu coração à Revolução”. Sim, esse era o amor de Louise. Ao longo de toda a sua vida, ela foi dedicada a esse amor. Tipos como Louise Michel não podem ter um amor pessoal, que venha a interferir na sua grande paixão pelo ideal, e a paixão de Louise pelo seu ideal foi o elemento mais poderoso de sua vida — que se manteve aceso até o seu último suspiro.

É verdade que ela tinha várias amigas que amava, mas não da maneira que von Levetzow supôs. Muitas mulheres modernas que não têm muito romance na sua vida pessoal, dedicam-se à camaradagem e à amizade com pessoas do seu sexo, assim como acontece com muitos dos grandes homens. A razão para isso, no caso das mulheres, é que elas encontram uma compreensão mais

10. Goldman está se referindo aqui a trechos da autobiografia de Louise Michel, *Mémoires de Louise Michel* (1886), citados no ensaio de von Levetzow. A paginação a que ela remete o leitor diz respeito ao artigo de von Levetzow (*Jahrbuch für sexuelle Zwischenstufen*, vol. VII, 1905 pp. 307–370).

profunda entre os membros do seu sexo do que com os homens do seu tempo. O problema é que o homem moderno ainda se assemelha demais ao seu antepassado Adão, não diferindo muito, na sua atitude em relação à mulher, de um homem mediano qualquer. Por outro lado, a mulher moderna já não se satisfaz com um homem que seja tão somente seu amante; ela quer compreensão, camaradagem, quer ser tratada como um ser humano, e não como um objeto de gratificação sexual. Uma vez que ela nem sempre pode encontrar isso no homem, ela se volta para suas irmãs. É precisamente *porque não há o elemento sexual* entre elas que podem compreender melhor uma a outra. Em outras palavras, ao invés de se sentir atraída por suas amigas mulheres devido a tendências homossexuais, Louise se atraía por elas justamente porque era uma mulher e precisava da companhia de mulheres. Há mais uma coisa que era muito proeminente em Louise Michel: o seu instinto materno. Apaixonada por crianças, ela era extremamente maternal com todas aquelas desamparadas que conseguia ajudar; foi o amor materno que a levou a adotar Charlotte Vauzelle, para educá-la e compartilhar com ela os seus escassos proventos.¹¹ Charlotte nunca foi, nem mesmo no sentido espiritual, a namorada de Louise Michel. O fato é que Louise pagou caro por sua dedicação a Charlotte. Juntamente com o irmão, Charlotte tornou os últimos anos de vida de Louise Michel miseráveis. De certo modo, eles a mantiveram prisioneira, não a deixavam em paz fosse para receber seus amigos ou para ir morar com eles. Charlotte violava a correspondência de Louise e a observava atentamente. A razão de tudo isso é que Charlotte e seu irmão viviam às custas de Louise Michel e tinham um medo mortal de que mais alguém pudesse se beneficiar da sua grande generosidade. Qualquer que fosse o caso, é ridículo considerar que Charlotte Vauzelle era a namorada de Louise Michel.

11. A adoção que Goldman se refere se deu no sentido emocional e intelectual (e, segundo o que coloca aqui, também financeiro), mas não legal.

LOUISE MICHEL, UMA REFUTAÇÃO

O amor de Louise Michel pela escultura e sua apreciação pela música de Wagner são apresentados como evidência de traços homossexuais. Von Levetzow afirma que nenhuma mulher é capaz de criatividade e gosto artístico e musical. Generosamente, ele chega a admitir que Francisco Holmés, uma mulher francesa de origem escandinava, era uma grande compositora.¹² Seja como for, ele se apressa em acrescentar que, de acordo com a sua fotografia, também ela parece masculina. Não acho que valha a pena entrar nesse argumento. O fato de haja poucas mulheres que sejam grandes compositoras não torna as que são, homossexuais. Elas são simplesmente pioneiras em um domínio que até então não foi explorado por muitas mulheres. Quanto ao amor por Wagner, a verdade é que, em geral, as mulheres ouvem a música wagneriana e a entendem muito mais e melhor do que os homens. Talvez isso ocorra dessa maneira porque o espírito ilimitado, fundamento de toda a música de Wagner, afeta as mulheres como uma força libertadora das emoções reprimidas e ocultas das suas almas. Não parece ser necessário enfatizar que as mulheres não são apenas capazes de apreciar a escultura, mas que há um grande número de mulheres escultoras de mérito não desprezível.

Há, porém, uma coisa em que concordo plenamente com von Levetzow: é quando ele afirma que Louise Michel estava tão intrinsecamente envolvida com o anarquismo que, para compreender a sua personalidade e sua natureza complexa, é preciso também adentrar na discussão da sua filosofia social. Mas, como ele mesmo diz, o *Jahrbuch* não é lugar para isso. Ainda que fosse, não creio que o autor estaria em posição de fazer uma análise do anarquismo, já que ele parece não saber absolutamente nada sobre o assunto. Afinal, se não for isso, como é possível entender a sua interpretação contida na página 315 (linhas 4 a 7)? Que

12. Provavelmente, Goldman está se referindo aqui a Augusta Mary Anne Holmès (1847–1903), compositora e pianista francesa de ascendência irlandesa.

insulto à memória de Louise Michel e à inteligência dos leitores do *Jahrbuch*!¹³

Conheço Louise Michel já há muitos anos. E muito antes de conhecê-la, conhecia as suas ideias e o preço que ela pagou ao lutar por elas. A sua força, o seu martírio e, mais do que isso, o seu amor ilimitado pela humanidade eram para mim como uma chama que me purificava e iluminava. Eu a conheci pela primeira vez em 1896, em Londres; na época, encontramos-nos com frequência e foi ela quem me ensinou sobre a história da luta heroica da Comuna de Paris. Louise nunca falou de si mesma e sobre o papel que ela desempenhou nessa luta.

Eu estive com ela novamente em 1899, em Londres, e depois, em 1900, quando pela primeira vez, depois de muitos anos, Louise Michel retornou a Paris. Foi durante esses dois períodos que eu tive a oportunidade de conviver bastante com ela e ouvir ela contar alguns episódios da sua vida, já que era minha intenção escrever uma biografia sua. Mas ela era tão excessivamente reticente em relação a tudo que dissesse respeito a si mesma que relutava em discutir a sua vida. Por outro lado, quando falava dos outros, ela sempre ficava radiante, era como se o seu rosto se iluminasse com um brilho divino: fosse sobre os seus camaradas, quem ela auxiliou e cuidou enquanto estava na Nova Caledônia; ou, mesmo sobre as criaturas irracionais. Dentre as características de Louise Michel estava a sua grande simpatia pelos animais. A casinha em que ela vivia em Londres era como que uma coleção perfeita de gatos e cães abandonados que ela recolhia à noite, quando a caminho de casa. O seu amor por gatos, em especial, era certamente qualquer coisa, menos masculino. É verdade que von Levetzow relata o fato de que Louise, quando nas barricadas

13. Ao especular sobre quem seria o pai de Louise Michel, von Levetzow chega à conclusão que ele seria integrante de alguma família proprietária de terras de antiga linhagem feudal. Daí formula a passagem aqui execrada por Goldman. Segundo ele, essa ascendência não é, de modo algum irrelevante, “porque a história do anarquismo parece sugerir que pelo menos uma boa porcentagem de sangue tirano é necessária para produzir uma vila anarquista”.

LOUISE MICHEL, UMA REFUTAÇÃO

e rodeada por balas, resgatou um gato que estava paralisado pelo medo. A história não mencionou ainda nenhum homem que, em perigo, tenha feito uma coisa dessas. Não quero dizer que um homem não se poria em risco para salvar uma criança ou até um cachorro; certamente, porém, nunca um gato.

A supostamente masculina Louise Michel, que era desorganizada e incapaz de se arrumar, enfim, que não era uma doméstica, ainda assim aprendeu a tricotar, costurar, lavar e cozinhar para seus companheiros exilados na Nova Caledônia, além de cuidar deles quando doentes com toda a ternura do seu grande coração de mãe, e de dar suporte aos seus espíritos quando o mais terrível havia acontecido em suas vidas.¹⁴

Lembro-me de uma noite maravilhosa em Paris. Amigos anarquistas organizaram um pequeno jantar para Louise, para o qual fui convidada. Louise, vestida de preto como habitual, com apenas uma gola de renda e punhos da manga brancos, para dar algum alívio, tinha o rosto tão corado quanto as rosas sobre a mesa, o qual, por sua vez, era como que emoldurado pelos seus cabelos encaracolados, cor de prata. Ela estava radiante de alegria por estar de volta à cidade dos seus sonhos e lutas, cercada por seus amigos íntimos. Ela estava mais falante do que em qualquer outro momento em que antes eu a ouvira, mais disposta a nos deixar olhar o interior da sua alma. Em nenhum momento, Louise demonstrou, sequer remotamente, alguma característica masculina, como tampouco tendências homossexuais. Estou certa de que tais indícios não teriam me escapado se, de fato, estivessem presentes em Louise Michel, posto que, como eu disse no começo do meu artigo, fiz um estudo sobre homossexualidade a partir do que há de melhor na literatura, conheço muitos homossexuais e facilmente detecto inclinações homossexuais nas

14. Após a repressão sangrenta que deu fim à Comuna de Paris, Louise Michel e muitos dos seus companheiros, aproximadamente 4500, foram exilados na Nova Caledônia.

peessoas. Não havia vestígios de homossexualidade em Louise Michel.

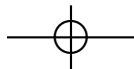
Entre os amigos de Louise Michel estavam os maiores homens do seu tempo: Piort Kropotkin, Malatesta, Elisée Reclus, Malato, Rocker. Alguns deles moravam bem perto dela, em contato quase diário. Houvesse o menor indício de homossexualidade, eles teriam percebido; certamente isso seria do conhecimento dos seus camaradas. Recentemente, falei com meu amigo e camarada, Rudolf Rocker, sobre esse aspecto tratado no artigo de von Levetzow. Ele também me garantiu que nunca, em nenhum momento, nenhum dos amigos íntimos de Louise Michel viu o menor indício de inclinações homossexuais. Diga-se de passagem, inclusive, que Rudolf Rocker, assim como eu, está absolutamente livre de qualquer preconceito em relação aos homossexuais. Nosso único desejo é retratar Louise Michel tal como ela realmente era — uma mulher excepcional, dotada de grande intelecto e espírito maravilhoso. Ela representava o novo tipo de feminilidade, ainda que tão antigo quanto a raça, tão sábio quanto o tempo e dotado de uma alma repleta de amor pela humanidade. Em suma, uma mulher completa, livre do preconceito e dos costumes que a mantiveram, por séculos, em cativeiro, condenando-a à posição de escrava doméstica e sexual. Com Louise Michel surge a nova mulher que é capaz dos atos mais heroicos, ao mesmo tempo em que continua sendo uma mulher nas suas paixões e vida amorosa.

Caro dr. Hirschfeld, tentei, da maneira mais concisa possível, analisar criticamente as alegações de Frhr. von Levetzow. Tenho certeza que concordará comigo que nem a questão da homossexualidade, como tampouco os homossexuais ganharão qualquer coisa por meio da distorção dos fatos. Foi por esse motivo que me comprometi a refutar os erros do artigo e jamais por qualquer outro. Espero que considere minhas críticas convincentes e que não apenas publique a minha réplica, como já gentilmente me ofereceu, mas que também retire a fotografia de Louise Michel da sua galeria de uranianos.

Atenciosamente,

LOUISE MICHEL, UMA REFUTAÇÃO

Emma Goldman



Mulheres heroicas da Revolução Russa¹

A Rússia pré-revolucionária tornou-se única na história mundial pelo grande número de mulheres excepcionais e heroicas que contribuíram para o movimento da sua libertação. Teve início com as esposas dos “decembristas”, os primeiros rebeldes políticos contra o czarismo autocrático, quase um século atrás, que seguiram voluntariamente os seus maridos rumo ao exílio na Sibéria, até o último dia da dinastia dos Romanov.² As mulheres russas participaram de todas as formas de atividade revolucionária e foram em direção à morte e à prisão com um sorriso nos lábios.

No poema vívido e pujante, “Mulheres russas”, o poeta Nekrassóv pagou um alto tributo à força e ao valor dessas mulheres que sacrificaram a sua riqueza, posição social e cultura para seguir o caminho árduo ao longo das planícies congeladas do norte, a fim de compartilhar o destino cruel dos seus maridos presos e exilados. Após Nekrassóv, foi a vez de Ivan Turguêniev que, com sentimentos elevados e admiração empática, pintou a imagem das mulheres russas revolucionárias do seu tempo. No seu soberbo poema em prosa, intitulado “No limiar”, ele imortalizou as idealistas ardentes, as mulheres russas do tipo de Sofia

1. Texto não publicado em vida, a datação de 1925 é aproximada.

2. Ao optarem por seguir seus maridos no exílio à Sibéria, as esposas dos decembristas tiveram de abdicar dos títulos de nobreza, das propriedades e dos próprios filhos que não poderiam levar consigo. Quanto aos que nascessem no exílio, não poderiam ter o nome do pai, sendo, portanto, legalmente considerados ilegítimos. No que diz respeito ao retorno à Rússia, só seria permitido após a morte do marido. Na Sibéria, as esposas dos decembristas desenvolveram um intenso trabalho de apoio aos presos políticos e na educação dos jovens e crianças das aldeias.

Perovskaia, cuja fé apaixonada e devoção altruísta à liberdade iluminaram, tal qual um farol, o horizonte sombrio da Rússia do início dos anos oitenta.³

A Revolução de Fevereiro de 1917 abriu as portas da prisão para os sobreviventes da tortura, do calabouço e do exílio siberiano distribuídos pelo sistema czarista aos seus oponentes políticos. Em triunfo, dezenas de revolucionários das gerações mais jovens foram trazidos de volta a Moscou e Petrogrado; dentre eles encontravam-se nomes reverenciados como os de Maria Spiridonova, sua amiga de toda vida Alexandra Izmailovitch, além de Irena Kakhovskaia, Evgenia Ratner e Olga Taratuta — representantes de vertentes políticas várias, mas todas inspiradas no amor ao povo e na devoção à sua causa.

Olga Taratuta, filha de intelectuais, embora dotada de físico delicado e franzino, possuía uma mente poderosa e foi, em certo sentido, uma pioneira. Quando tinha apenas vinte anos, organizou, com vários amigos, o primeiro grupo anarquista do sul da Rússia. Era um empreendimento perigoso, e suas atividades logo atraíram a atenção da polícia política. Presa no início da Revolução de 1905, Olga foi condenada a 30 anos de katorga (trabalho forçado na prisão), em Odessa. Engenhosa e ousada, conseguiu escapar, e retomou o seu trabalho anterior de militância, dessa vez, com um nome falso. Durante um tempo considerável, todos os esforços da polícia para encontrá-la não renderam frutos, mas em 1906 seu disfarce foi descoberto: ela foi presa novamente e sentenciada, mais uma vez, a 30 anos de prisão. Quando retornou à liberdade, em 1917, Olga dedicou-se ao trabalho político na Cruz Vermelha, auxiliando as vítimas do regime imposto pelo

3. Sofia Perovskaia (1853–1881) era um dos membros mais destacados do relativamente conhecido grupo terrorista russo *Naródnaia Vólia* [“Vontade do povo”], responsável pelo assassinato do czar Alexandre II, em 1881. Foi enforcada em praça pública, junto a outros companheiros no mesmo ano. Primeira mulher a ser executada na Rússia moderna.

MULHERES DA REVOLUÇÃO RUSSA

comandante militar Skoropadski,⁴ na Ucrânia, e, logo em seguida, aos cuidados dos novos grupos de presos políticos criados pelo Estado Comunista.

Nos últimos anos dos 1920, uma conferência com anarquistas de toda Rússia estava sendo organizada na Cracóvia. Embora a organização desse encontro contasse com o conhecimento e consentimento do governo soviético, todos os delegados foram presos na véspera da conferência, sem aviso ou explicação. Em meio às centenas de prisioneiros estava também Olga Taratuta. Ela foi mandada para a prisão de Butirka, em Moscou, o mesmo presídio em que tantos dos seus companheiros haviam sofrido e morrido nos dias do regime Romanov. Lá, Olga foi obrigada a vivenciar a experiência mais dolorosa de sua vida cheia de acontecimentos notáveis. Na noite do dia 25 de abril, a ala dos presos políticos foi invadida pela Tcheka.⁵ Atacados enquanto dormiam, após uma série de maus tratos, os prisioneiros foram arrastados para a estação ferroviária — com alguns deles vestindo nada além das suas roupas noturnas — e de lá transferidos para outros presídios.

Olga se viu, então, encarcerada na temida prisão de Orlov, que, sob o governo de Nicolau II, era o polo principal de “distribuição” dos presos. A administração e o regime daquela prisão eram tais que, rapidamente, levaram os presos políticos a uma greve de fome como protesto contra o tratamento que estavam recebendo. Olga foi novamente removida para outra prisão, e de lá enviada para o exílio na região sombria de Veliki Ústiug, sendo, por fim, enviada para a prisão de Kiev, a mesma onde antes havia se dedicado, tão diligentemente, aos cuidados dos comunistas

4. Com a revolução de fevereiro de 1917, o general conservador Pavlo Skoropadski organizou uma reação na Ucrânia, atribuindo-se o título de Hetman da Ucrânia, o qual ele pretendia que se tornasse hereditário. Apesar da pretensão, não se manteve no poder para além do ano de 1918.

5. Tcheka é o acrônimo da “Comissão Especial Pan-Russa de Luta contra a Contrarrevolução e a Sabotagem”, primeira forma de organização da polícia política secreta soviética.

presos na reação liderada por Skoropadski. Uma carta recente de Olga a um amigo que vive no exterior contém uma observação significativa: a de que a perseguição imposta pelo governo soviético lhe roubou mais vitalidade do que todos os anos de encarceramento que ela sofreu nas mãos da autocracia Romanov.

Diferentemente de Olga Taratuta, a maioria das outras heroínas da Revolução Russa tem origem proletária. Dentre elas, Leah Gotman e Fanya Baron são duas mulheres anarquistas de personalidade excepcional. Na sua adolescência, ambas partiram da Rússia em direção à América, onde foram empregadas nas fábricas e participaram ativamente do movimento dos trabalhadores. Eu conheci bem essas garotas, espécimes esplêndidos da independência feminina, belas, dotadas de sentimentos elevados e intelecto forte. À primeira chamada da Revolução de Fevereiro, essas duas jovens, como muitos refugiados russos, voltaram correndo para a sua terra natal. Foi assim que ajudaram a realizar a Revolução de Outubro. Leah e Fanya sentiram que o seu lugar era ao lado do proletariado; trabalharam, particularmente, com os mujiques do sul, em meio aos agricultores da Ucrânia, a quem deram todo amor e devoção inerentes às suas naturezas tão abundantes. Posteriormente, também desenvolveram uma série de atividades culturais com os camponeses rebeldes liderados pelo famoso Bat'ka ("Pequeno Pai"), Nestor Makhno.⁶

As mãos do Kremlin, uma vez erguidas contra Makhno, também caíram pesadamente sobre Leah Gotman e Fanya Baron. Ambas foram presas na véspera da conferência na Cracóvia, mencionada acima, e mandadas para a prisão de Butirka, onde tam-

6. Nestor Makhno (1888–1934) é um dos principais nomes do anarquismo na Ucrânia. Como muitos revolucionários presos pelo regime czarista, foi libertado na ocasião da Revolução de Fevereiro. Lutou ao lado dos bolcheviques, na guerra civil que se seguiu à Revolução, na condição de comandante de um exército independente, o chamado Exército Negro. Após a bem-sucedida parceria, a tensão crescente entre os bolcheviques e os anarquistas makhonistas, como ficaram conhecidos os membros do movimento, concluiu-se, em 1920, com a invasão do território makhonista pelo Exército Vermelho, que estendeu a sua perseguição implacável aos anarquistas como um todo.

MULHERES DA REVOLUÇÃO RUSSA

bém foram vítimas do ataque da Tcheka, na noite de 25 de abril de 1920. Arrancada da cama na calada da noite, Leah foi arrastada ao longo das escadas pelos cabelos e forçada a permanecer por horas, semivestida, no pátio da prisão junto a outros presos políticos, enquanto esperava ser transferida a algum destino desconhecido. Ela permanece presa desde então, sendo agora uma das desafortunadas detentas do terrível Mosteiro de Solovetsky, situado na zona do Ártico.

Fanya Baron, que sempre me impressionou pela sua coragem ilimitada e espírito excepcionalmente generoso, pertence ao tipo raro de mulher que pode realizar as mais difíceis tarefas da prática revolucionária com calma, graça e altruísmo absolutos. Após o ataque em Butirka, ela foi transferida para a prisão de Riazã, de onde logo escapou, voltando a pé para Moscou, sozinha. Chegou lá sem dinheiro e praticamente sem roupas, sendo obrigada, por conta dessa condição desesperadora, a buscar refúgio com o irmão do marido, o que a conduziu direto para a Tcheka. Essa mulher de grande coração, que serviu à causa da Revolução por toda a vida, foi morta pelo Partido que finge ser a guarda avançada da Revolução. Não satisfeitos com o assassinato de Fanya Baron (em setembro de 1921), os comunistas mancharam com o estigma de “banditismo” a memória de sua vítima assassinada.

Não apenas os anarquistas, mas todos os membros de qualquer outro grupo político, com os social-revolucionários de direita e de esquerda, os mencheviques, os maximalistas e mesmo os comunistas, tiveram de pagar o mais alto tributo ao rolo compressor em que se converteu a autocracia comunista. A partir de agora, nomearei algumas das personalidades mais extraordinárias.

Evgenia Ratner, uma jovem de mente afiada e personalidade forte, ingressou no Partido Socialista-Revolucionário, logo após completar seus estudos em medicina na Suíça. Suas atividades, depois que retornou à Rússia, envolveram-na repetidamente em dificuldades para com as autoridades czaristas, até que foi condenada a muitos anos de prisão. Libertada pela Revolução de

Fevereiro de 1917, sua habilidade e força excepcionais a levaram a ser eleita como membro do Comitê Central do seu partido, ao mesmo tempo em que foi escolhida pelo campesinato como um dos seus representantes no Soviete de Moscou. Logo após seu partido ser banido pelos bolcheviques, Evgenia foi presa em 1919 e julgada, em 1922, juntamente com onze dos seus camaradas. Todos foram condenados à morte.

A intercedência do mundo ocidental, com um protesto internacional de grande fôlego contra a execução da sentença — protesto apoiado por homens da estatura de Anatole France, Romain Rolland e outros —, salvou as vidas dos doze social-revolucionários, Evgenia Ratner entre eles. Ela agora leva uma vida miserável na prisão de Butirka.

Dos social-revolucionários de esquerda, Irina Kakhovskaia, Alexandra Izmailovitch e Maria Spiridonova sofreram o maior martírio. Kakhovskaia, neta do general Kakhovski, o famoso rebelde “decembrista” que se opôs à autocracia de Nicolau I, é uma mulher reconhecida pelos seus dotes literários e idealismo revolucionário. Ela começou seu trabalho nos movimentos de libertação da Rússia quando era muito jovem, em 1904. Não demorou muito, foi presa e sentenciada a 20 anos de katorga, sendo, posteriormente, transferida para a prisão de Akatuy, um dos lugares mais temidos do exílio czarista. Em 1914, foi autorizada a viver, em exílio, na região da Transbaikalia,⁷ do qual foi libertada pela Revolução de Fevereiro de 1917.

Após o seu retorno do exílio, Irina Kakhovskaia tornou-se uma das trabalhadoras mais valiosas do Partido Socialista-Revolucionário de Esquerda, era muito respeitada pela sua compreensão de psicologia camponesa e das necessidades do proletariado. Após o Tratado de Brest-Litovsk e da ocupação alemã da Ucrânia, as autoridades alemãs prenderam Irina como participante da conspiração contra a vida do general Eichorn, governador

7. A prisão (katorga) de Akatuy ficava, naquele tempo, situada nessa região da Transbaikalia.

MULHERES DA REVOLUÇÃO RUSSA

militar da Ucrânia, assassinado por um dos membros do seu partido, B. Donskoy. Kakhovskaia foi torturada e condenada à morte. Felizmente, a eclosão da revolução na Alemanha impediu a sua execução e ela foi salva.

Irina continuou a trabalhar nas suas convicções políticas, mas, em 1921, ela foi presa novamente, desta vez pelos bolcheviques, por quem foi exilada em Kaluga, na Sibéria.

Enquanto estava na prisão, Irina Kakhovskaia escreveu as suas interessantíssimas memórias, a história incomum de uma personalidade muito singular. Romain Rolland, depois de examinar o seu trabalho, disse: “Sou contrário às ideias de Kakhovskaia, mas sua narrativa tem uma qualidade humana, ou antes, sobrehumana, muito cativante. É um documento psicológico do valor mais elevado que pode haver. A simplicidade absoluta da narradora, sua habilidade, genuinamente russa, de ver de modo objetivo, sua energia inacreditável inteiramente dedicada à causa que tem no coração — tudo isso desperta profunda admiração no leitor, independentemente de qual seja a sua posição em relação ao valor da ação realizada ou almejada. Que heroísmo, paciência, completa abnegação, que tesouros da alma, a humanidade desperdiça com propósitos terríveis e vergonhosos.”

Alexandra Izmailovitch, filha de um general do exército russo, é outro exemplo de uma jovem que a autocracia dos Romanov impeliu a atos individuais de violência como única forma de protesto possível sob um regime despótico. Em 1906, ela atentou contra a vida do governador Kurlov da província de Minsk, responsável pela maior parte dos pogroms diabólicos contra os judeus. Condenada à Sibéria por toda a vida, ela foi libertada, com os outros ativistas políticos, em 1917. Na condição de membro do Partido Socialista-Revolucionário de Esquerda, tornou-se uma das lideranças do Soviete de Deputados Camponeses de Toda Rússia. Quando os bolcheviques decidiram “liquidar” o seu Partido “para sempre”, em 1919, ela foi presa juntamente com vários de seus companheiros, permanecendo, quase que ininterruptamente, na prisão desde então.

O aspecto mais característico dessa mulher extraordinariamente dotada e enérgica é a devoção, ao longo de toda a sua vida, à sua amiga e camarada Maria Spiridonova. Elas passaram onze anos juntas na Sibéria, retornaram à Rússia para unir seus esforços na libertação do povo, e foram presas pelo governo bolchevique. Desde então, já há muitos anos, estão presas. Não é exagero dizer que o cuidado e a devoção de Alexandra Izmailovitch à amiga são as principais causas de Maria Spiridonova ainda estar entre os vivos.

Maria Spiridonova é, sem dúvida, uma das figuras mais notáveis e heroicas do movimento revolucionário russo dos últimos vinte anos. De família aristocrática, bela e culta, a jovem Maria abandonou o luxo e sua posição social para se dedicar à causa dos oprimidos. Bem-intencionada e empática, ela não pôde suportar sem protestar a injustiça e tirania que testemunhava de todos os lados. Com 18 anos, atentou contra a vida do general Lukhanovsky, governador da província de Tambov, que foi universalmente execrado pela sua selvageria asiática contra o campesinato.

Os czares russos nunca foram parciais no tratamento às ativistas políticas: eram igualmente implacáveis com todos os seus oponentes, fossem homens ou mulheres. Mas no caso de Maria Spiridonova, os capangas de Nicolau II superaram até os métodos de Ivan, o Terrível. Depois de presa, Maria foi espancada até o ponto da insensibilidade, as suas roupas literalmente arrancadas do corpo, e a jovem foi entregue para que uma guarda embriagada encontrasse diversão em queimar sua carne nua com cigarros acesos. Depois de semanas à beira da morte, Maria foi condenada à execução.

A tortura sofrida por Spiridonova comoveu todo o mundo ocidental, cujos protestos a salvaram do cadafalso. Ela foi “perdoada”, tendo a sua pena comutada por prisão perpétua na Sibéria. Os efeitos da sua experiência terrível provocaram lesões nos pulmões, aleijamento numa das mãos e perda da visão em um olho.

MULHERES DA REVOLUÇÃO RUSSA

Não obstante, ainda que fisicamente debilitada e destroçada, seu espírito permaneceu em chamas.

Poucos ativistas políticos receberam uma ovação popular tão unânime, da Sibéria a Petrogrado e Moscou, como Maria Spiridonova, após sua libertação da prisão em 1917. Ela, porém, não desperdiçou um único segundo com o gozo da sua recém-conquistada liberdade. Dedicou-se ao trabalho com todo o ardor característico à sua personalidade intensa, organizando os camponeses, inspirando e dirigindo as energias então despertas do povo russo. Tornou-se a líder adorada dos vários milhões de camponeses da Rússia, a alma de todas as suas aspirações de longa data e a porta-voz das suas necessidades e esperanças. Como a figura de maior destaque do Partido Socialista-Revolucionário de Esquerda, Maria exerceu enorme influência no soviete dos camponeses, elaborou um plano abrangente para a socialização da terra, o problema mais vital da vida russa.

Já em 1918, Maria Spiridonova percebeu que a Revolução corria grande risco, por conta da atuação de alguns de seus supostos amigos, e não dos inimigos, como seria de se esperar. Ela viu a crescente autocracia do Estado comunista e se colocou contra. A ruptura final entre o seu partido e os bolcheviques veio com o Tratado de Brest-Litovsk, que Spiridonova condenou tanto por uma questão de princípio, quanto por razões práticas. Logo após isso, ela foi presa junto a 500 delegados no Congresso dos camponeses.

Quando cheguei à Rússia, os bolcheviques me disseram que Maria Spiridonova havia sofrido um colapso nervoso e que, por conta disso, teria sido alocada num sanatório, para que recebesse os melhores cuidados. Mas logo descobri que Maria havia conseguido fugir desses “melhores cuidados” e estava vivendo em Moscou disfarçada de camponesa, como costumava fazer nos dias de czarismo. Recentemente, a fortuna me favoreceu e tive a oportunidade de passar vários dias com essa mulher extraordinária. Não encontrei nela nenhum vestígio de histeria — na verdade, o seu equilíbrio, ponderação e objetividade ao narrar os

eventos que marcaram o seu retorno à Rússia são absolutamente admiráveis.

Alguns meses após isso, no outono de 1920, a Tcheka retornou, mais uma vez, à sua atividade de caçar conspirações. Numa das suas numerosas incursões em Moscou, encontraram Maria Spiridonova doente de tifo. Ela foi presa e removida para Ossoby Otdel — a Seção Secreta da Tcheka. Em 1921, quando estava quase à beira da morte, os esforços dos seus amigos garantiram a concessão da sua libertação temporária — sob a condição de retornar à prisão assim que a sua saúde estivesse melhor. A única alternativa era deixar Maria morrer na prisão por negligência ou devolvê-la — quando recuperada a saúde — para os “melhores cuidados”. De fato, assim que ela começou a se recuperar, a Tcheka se apoderou dela novamente. Guardas com cães farejadores foram colocados na casa onde Spiridonova estava sendo assistida pela sua devotada amiga, Alexandra Izmailovitch. Todos os seus passos eram observados e a existência tornou-se tão insuportável que a torturada terminou por exigir ser levada de volta à prisão. Juntamente com a sua inseparável Izmailovitch, ela foi enviada para um dos locais mais distantes e inóspitos da província de Moscou, de onde vêm agora as mais tristes notícias, como a de que Spiridonova foi obrigada a recorrer ao método desesperado da greve de fome como forma de protesto contra a implacável perseguição. De fontes confiáveis, acaba de chegar a informação de que tanto Izmailovitch quanto Spiridonova estão exiladas nas regiões mais selvagens do Turquestão.⁸

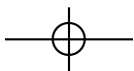
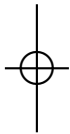
O martírio das mulheres heroicas da Rússia tornou-se mais doloroso e intenso sob a tirania da ditadura bolchevique do que quando nos dias do czarismo. Naqueles tempos, o sofrimento era meramente físico, nada poderia afetar o espírito. Elas sabiam que enquanto eram odiadas pela autocracia, desfrutavam do respeito

8. Em 11 de setembro de 1941, Spiridonova e Izmailovitch, em conjunto com mais de 150 presos políticos, foram executadas via ordem pessoal de Stalin, na ocasião da invasão das tropas nazistas na URSS. Essa execução em massa ficou conhecida como “Massacre da Floresta Medvedev”.

MULHERES DA REVOLUÇÃO RUSSA

e amor das vastas massas do povo russo. Na verdade, o “povo simples” as tomava como “santas” que sofriam por sua causa; no czarismo, a influência moral exercida pelos ativistas políticos nas prisões, katorgas e exílios era muito grande. Mas tudo isso mudou agora. Os novos autocratas da Rússia descreditaram os ideais do socialismo e macularam a honra dos seus grandes expoentes. Não há opinião pública na Rússia que não seja a do partido governante, e os mártires — homens e mulheres — da Rússia revolucionária se transformaram em párias, no sentido mais amplo que pode haver. Eles não têm nada para os compensar, não podem sequer apelar à consciência do seu país, pois ela foi paralisada. Inclusive, não apenas a consciência da Rússia, mas a consciência do mundo como um todo parece silenciada.

O que aconteceu com o senso de justiça e solidariedade que anteriormente se estendia do mundo ocidental às vítimas políticas do regime czarista? Naquele tempo, homens e mulheres da Inglaterra, de modo corajoso, denunciavam em seus protestos as iniquidades cometidas na Rússia e eram solidários com os que eram perseguidos politicamente por conta das suas opiniões. Agora, diante das evidências esmagadoras da opressão e perseguição extremamente cruéis que ocorrem na Rússia, o mundo está silencioso e insensível. Os mártires heroicos estão abandonados à misericórdia da Tcheka, para sofrer o calvário do corpo e do espírito, em nome de um ideal que há muito tempo foi traído pelo Estado Comunista com a sua ditadura do Partido.



As visões de Emma sobre o amor¹

NOTA DO JORNAL

Nos tempos modernos, nenhuma mulher posicionou-se, de modo mais abertamente hostil, contra o casamento do que Emma Goldman, que, há oito anos, estava entre os deportados enviados de volta à Rússia. Ela fez uma série de palestras na América, em que tratou sobre o tema do casamento e escreveu panfletos. De repente, veio de Montreal (Canadá) a notícia de que Emma Goldman havia chegado lá sob o nome de sra. E. Colton. Após uma vida de antagonismos, Emma Goldman se casou com um trabalhador das minas. Seus seguidores ficaram surpresos e ainda estão. O que isso poderia significar? A NEA enviou um representante até ela para saber de primeira mão o que Emma Goldman agora pensa sobre o casamento. Aqui, apresentamos um artigo exclusivo, escrito pela própria Goldman, o segundo de uma série de cinco, no qual esboça as suas opiniões hoje.²

Muitas pessoas se mostraram surpresas de que eu, que por tantos anos critiquei a instituição casamento, tenha, no final, me submetido a ela.

Sem exceções, elas exigem saber se mudei a opinião sustentada no passado.

1. Texto originalmente publicado no *NEA Service*. O título e as subseções, que se optou por manter aqui, foram dados pelo jornal; no rascunho o texto curto, sem subseções é intitulado: “Minha atitude em relação ao casamento” (1926).

2. Em 1887, antes da sua militância como anarquista, Goldman conseguiu obter a cidadania estadunidense ao se casar com o seu primeiro marido, Jacob Kerstner. Nos Estados Unidos de então, a cidadania da mulher era dependente da cidadania do seu pai ou marido. Numa jogada para lhe retirar o direito de permanecer ou retornar aos EUA por parte das autoridades federais, a cidadania de Kerstner foi revogada postumamente e, com ela, a de Goldman — que foi deportada para a Rússia em 1919. Seis anos após a sua deportação, em 1925, Goldman se casa com o cidadão escocês James Colton, de modo a conseguir um passaporte e alguma proteção contra a perseguição aos imigrantes.

Talvez já não soe muito enfática a minha declaração de que agora, como antes, estou convencida de que a instituição do casamento, do jeito que é, não acrescenta nada ao que fundamentalmente une homens e mulheres. Será sempre uma verdade para mim que a união de duas pessoas é um assunto exclusivamente privado.

BIZARRO ANTES — ACEITO AGORA

Há não muitos anos atrás, esse ponto de vista era considerado chocante e revolucionário. Atualmente, porém, encontra uma aceitação muito mais generalizada do que alguns se permitem admitir.

Mesmo os conservadores estão começando a perceber que, muito embora o casamento possa ser conveniente, não exerce qualquer influência sobre os impulsos emocionais ou a expressão sexual.

É um fato que o ritual do casamento, propriamente dito, não tem qualquer relação com a vida e os hábitos dos seres humanos. Na melhor das hipóteses, a instituição consiste na sanção pública de um acordo privado entre duas pessoas. Nunca o Estado teve o poder de dar mais do que essa sanção, pois é sempre o amor que domina esse tipo de relação humana.

Costumo dar risada das antigas referências ao chamado amor livre. Como se o amor pudesse ser algo que não livre!

Atualmente, milhares de pessoas se submetem à cerimônia de casamento, não porque acreditam nela, mas porque protege as suas vidas particulares das bisbilhotices vulgares.

CASAMENTO: A RESPOSTA

E assim, se vocês me veem casada hoje, vocês têm, com isso, a resposta — se for realmente importante ter uma resposta! Um casamento não implica divorciar-se do próprio ponto de vista.

VISÕES DE EMMA SOBRE O AMOR

O maior infrator da sacralidade da privacidade é o Estado. Desde a reação desencadeada pela Guerra Mundial, o Estado abandonou a maioria das suas atividades para se dedicar exclusivamente ao exercício de controle e sufocamento dos indivíduos.

Já não é mais possível ter liberdade de movimento ou de gosto. Inúmeras restrições cercam o indivíduo da manhã à noite. O que ele come, bebe, lê, vê, as relações que estabelece, as opiniões que ouve e com quem se reúne — tudo está sob vigilância constante. O resultado é que o indivíduo se vê constantemente na necessidade de inventar métodos através dos quais consiga escapar dos tentáculos dessas intrusões e obstruções.

A NECESSIDADE É A MÃE DA ESTRATÉGIA

Esforços para impedir as manifestações externas sempre têm como efeito a criação do gênio capaz de inventar modos de escape a partir do interior. A Proibição serviu apenas para aguçar a sede americana. A censura à expressão literária teve como única consequência estimular livros cada vez mais revolucionários. O que também incidentalmente aumentou o interesse intelectual e a discussão dos trabalhos proibidos.

No que diz respeito a viagens, com a interferência interminável sobre a liberdade de movimento, imposta pelo passaporte e pelo visto, o Estado obriga as pessoas a exercitarem toda a sua engenhosidade na arte de atravessar o muro chinês construído ao redor do mundo durante guerra. Naturalmente, isso não significa que as pessoas estejam morrendo de amores pelo Estado.

Em certa medida, o mesmo se aplica ao casamento. Ninguém que seja dotado de cérebro pode persistir na crença de que o casamento é uma obra dos céus, ou que, uma vez encarnado, deve ter os seus limites estabelecidos por alguém além dos imediatamente envolvidos; que atravessam o processo com o mesmo espírito de alguém que busca tirar um passaporte ou obter um visto — para

conseguir um espaço para respirar e proteger a privacidade da personalidade humana.³

3. Embora no presente texto, Goldman deixe suficientemente claro que o seu casamento com Colton se deu por razões pragmáticas, muitos chamaram a atenção para a discrepância entre as suas declarações anteriores — como a de que o casamento seria uma forma ainda mais aguda de prostituição — e a aqui contida: segundo a qual o casamento é um assunto do âmbito exclusivamente privado. Há quem veja nessa ênfase do casamento como assunto privado (muito embora ela declarasse isso desde o primeiro texto sobre a temática), uma espécie de autojustificativa, como se buscasse evitar cair ela mesma na sua crítica anterior: a do casamento por interesse, como única alternativa para a manutenção econômica (no seu caso, política) da mulher. Seja como for, em 1927, segundo o jornal *Toronto Daily Star*, Goldman teria dado uma palestra em Toronto defendendo o que na época era chamado de “casamento por companheirismo”, uma alternativa bem mais moderada (e um tanto reformista) da instituição casamento tal qual havia. Um logo rascunho escrito de próprio punho, aproximadamente em 1928, intitulado “Casamento por companheirismo”, confirma o interesse de Goldman na temática, pouco depois do seu casamento com Colton.

A luta do feminismo não foi em vão: a conclusão de Emma Goldman¹

A carreira bastante diversificada de Emma Goldman foi da denúncia violenta contra a América e o casamento à sua posição atual, em Montreal (Canadá), em que na condição de mulher casada, solicita a sua readmissão nos Estados Unidos. Também existe outra fase paradoxal na sua vida — quando da antiga posição de militante feminista passou a ser uma crítica severa do sufrágio feminino. Neste artigo, o terceiro de uma série de cinco, são apresentadas as suas opiniões sobre esse assunto de imenso interesse — escrito exclusivamente para o *NEA Service* e o *Times-Union*.

NOTA DO JORNAL

Caso relembremos das profecias radicais das ativistas dos “Direitos da Mulher” sobre os milagres que o feminismo viria a realizar, quando a mulher finalmente tivesse o direito ao sufrágio e igualdade profissional, é impossível não admitir que os resultados do feminismo foram tudo menos proporcionais à brava luta empunhada pelas mulheres em nome da sua emancipação.

1. Texto originalmente publicado no jornal nova-iorquino *Rochester Times-Union* (1926).

Não faz muito tempo, as grandes líderes feministas nos asseguraram que o seu credo purificaria a política, aboliria a guerra, eliminaria todos os males sociais e criaria relações completamente novas entre os sexos. Hoje em dia, nenhuma feminista inteligente se deixaria levar por uma conversa tão boba. Finalmente aprenderam que abusos de longíssima data não podem ser eliminados com o voto de Minerva.

E o que é mais importante: elas aprenderam que a emancipação econômica e social das mulheres está intimamente ligada à luta pela emancipação humana em geral — que a total independência do homem, assim como a da mulher só ocorrerá com a mudança completa de nossa atual estrutura social e do valor individual e coletivo.

No entanto, é um fato que a luta heroica empunhada pelas mulheres, já há tantos anos na América e na Europa, não foi em vão. Se ainda lhe é negada uma remuneração equivalente pelo trabalho que realiza, a mulher conseguiu provar que é capaz de realizá-lo muito bem. Não existe profissão ou ofício, nem mesmo atravessar o Canal da Mancha a nado,² que seja estranho à mulher.

DESTREZA MAIS FINA

Enquanto estive na Alemanha, durante a guerra, pude observar que as mulheres da indústria metalúrgica possuíam uma destreza maior do que os homens na fabricação de instrumentos delicados. Que as mulheres durante o cataclismo mundial tiveram a capacidade, e efetivamente deram conta das tarefas mais difíceis — enquanto os homens sangravam nos campos de batalha —, já não é um aspecto que precise ser enfatizado.

2. Em agosto de 1926, o presente texto foi publicado em novembro, Gertrude Ederle se tornou a primeira mulher a atravessar a nado o Canal da Mancha.

A LUTA DO FEMINISMO

Sim, as mulheres se saíram muito bem. Ninguém mais ousará insistir que o seu lugar apropriado é exclusivamente em casa, que deve desperdiçar sua substância como empregada doméstica ou mercadoria sexual. Ela rompeu as grades da gaiola dourada e agora se encontra do lado de fora, no mundo, pronta para assumir a sua parte da responsabilidade e também para exigir o direito às suas realizações.

As mulheres americanas mais avançadas vêm agindo dessa forma já muito antes da guerra, mas só agora, depois da guerra, é que as mulheres no exterior estão conseguindo se recuperar. Existem pouquíssimas “Gretchens”, dependentes, complacentes, obedientes e submissas na Alemanha de hoje. As mulheres na Inglaterra tampouco estão se valendo de sigilo e subterfúgios para lidar com a vida e as questões sociais. Aberta e francamente, elas declaram o seu direito a todo conhecimento e experiência existentes no mundo.

E mesmo na França, as mulheres, além do direito de amar, sobre o qual alegam maestria, estão começando a perceber que a vida é mais do que namoricos fúteis, que há problemas sociais muitos graves e que, portanto, exigem a atenção das mulheres, assim como a dos homens. Em outras palavras, em todo o mundo, as mulheres se tornaram profundamente conscientes da necessidade de fazer a sua parte na grande luta mundial.

VITAL EM TODOS OS DOMÍNIOS

A mulher atual é, possivelmente, a força mais vital em todos os domínios do pensamento e do empreendimento humanos.

Se tal condição é efeito da perda de vitalidade da parte de muitos homens, por conta dos horrores da guerra, é algo que não posso saber. O que eu sei é apenas que a maioria dos homens da classe média da Europa perdeu completamente o controle sobre a sua vida. Eles não têm mais fé ou idealismo. Para usar uma expressão “freudiana”, a maioria dos homens de hoje parece sofrer

de um complexo de inferioridade. Ou se trataria de orgulho ferido por não mais poder bancar o bravo cavalheiro que protegia a mulher de viver tão perigosamente quanto ele?

De uma forma ou de outra, o ponto é que, em geral, os homens parecem estar perdidos, “desempregados”, de certa forma. Eles não sabem o que fazer com eles mesmos na presença daquelas que antes eram consideradas inferiores.

VIVA, ÁVIDA E ATIVA

Não é isso o que ocorre com as mulheres que conheci na Europa. Elas me impressionaram pela completa transformação das suas qualidades físicas, mentais, espirituais e emocionais — um tipo novo e viril de feminilidade, muito mais vivo, ávido, ativo e livre do que o dos homens.

Muitos fatores contribuíram para criar o tipo moderno de mulher, sendo o fator mais vital a solidariedade das mulheres entre si. A necessidade as ensinou, já na fase inicial da sua luta, que o escravo nunca foi liberto pelas mãos do seu senhor e que a sua emancipação só poderia ser conquistada pelo espírito de solidariedade entre os seus companheiros escravos.

Do mesmo modo, a solidariedade do sexo entre as mulheres tem propiciado, creio eu, um tremendo ímpeto e encorajamento na luta pela autoafirmação e pelo direito do seu lugar no mundo — o direito de ser ela mesma.

O elemento sexual da vida¹

A verdade virá à tona algum dia. Mas, em geral, é a mentira que persiste. A verdade é nua, direta. Não se apresenta com sorrisos maliciosos, subterfúgios ou acordos. Veja as mentiras adornadas com seda e joias. Elas são insinuantes, lisonjeiras e enganosas. Um grande número de pessoas, incontáveis, ficam deslumbradas pela pompa e autoimportância com que se transvestem as mentiras e, assim, seguem-nas, alegremente, sem que percebam a face irônica sob a máscara cheia de enfeites.

Não é motivo de surpresa, portanto, que a força mais elementar da vida humana, o sexo, seja ainda hoje degradado e renegado.

As duas instituições que, há séculos, tentam subjugar o sexo, arrancá-lo via os métodos mais perversos, são a Igreja e a moralidade — as caluniadoras de tudo o que é excelente e saudável na vida. Não obstante, quanto mais a Igreja e a moralidade tentaram subjugar o sexo e extingui-lo das necessidades humanas, mais intensa e devastadoramente o elemento sexual se afirmou.

É relativamente recente que a verdade sobre o sexo rompeu a rede de falsidades, ilusões e armadilhas que há tanto tempo assombram a mente do homem.

1. Rascunho inacabado, do qual muitas páginas estão faltando. A datação de 1935 é aproximada. Ao que parece foi concebido como parte de um texto de abordagem mais ampla, a tirar pelo título: “Sexualidade, maternidade e controle de natalidade”. Para além da “seção” aqui traduzida, bastante fragmentada, não restaram mais do que duas ou três páginas do documento original. As pouquíssimas passagens do rascunho excluídas da presente tradução ou foram riscadas pela própria Goldman (há uma série de anotações à mão no texto, nem sempre legíveis), ou a redação não revisada inviabilizou a inteligibilidade do texto.

Os grandes psicólogos do sexo, Havelock Ellis, Kraft Ebbing, Edward Carpenter e Freud estavam sozinhos na sua batalha heroica contra as mentiras sobre o sexo. Atualmente, o número pode ser contado aos milhares.² E todos comprovam, para além de qualquer sombra de dúvida, que as fobias, os terrores, as neuroses e demais transtornos mentais têm a mesma origem sexual. Mais do que isso: toda a nossa vida, desde as nossas ações mais simples, depende completamente dos nossos impulsos sexuais. A dissimulação imposta pela longa repressão moral nos impediu de reconhecer essa verdade fundamental. Não obstante, na medida em que é impossível resistir impunemente a uma força natural tão poderosa, nós nos tornamos todos mais ou menos insanos: alguns completamente, outros pela expressão das suas aspirações sexuais através de fobias passageiras ou sonhos monstruosos; outros, ainda, na tentativa de se libertar dessas aspirações, desperdiçam quase toda a sua existência como se sonhando acordados, indiferentes à vida cotidiana. Por fim, aqueles que são mais fortes satisfazem as suas propensões valendo-se de uma hipocrisia calculista que lhes permite ocultar-se dos olhos da multidão.

O crescente acúmulo de pesquisas de abordagem freudiana, as consequências, cada vez mais amplas, da aplicação das doutrinas originais, fornecem explicações para muitos dos problemas que costumavam nos confundir e, frequentemente, possibilita-nos encontrar provas materiais da teoria da unidade de energia.³ Efetivamente, vemos que o sonho, o sono, o estado normal de consciência e as psicoses formam uma parte integrante da personalidade humana, que reage às influências externas via uma ou outra dessas manifestações, de acordo com a fase de evolução da força no momento. Não é difícil concluir que, dentre as forças que atuam sobre nós, a mais importante, se não a única, a que

2. Boa parte desses dois períodos, com os quais o parágrafo é iniciado, foram riscados e corrigidos à mão por Goldman. Como, porém, a sua caligrafia nessa passagem não está com boa legibilidade, optou-se por manter tal qual datilografado.

3. Possivelmente, Goldman esteja se referindo aqui à teoria da libido.

O ELEMENTO SEXUAL

quase sempre encontramos sob os mais variados disfarces, é o impulso sexual.

Precisamos admitir que não é uma possibilidade negar a realidade, porque não gostamos dela, e, assim, torna-se indispensável que reconheçamos no tão difamado impulso sexual a força psicológica motriz da humanidade.

O falecido Prof. Dorsey,⁴ no seu livro *Why we behave like human beings* [Por que nos comportamos como seres humanos], chamou a atenção para o que a psicologia diagnosticou como “complexo de impureza” e nos mostrou o que está por trás desse puritanismo descarado que anuncia a “pureza” desse homem ou daquela mulher. Ele também demonstra que a pureza do ignorante, quando adquirida pelo preço da repressão da sua curiosidade natural, não é segura e nem sã. De outro lado, continua o professor Dorsey, o estudo da biologia está começando a derrubar esse “complexo de impureza” e a doutrina profana e antinatural, iniciada pelos primeiros monges cristãos, de que o impulso sexual é o sinal de degradação do homem e a fonte da sua energia mais diabólica. A natureza sempre sabe mais.

O sexo é uma função biológica primária a toda forma de vida superior. Suas características e qualidades vêm de uma linhagem antiga. Seu impulso é tão real quanto é a força que faz as marés baixarem e subirem. Possui estrutura e comportamento profundamente suscetíveis. É o elemento fundamental de toda a vida superior, seus caracteres externos são um engenhoso estratagemma publicitário da natureza, através do qual ela vende seus produtos e, assim, assegura sua família.

Devemos ao sexo mais do que à poesia; devemos o canto dos pássaros, toda música cantada e a própria voz, devemos a plumagem que atinge a glória suprema com as aves-do-paraíso, devemos a juba do leão e todas as formas superiores de vida seja do mundo vegetal ou do animal. Está tecido em todas as

4. George Amos Dorsey (1868–1931) foi um etnógrafo e indigenista estadunidense.

estruturas da vida humana e inserido em todos os costumes. Na conta do sexo, devemos debitar muitas tolices e estupidezes e algumas das mais insensatas injustiças que tornam essa coisa que chamamos de cultura humana o mosaico incrível e variado que é.

É verdade que somos mais esclarecidos do que éramos, mas ainda não atingimos o estágio em que a simples menção ao sexo não provoque respostas de reprovação ou insultos. Não são poucas as pessoas que defendem que o “conhecimento sexual” é algo questionável, ou, na melhor das hipóteses, algo que deve ser mantido em sigilo no interior dos “livros de medicina”; ou, ainda, há quem considere a posse desse conhecimento uma banalidade característica aos irremediavelmente desavergonhados. Como resultado, a literatura pseudocientífica acerca do “sexo” é deramada sobre as nossas emoções, deixando os fatos intocados, quando não os apresenta sob disfarces. Muito do que é produzido não possui fundamentação biológica ou qualquer relação com as leis da vida que governam o ser humano, não menos do que a qualquer outro ser vivo. É o medo (às vezes chamado de “reverência”) que nos faz “deixar o sexo em paz”. São o recato dissimulado e a vergonha estúpida, disfarçados sob o nome de “decência”, que obrigam os museus a vestir faunos de mármore e a cobrir júpiteres e cupidos de bronze com folhas de gesso, não raro tortas ou mal cortadas dos lados. Há considerável infantilidade a envolver a questão do sexo.

O homem é “superior”, os animais são “inferiores” — sem intelecto e, obviamente, sem “almas”. Nós temos. O nosso pai é um pai “divino”. Nossos corpos são “sagrados”. Consequentemente, a arte, da escultura de Fídias ao poema sofomórico [*sophomoric poem*], tende à glorificação cada vez mais inaudita do ser humano: homens e mulheres mais próximos a deuses e deusas; deuses e deusas como homens e mulheres glorificados.

E assim aconteceu que tudo aquilo de mais comum na natureza, além de vivo, se tornasse dotado da santidade do céu.

A fisiologia e a zoologia nos mostram que a raiz da beleza e do sentido estético reside no elemento sexual — que não pode e

O ELEMENTO SEXUAL

nem deve ser ignorado. A vida sexual, da forma mais primitiva em diante, busca a união, a coesão. Em toda parte, há signos de atração: nas plantas, tem-se as cores vibrantes e as formas das flores; nos pássaros, a doçura vitoriosa do seu canto. O pássaro pavilhão da Austrália decora a sua “dança” com flores e plumas; o pavão fascina sua parceira; os alces gemem um para o outro nas florestas; os vagalumes acendem suas lanternas à noite; o ar está cheio de odores místicos a flutuar. Todas as faculdades e formas da natureza estão dispostas de modo a contribuir com a expressão dessa grande necessidade de união que explode no mundo animal. Tudo se transforma em indício, símbolo, lembrança, mensagem, chamado. Essa faculdade é social. É o começo do panorama da arte.

Penso que não cometeremos um erro ao afirmar que a aceitação livre e saudável do corpo humano, com todas as suas faculdades, será a chave mestra da arte do futuro.

Todos os escritores modernos que tratam da questão do sexo provaram que a velha noção de que o sexo se inicia na puberdade é falsa. O impulso sexual, como todos os nossos impulsos, começa no nascimento e termina com a morte. Diferentemente dos outros animais, porém, ao ser humano não é permitido interpretar que os seus apetites sexuais exigem a ação, ao menos não antes que ele atinja um número respeitável de anos (uma causa verdadeiramente excelente para os distúrbios nervosos dos quais os demais animais, fiéis aos retornos periódicos da sua excitação sexual, estão absolutamente livres). Ao que parece, há um despertar da sexualidade desde os primeiros dias de vida; para Freud e sua escola, as ideias sexuais ganham existência no momento em que é dado o peito à criança.

Aparentemente, não é só a sensação de satisfação do apetite o que impele o recém-nascido a agarrar-se ao seio da sua mãe ou da ama de leite. Nessa pequena bola disforme, na qual a gama de sensações ainda não emergiu na sua totalidade, uma imaginação especial e antecipatória já complica o prazer de ter o apetite satisfeito por meio de um gozo mais especializado.

E passará um bom tempo, desde os primeiros anos, em que a imaginação da criança está voltada para imagens sexuais. Isolada do mundo e sem saber nada além da vida familiar, embora já dotada de desejos que a natureza mesma não lhe permitirá satisfazer até um futuro distante, a criança volta a sua imaginação sexual para os objetos mais próximos, os únicos que tem em vista. Há, na primeira infância, uma crise imaginativa que, frequentemente, exerce um efeito distante sobre a vida sentimental do adulto.

Os psicólogos nos pedem para observar que o desenvolvimento sexual da criança pode ocorrer em três etapas:

1. Surgimento do primeiro fenômeno no momento do nascimento;
2. Crise na primeira infância, dos quatro aos sete anos, com a inversão de sentimentos normais, incesto etc.;
3. Crise da puberdade, entre dez e quatorze anos, seguida pelo retorno das sensações às vias normais.

Essas manifestações psicológicas estão, sem dúvida, intimamente ligadas às modificações dos órgãos de secreção internos, e, em particular, com o desenvolvimento sexual, que é apenas uma das especificidades das atividades glandulares.

Antigamente, todas essas manifestações eram recebidas com profunda ignorância e estupidez. Repetidas vezes, as mães bateram e ainda batem nos seus desafortunados filhos, quando veem a menor manifestação do sexo. Ou simplesmente os aterrorizam, colocando o estigma de depravação nas suas crianças. Eu poderia citar centenas de exemplos retirados da minha experiência de enfermeira formada.

O ELEMENTO SEXUAL

A sociedade exige que jovens adultos, homens e mulheres (especialmente as mulheres), reprimam o impulso sexual por vários anos — geralmente por toda a sua vida. A contenção de um desejo tão instintivo não pode ser bem-sucedida numa pessoa normal sem consequências diretas na sua saúde — todo tipo de distúrbio mental e físico pode resultar daí; e não é raro que o impulso, forte demais para ser contido, encontre a saída por alguma via infantil e perversa.

Ou conforme foi tão habilmente descrito na obra de Jacques Fisher, *Amor e Moralidade*: o desejo sexual frequentemente estoura, como se fosse um trovão, nas vidas mais ordenadas e respeitadas, que, à primeira vista, pareceriam as mais imunes. Algumas vezes, sob a influência de uma causa fisiológica específica (influência da menopausa ou de alguma alteração nas secreções de um órgão prejudicado pela idade) e outras de uma causa desconhecida. As regras morais que até aquele momento governavam toda a vida sexual desaparecem ou então sofrem uma revolução violenta.

Infelizmente pouquíssimos podem compreender esse tipo de mudança. A eles não foi permitido ver para além dos atos propriamente ditos. Eles não se dão o trabalho de descobrir os motivos que conduziram [até ali].⁵

Max Stirner — *O único e sua propriedade* — oferece o retrato maravilhoso de uma sexualidade faminta.

Para onde quer que se olhe, encontraremos vítimas da autonegação. Ali, na minha frente, está uma garota que talvez já há dez anos vem fazendo sacrifícios cruéis à sua alma. Sobre o seu corpo cheio de vigor pende uma cabeça cansada de morte, e as maçãs pálidas do seu rosto denunciam a sangria lenta da sua juventude. Pobre criança, quantas vezes as paixões bateram na porta do seu coração e os intensos poderes da juventude reclamaram os seus direitos? Quando a tua cabeça se revirava no travesseiro macio, como a natureza desperta tremia pelos teus membros, como o sangue inchava as tuas veias e fantasias ardentes derramavam o brilho da volúpia nos seus olhos! Mas

5. Parágrafo riscado no manuscrito datilografado.

aí aparecia o fantasma da alma e da sua bem-aventurança eterna. Você ficava aterrorizada, suas mãos se recolhiam, seus olhos atormentados se voltavam para o alto, você — rezava. As tempestades da natureza foram silenciadas, a calma deslizou sobre o oceano dos seus desejos. Lentamente, as pálpebras cansadas caíram por sobre a vida que se apagou debaixo delas, a tensão foi deixando, imperceptivelmente, os seus membros bem torneados, as ondas turbulentas secaram no seu coração, as mãos unidas em posição de oração quedaram, como um peso morto, sobre um peito que já não opunha resistência; um último suspiro “Ó, querido”, saiu como lamento, e — a alma pôde, enfim, encontrar a paz. Adormecias, e despertavas pelas manhãs para novas batalhas e novas — orações. Agora, o hábito da renúncia gela o calor do teu desejo e as rosas da tua juventude estão se tornando pálidas na — anemia da sua beatitude. A alma está salva, que o corpo pereça. Ó, Lais, ó Ninon, quão bem vocês fizeram em desdenhar dessa pálida virtude! Uma única *grisette* livre contra mil virgens cuja virtude tornou murchas!

Não há nada mais patético e cruel do que a vida de uma solteirona ou celibatária que murchou de tanta virtude. Com seus pensamentos e sentimentos reprimidos, elas se tornam mal-humoradas, invejosas e ciumentas. Ressentem-se da despreocupação e alegria dos jovens. Mas será que podemos culpá-las por isso? Certamente, não. Elas são vítimas de uma moral sexual ridícula.

É certo que a repressão sexual levada a cabo por um longo período de anos mesmo que não seja suficiente para causar uma desordem mental completa, cria uma série de peculiaridades antissociais e perversões.

Embora alguns moralistas enfatizem que o sexo é uma força dominante em todas as criaturas vivas — seja um ser humano, animal ou planta —, eles têm para si a ideia de que o sexo é mais forte no macho do que na fêmea. Também insistem em atribuir ao sexo apenas uma única motivação — a reprodução. Essas ideias foram exploradas pelos psicólogos sexuais modernos que, por sua vez, insistem que a diferença no grau de intensidade é normalmente exagerada para manter as jovens longe do conhe-

O ELEMENTO SEXUAL

cimento das questões sexuais, com o intuito de sugerir-lhes que há algo mau nesse tipo de assunto. O sexo é uma desgraça para as boas meninas.

O célebre ginecologista, Kisch, nos diz que:

O impulso sexual é extremamente poderoso em certos períodos da vida, é uma força elementar que domina de modo tão absoluto a totalidade do organismo de uma mulher que não deixa na sua mente lugar algum para pensamentos acerca da reprodução; pelo contrário, ela deseja intensamente o ato sexual mesmo quando está com muito medo de engravidar ou quando não há chance alguma de a gravidez ocorrer.⁶

Já o dr. Bloch escreve:

Eu mesmo entrevistei um número significativo de mulheres cultas acerca desse assunto. Sem exceção, elas declararam que a teoria de que a mulher possui uma sensibilidade sexual menor é equivocada; muitas eram inclusive da opinião de que a sensibilidade sexual era maior e mais duradoura na mulher do que no homem.

dr. Bloch também insiste que:

A maioria dos casos de frigidez sexual nas mulheres é, na verdade, meramente aparente: seja porque, sob o véu prescrito pela moralidade convencional, por detrás de uma frieza aparente, há uma sexualidade ardente oculta, seja porque o homem com quem teve relação sexual não foi bem-sucedido em despertar a sua sensibilidade erótica, tão complicada e difícil de ser desperta. Não obstante, uma vez que ele tenha sucesso em despertá-la, a insensibilidade sexual, na maioria dos casos, simplesmente desaparece.⁷

Na verdade, muitas esposas não se atrevem a dar o seu máximo por medo de que seus maridos as julguem muito agressivas, desprovidas do tipo correto de feminilidade. A maioria dos homens são criados para acreditar que as mulheres devem ser possuídas e que jamais devem entregar a si mesmas ao amor e à paixão com felicidade e alegria.

6. Enoch Heinrich Kisch. *The Sexual Life of Woman in Its Physiological and Hygienic Aspect* (1910).

7. Iwan Bloch. *The Sexual Life of Our Time in Its Relations to Modern Civilization* (1908).

Isso também impede que homens de uma espécie mais sensível possam se entregar livremente — eles temem ultrajar e chocar a sensibilidade e inocência das suas esposas. Vocês se surpreenderiam com a frequência com que as esposas se sentem chocadas e ultrajadas.

Laura, esposa do capitão do drama *O pai* de Strindberg, nos oferece uma chave para compreender os pensamentos e sentimentos de um grande número de mulheres. Ela diz para o seu marido: “Quando, primeiramente, eu entrei na sua vida, eu era como uma segunda mãe para você. Eu te amava como meu filho. Mas quando a natureza dos seus sentimentos mudava e você surgia como o meu amante, eu me envergonhava e seu abraço era um prazer logo seguido por uma consciência cheia de remorsos como se meu sangue estivesse envergonhado”. Essa é a tragédia de muitas mulheres.

O que é comumente chamado de incompatibilidade de temperamentos é quase sempre o resultado direto da ausência de harmonia sexual — a insatisfação e os atritos que surgem quando a natureza química do sexo entre marido e mulher falha em os unir harmoniosamente.

A frigidez, em algumas mulheres, é em grande medida um efeito do sufocamento imposto pelo tabu sexual. Essas mulheres não podem, ainda que tentem desesperadamente, responder ao desejo sexual do homem. Na verdade, só o pensamento da relação sexual é, para tais mulheres, uma tortura. Mesmo que falte ao homem sutileza e que ele imponha suas necessidades à esposa, não encontrará, com isso, nenhuma satisfação sexual. No final, ele buscará gratificação em outro lugar. Há uma porcentagem considerável de homens casados entre a clientela da prostituição. O sexo é mais poderoso do que todas as decisões. O homem se tornará indiferente e, por fim, desejará o divórcio ou se ele puder pagar terá a opção de manter uma amante.

O sr. V. F. Calverton no seu livro *Sex expression in literature* [A expressão sexual na literatura] mostra que “o melhor método para combater a mitologia popular e antiga de que nossas ati-

O ELEMENTO SEXUAL

vidades e instituições sexuais são originariamente reveladas ao homem por Deus, de modo que devem permanecer fixas, imutáveis e eternas, é, sem sombra de dúvida, a execução de um estudo realista sobre a história da moralidade sexual em todas as diferentes eras culturais”.

Ele prova que remanescentes do culto ao sexo eram comuns até o fim do século XVIII — as festas fálicas de Dionísio foram mantidas em muitas províncias da Itália. Para citar as palavras de W. J. Lawrence, “quando a cidade antiga do reino de Nápoles, Isérnia, foi destruída por um terremoto em 1805, os crentes viram na calamidade um castigo para os costumes pagãos conservados inescrupulosamente no período do ano do Festival Báquico”.⁸

Depois da conversão ao cristianismo, as raças germânicas mantiveram os seus demônios fálicos da vegetação. Nos tempos antigos, as mulheres de Israel faziam falos de ouro e prata para serem usados como talismãs contra a esterilidade; também havia os doces em forma de falo comidos ao longo de todo o período das trevas com o mesmo propósito em vista.⁹

Tanto a religião judaica quanto a cristã impuseram a noção de que o sexo só é admissível caso o objetivo seja o da procriação. Para que fossem frutíferos, se multiplicassem e reabastecessem a terra, Jeová permitiu aos judeus ter muitas esposas. A religião cristã, embora não permita muitas esposas e tenha admitido a gratificação sexual exclusivamente por conta da finalidade de trazer crianças ao mundo, está perfeitamente consciente do fato de que seja dentro ou fora do casamento, o sexo continua a existir sem maior consideração pela procriação. Se muitos religiosos e puritanos prenderam-se ao fetiche de que o sexo não deve

8. W. J. Lawrence. “The Pallus on the Early English Stage”. In: *Psyche and Eros. An International Bi-Monthly Journal of Psychoanalysis, Psychology and Therapeutic Psychognosis*, vol. II n. 3.

9. Neste parágrafo, Goldman faz um pequeno resumo de algumas das ideias encontradas num outro artigo publicado no mesmo volume que o de Lawrence citado no parágrafo anterior, sendo este: “Sex Fertility and Worship”, cujo autor, anônimo, identifica-se como R.

ser “indulgente” — conforme eles denominam essa expressão perfeitamente natural —, psicólogos e biólogos modernos já rasgaram os véus de todo absurdo que envolve o sexo. Bibliotecas inteiras foram preenchidas com trabalhos que tratam do assunto com entendimento e profundidade e demonstraram que houve uma percepção inadequada, de um lado, da energia gigantesca que está por detrás do instinto sexual e, de outro, dos dispositivos biológicos para a liberação dessa energia através de canais que não são especificamente sexuais. Provavelmente, é uma verdade absoluta dizer que o instinto sexual é o instinto criativo, como é igualmente verdadeiro que qualquer escoadouro que ofereça satisfação emocional pela via do exercício da criatividade tem a capacidade de neutralizar as necessidades dos desejos sexuais.

O significado desse ponto de vista deve ser plenamente concretizado pelos pais e seus filhos, pois as crianças são seus reflexos não apenas por conta do fator hereditário, mas também pela assimilação das suas ideias e ideais. Ambos devem entender e aprender a utilizar aquilo que é essencial para o desenvolvimento e satisfação dos desejos emocionais oriundos do instinto sexual. É essa relação de liberação de energia, por meio de atividades recreativas e do desenvolvimento de habilidades, que dá lugar aos resultados mais satisfatórios.

O espírito criativo não é, porém, um antídoto para o instinto sexual, antes deve ser considerado uma parte da sua expressão mais vigorosa. Age de forma a conservar, mas também utiliza o instinto para formas de satisfação que não têm como objetivo a mera proteção, posto que conduz a um desenvolvimento superior. Seu alargamento e aprofundamento se imprimem sobre o caráter inato da pessoa e seu poder de autodirecionamento e controle. A liberação não sexual de energia, algumas vezes, é suficiente para compensar as necessidades fundamentais do desejo sexual e, ainda, para transmutá-las em autossatisfação e formas úteis de expressão.

O ELEMENTO SEXUAL

O homem que expressou esse pensamento do modo mais profundo e poético foi Friedrich Nietzsche. Em “Moral como antinatureza”,¹⁰ ele escreve:

Todas as paixões têm uma época em que são unicamente destrutivas, quando, com o peso da sua estupidez, puxam suas vítimas para baixo; e têm um período posterior, muito posterior, em que se casam com o espírito, em que são “espiritualizadas”. Outrora, as pessoas declaravam guerra contra as próprias paixões, em virtude da sua estupidez, conspiravam para a sua aniquilação. A formulação mais notável desta concepção encontra-se no Novo Testamento, no Sermão da Montanha, onde, diga-se de passagem, as coisas não são, de modo algum, consideradas de um ponto de vista elevado. Por exemplo, com relação à sexualidade, ali está posto que: “Se o teu olho te escandalizar, arranca-o fora”.

Felizmente, nenhum cristão age de acordo com esse preceito. Aniquilar as paixões e desejos unicamente para prevenir a estupidez e resultados desagradáveis é, para nós, no presente, simplesmente uma forma ainda mais aguda de estupidez. A Igreja luta contra as paixões, busca extirpá-las em todos os sentidos; essa é a sua prática, a sua “cura”, a sua castração. Ela nunca questiona: “Como espiritualizar, embelezar e deificar um desejo?” — em todas as eras, ela sempre colocou a ênfase na disciplina para a exterminação (da sensualidade, do orgulho e ambição). No entanto, atacar as paixões na raiz significa atacar a própria vida na raiz: a práxis da Igreja é inimiga da vida...

Esse truísmo já é reconhecido pelo pensamento, mas um elemento daquela etapa ainda permaneceu, a saber: que o sexo, embora um fator extremamente potente, deve ser reprimido nos solteiros. Felizmente, esse preconceito também está sendo demolido. Em um simpósio recente sobre “o elemento sexual na vida do adulto solteiro” foram apresentados fatos claros e surpreendentes sobre o assunto. Para citar apenas alguns dos argumentos colocados pelo dr. Ira Wile na sua contribuição:

10. Título de um dos capítulos da obra *Crepúsculo dos ídolos*.

Os solteiros possuem os mesmos potenciais das pessoas casadas com as quais estão necessariamente relacionados nos interesses e na participação em todos os aspectos da vida e, portanto, afetam o bem-estar do grupo de casados. A sua vida sexual, de várias formas, é fundamental para o bem-estar social, assim como é significativa para o seu crescimento pessoal e desenvolvimento.

Estudar essa parte da sexualidade é explorar uma das áreas não mapeadas da nossa civilização na qual o resíduo da ignorância bárbara e do medo ainda retardam o progresso. Acima das suas profundezas, aparece uma névoa miasmática e pouco convidativa de dúvida e incerteza. Até agora, poucos exploraram de modo sistemático o estado dos solteiros. Consequentemente, o esforço de fazer uma pesquisa nesse campo, abordando os seus vários ângulos, representa um esforço de mapear fatos, rastrear influências casuais, determinar a validade e o valor das nossas visões atuais e estabelecer dados e hipóteses que possam estar a serviço da interpretação da nossa era. [...]

Há mais de dois mil anos a gratificação oficial para a urgência da procriação é exclusiva ao estado de casado socialmente reconhecido. O pressuposto da sociedade é que a proibição autorizada ao desejo por um parceiro biológico deve ser capaz de adiar a realização desse desejo até que o rito civil ou religioso exigido o sancione. Se a sociedade espera que regulamentações externas subjuguem necessidades fisiológicas e impulsos psicológicos, é o caso de perguntar se essas regulamentações têm sido efetivas. Aqueles que não estão casados vivem em castidade e celibato? Se não vivem, em quais aspectos e por quais vias o seu comportamento sexual difere daquele exibido pelos que lhes são semelhantes em tudo, exceto por viver em matrimônio?¹¹

A atividade sexual não é um ato isolado; é uma experiência generalizada que motiva e afeta a personalidade. Das reações mais pessoais emergem ideias de romance e beleza, exaltação e tranquilidade, devoção e idealização servil; ou, o sentido de sacrifício, confusão, humilhação, vergonha, ansiedade, o desejo por autopunição, ou autoaceitação da fraqueza, fracasso e inadequação. O conceito de “apaixonar-se” pode ser aplicado a si mesmo, a membros do mesmo sexo ou do sexo oposto. Há nor-

11. Ira S. Wile. *The sex life of the unmarried adult: an inquiry into and an interpretation of current sex practices*. (1934).

O ELEMENTO SEXUAL

malmente uma segunda pessoa que facilita o crescimento, seja dos impulsos sexuais, ou da própria vida pessoal como um todo. Na mesma medida em que isso é verdade para aqueles que são solteiros, é para aqueles que são casados, embora a sociedade torne essa adequação entre homens e mulheres um desafio, uma propriedade, uma questão.

Havelock Elis, ao se referir à reprodução, salienta que: “As funções do sexo no que diz respeito aos aspectos psíquicos e emocionais estão muito além de qualquer ato de procriação, podem inclusive excluí-lo completamente; quando a nossa preocupação está relacionada ao bem-estar do ser humano enquanto indivíduo, devemos ampliar a nossa perspectiva e aprofundar a nossa visão.”¹²

Para interpretar a vida sexual dos solteiros, é preciso reconhecer que há duas funções do sexo:

Uma, a biológica, que tem a procriação como fim — envolve um processo cujo interesse na perpetuação da espécie é muito mais emocional do que intelectual.

A outra função consiste na promoção do desenvolvimento social através das relações humanas. Isso envolve o sexo e a atividade erótica, com ou sem o fim da procriação.

Há duas bases para a energia do impulso sexual — uma é consciente, direcionada, guiada, submetida ao controle ético; a outra é inconsciente, instintiva, impulsiva, responde a estímulos e não está sujeita à razão.

Numerosos estudos revelaram que tanto os solteiros quanto os casados têm experiências sexuais variadas. Dr. Klatt descobriu que 18% das mulheres tiveram alguma forma ativa de experiência sexual com menos de 18 anos. E que 60,6%, entre 18 e 22 anos. Entre o grupo seletado do dr. Hamilton, 59% dos homens e 47% das mulheres fizeram sexo antes do casamento, e 20% dos homens e 16% das mulheres, antes dos 21 anos de idade. Katherine B.

12. Havelock Ellis, *Studies in the Psychology of Sex: Sex in Relation to Society*, vol. 3.

Davis, ao estudar a vida sexual de 1200 mulheres universitárias solteiras, relatou que 61% admitiram se masturbar, sendo que 57% antes dos 15 anos de idade.

Sentimentos e desejos sexuais são experimentados com periodicidade por 70% do grupo reportado. Os solteiros, não menos do que os casados, relataram várias formas do fenômeno sexual. É interessante notar que relações homossexuais foram reportadas mais frequentemente pelo grupo de solteiros. Isso é significativo até porque, socialmente, a homossexualidade é considerada mais perigosa entre homens do que entre mulheres. Boa parte das experiências homossexuais entre os homens finda quando ganham confiança na sua potência sexual, o que, em geral, ocorre na relação sexual que se segue ao casamento.

O lesbianismo é comum e a sua prevalência é importante, ainda que nem sempre implique em permanecer solteiro. O grupo de mulheres solteiras lamentou mais a falta de filhos do que de maridos. Aproximadamente, 38,7% acredita que a relação sexual é necessária para a saúde mental e física. Aproximadamente, 20% se pronunciaram a favor da relação sexual antes do casamento para homens e mulheres.

Dr. Wile pergunta:

Os desejos sexuais de adultos solteiros das graduações e pós-graduações são, em geral, menos intensos do que entre os estudantes do ensino médio? Os jovens mais maduros perdem os seus desejos instintivos primários quando se tornam adultos? A educação superior é adquirida à custa da repressão sexual? Isto é absurdo e contrário a todos os fatos. A atividade sexual se dá de muitas maneiras — por meio de jogos eróticos ativos, praticas autoeróticas, práticas homossexuais ou heterossexuais, ou via a sublimação estética ou vocacional. A sua natureza e intensidade estão sujeitas às escolhas, julgamentos, padrões e ideais pessoais que regulam, mas não aniquilam — temporalmente proibidos ao invés de permanentemente inibidos.

Se alguém assumir que a vida sexual é e deve ser limitada pela instituição social do casamento, então é o caso de perguntar o que fazem os solteiros ou o que eles devem fazer? A questão não é sobre o que eles podem fazer, posto isso ser idêntico em ambos os grupos.

O ELEMENTO SEXUAL

A existência real e legal do pacto antenupcial atesta o fato de que há efetivamente uma atividade sexual bastante abrangente na vida de solteiro.¹³

A dificuldade econômica não é capaz de erradicar desejos heterossexuais, como tampouco a promulgação de uma lei punitiva pode destruir impulsos homossexuais. Na verdade, a sociedade reconhece as demandas sexuais, se não as próprias necessidades sexuais, da parte do grupo dos solteiros, dada a sua atitude em relação à regulamentação da prostituição, da perseguição aos homossexuais e às casas de *striptease*.

Em outras palavras, ou os solteiros são levados a métodos artificiais para a expressão sexual ou eles se entregam ao desejo que domina as relações naturais. Na realidade, eles têm se entregado às relações sexuais ainda que sob tabus impostos há muito tempo, o que se intensificou desde que começaram a ter conhecimento dos métodos contraceptivos, capazes de prevenir que se traga crianças indesejadas a esse nosso mundo maravilhoso — um assunto sobre o qual eu pretendo falar antes de ir embora dessa cidade.

Adultos solteiros estão lidando com o sexo mais como um fato do que como teoria. Eles estão aceitando a sua compleição sexual abertamente como um instrumento de crescimento pessoal e emocional, que dá lugar à estabilidade social, ao invés de assumirem a hipocrisia de que o sexo é uma função projetada por algum plano divino com o fim da procriação de seres puros cujo sentido da vida é o de morrer em castidade para, assim, atingir a felicidade em um mundo vindouro.

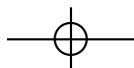
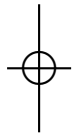
Eles valorizam o sexo como a fonte da vida, pois acreditam que uma vida sem sexo é uma palhaçada após a maturidade biológica, porque é contrária à natureza, uma vez que o sexo é também expressão de fatores psicológicos cuja função é socializar os indivíduos e os conduzir a abandonar a vida de solteiro em

13. Ira S. Wile. *The sex life of the unmarried adult*.

nome de um casamento que esteja em harmonia com as leis e costumes da sua época.

Todos os jogos eróticos estão geneticamente ligados ao namoro, mas o namoro está sujeito ao controle social. Por conta disso, a vida sexual de um jovem adulto solteiro e normal, seja lá o que isso queira dizer, é a preparação para a perfeição da relação sexual, para a promoção da felicidade pessoal, e para a adaptação a alguma forma de casamento seja essa livre e não convencional ou de acordo com os ritos civis ou religiosos.

É por concordar tão completamente com esse ponto de vista e por saber dos resultados trágicos e desastrosos da ideia puritana sobre o sexo que acredito ser imperioso chamar a atenção para a necessidade de se tratar da questão sexual de modo franco e sem os subterfúgios usualmente empregados, quando nos preparamos para tratar desse assunto. Em conjunto com os espíritos mais elevados e livres e o poeta Walt Whitman, eu digo: “Onde o sexo está faltando, tudo está faltando”. Livremo-nos da humildade dissimulada tão predominante na superficialidade dos bons modos. Libertemos o sexo da falsidade e da degradação e percebamos logo de uma vez por todas que o sexo é um fator de importância central para a saúde e a harmonia na vida e na arte.



Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro na
gráfica Meta Brasil, na data de 19 de outubro de 2021,
em papel pólen soft, composto em tipologia Minion
Pro, com diversos softwares livres, dentre eles
Lua[®]TeX[®] git.
(v. e5c4c1f)

